

VOLUME III

JESUS

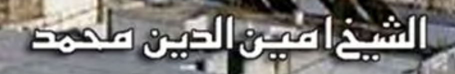


JOÃO BAPTISTA



JONAS





Sheikh Aminuddin Muhammad



«Eu sou, na verdade, um servo de Deus! Ele deu-me o Livro (Evangelho) e fez de mim um profeta; e tornou-me abençoado onde quer que esteja, e Ele recomendou-me a oração e a caridade enquanto permanecer vivo, e recomendou-me a bondade com a minha mãe, e não fez de mim um arrogante, infeliz.
Esse é Jesus, filho de Maria, é a pura verdade da qual duvidam. Não é admissível que Deus tome para Si um filho. Glorificado seja! Quando decreta algo basta que diga "seja", e é.
E ALLAH é meu Senhor e o vosso; adorai-O pois, este é o caminho recto.»

[Al-Qur'án 19:30-36]

«Em seguida, enviamos nas suas pegadas (dos profetas), Jesus, filho de Maria, confirmando aquilo que havia (sido revelado) antes dele no Torah; e demos-lhe o Evangelho, no qual havia orientação e luz, e uma confirmação do Torah que veio antes disso. E era guia e exortação para os piedosos.
Os adeptos do Evangelho deveriam julgar conforme o que Deus nele revelou; os que não julgam conforme aquilo que Deus revelou, certamente esses são os perversos.
E Nós revelamos-te o Livro verdadeiro (Al-Qur'án), confirmando os Livros que foram revelados antes e para os preservar (das alterações).»

[Al-Qur'án 5:46-48]

«Na verdade, há nas suas histórias (dos profetas) uma lição para os dotados de inteligência; isto (Al-Qur'án) não é uma história inventada, mas sim a confirmação das revelações anteriores (Salmos, Torah, Evangelho), uma explicação detalhada de todas as coisas, uma orientação e misericórdia para um povo que crê.»

[Al-Qur'án 12:111]

«Tudo o que te contamos (ó Muhammad) das histórias dos mensageiros é para fortalecer o teu coração. E nestes, chegou-te a verdade, a exortação e uma recordação para o crente.»

[Al-Qur'án 11:120]

EM NOME DE

ALLAH

RICO EM CLEMÊNCIA, ABUNDANTE EM MISERICÓRDIA

HISTÓRIAS SELECCIONADAS DO AL-QUR'ÁN

•

VOLUME III

YUNUSS عليه السلام – JONAS
YÁHYA عليه السلام – JOÃO BAPTISTA
ISSA عليه السلام – JESUS

الشيخ امين الدين محمد

Sheikh Aminuddin Muhammad

Nota: Este livro contém versículos sagrados, razão pela qual pede-se aos estimados leitores que o tratem com o devido respeito.



Sautul Isslam, 2011

info@sautulisslam.com
www.sautulisslam.com
Maputo – Moçambique

FICHA TÉCNICA:

Título: Histórias Seleccionadas do Al-Qur’án – Volume III
Autor: Sheikh Aminuddin Muhammad
Primeira Edição: Rabiul-Ákhir 1432 / Março 2011
Edição, Maquetização e Publicação: Sautul Isslam
Impressão: Académica, Limitada
Tiragem: 5.000 exemplares

فهرس

ÍNDICE

Capítulo III: Issa عليه السلام – Jesus

AGRADECIMENTO

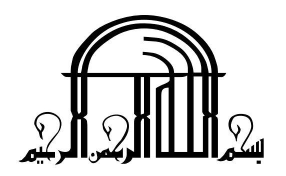
Quero aqui expressar o meu sincero agradecimento a todos aqueles que contribuíram directa ou indirectamente para a publicação desta obra, em especial aos irmãos Amade Bacar e Muhammad Alibai Lorgat, que empenharam grandes esforços na revisão e edição do seu conteúdo.

Agradecimento especial também ao irmão Ahmad Abba, que como sempre tem prestado o seu apoio e orientação durante todo o processo, e ao meu irmão Abdul Khaleck, que sempre me auxiliou com conselhos, actuando como uma coluna forte; por último, à minha filha Warda, que leu o texto final e deixou alguma contribuição.

Que ALLAH recompense a todos eles e registe o esforço de cada um nos respectivos livros de boas obras.

Ámin


Ó meu Senhor! Aumentai-me na sabedoria.





PREFÁCIO

Todo o louvor para ALLAH, que não associou ninguém no Seu reino e nem tomou para Si esposa ou filho; paz e bênçãos para Muhammad ﷺ, Seu servo e mensageiro, que foi enviado com orientação e luz para toda a humanidade. Ele transmitiu a mensagem Divina e deu continuidade à missão de Jesus, que a paz esteja com ele. Afastou as acusações contra Jesus por parte dos seus inimigos, assim como separou os exageros cometidos pelos seus seguidores.

A crença em todos os profetas, enviados por Deus para orientar a humanidade e corrigir as sociedades, faz parte essencial da fé isslâmica; é suficiente rejeitar qualquer um dos mensageiros Divinos mencionados no sagrado Al-Qur'án para que a pessoa seja considerada como estando fora do Isslam.

Sendo o Homem a melhor criação de Deus, os profetas são criaturas que estão acima de qualquer ser humano, pois Deus os favoreceu sobre as restantes e tornou-os modelo para cada sociedade sobre a qual foram enviados:
«Esses (profetas) são os que Deus guiou para o caminho recto; segui portanto, o seu caminho.»

[Al-Qur'án 6:90]

Nos volumes anteriores desta série, mencionamos a respeito de alguns profetas, suas vidas e a interacção com os seus povos. Neste terceiro volume,

procuramos falar sobre os profetas Jonas (Yunuss عليه السلام), João Baptista (Yáhya عليه السلام) e Jesus (Issa عليه السلام), que a paz esteja com todos eles.
É de salientar que de todos os profetas ou mensageiros enviados à face da Terra, não houve um sobre o qual surgiram tantas opiniões divergentes, seitas criadas, guerras travadas e sangue derramado, assim como aconteceu com Jesus, enquanto ele está livre de todas essas desgraças.

Há gente que acredita que Jesus é Deus ou como Ele, alguns defendem que é profeta ou mensageiro, outros acham que se trata de filho de Deus, outros ainda dizem que é filho bastardo, Messias prometido ou filho deste, que praticou milagres, que é feiticeiro e mentiroso, que tem uma natureza divina única ou que tem duas naturezas, sendo uma humana e outra divina. Mas afinal de contas qual é a verdade?

Quando o sagrado Al-Qur'án foi revelado a Muhammad ﷺ – o último profeta enviado por Deus e a seguir a Jesus, esclareceu à humanidade sobre a realidade de Jesus e acabou com as divergências e calúnias dos inimigos contra ele, pois ninguém conhece melhor a verdade senão o Senhor dos Mundos.

O sagrado Al-Qur'án defende Jesus e dá ênfase à pureza da sua linhagem. Defende ainda o grau de Maria, sua mãe, e confirma que ela era verdadeira, casta e descendente duma linhagem pura, prestando-lhe grandes elogios, algo que este Livro não fez nem para a mãe do profeta Muhammad ﷺ.
O Isslam confirma a imaculabilidade de Maria e dá muita ênfase a isso, para não surgir qualquer dúvida acerca do seu nobre comportamento ou sobre a sua castidade, tendo sido considerada uma das melhores mulheres que passaram por este Mundo.

A realidade acerca de Jesus, sua missão e caminho, foi definitivamente esclarecida pelo sagrado Al-Qur'án.
Foi um servo e mensageiro de Deus, humano assim como outros Homens, criado a partir da terra e cuja alma foi soprada por ordem Divina.
Jesus foi um servo abençoado por Deus, um dos mais próximos a Ele, cujo nascimento foi um sinal (milagre) da Sua parte; Jesus não morreu, foi elevado vivo aos céus, regressará antes do Fim do Mundo, morrerá como todos que passaram por esta terra e posteriormente será ressuscitado como qualquer humano.

Jesus não é filho de Deus, porque Deus é perfeito, livre de qualquer defeito, e não necessita de filho ou filhos para Lhe ajudar a gerir ou compreender o Mundo e Suas criaturas.
Jesus comia, bebia, sentia fome e sede, dormia e acordava, tinha dor e adoecia, ignorava e esquecia, mas Deus está livre de tudo isso. Ele ainda jejuava e orava; se fosse mesmo Deus, então para quem estaria a orar?

A missão de Jesus é uma continuação da série de missões Divinas, que teve início desde Adão, passando por Noé, Abraão, Moisés e terminando em Muhammad, que a paz esteja com todos eles. A missão principal destes enviados era propagar uma única religião celestial, pregando a submissão voluntária a Deus, ou seja, Isslam.
E Jesus não fugiu à regra, pois também chamou as pessoas a adorarem um único Deus, o Qual não gerou nem foi gerado e não tem parceiros nem associados no Seu reino.

Jesus foi enviado para guiar as ovelhas perdidas da casa de Israel, com milagres que confirmavam o seu estatuto de mensageiro, sendo nessa base que falou no berço enquanto ainda tinha alguns dias de vida, curou doentes, restabeleceu a vida aos mortos, de entre muitos outros milagres demonstrados com permissão de Deus.
Mesmo assim, foi rejeitado pelo seu povo, que conspirou para o afastar e matar, mas Deus nunca o desamparou e sempre esteve do seu lado, salvando-o e elevando-o para junto d'Ele.

Jesus ensinou-nos a firmeza, tolerância, misericórdia, amor ao próximo, respeito e honra humanos, simpatia para com os que sofrem, etc. Ensinou-nos ainda que aqueles que alimentam os necessitados, dão de beber aos sequiosos, concedem abrigo aos sem tecto, vestem os nus, visitam os doentes e prisioneiros, esses é que herdarão o Reino dos Céus.

Aconselhou-nos a acumular os nossos tesouros no céu e a darmos preferência à vida do Além, não à vida mundana e material; orientou-nos a praticar o bem apenas para agradar a Deus e não para esperar recompensa ou agradecimento por parte das pessoas; ensinou-nos que se o homem ganhar o mundo todo, mas perder a sua alma, então estará numa grande perdição.

Hoje, nos tempos conturbados em que vivemos, mais do que nunca é preciso aplicar esses nobres ensinamentos e voltar à mensagem original de Jesus e da Unicidade de Deus.

Este livro esclarece o ponto de vista isslâmico sobre Jesus Cristo, pois nós os muçulmanos também "somos cristãos", porque acreditamos em Cristo como um dos grandes profetas enviados por Deus, mas somos cristãos "unitarianos".

Já foram escritos vários livros sobre Jesus, tanto por muçulmanos como por cristãos ou não muçulmanos em geral. As discussões e divergências acerca de Jesus entre as diferentes seitas e grupos religiosos jamais acabarão, mesmo no seio dos próprios cristãos; talvez terminem somente quando Jesus regressar novamente à Terra.

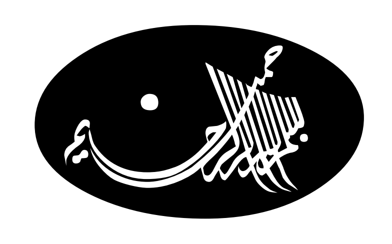
As explicações dadas neste livro têm como objectivo esclarecer aqueles que possam estar na escuridão ou na penumbra, com dúvidas sobre as quais não encontram respostas, para além de servir como fonte de argumentos para aqueles que são atacados por missionários.

Se Deus quiser, aquele que tiver uma mente imparcial e aberta à verdade, certamente que encontrará o caminho certo. No entanto, a última palavra sempre pertence a Deus, que julgará no Dia da Ressurreição.

Ao terminar, rogo a ALLAH para que este livro proporcione dados, informações e conselhos úteis a todos aqueles que o venham a ler, extraindo benefícios do mesmo.
Que ALLAH aceite os esforços empreendidos neste trabalho e que sejam contados como boas acções, aceites por Ele. Ámin.

Wa Má Taufiqui Illá Billah

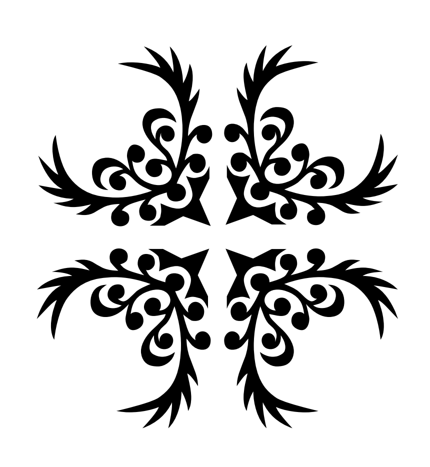
Aminuddin Muhammad
Maputo – Moçambique
Rabiul-Ákhir 1432
Março 2011



CAPÍTULO I

YUNUSS
ALAIHIS-SALÁM

JONAS



YUNUSS ﷺ (JONAS) NO AL-QUR'ÁN E NA BÍBLIA

Yunuss ﷺ em árabe, ou Jonas como é conhecido noutras escrituras sagradas, é o profeta que sobreviveu no ventre dum grande peixe.

ALLAH diz no sagrado Al-Qur'án:
«Tal foi o argumento que demos a Ibrahim (Abraão) contra o seu povo; Nós elevamos em graus a quem quisermos; o teu Senhor é Prudente e Sábio.
E demos-lhe por filhos Iss-háq (Isaac) e Yakub (Jacob), aos quais Nós guiámos; e a Nuh (Noé) guiámo-lo antes. E da sua descendência (de Ibrahim), guiámos a Dawud (David), a Sulaiman (Salomão), a Ayub (Job), a Yussuf (José), a Mussa (Moisés) e a Harun (Aarão); é assim que recompensamos os que praticam o bem.
E (guiámos também) a Zakariyah (Zacarias), a Yáhya (João Baptista), a Issa (Jesus) e a Ilyáss (Elias); todos eles pertenceram ao número dos justos.
E (guiámos também) a Issmail (Ismael), a Al-Yassa'a (Eliseu), a Yunuss (Jonas) e a Lut (Lot), e a todos eles preferimos sobre os mundos (seus contemporâneos).»
[Al-Qur'án 6:83-86]

Destes versículos depreende-se que Jonas pertencia à descendência de Abraão, para além de que era também um profeta, tal como consta claramente no sagrado Al-Qur'án:
«E por certo, Jonas era dos mensageiros.»
[Al-Qur'án 37:139]

É mencionado ainda o número de pessoas para as quais ele foi enviado:
«E enviámo-lo para pregar a cem mil pessoas ou mais, e elas creram em ALLAH; e deixámo-las gozar a vida por algum tempo.»
[Al-Qur'án 37:148-149]

De salientar que todo o povo de Jonas aceitou a fé, razão pela qual ALLAH lhes salvou do castigo, tal como atesta o seguinte versículo:
«Porque nunca houve uma cidade (povo) que cresse e tirasse proveito da sua fé, excepto a de Jonas; quando creram, salvámo-los do castigo ignominioso nesta vida, e deixámo-los gozar por um tempo.»
[Al-Qur'án 10:98]

O Antigo Testamento também relata sobre Jonas:

1. Vocação de Jonas, Sua Fuga e Castigo

«E veio a palavra do Senhor a Jonas, filho de Amitai, dizendo: Levanta-te, vai à grande cidade de Nínive, e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até à Minha presença.

Porém, Jonas se levantou para fugir da presença do Senhor para Társis, e descendo a Jope, achou um navio que ia para Társis; pagou, pois, a sua passagem, e desceu para dentro dele, para ir com eles para Társis, para longe da presença do Senhor. Mas o Senhor mandou ao mar um grande vento, e fez-se no mar uma forte tempestade, e o navio estava a ponto de quebrar-se. Então temeram os marinheiros, e clamavam cada um ao seu deus, e lançaram ao mar as cargas que estavam no navio, para o aliviarem do seu peso; Jonas, porém, desceu ao porão do navio e, tendo-se deitado, dormia um profundo sono.

E o mestre do navio chegou-se a ele e disse-lhe: Que tens, dorminhoco? Levanta-te, clama ao teu Deus; talvez assim Ele se lembre de nós para que não pereçamos.

E diziam cada um ao seu companheiro: Vinde e lancemos sortes, para que saibamos por que causa nos sobreveio este mal; e lançaram sortes, e a sorte caiu sobre Jonas. Então lhe disseram: Declara-nos tu agora, por causa de quem nos sobreveio este mal. Que ocupação é a tua? Donde vens? Qual é a tua terra? E de que povo és tu?

E ele lhes disse: Eu sou hebreu, e temo ao Senhor, o Deus do céu, que fez o mar e a terra seca.

Então estes homens se encheram de grande temor, e disseram-lhe: Por que fizeste tu isto? Pois sabiam os homens que fugia da presença do Senhor, porque Ele lho tinha declarado.

E disseram-lhe: Que te faremos nós, para que o mar se nos acalme? Porque o mar ia se tornando cada vez mais tempestuoso.

E ele lhes disse: Levantai-me, e lançai-me ao mar, e o mar se vos aquietará, porque eu sei que por minha causa vos sobreveio esta grande tempestade.

Entretanto, os homens remavam para fazer voltar o navio à terra, mas não podiam, porquanto o mar se ia embravecendo cada vez mais contra eles.

Então clamaram ao Senhor, e disseram: Ah, Senhor! Nós te rogamos, que não pereçamos por causa da alma deste homem, e que não ponhas sobre nós o sangue inocente, porque tu, Senhor, fizeste como te aprouve.

E levantaram a Jonas, e o lançaram ao mar, e cessou o mar da sua fúria. Temeram, pois, estes homens ao Senhor com grande temor; e ofereceram sacrifício ao Senhor, e fizeram votos.
Preparou, pois, o Senhor um grande peixe, para que tragasse a Jonas; e esteve Jonas três dias e três noites nas entranhas do peixe.»

[Jonas 1:1-17]

2. Jonas no Ventre do Grande Peixe, Sua Oração e Salvamento

«E orou Jonas ao Senhor, seu Deus, das entranhas do peixe. E disse: Na minha angústia clamei ao Senhor, e Ele me respondeu; do ventre do inferno gritei, e Tu ouviste a minha voz.
Porque Tu me lançaste no profundo, no coração dos mares, e a corrente das águas me cercou; todas as Tuas ondas e as Tuas vagas têm passado por cima de mim. E eu disse: Lançado estou de diante dos Teus olhos, todavia tornarei a ver o Teu santo templo.
As águas me cercaram até à alma, o abismo me rodeou, e as algas se enrolaram na minha cabeça. Eu desci até aos fundamentos dos montes; a terra me encerrou para sempre com os seus ferrolhos, mas Tu fizeste subir a minha vida da perdição, ó Senhor meu Deus.
Quando desfalecia em mim a minha alma, lembrei-me do Senhor; e entrou a ti a minha oração, no Teu santo templo.
Os que observam as falsas vaidades deixam a sua misericórdia. Mas eu te oferecerei sacrifício com a voz do agradecimento; o que votei pagarei. Do Senhor vem a salvação.
Falou, pois, o senhor ao peixe, e este vomitou a Jonas na terra seca.»

[Jonas 2:1-10]

3. Jonas Prega em Nínive; o Arrependimento dos Ninivitas

«E veio a palavra do Senhor, segunda vez, a Jonas, dizendo: Levanta-te e vai à grande cidade de Nínive, e prega contra ela a mensagem que Eu te digo.
E levantou-se Jonas, e foi a Nínive, segundo a palavra do Senhor. Ora, Nínive era uma cidade muito grande, de três dias de caminho.
E começou Jonas a entrar pela cidade, caminho de um dia, e pregava, dizendo: Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida.
E os homens de Nínive creram em Deus; e proclamaram um jejum, e vestiram-se de saco, desde o maior até ao menor.

Esta palavra chegou também ao rei de Nínive; e ele levantou-se do seu trono, e tirou de si as suas vestes, e cobriu-se de saco, e sentou-se sobre a cinza. E fez uma proclamação que se divulgou em Nínive, pelo decreto do rei e dos seus grandes, dizendo: Nem homens, nem animais, nem bois, nem ovelhas provem coisa alguma, nem se lhes dê alimentos, nem bebam água.
Mas os homens e os animais sejam cobertos de sacos, e clamem fortemente a Deus, e convertam-se, cada um do seu mau caminho, e da violência que há nas suas mãos.
Quem sabe se se voltará Deus, e se arrependerá, e se apartará do furor da Sua ira, de sorte que não pereçamos?
E Deus viu as obras deles, como se converteram do seu mau caminho; e Deus se arrependeu do mal que tinha anunciado lhes faria, e não o fez.»

[Jonas 3:1-10]

4. O Descontentamento de Jonas e a Resposta do Senhor

«Mas isso desagradou extremamente a Jonas, e ele ficou irado. E orou ao Senhor, e disse: Ah, Senhor! Não foi esta minha palavra, estando ainda na minha terra? Por isso é que me preveni, fugindo para Társis, pois sabia que és Deus compassivo e misericordioso, longânime e grande em benignidade, e que te arrependes do mal; peço-te, pois, ó Senhor, tira-me a vida, porque melhor me é morrer do que viver.
E disse o Senhor: Fazes bem que assim te ires?
Então Jonas saiu da cidade, e sentou-se ao oriente dela; e ali fez uma cabana, e sentou-se debaixo dela, à sombra, até ver o que aconteceria à cidade.
E fez o Senhor Deus nascer uma aboboreira, e ela subiu por cima de Jonas, para que fizesse sombra sobre a sua cabeça, a fim de o livrar do seu enfado; e Jonas se alegrou em extremo por causa da aboboreira.
Mas Deus enviou um verme, no dia seguinte, ao subir da alva, o qual feriu a aboboreira, e esta se secou.
E aconteceu que, aparecendo o Sol, Deus mandou um vento calmo oriental, e o Sol feriu a cabeça de Jonas; e ele desmaiou, e desejou com toda a sua alma morrer, dizendo: Melhor me é morrer do que viver.
Então disse Deus a Jonas: Fazes bem que assim te ires por causa da aboboreira?
E ele disse: Faço bem que me revolte até à morte.
E disse o Senhor: Tiveste tu compaixão da aboboreira, na qual não trabalhaste, nem a fizeste crescer, que numa noite nasceu, e numa noite pereceu? E não

hei-de Eu ter compaixão da grande cidade de Nínive, em que estão mais de cento e vinte mil homens que não sabem discernir entre a sua mão direita e a sua mão esquerda, e também muitos animais?»

[Jonas 4:1-11]

Portanto, isto é o que consta na Bíblia sobre Jonas, o qual foi transcrito na íntegra a fim de se ter uma ideia daquilo que se passou com ele e com os habitantes de Nínive.

Nesses relatos, pode-se facilmente reparar partes de versículos onde consta que «Deus se arrependeu do mal que tinha anunciado» e que «sabia que és Deus compassivo e misericordioso, longânime e grande em benignidade, e que te arrependes do mal».

Nunca se pode afirmar que Deus se arrepende, pois essa não é uma qualidade Divina. Ele tem sim a capacidade de perdoar e aceitar o arrependimento dos Seus servos.

ESTATUTO DE YUNUSS ﷤

No sagrado Al-Qur'án, Yunuss ﷤ foi mencionado em seis capítulos, em dois dos quais referido como *"Zhun-Nun"* e *"Sáhibul-Hut"*, ou seja, "homem do peixe", por ter sido engolido por um grande peixe e posteriormente sido lançado para terra firme.

É relatado no Sahih Bukhari de que Abu Zhar ﷢ narra que perguntou ao profeta Muhammad ﷺ sobre o número total de profetas enviados por ALLAH, ao que respondeu: «Cento e vinte e quatro mil, dos quais trezentos e treze foram mensageiros».

Consta ainda no mesmo livro autêntico de que o Profeta ﷺ disse: «Ninguém de vós deve afirmar que eu sou melhor do que Yunuss».

Com isso, o Profeta ﷺ quis ensinar aos seus seguidores o respeito que deveriam ter com Yunuss ﷤, pois o Satanás pode muito bem murmurá-los dizendo: Como é que ele fugiu da sua gente antes de ALLAH permitir que saísse? E será que um profeta honrado por ALLAH com essa nobre missão poderia fazer uma coisa dessas?

De salientar que os murmúrios provenientes do Satanás são muito perigosos e podem desviar as pessoas do caminho recto, mesmo que seja através da língua.

SEU CHAMAMENTO E A ACEITAÇÃO DO POVO

Jonas tinha apenas vinte e oito anos quando lhe foi concedida a profecia, tendo sido enviado aos israelitas, que acendeu a luz da fé em Nínive, uma localidade próxima da actual Kufá (em Iraque). Sob as trevas da idolatria e na ignorância do politeísmo, Jonas elevou a bandeira do monoteísmo e apelou ao seu povo a abandonar a idolatria e a adorar somente um único Deus – Criador de tudo e de todos.
Disse-lhes ainda que fora enviado como mensageiro a fim de lhes indicar o caminho recto, uma vez que a ignorância já lhes tinha corroído os corações e que já não sabiam distinguir a verdade da falsidade.

As pessoas a quem ele pregava estranhavam as coisas que ouviam dele e que não estavam habituadas, pois era lhes difícil aceitar um homem de entre o seu povo que afirmava ser mensageiro de Deus e que viera para lhes guiar e falar de um único Criador que desconheciam.
O povo disse: «Que palavras são essas que proferes e que acusação estás a fazer? Os deuses que adoramos já encontrámos nossos pais a fazê-lo; nós não podemos deixar aquilo que os nossos antepassados já adoravam e adoptar uma nova religião trazida por ti!»
Portanto, apesar do chamamento de Yunuss عليه السلام, o povo insistia na descrença e rebeldia e zombava dos seus ensinamentos, tal como acontecia com muitos outros povos que vieram anteriormente.

Jonas disse: «Ó minha gente! Afastai a cortina dos vossos olhos e meditai: Será que esses ídolos aos quais vós dirigis de manhã e à noite e confiais neles para o preenchimento das vossas necessidades e para vos proteger do mal, podem realmente vos beneficiar ou afastar do mal? Será que de facto eles têm poder de criar ou ressuscitar algo, curar doentes ou guiar os perdidos? Será que podem se defender caso alguém procure destruí-los?
Porque é que rejeitais esta religião para a qual vos chamo, na qual reside o vosso bem, corrige a vossa situação, ordena o que é bom e proíbe o que é mau, incentiva a justiça e condena a iniquidade, propaga a segurança e tranquilidade entre vós, encoraja a assistência aos pobres e necessitados?»
O povo não teve outra resposta senão: «Tu não passas de um homem como nós; não estamos interessados em seguir a ti nem o teu caminho».

Então Jonas disse: «Eu vos chamei de boas maneiras e com argumentos claros e lógicos, se aceitardes o meu chamamento, isso é o que espero de vós; porém, se rejeitardes, então vos advirto da vinda dum castigo próximo, que trará destruição para vós».
Eles responderam: «Ó Jonas! Nós não aceitamos o teu chamamento nem temos medo das tuas ameaças; se falas a verdade, traga-nos isso com o que nos ameaças constantemente».

Jonas ficou desesperado, não insistiu mais e foi-se embora zangado para um outro local, pois havia muitas outras cidades e comunidades nas redondezas; havia-lhes convidado de boas maneiras mas eles, sendo teimosos, recusaram trazer a fé. Julgando que a tarefa dum mensageiro era apenas de transmitir a mensagem Divina e, achando que já era suficiente o que fizera, não persistiu com eles e saiu na esperança de encontrar um outro povo na imensidão da terra, a fim de lhe pregar a sua mensagem.

Se tivesse continuado na propagação e tolerasse por mais tempo, talvez poderia vir a convencer alguns a aceitar a sua religião e crer na sua fé; contudo, ele se precipitou, abandonou o local sem ordem Divina e não receou que Deus pudesse repreendê-lo por isso. E este é o significado do versículo: *«...pensando que Nós jamais o forçaríamos para uma situação apertada»*.

Como tinha advertido ao povo sobre um castigo iminente caso não cressem, e uma vez que foi isto que aconteceu mas o dito castigo não aparecia, então Jonas receou que lhe chamassem de mentiroso; consequentemente, não quis estar entre eles pois temia a vergonha.

Ele não estava muito distante de Nínive quando começaram os indícios do castigo. O clima mudou drasticamente e começaram a surgir nuvens; as caras dos seus habitantes começaram a se alterar, mostravam-se aflitos e envoltos de medo. Concluíram então que o chamamento de Jonas era verdadeiro, que a sua advertência era real e que certamente o castigo cairia sobre eles, tal como acontecera com os povos antepassados de Ád, de Samud e de Nuh.
Foi então que pensaram em recorrer e crer no Deus de Jonas, arrependendo-se e voltando somente para Ele. Saíram todos para as montanhas e choraram e lamentaram humildemente.

Então, ALLAH teve compaixão sobre eles e estendeu-lhes a Sua misericórdia; afastou o Seu iminente castigo e aceitou o arrependimento deles, pois estavam a ser sinceros e verdadeiros na fé.
Assim, todos regressaram para as suas casas, crentes e seguros, e começaram a desejar que Yunuss ﷺ regressasse, a fim de conviverem com ele e tê-lo como mensageiro, profeta, professor e líder.

YUNUSS ﷺ NO MAR

Entretanto, ele já havia abandonado o local, tendo chegado numa zona junta ao mar, onde encontrou um barco carregado juntamente com um grupo de pessoas que pretendiam atravessá-lo. Pediu-lhes então que o levassem junto, transportando-o a bordo com eles; o pedido foi aceite e cederam-lhe um lugar privilegiado, pois Yunuss ﷺ mostrava-se alguém nobre e piedoso.

Assim que o barco partiu e começou a navegar no alto-mar, não estando muito distantes da costa, surgiu uma tremenda tempestade e o mar se tornava bastante violento, com ondas bem altas. Logo os viajantes começaram a ficar preocupados e a prever um mau fim.
Na tentativa de minimizar o problema, concluíram em se livrar do excesso de peso, pois o barco estava bastante carregado e superlotado; então, começaram a lançar a bagagem e outras cargas, só que isso não se mostrou suficiente.
Logo, viram que a saída que restava era reduzir ainda mais o peso; então, o capitão decidiu que um dos passageiros deveria ser lançado do barco, sacrificando-se de modo a haver esperança para que as restantes vidas pudessem se salvar.
Segundo as suas crenças, disseram: «Parece que neste barco há um servo fugitivo do seu Senhor; enquanto não o afastarmos, não estaremos salvos», e começaram a se consultar mutuamente o que deveriam fazer.

Quando Yunuss ﷺ se deparou com a situação, apercebeu-se do erro que tinha cometido ao sair de Nínive sem a instrução do seu Senhor. Então, ofereceu-se dizendo: «Eu sou o tal servo fugitivo; portanto lançai-me ao mar».
Como os marinheiros tinham notado a sua piedade, não aceitaram lançá-lo e decidiram fazer sorteios. Só que o infortúnio caiu sobre Yunuss ﷺ, mas

mesmo assim se recusaram a lançá-lo devido ao seu estatuto nobre e piedade. Repetiram esse processo três vezes, mas sempre saía o seu nome.
Então, ele viu que nisso havia algum sinal, apercebeu-se do seu erro e concluiu que era ALLAH Quem lhe escolhera para ser lançado ao mar, como penitência por ter abandonado Nínive e deixado o seu povo antes da autorização ou instrução Divina. Temendo a fúria Divina, ele próprio se entregou em nome de ALLAH e se lançou ao mar, desaparecendo nas profundezas das águas.

INTERACÇÃO COM O GRANDE PEIXE

Entretanto, surgiu um grande peixe que, cumprindo ordens do seu Criador, ingeriu Yunuss عليه السلام e levou-o para as profundezas do oceano.
Quando ele despertou, reparou que estava deitado sobre algo húmido e esponjoso e que tudo ao seu redor era como uma cave, coberta numa escuridão total. Logo depois sentiu algumas sacudidelas, tal como acontece com os barcos quando são apanhados pelas ondas.
Foi então que ele concluiu que de facto estava no interior dum peixe enorme, que fora inspirado por ALLAH para lhe engolir; imediatamente virou-se para o seu Senhor – o Misericordioso e Perdoador, arrependeu-se e rogou pelo perdão com toda a sinceridade:
«Então, declarou no seio das trevas: Não há outra divindade excepto Tu, glorificado sejas! Certamente, eu fui um dos injustos.»

[Al-Qur'án 21:87]

Então, ALLAH aceitou a súplica de Yunuss عليه السلام e inspirou ao peixe para que deixasse o seu hóspede em terra, pois já tinha aprendido a lição e já havia sido admoestado.
Depois, ALLAH ordenou a Yunuss عليه السلام que voltasse à sua terra, para junto da sua família e povo, pois todos eles já tinham acreditado na religião que pregara e aguardavam pela sua chegada. Assim, ele regressou e encontrou todo o seu povo disposto a seguir orientações Divinas:
«Na verdade, Yunuss era um dos profetas, quando fugiu para o navio carregado.
Então, ele tirou as sortes e foi um dos perdedores (a ser lançado ao mar).
Um grande peixe o engoliu (ficando preso numa jaula ambulante), pois ele tinha praticado um acto merecedor de censura.

E se, na verdade, ele não tivesse sido um dos que glorificam ALLAH (antes e depois de ser engolido), teria permanecido no ventre do grande peixe até ao Dia da Ressurreição.
Então, Nós o lançámos numa praia nua (deserta) enquanto estava doente; e fizemos brotar sobre ele uma planta de abóbora (aboboreira).
E enviámo-lo para pregar a um povo ou a uma cidade de cem mil pessoas ou mais; e eles creram (em ALLAH) e, por conseguinte, deixámo-las gozar a vida por algum tempo.» [Al-Qur'án 37:139-148]

Realmente, foi um grande milagre por parte de ALLAH o facto dum grande peixe engolir um ser humano e não lhe causar mal. Como ele se alimentava lá dentro, qual a sua situação durante aqueles dias, todas essas são questões impertinentes; mas uma vez tratando-se dum milagre Divino, tudo é fácil para Ele.
Nas várias camadas das trevas, uma no ventre do peixe, outra nas profundezas do oceano e outra ainda durante a noite, adorava, recordava e invocava constantemente o seu Senhor.
Segundo os comentadores, Yunuss عليه السلام era uma pessoa bastante piedosa, glorificava a ALLAH frequentemente e despendia uma boa parte do seu tempo na adoração, sendo essa a razão da sua salvação.

É relatado por Ibn Abi Shaiba de que Dahák Ibn Qaiss narra: Recordai ALLAH na felicidade e Ele recordará de vós na dificuldade; Yunuss عليه السلام era um servo piedoso que sempre recordava ALLAH, por isso quando foi engolido pelo peixe, ALLAH disse: *«E se, na verdade, ele não tivesse sido um dos que glorificam ALLAH, teria permanecido no ventre do grande peixe até ao Dia da Ressurreição».*
Por outro lado, o Fir'aun (Faraó) era um servo rebelde e que não recordava ALLAH, por isso quando estava a se afogar disse:
«Creio que não há divindade senão Aquele em Quem crêem os Filhos de Israel, e sou um dos submissos. (Então foi-lhe dito) só agora! Enquanto que anteriormente desobedecestes e fostes um dos corruptos».
[Al-Qur'án 10:90-91]

ALLAH diz ainda no sagrado Al-Qur'án:
«E (recorda) de Zhun-Nun (homem do peixe), quando se enfureceu com sua gente, pensando que Nós jamais o forçaríamos para uma situação apertada.

Então, declarou no seio das trevas: Não há outra divindade excepto Tu, glorificado sejas! Certamente, eu fui um dos injustos. Então, atendemo-lo e salvámo-lo da aflição; é assim que Nós salvamos os crentes.»

[Al-Qur'án 21:87-88]

A FALHA DE YUNUSS ﷺ E O SEU PERDÃO

A ligação entre ALLAH e Seus profetas é diferente da relação entre Ele e outros crentes. Os profetas recebem ordens directamente de ALLAH, razão pela qual a responsabilidade no cumprimento das mesmas também seja diferente da dos outros.
Portanto, quando os profetas ou mensageiros pretendem tomar algum passo ou realizar alguma acção, devem fazê-lo à luz da revelação e orientação Divinas, especialmente no que concerne aos assuntos ligados à propagação da fé e mensagem Divinas.

Quando eles se precipitam nalguma promessa, decisão ou pronunciamento e actuam sem esperar a orientação de ALLAH, mesmo que à priori isso possa parecer algo insignificante, a Sua repreensão é muito rigorosa para eles.
Por vezes, essa admoestação é tão severa que leva pessoas menos entendidas a achar que se trata dalgum crime bastante grave cometido por esse profeta ou mensageiro. Só que logo de seguida, eles voltam-se para o seu Senhor, reconhecem a falha e imploram-No pelo perdão, o qual sempre foi aceite.

Este facto tem uma grande importância no estilo da expressão do sagrado Al-Qur'án, pois quem não se apercebe disso pode ficar bastante baralhado, chegando a questionar como uma personalidade escolhida e enviada por ALLAH e que é por Si elogiada, é digna de cometer crimes dessa natureza.

A passagem de Yunuss ﷺ é também um bom exemplo disso pois, no seu caso, um profeta não se pode preocupar apenas consigo mas sim a sua preocupação deve abranger também o bem-estar e a salvação do seu povo.
A censura por parte de ALLAH foi devido ao facto de Yunuss ﷺ se ter precipitado em abandonar a sua gente sem ter recebido orientação Divina, dando prioridade apenas à sua própria salvação do castigo iminente, deixando para trás

mais de cem mil pessoas. Ele largou a sua missão e fugiu da cidade sem consultar a ALLAH, sendo esse o descontentamento Divino e motivo de repreensão. Quando o castigo estava próximo, os descrentes oraram a ALLAH invocando o Seu perdão e misericórdia; Ele ouviu as suas súplicas e libertou-lhes do castigo, deixando-lhes viver novamente já como crentes.

Foi o mesmo que sucedeu com o profeta Yunuss عليه السلام: ALLAH fez-lhe experimentar um evento estranho e pavoroso, mas quando confessou a sua falha e orou com sinceridade, Ele salvou-lhe e teve misericórdia sobre si. De facto, esta é uma promessa de ALLAH para aqueles que O recordam frequentemente.

Consta que certa vez quando o profeta Muhammad ﷺ desejou orar contra um povo que o havia incomodado e maltratado quando ele se dirigia às tribos de Makkah a fim de convidá-las para o Isslam, então ALLAH revelou-lhe os seguintes versículos:
«Espera pois com paciência o julgamento do teu Senhor, e não sejas como o companheiro do grande peixe, (que se precipitou) ao Nos chamar enquanto estava (profundamente) angustiado.
Se a graça do teu Senhor não o tivesse alcançado, ele teria sido lançado para a margem nua (ou seja, sem árvores), (e continuaria ali) enquanto culpado.
Mas o seu Senhor o escolheu e o colocou entre os justos.»
[Al-Qur'án 68:48-50]

LIÇÕES COLHIDAS

Da história do profeta Yunuss عليه السلام (Jonas), surgem alguns aspectos significantes sobre os quais devemos reflectir.

Os pregadores (defensores) da verdade devem estar preparados para suportar o fardo ou peso que possa advir durante a sua missão e se manter pacientes face à rejeição e oposição viciosas. Os que advogam a verdade e são encarregues de transmitir a mensagem, devem ser perseverantes mediante as dificuldades que possam vir a enfrentar e não desistir da sua missão, apresentando incessantemente a sua mensagem às pessoas, chamando-as a crer nela.

Quando se tem a certeza da veracidade da mensagem que advoga, dificilmente encontrará pessoas que o acusarão de inventar falsidades e de mentir deliberadamente. Mesmo que isso aconteça, não se deve perder esperança nas pessoas pensando que nunca acreditarão na verdade, independentemente da oposição que elas possam causar. O insucesso acontece e é normal, o importante é saber como proceder depois dele.

Se as inúmeras e constantes tentativas falharem em tocar o coração das pessoas, então pense que talvez a próxima poderá resultar em sucesso, pois muitos resultados vêm depois de mil e uma tentativas. Portanto, se já tiver tentado por mil vezes e não tiver obtido sucesso, então que tente mais uma vez na esperança de que, com a graça de ALLAH, a próxima poderá ser eficaz.

Muitas vezes ficamos surpreendidos ao ver várias tentativas serem dispendidas numa única pessoa, só que sem êxito, mas um gesto casual vindo no momento certo toca a "corda correcta", e a tal pessoa passa por uma transformação completa sem muitas dificuldades.
Pode-se comparar isto quando tentamos sintonizar uma determinada estação radiofónica através de rádios analógicos. Giramos várias vezes o sintonizador dum lado para outro na tentativa de achar a frequência correcta, fazendo isso delicada e cuidadosamente na busca da emissora, quando de repente, um simples toque acerta na frequência desejada e se consegue uma boa recepção do sinal.
O coração humano também é semelhante a um rádio, razão pela qual os pregadores devem se esforçar arduamente para encontrar o "ponto certo" que possa iluminar as pessoas a receberem a mensagem Divina.
Deve-se procurar "tocar" em todos os sensores, a fim de descobrir o nervo efectivo; com determinação, empenho e intenção pura, o toque certo será inevitavelmente feito e a transformação completa do destinatário poderá ser alcançada.

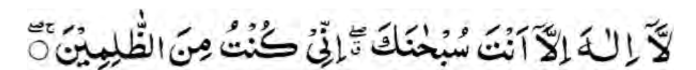
A forma como a mensagem toca o coração das pessoas não é confortante nem fácil, e uma resposta positiva pode não ser tão próxima. Inúmeras crenças falsas, práticas erradas, práticas e tradições pesam fortemente na mente e coração humanos, que deverão ser removidas de modo a que a parte espiritual da pessoa possa ser reavivada em todas as vertentes.
Um pregador é meramente um instrumento nas mãos de ALLAH. É ALLAH que preserva a Sua mensagem e somente Ele Quem pode conceder a Luz de

Orientação. O ser humano deve ter isso em mente e cumprir as obrigações pelas quais foi ordenado, por mais dura que seja a oposição que venha a enfrentar.

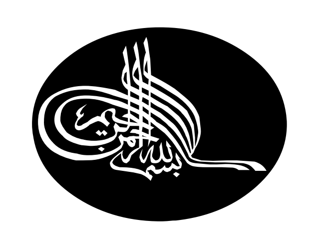
O DUÁ (SÚPLICA) DE YUNUSS ﷺ

Consta no Tirmizhi de que o profeta Muhammad ﷺ afirmou que sempre que o muçulmano estiver em aflição e invocar a ALLAH usando as palavras de *Zhun-Nun*, certamente que a sua prece será atendida.

A invocação de Yunuss ﷺ tem um significado bastante notável, pois ALLAH promete no sagrado Al-Qur’án que, da mesma maneira, Ele atenderá a prece doutros crentes que estejam em aflição e que também O invoquem pronunciando as preciosas palavras e reflectindo no seu profundo significado:



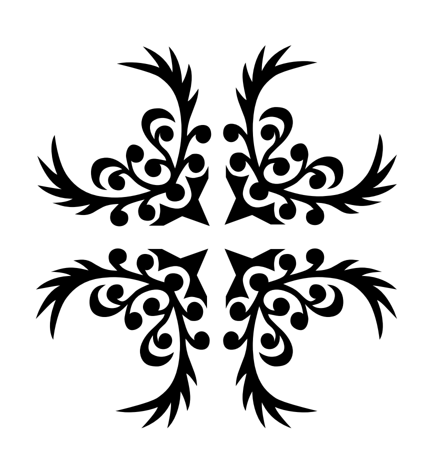
«Não há outra divindade excepto Tu, glorificado sejas!
Certamente, eu fui um dos injustos.»



CAPÍTULO II

YÁHYA
ALAIHIS-SALÁM

JOÃO BAPTISTA



ANSIEDADE DE ZAKARIYAH ﷺ

O sagrado Al-Qur'án estabelece uma ligação indirecta entre Jesus e João Baptista, pois o pai deste foi o guardião de Maria, mãe de Jesus. E João Baptista também é apresentado como um enviado de Deus.

Passava muito tempo e Zakariyah ﷺ (Zacarias) já tinha atingido uma idade avançada. Não era uma pessoa rica, mas sempre que pudesse prontificava-se a ajudar quem necessitasse dalgum apoio.
Entretanto, mesmo na velhice e já mostrando alguma fraqueza, dirigia-se frequentemente ao templo e proferia os seus sermões. Na escuridão da noite, regressava à casa onde permanecia a sós com a esposa, que também já era uma pessoa idosa.

O único motivo pelo qual se mostrava constantemente triste era o facto de não ter filhos, pois a esposa era estéril. Cada vez que entrava em casa, via-a vazia e quase que sem vida ou animação, o que lhe deixava bastante preocupado e desapontado.
Para além disso, ele sentia que depois da sua morte não teria quem pudesse continuar com a sua missão de pregar a religião. O povo precisava dum líder firme e forte, pois caso ficassem sem alguém que os pudesse encaminhar na senda recta, desviar-se-iam dos ensinamentos Divinos e, consequentemente, poderiam vir a alterar as Leis de ALLAH.

Por outro lado, visitava regularmente a Maria (era marido da tia desta e que se tornou seu guardião), que se encontrava num retiro a adorar o seu Criador. No entanto, numa das suas visitas, ficou bastante surpreendido ao reparar que no quarto onde estava Maryam havia fruta fresca e fora da época em que se encontravam; o espanto vinha pelo facto de ninguém mais entrar ali para além dele, ao que questionou: *«Ó Maryam! De onde te provém isso?»*, e ela respondeu: *«Por parte de ALLAH! Na verdade, ALLAH providencia sustento a quem Ele deseja, sem limite?»*. E Maryam encontrava essas frutas todas as manhãs no seu quarto.
Assim, esta nobre jovem despertou um pensamento brilhante em Zakariyah ﷺ: Porque não pedir ao seu Senhor para lhe conceder um filho, mesmo estando em idade avançada e sendo a sua esposa estéril!

Se o mesmo Deus que, com o Seu Poder absoluto, fez chegar frutas frescas fora de época, poderia igualmente lhe conceder um filho, apesar de já não estar em idade de procriar e a mulher ser estéril; portanto, nada é impossível para Ele.

AS SÚPLICAS DE ZAKARIYAH عليه السلام

Zakariyah عليه السلام dirigiu-se então imediatamente ao templo, prostrou-se perante o seu Senhor e implorou pedindo um filho, tal como consta no sagrado Al-Qur'án: *«Nesse momento, Zakariyah invocou seu Senhor dizendo: Ó meu senhor! Conceda-me da Tua parte uma boa descendência, pois certamente, és Aquele que atende a súplica.»*

[Al-Qur'án 3:38]

No primeiro versículo acima mencionado, nota-se que em árabe lê-se *"Min Ladun"*, o que pode ser traduzido para "de ti". O termo *"Ladun"* é semelhante a *"Inda"*, que indica possessão; portanto, *"Min Inde"* significa "da parte de". Entretanto, "*Ladun"* implica uma proximidade e intimidade maiores; com excepção de um lugar no sagrado Al-Qur'án, em todos os outros onde esta palavra é utilizada faz-se referência a ALLAH. Logo, "da parte de" indica algo que vem directamente de ALLAH.

Portanto, o facto de Zakariyah عليه السلام ter utilizado esta expressão, mostra claramente que ele pretendia mesmo um milagre Divino, pedindo um filho da parte de ALLAH.

Por outro lado, o termo árabe *"Zhurriyah"* utilizado no versículo acima é traduzido para "descendente", que pode ser empregue no plural ou no singular, tal como foi o caso, pois Zakariyah عليه السلام pedia um filho e não mais, assim como se pode constatar.

Ainda relativamente à passagem de Zakariyah عليه السلام, consta num outro capítulo do sagrado Al-Qur'án, o seguinte:

«Eis a menção da misericórdia do teu Senhor para com Seu servo Zakariyah; quando ele chamou pelo seu Senhor, um chamamento íntimo, dizendo: Ó meu Senhor! Por certo, meus ossos estão enfraquecidos e minha cabeça se iluminou com cabelos brancos, contudo, nunca fui infeliz nas invocações que Te dirigi, ó meu Senhor!

E por certo, temo (pelo que farão) os meus parentes (familiares) depois de mim (após a minha morte), (pois) a minha mulher é estéril; portanto, conceda-me um herdeiro (sucessor) da Tua parte, que herdará de mim e da família de Yakub (Jacob), e faça dele, ó meu Senhor, alguém que Te satisfaça.»

[Al-Qur'án 19:2-6]

A RESPOSTA DE ALLAH

ALLAH aceitou então as preces de Zakariyah عليه السلام, dizendo:
«Ó Zakariyah! Por certo, Nós damos-te a boa-nova (do nascimento) de um filho, cujo nome será Yáhya; nunca demos esse nome a alguém antes dele.»

Consta ainda que:
«Então, os anjos o chamaram quando ele estava de pé a orar no Mihráb (púlpito), dizendo-lhe: ALLAH dá-te boa-nova (do nascimento) de Yáhya, que confirmará a Palavra de ALLAH (sobre a vinda de Issa) e será nobre, casto, um profeta e de entre os justos.»

[Al-Qur'án 3:39]

Espantado com essa revelação e tratando-se dum profeta, Zakariyah عليه السلام sabia que quando ALLAH promete algo, sem dúvida isso acontece; porém, começou a imaginar o seu estado e o da sua esposa:
«Disse: Ó meu Senhor! Como terei um filho, quando minha mulher é estéril e eu já atingi a (extrema) velhice?»

Neste versículo, Zakariyah عليه السلام se descreve a si como "velho", mas quando se refere à esposa diz apenas que é estéril, talvez por não ser tão velha quanto ele. Por outras palavras, significa que se ela não conseguiu engravidar quando era ainda mais jovem, seria muito mais difícil e sobrenatural conceber em idade mais avançada.

Zakariyah عليه السلام sabia que tanto o homem como a mulher devem ser férteis para poderem procriar, mas ele também sabia que havia uma diferença significante entre a sua situação e a da esposa. O facto de ele ter mencionado a sua velhice e não a sua esterilidade, pode indicar que não era estéril; e

sabendo da dificuldade que existia em engravidar a esposa de forma normal nessa idade, mostra o seu conhecimento acerca da causa principal de não terem filhos durante a vida toda.

Consta que ele já contava com cento e vinte anos e a esposa acima de noventa; de facto, parecia tratar-se de algo impossível. Então, o anjo Jibraíl (Gabriel) respondeu-lhe:
«Assim será (ou seja, conforme estão)! O teu Senhor disse: Isso é fácil para Mim, pois já te criei antes quando nada eras.»

Aqui, ALLAH diz que dar um filho é algo fácil e recorda a Zakariyah ﷺ de que num certo dia ele próprio não existia e foi criado por ALLAH. Isto significa que quer alguém seja criado natural ou milagrosamente, essa criação só é possível através da intervenção Divina.

Os fenómenos naturais e eventos ocorrem como resultado das leis naturais, mas essas mesmas leis são criadas e mantidas por ALLAH; apesar da matéria estar directamente ligada às leis naturais e físicas, Deus pode alterá-las excepcionalmente e como Ele bem entender. Por exemplo, quando o povo de Abraão tentou queimá-lo vivo por ele acreditar e defender o monoteísmo puro, Deus fez com que o fogo perdesse a sua habilidade natural de queimar.

Embora Zakariyah ﷺ nunca tivesse perdido as esperanças nem cessado as suas súplicas, mesmo assim ficou surpreendido com a boa-nova; mas quando questionou como teriam filho apesar das circunstâncias em que se encontravam, não estava a por em causa o poder de ALLAH, pois sempre acreditou no seu Senhor. O espanto era consequência da admiração natural, devido à alegria causada pelo milagre iminente que há muito aguardava.
Na qualidade de profeta, deduziu logo que a voz que ouviu provinha dum anjo, que lhe trazia a notícia por ordem Divina. E sabendo que os anjos são simples mensageiros de ALLAH, dirigiu a resposta directamente a Ele.
Quanto à curiosidade e admiração dele, o anjo informou-lhe de que ALLAH faz o que e como deseja, enfatizando que a Sua vontade é que era a explicação.

Depois, Zakariyah ﷺ pediu um sinal da aceitação do milagre:
«Disse: Ó meu Senhor! Dá-me um sinal (da ocorrência do milagre).

Ele disse: Teu sinal será que não conseguirás falar aos humanos durante três noites, embora sem defeito físico.
Depois, saiu do Mihráb (púlpito) para o seu povo e indicou-os através de gestos que glorificassem ALLAH pela manhã e ao anoitecer.»

[Al-Qur’án 19:7-11]

Consta ainda num outro versículo:
«Teu sinal será que não falarás com ninguém durante três dias, senão através de gestos. E lembra-te muito do teu Senhor e glorifica-O à noite e durante as horas da manhã.»

[Al-Qur’án 3:41]

Portanto, ele pediu um sinal e ALLAH o concedeu, cuja manifestação era de não conseguir falar com as pessoas, apesar de estar absolutamente normal e sem qualquer defeito físico, podendo ainda orar ao seu Senhor, tal como consta no sagrado Al-Qur’án.
De modo algum isso representava uma forma de castigo, assim como alega o Novo Testamento [S. Lucas 1:20]. O profeta Zacarias havia pedido um sinal e Deus o concedera na forma que Ele bem entendeu.

YÁHYA عليه السلام (JOÃO BAPTISTA) NO AL-QUR’ÁN E NA BÍBLIA

Na realidade, nada é impossível para ALLAH, pois Ele é Soberano e Generoso. De facto, Zakariyah عليه السلام pediu apenas um filho, mas ALLAH concedeu-lhe muito mais do que isso:

- Honrou-lhe com uma criança cujo nome seria exclusivo e ninguém antes dela o possuía. Ibn Abbass رضي الله عنه menciona no comentário desse versículo que o termo *“Samiyá”* significa ainda “semelhante”, ou seja, antes da vinda de Yáhya عليه السلام, não existiu alguém que pudesse ser comparado com este profeta [Bukhari].
- Viria confirmar a promessa de ALLAH, ou seja, daria a boa-nova da vinda de Issa عليه السلام (Jesus).
- Seria líder, respeitado pela sua gente e honrado com altos graus tanto nesta como na vida do Além.
- Seria uma pessoa nobre, casta e dedicar-se-ia apenas à causa de ALLAH.

- Seria de entre os justos, piedosos e virtuosos e receberia a pureza e ternura por parte de ALLAH.
- Seria bondoso para com os pais, não seria arrogante nem ditador e teria compaixão e piedade para com as pessoas.
- Seria um profeta; de salientar que o pai pedira um *"Wali"* (piedoso), mas ALLAH concedeu um *"Nabi"* (profeta), e que grande diferença entre ambos, pois um Nabi é superior a inúmeros Wali's.

O sagrado Al-Qur'án menciona sobre Yáhya ﷵ de forma muito breve, focando principalmente os seus atributos virtuosos e especiais; não há muita informação acerca da sua vida, juventude, morte ou sobre algum encontro que tenha tido com Issa ﷵ (Jesus).

A sua passagem pode ser considerada como parte da história do seu pai Zakariyah ﷵ. Consta no sagrado Al-Qur'án o seguinte:
«Ó Yáhya! Assegura firmemente este Livro (Torah); e o concedemos sabedoria quando ainda era criança. E ternura (pelas pessoas) e pureza (como misericórdia) da Nossa parte, e era piedoso.
E era bondoso para com seus pais, e não era arrogante nem desobediente (perante ALLAH e seus pais).
E que a paz esteja com ele no dia em que nasceu, no dia em que morrer e no dia em que for ressuscitado.»
[Al-Qur'án 19:12-15]

Portanto, Yáhya ﷵ foi o sucessor e a "boa descendência" que seu pai Zakariyah ﷵ havia pedido a ALLAH:
«E (recorda-te) de Zakariyah, quando clamou ao seu Senhor: Ó meu Senhor! Não me deixes sozinho (sem prole), apesar de Tu seres o melhor dos herdeiros!
Então, o atendemos e lhe demos Yáhya, e curámos sua mulher (tornando-a capaz de conceber). Na verdade, eles se apressavam na prática de boas acções, e invocavam-Nos com esperança e temor, e eram humildes diante de Nós.»
[Al-Qur'án 21:89-90]

No seu Novo Testamento, a Bíblia também relata sobre a passagem de João Baptista. Contudo, entre os Evangelhos canónicos apenas S. Lucas menciona sobre o seu nascimento:

a) Anúncio do Nascimento de João
«Existiu, no tempo de Herodes, rei da Judeia, um sacerdote chamado Zacarias, da ordem de Abias, e cuja mulher era das filhas de Aarão, e o seu nome era Isabel. E eram ambos justos perante Deus, andando sem repreensão em todos os mandamentos e preceitos do Senhor.
E não tinham filhos, porque Isabel era estéril, e ambos eram avançados em idade.
E aconteceu que, exercendo ele o sacerdócio diante de Deus, na ordem da sua turma, segundo o costume sacerdotal, coube-lhe em sorte entrar no templo do Senhor para oferecer o incenso. E toda a multidão do povo estava fora, orando, à hora do incenso.
E um anjo do Senhor lhe apareceu, posto em pé, à direita do altar do incenso.
E Zacarias, vendo-o, turbou-se, e caiu temor sobre ele. Mas o anjo lhe disse: Zacarias, não temas, porque a tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, dará à luz um filho, e lhe porás o nome de João.
E terás prazer e alegria, e muitos se alegrarão no seu nascimento, porque será grande diante do Senhor, e não beberá vinho, nem bebida forte, e será cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe.
E converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor seu Deus, e irá adiante dele no espírito e virtude de Elias, para converter os corações dos pais aos filhos, e os rebeldes à prudência dos justos, com o fim de preparar ao Senhor um povo bem disposto.
Disse então Zacarias ao anjo: Como saberei isto, pois eu já sou velho e minha mulher avançada em idade?
E, respondendo, o anjo disse-lhe: Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus, e fui enviado a falar-te e dar-te estas alegres novas. E eis que ficarás mudo, e não poderás falar até ao dia em que estas coisas aconteçam; porquanto não creste nas minhas palavras, que a seu tempo se hão de cumprir.
E o povo estava esperando a Zacarias, e maravilhava-se de que tanto se demorasse no templo. E, saindo ele, não lhes podia falar; e entenderam que tinha tido uma visão no templo. E falava por acenos, e ficou mudo.
E sucedeu que, terminados os dias de seu ministério, voltou para sua casa.
E, depois daqueles dias, Isabel, sua mulher, concebeu, e por cinco meses se ocultou, dizendo: Assim me fez o Senhor, nos dias em que atentou em mim, para destruir o meu opróbrio entre os homens.»

[S. Lucas 1:5-25]

b) O Nascimento de João

«E completou-se para Isabel o tempo de dar à luz, e teve um filho. E os seus vizinhos e parentes ouviram que tinha Deus usado para com ela de grande misericórdia, e alegraram-se com ela.

E aconteceu que, ao oitavo dia, vieram circuncidar o menino, e lhe chamavam Zacarias, o nome de seu pai. E, respondendo sua mãe, disse: Não, porém será chamado João.

E disseram-lhe: Ninguém há na tua parentela que se chame por este nome.

E perguntaram por acenos ao pai como queria que lhe chamassem. E, pedindo ele uma tabuinha de escrever, escreveu, dizendo: O seu nome é João. E todos se maravilharam; e logo a boca se lhe abriu, e a língua se lhe soltou; e falava, louvando a Deus.

E veio temor sobre todos os seus vizinhos, e em todas as montanhas da Judeia foram divulgadas todas estas coisas. E todos os que as ouviam, as conservavam em seus corações, dizendo: Quem será, pois, este menino? E a mão do Senhor estava com ele.

E Zacarias, seu pai, foi cheio do Espírito Santo, e profetizou dizendo: Bendito o Senhor, Deus de Israel, porque visitou e remiu o seu povo.»

[S. Lucas 1:57-68]

c) A Pregação de João Baptista

«Sendo Anás e Caifás sumos sacerdotes, veio no deserto a palavra de Deus a João, filho de Zacarias.

E percorreu toda a terra ao redor do Jordão, pregando o baptismo de arrependimento, para o perdão dos pecados.

Segundo o que está escrito no livro das palavras do profeta Isaías, que diz: Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor; endireitai as suas veredas.

Todo o vale se encherá, e se abaixará todo o monte e outeiro, e o que é tortuoso se endireitará, e os caminhos escabrosos se aplanarão, e toda a carne verá a salvação de Deus.

Dizia, pois, João à multidão que saía para ser baptizada por ele: Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira que está para vir? Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento, e não comeceis a dizer em vós mesmos: Temos Abraão por pai, porque eu vos digo que até destas pedras pode Deus suscitar filhos a Abraão.

E também já está posto o machado à raiz das árvores: toda a árvore, pois, que não dá bom fruto, corta-se e lança-se no fogo.
E a multidão o interrogava, dizendo: Que faremos, pois? E, respondendo ele, disse-lhes: Quem tiver duas túnicas, reparta com o que não tem, e quem tiver alimentos, faça da mesma maneira.
E chegaram também uns publicanos, para serem baptizados, e disseram-lhe: Mestre, que devemos fazer? E ele lhes disse: Não peçais mais do que o que vos está ordenado.
E uns soldados o interrogaram também, dizendo: E nós que faremos? E ele lhes disse: A ninguém trateis mal nem defraudeis, e contentai-vos com o vosso soldo.
E, estando o povo em expectação, e pensando todos de João, em seus corações, se porventura seria o Cristo; respondeu João, a todos, dizendo: Eu, na verdade, baptizo-vos com água, mas eis que vem aquele que é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de desatar a correia das alparcas.
Esse vos baptizará com o Espírito Santo e com fogo. Ele tem a pá na sua mão; e limpará a sua eira, e ajuntará o trigo no seu celeiro, mas queimará a palha com fogo que nunca se apaga.
E assim, admoestando-os, muitas outras coisas também anunciava ao povo.»

[S. Lucas 3:2-18]

SUAS QUALIDADES

De acordo com o Novo Testamento, João Baptista vivia no deserto e foi aí onde cresceu [S. Lucas 1:80, 3:2].
Meditando profundamente na história e olhando para a vida dos profetas no geral, pode-se concluir que a maior parte deles foram submetidos a situações ou eventos que os levaram a retirar-se para áreas remotas e longe das cidades.

Tomando o profeta Moisés como exemplo, sabe-se que inicialmente viveu na cidade, mas quando estava a ser procurado por ter morto um copta, foi obrigado a se refugiar no deserto, onde veio a receber a revelação por parte de Deus e teve a honra de falar directamente com Ele; para mais detalhes sobre a passagem de Moisés, consulte o segundo volume da presente série.

O objectivo dos profetas se retirarem para fora da cidade é o de crescerem num ambiente livre, natural, puro e longe das corrupções e tentações que há nas cidades, para mais tarde e quando estiverem preparados, regressarem e purificarem as pessoas dos seus males.
Os profetas foram criados sob cuidado e atenção directos de ALLAH, vestindo-se e alimentando-se de forma mais simples e natural. E João também não foi excepção:
«E este João tinha as suas vestes de pêlos de camelo, e um cinto de couro em torno de seus lombos; e alimentava-se de gafanhotos e de mel silvestre.»

[S. Mateus 3:4]

Portanto, João cresceu assim, sem ter de despender tempo ou energia à procura de alimento e vestuário, dedicando-se pura e simplesmente no objectivo pelo qual havia sido enviado.
Jesus disse, referindo-se a João:
«Mas que saístes a ver? Um homem trajado de vestes delicadas? Eis que os que andam com vestes preciosas, e em delícias, estão nos paços reais.
Mas que saístes a ver? Um profeta? Sim, vos digo, e muito mais do que profeta. Este é aquele de quem está escrito: Eis que envio o meu anjo diante da tua face, o qual preparará diante de ti o teu caminho.
E eu vos digo que, entre os nascidos de mulheres, não há maior profeta do que João, o Baptista.»

[S. Lucas 7:25-28]

E de facto, era de se esperar que João vestisse modestamente e não com roupas finas pois, geralmente, os que vivem na luxúria e conforto opulento são inimigos da verdade e não são dignos de serem portadores de mensagens Divinas.

João foi enviado exclusivamente para anunciar a vinda de Jesus e preparar o seu caminho, acabando com o materialismo que dominava as pessoas e introduzindo o verdadeiro espiritualismo, de forma a prepará-las para os ensinamentos puros de Jesus.
Se este último chegasse antes de aparecer o primeiro, seria muito difícil para as pessoas e para a sociedade mergulhada na corrupção, compreender os horizontes espirituais da missão do Jesus. Era um processo de mudança que

deveria ser feito gradualmente, razão pela qual foi dito: «Eis que envio o meu anjo diante da tua face, o qual preparará diante de ti o teu caminho».

Na realidade, poderia ter vindo um anjo antes de Jesus para preparar o seu caminho. Contudo, se assim acontecesse, as pessoas não iriam tirar qualquer lição ou proveito disso, pois o instinto humano é distinto do angélico.
Portanto, foi enviado um homem mas com qualidades que se comparam às dos anjos: ternura, pureza, piedade e obediência. A sua vida fisiológica limitava-se apenas às necessidades básicas, apenas para manter vivo o organismo; vestia-se e consumia apenas o suficiente.
Era também casto e não se juntava com mulheres, não por ser sexualmente incapaz, pois era jovem e vigoroso, mas porque predominavam nele qualidades espirituais como a dos anjos, que não praticam relações sexuais.

O sagrado Al-Qur'án pouco ou nada menciona sobre a vida e trabalho de Yáhya عليه السلام. Apenas relata que ALLAH anunciou (através de anjos) ao pai Zakariyah عليه السلام de que teria um filho cujo nome seria Yáhya, que viria confirmar a Sua palavra e que seria um profeta nobre, casto e de entre os justos [Al-Qur'án 3:39].
Pouco se sabe da sua infância, excepto o que já foi descrito anteriormente [S. Mateus 3:4]. Acredita-se que pertenceu a uma seita judaica ascética chamada Essénios, do tempo dos Macabeus, e cujas doutrinas eram muito semelhantes às dos cristãos primitivos – os ebionitas, que recusavam a divindade de Jesus e defendiam que ele não viera abolir a Torah, tal como clama a doutrina Paulina.

O sagrado Al-Qur'án faz referência a Yáhya عليه السلام designando-o através do termo *"Hassuran"*, que significa "casto" em todos os aspectos e sentidos, indicando que ele levava uma vida celibatária, piedosa e de privação.
João não era visto desde a infância até atingir cerca de trinta anos, altura em que iniciou a missão de aconselhar às pessoas o arrependimento sincero e baptizar com água os pecadores contritos.
Multidões eram atraídas para o deserto de Judeia com o intuito de escutar os excelentes sermões e ensinamentos deste novo profeta, o qual baptizava os arrependidos nas águas do rio Jordão, repreendia os educados mas fanáticos fariseus e sacerdotes e ameaçava com vingança iminente os estudiosos mas saduceus racionalistas.

Afirmava-lhes que o baptismo com água representava apenas um sinal de purificação da alma, como forma de expiação dos pecados, mas que depois dele viria um outro profeta, mais poderoso do que ele, que haveria de baptizá-los com o Espírito Santo e com o fogo, para o qual não seria digno de desatar as correias das suas alparcas.

TESTEMUNHO DE JOÃO BAPTISTA

Certo vez, os judeus de Jerusalém enviaram alguns sacerdotes e levitas a fim de fazerem três perguntas a João Baptista:
«Quem és tu? E confessou, e não negou; confessou: Eu não sou o Cristo.
E perguntaram-lhe: Então quê? És tu Elias? E disse: Não sou.
És tu o Profeta? E respondeu: Não.»

[S. João 1:19-21]

Existe uma indicação misteriosa e oculta na colocação destas questões. Se João Baptista não era Messias, nem Elias, nem o tal Profeta (o último, cuja vinda era anunciada nas Escrituras Divinas), então pergunta-se aos cristãos, que acreditam que o inspirador de todas essas afirmações contraditórias é o Espírito Santo, ou seja, o terceiro dos "três deuses", a quem se referiam os sacerdotes e levitas quando perguntaram sobre esse tal Profeta?
Caso os cristãos não saibam, será que o Papa ou algum Bispo sabe a quem se refere? Se ninguém sabe e não há qualquer resposta, então que credibilidade ou benefício terrestre existe nesses evangelhos interpolados e deturpados? Se por ventura souberem a quem se refere esse tal Profeta, porque razão continuam calados?

De salientar que no versículo em questão, João Baptista afirma claramente de que não era o tal Profeta e, por outro lado, Jesus disse: «Entre os nascidos de mulheres, não há maior profeta do que João, o Baptista».
Será que Jesus falou mesmo isso? Será que João Baptista era maior que Abraão, David e do próprio Jesus? Em que consistia essa sua superioridade e grandeza?
Se o testemunho de Jesus a respeito do filho de Zacarias é autêntico e verdadeiro, então a grandeza de João, que se alimentava de gafanhotos e

mel silvestre, só poderia consistir na sua absoluta abnegação e humildade, privação dos prazeres e luxos mundanos, desejo profundo de convidar as pessoas ao arrependimento e na boa-nova sobre a vinda do tal Profeta; ou será que a sua grandeza residia no facto de ser primo, contemporâneo e testemunho de Jesus?

A dimensão e o valor de qualquer pessoa, assim como dum profeta, só podem ser avaliados e determinados pelas conquistas e trabalhos efectuados. Desconhecemos absolutamente o número de pessoas que foram convertidas através dos sermões ou purificadas pelo baptismo de João, nem temos informação sobre os efeitos dessa conversão e da atitude dos judeus arrependidos em relação ao “Cordeiro de Deus”.

Por outro lado, Jesus declarou que João Baptista era a reencarnação do profeta Elias [S. Mateus 17:12-13, S. Lucas 1:17], enquanto que João testemunhou claramente à delegação judaica que não era Elias [S. João 1:21]. Portanto, se alguém quiser se basear em todos estes Evangelhos conjuntamente, encontrará várias afirmações contraditórias que se opõem ou rejeitam umas às outras, e não conseguirá formar uma ideia ou conclusão correcta.

ALGUMAS CONTRADIÇÕES EVANGÉLICAS

Assim como todo o povo, Jesus também entrou nas águas do Jordão e foi baptizado por João [S. Lucas 3:21 e S. Mateus 3:13-16]. Porém, o quarto Evangelho desconhece o facto de Jesus ser baptizado por João; menciona apenas o encontro entre ambos.
Esse Evangelho advoga ainda que André era discípulo de João Baptista, que tendo deixado o mestre, levou o seu irmão Simão Pedro para junto de Jesus [S. João 1:40-42], uma história que contradiz flagrantemente as afirmações dos primeiros dois Evangelhos [vide S. Mateus 4:18-19 e S. Marcos 1:16-18].

E no Evangelho segundo S. Lucas, a história é completamente diferente; aqui, Jesus conhece Simão Pedro antes deste ser discípulo [Lucas 4:38]. As circunstâncias que levaram Jesus a alistar os filhos de Jonas e de Zebedeu como seus discípulos são igualmente estranhas aos outros Evangelhos.

Os quatro Evangelhos canónicos contêm muita informação contraditória acerca do trato entre os dois profetas. Segundo o Evangelho de S. João, Baptista não conhecia Jesus e só veio a testemunhá-lo quando o Espírito desceu do céu como pomba e repousou sobre ele [S. João 1:31-33], enquanto que de acordo com S. Lucas, mesmo quando estava no ventre da mãe, Baptista sabia de Jesus e venerava-o, que também era um feto mais novo no ventre de Maria [Lucas 1:44].
Para além disso, quando João Baptista estava na prisão, onde mais tarde viria a ser decapitado, não sabia da verdadeira natureza da missão de Jesus [S. Mateus 11:2-3].

Estes assuntos são bastante sérios pois dizem respeito a dois profetas enviados por Deus e que nasceram de forma milagrosa: um sem pai e outro tinha os pais na extrema velhice e incapazes de conceber.
A gravidade aumenta ainda mais quando ficamos a saber sobre a natureza e origem dos documentos em que tais contradições foram escritas: os evangelistas narradores são pessoas que se dizem ter sido inspiradas pelo Espírito Santo, sendo os seus registos considerados uma revelação Divina.

Torna-se absolutamente impossível encontrar a verdade desses Evangelhos e extrair uma religião autêntica, a não ser que sejam lidos e examinados sob o ponto de vista isslâmico, de modo a separar a verdade da falsidade e distinguir o autêntico do adulterado. O espírito genuíno do Isslam e a sua fé exclusivamente monoteísta é que podem peneirar a Bíblia e afastar os erros das suas páginas.

Os muçulmanos têm um respeito enorme por todos os profetas Divinos, especialmente aqueles que são mencionados no sagrado Al-Qur'án, como é o caso de Yáhya ﷺ (João Baptista), Issa ﷺ (Jesus) e outros. Acreditamos ainda que os apóstolos ou discípulos de Jesus foram pessoas santas e bem guiadas.

Contudo, como não possuímos registos autênticos a respeito dessas ilustres personalidades, preferimos distanciar-nos de comentar sobre isso, mas em momento algum passa na nossa imaginação a possibilidade desses dois grandes servos de ALLAH se contradizerem um ao outro.

O PROFETA VINDOURO

No decurso dos seus sermões, João Baptista profetizava às pessoas dizendo: «Eis que vem aquele que é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de desatar a correia das alparcas. Esse vos baptizará com o Espírito Santo e com fogo».

[S. Lucas 3:16]

Estas palavras foram narradas de forma diferente pelos evangelistas, mas todos mostram o mesmo senso de consideração e elevada estima no que diz respeito à personalidade e dignidade majestosa do Profeta cuja vinda estava sendo anunciada.
As palavras utilizadas por João e relatadas na Bíblia descrevem perfeitamente o modo oriental de hospitalidade e honra prestadas aos visitantes dignos: desde o momento que ele chega, o anfitrião ou algum membro da família apressa-se a descalçar-lhe e o acompanha até o assento; quando se prepara para sair, o anfitrião trata-o da mesma forma, abaixando-se para ajudá-lo a calçar-se, amarrando os seus atadores.

João Baptista tenta informar-nos que caso viesse a se encontrar com o majestoso Profeta, certamente que não se consideraria uma pessoa adequada e digna de desamarrar os laços das suas sandálias.
Da homenagem prestada antecipadamente por João, estava bem claro de que o Profeta cuja vinda era aguardada ansiosamente pelos judeus, era conhecido por todos outros profetas como sendo mestre deles, pois caso contrário, um profeta como João, casto, nobre e sem pecados, não teria feito uma confissão tão humilde, para além de Jesus ter dito: «entre os nascidos de mulheres, não há maior profeta do que João».

A tarefa que surge agora é determinar a identidade desse Profeta que estava por vir, cuja vinda vinha sendo anunciada nas escrituras Divinas.
É do conhecimento geral de que os cristãos sempre consideraram João Baptista como um subordinado de Jesus e anunciador da sua vinda, mostrando sempre que este era o objecto do testemunho de João. Embora a linguagem dos evangelistas já tivesse sido alterada para esse sentido por interpoladores, a fraude e o erro não poderiam escapar completa e definitivamente dos olhos de curiosos, críticos e examinadores imparciais.

Ora vejamos, Jesus não poderia ser o objecto do testemunho de João Baptista, pelas seguintes razões:

a) O versículo indica claramente de que o Profeta anunciado viria futuramente, o que descarta imediatamente a possibilidade de se tratar de Jesus, pois este e João – o autor da profecia, eram ambos contemporâneos e nasceram no mesmo ano.

João Baptista encontrou um povo colonizado e governado pelo rei romano Herodes e seu bando pagão, viu os judeus a serem desviados por um clero tirano e corrupto e observou as escrituras corrompidas e substituídas por uma literatura ancestral supersticiosa.
Reparou que as pessoas tinham perdido a esperança na salvação, mas refugiavam-se no facto de serem descendentes de Abraão. Contudo, João disse-lhes que não eram dignos de ser filhos de Abraão, por não merecerem um pai assim. Mas como «mesmo destas pedras, Deus pode suscitar filhos a Abraão» [S. Mateus 3:9], no fundo, tinham uma ligeira esperança num Messias, descendente de David, a quem esperavam para restaurar o reino dessa monarquia em Jerusalém.

Porém, quando a delegação de Jerusalém perguntou-lhe se era o Messias, respondeu negativamente a esta pergunta e seguintes; só Deus conhece a censura e repreensão que devem ter ouvido das pronunciações vivas de João Baptista, que a Igreja é cautelosa em não as deixar aparecer nos registos.

Deixando de lado os exageros que foram evidentemente acrescentadas nos Evangelhos, acreditamos absolutamente de que João apresentou Jesus como um verdadeiro Messias e aconselhou às pessoas a seguirem os seus ensinamentos e a obedecerem às suas ordens, bem como ao “seu” Evangelho.
E ainda deixou claro às pessoas de que viria um outro e último Profeta, que seria uma luz tão gloriosa e brilhante perante Deus que o próprio João não seria digno de lhe desatar os laços das sandálias.

b) Se a alusão de João Baptista fosse relacionada a Jesus, tê-lo-ia seguido e submeter-se-ia a ele como seu discípulo ou subordinado. Porém, não foi isso que aconteceu, pois era encontrado a propagar a fé, a baptizar, a receber discípulos, a censurar o rei Herodes, a condenar a hierarquia judaica e a

anunciar a vinda dum outro Profeta, sem tomar em consideração a presença do seu contemporâneo na Judeia ou Galileia.

c) Apesar dos cristãos terem transformado Jesus em "deus" ou "filho de deus", a realidade é que ele foi circuncidado como todo israelita e baptizado por João como qualquer judeu.
Os que narram o baptismo de Jesus desconhecem ou ignoram a observação que João fez nessa altura. O diálogo entre ambos parece uma interpolação e, sob um ponto de vista mais crítico, é de carácter duvidoso:
«Mas João opunha-se-lhe, dizendo: Eu careço de ser baptizado por ti, e vens tu a mim?
Jesus, porém, respondendo, disse-lhe: Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça.
Então ele o permitiu. E, sendo Jesus baptizado, saiu logo da água...»
[S. Mateus 3:14-16]

Se na realidade Jesus fosse mesmo a personalidade de quem João havia declarado como sendo "mais poderoso" ao ponto de não ser digno de lhe desatar o laço das sandálias, então não faz sentido e nem havia necessidade de Jesus ser baptizado por alguém "inferior" a ele, tal como sucedeu com os judeus arrependidos. Isso contradiz claramente a descrição de Jesus como sendo alguém superior a João Baptista.
E surge ainda uma outra questão: Será que Jesus já era santo antes de ser baptizado? Se a resposta for positiva, então não havia qualquer necessidade de ser baptizado, e ainda, porque é que o Espírito Santo não desceu como pomba branca antes do baptismo?
Se a resposta for de que Jesus não era santo antes do baptismo, então como é que alguém que nem sequer é santo pode ser Deus ou filho de Deus?

É incompreensível a expressão de Jesus «deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça»; porquê, como e qual justiça seria ou foi feita quando Jesus fosse baptizado? De facto, isso é completamente ininteligível. Ou se trata duma interpolação ou é uma cláusula truncada deliberadamente.
Uma outra questão teológica que surge com o baptismo de Jesus é que se, supostamente, isso foi feito para perdoar os seus pecados, então como os cristãos consideram que Jesus não tinha qualquer pecado?

Do ponto de vista isslâmico, o que pode fazer sentido nisto é de que através duma visão realista, Yáhya عليه السلام apercebeu-se do carácter profético de Issa عليه السلام e, por algum momento, julgou que seria o último profeta de ALLAH, o que consequentemente o levou a recusar baptizar-lhe, achando que não era digno para tal; só aceitou prosseguir com o baptismo quando Issa عليه السلام confessou a sua própria identidade.

d) Quando João estava na prisão, enviou um discípulo seu a Jesus, a fim de lhe perguntar: «És tu aquele que havia de vir, ou esperamos outro?» [S. Mateus 11:3], indicando claramente que João desconhecia a dádiva da profecia de Jesus até ficar a saber dos milagres dele.
Esta indicação contradiz e invalida o que consta no quarto Evangelho, segundo o qual quando João viu Jesus exclamou: «Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo» [S. João 1:29]. De salientar que este mesmo Evangelho desconhece completamente sobre o cruel martírio de João Baptista, mencionado no S. Mateus 14:10 e S. Marcos 6:16-27.

Do ponto de vista isslâmico, é moralmente impossível que um profeta nobre, casto e virtuoso como Yáhya عليه السلام tenha utilizado uma expressão pagã como essa ao se referir a Jesus (Issa عليه السلام).
A própria natureza e essência da missão de João era de ensinar penitência às pessoas, ou seja, cada um é responsável pelos seus erros e deve suportá-los ou eliminá-los através do arrependimento, sendo o baptismo apenas uma ablução ou purificação externa como sinal de expiação dos pecados; somente a confissão e remorso (perante Deus), o perdão por parte de quem tenha sido lesado devido ao tal pecado (se aplicável) e a promessa de não repetir o erro é que poderão contribuir para a absolvição do pecado.

Se Jesus era o "Cordeiro de Deus" para eliminar os pecados do mundo, então a missão e propagação de João seria ridícula e insensata! Além disso, João saberia perfeitamente que tais palavras suas poderiam causar – assim como veio a acontecer – um erro irreparável que iria desfigurar e deformar totalmente a Igreja. A raiz do erro, que encontrou terreno no seio dos cristãos, deve ser procurada e encontrada neste sistema de "sacrifício por substituição".
Será que o "Cordeiro de Deus" eliminou todos os pecados do mundo? As páginas obscuras da história eclesiástica de qualquer das numerosas, adversas e heréticas

igrejas responderão com um "não" bem grande, pois o pecado ainda existe. Nas suas caixas confessionais, os "cordeiros" podem concluir lamentavelmente sob o peso tremendo dos pecados coloridos carregados nos seus ombros de que, apesar da dita civilização, alguns dos que se intitulam de cristãos cometem mais pecados, adultérios, guerras, opressões e ganância insaciável para a conquista de bens e riqueza, comparativamente ao resto da humanidade.

e) João Baptista não poderia ter sido o precursor de Jesus da forma como a Igreja interpreta a sua missão, pois é apresentado nos Evangelhos como «Voz do que clama no deserto», segundo o cumprimento duma passagem do profeta Isaías [Isaías 11:3] e como um arauto (precursor) de Jesus sob a autoridade do profeta Malaquias.
Afirmar que a missão de João era preparar o caminho para Jesus – o primeiro na qualidade de precursor e o segundo como um conquistador triunfante, aparecendo de repente para estabelecer a religião de *"Shalom"* e fazer de Jerusalém como o templo mais glorioso que no passado [Ageu 1:3-8] – é confessar o falhanço absoluto de todo esse empreendimento. E de facto, sob o ponto de vista extravagante dos cristãos e sob qualquer ângulo que se queira examinar as interpretações das igrejas, uma coisa é certa: todo esse projecto se mostrou fracassado.

Ao invés de receber o seu príncipe no portão do templo em Jerusalém e no meio duma saudação calorosa, o precursor recebe-o nas águas do rio Jordão e sem roupa; e apresentou-o à multidão, após tê-lo mergulhado, dizendo: «eis o Cordeiro de Deus» ou «este é o filho de Deus». Tudo isso seria o mesmo que ofender o povo de Israel ou simplesmente zombar de Jesus, ridicularizando-o. A verdadeira natureza da missão ascética e o sentido real dos ensinamentos de Jesus foram inteiramente mal interpretados pelas igrejas, mas foram entendidos pelos sacerdotes judeus e casuístas que obstinadamente os rejeitaram. A missão de João assim como o objectivo da mensagem de Jesus aos judeus eram bem diferentes daquilo que as igrejas insistem e pretendem acreditar.

Portanto, como se pôde constatar através destes fundamentos, conclui-se que Jesus não era o objecto de testemunho de João baptista. Resta saber quem seria o "tal Profeta" cuja vinda João anunciava, ou seja, que outro mensageiro foi enviado por Deus depois de Jesus!

SOBRE JOÃO BAPTISTA E JESUS

Estas duas personalidades têm um grande paralelo na história dos profetas, pois ambos surgiram na mesma época, para o mesmo povo e traziam as mesmas mensagens Divinas.
Embora João fosse alguns meses mais velho que Jesus, ambos confirmaram a profecia um do outro. Consta no Novo Testamento:
«E João, ouvindo no cárcere falar dos feitos de Cristo, enviou dois dos seus discípulos, a dizer-lhe: És tu aquele que havia de vir, ou esperamos outro?
E Jesus, respondendo, disse-lhes: Ide, e anunciai a João as coisas que ouvis e vedes: Os cegos vêem, e os coxos andam; os leprosos são limpos, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho. E bem-aventurado é aquele que não se escandalizar em mim.»

[S. Mateus 11:2-6]

Com isso, João queria saber se Jesus era o Messias que estava por vir, de forma a poder confirmar a boa-nova que vinha anunciando.
Jesus também ficou satisfeito a respeito dele e retribuiu os mesmos sentimentos:
«Sim, vos digo eu, e muito mais do que profeta; porque é este de quem está escrito: Eis que diante da tua face envio o meu anjo, que preparará diante de ti o teu caminho.
Em verdade vos digo que, entre os que de mulher têm nascido, não apareceu alguém maior do que João, o Baptista.»

[S. Mateus 11:9-11]

E na realidade, João foi muito mais do que um profeta, sendo reconhecido como um mensageiro de grandes e distintas qualidades. Consta no sagrado Al-Qur'án:
«E quando ALLAH firmou a aliança com os profetas, dizendo: (Tomai) tudo aquilo que Eu vos tenha dado do Livro e da Sabedoria, e depois disso, se vos chegar um mensageiro confirmando o que possuís, devereis então acreditar nele e apoiá-lo.»

[Al-Qur'án 3:81]

Jesus também confirmou a profecia e a crença de João e apoiou-lhe. Esses eram os factos e a proclamação da verdade; quando os profetas de Deus falam, dizem apenas a verdade e nunca fingem.

Depois de João receber a sua profecia, logo a seguir «percorreu toda a terra ao redor do Jordão, pregando o baptismo de arrependimento, para o perdão dos pecados».

Antes dele, Nuh عليه السلام (Noé) também fez o mesmo, aconselhando ao seu povo:
«Implorai pelo perdão do vosso Senhor, certamente Ele é Perdoador.»
[Al-Qur'án 71:10]

E consta ainda no sagrado Al-Qur'án:
«E voltai-vos todos arrependidos para ALLAH, ó crentes, a fim de serdes bem-aventurados.» *[Al-Qur'án 24:31]*

Todos os profetas aconselhavam aos seus seguidores e crentes a se arrependerem e implorarem pelo perdão Divino, pois os humanos são pecadores por natureza e os melhores de entre eles são os que se arrependem [Al-Hadice]. As portas do arrependimento estão abertas para todos e de modo igual; portanto, devemos procurar nos arrepender dos pecados cometidos, na esperança de adquirirmos o perdão por parte de ALLAH. E para tal, não é necessário confessar perante humano algum, pois cada um deve dirigir-se directamente a ALLAH. No entanto, existem qualidades que podem indicar o perdão e a aceitação do arrependimento por parte de ALLAH, pois não é suficiente fazê-lo apenas verbalmente; de entre os sinais constam o remorso, a humildade, não se envolver novamente no pecado outrora cometido, etc.

João dizia à multidão que saía para ser baptizada por ele: «Quem vos ensinou a fugir da ira que está para vir? Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento...»; depois alertou-lhes a não depender ou confiar na genealogia familiar: «... e não comeceis a dizer em vós mesmos: Temos Abraão por pai; porque eu vos digo que até destas pedras pode Deus suscitar filhos a Abraão» [S. Lucas 3:7-8].

A seguir, vinham diversas pessoas a perguntar o que deveriam fazer, ao que lhes aconselhava o arrependimento prático que demonstrasse firmeza no comportamento e carácter: «Quem tiver duas túnicas, reparta com o que não tem, e quem tiver alimentos, faça da mesma maneira»; «Não peçais mais do que o que vos está ordenado»; «A ninguém trateis mal nem defraudeis, e contentai-vos com o vosso soldo».

Quando João se referiu a Jesus, disse que não era digno de lhe desatar os laços das sandálias, demonstrando a sua extrema humildade e colocando Jesus acima de si. Esta é na realidade a qualidade e linguagem utilizada pelos profetas, quando se referem uns aos outros; todos eles estavam no auge da modéstia.
Certa vez um homem veio ter com o profeta Muhammad ﷺ e dirigiu-se a ele dizendo: «Ó melhor das criaturas!», ao que o Profeta ﷺ respondeu: «Não! Esse é Abraão».
Quando os profetas se elogiam uns aos outros, são sinceros na sua afirmação; todos eles eram possuidores de comportamentos nobres e foram enviados para rectificar o comportamento humano em geral. De facto, temos muito a aprender com eles.

Sempre que um profeta era enviado por ALLAH e começava a pregar e chamar as pessoas para o Seu caminho, estas o rejeitavam e ficava cada qual na sua posição. De facto, isso indica que a qualidade dessa individualidade é mais elevada do que qualquer elemento do seu povo.
Por exemplo, o sagrado Al-Qur'án menciona o profeta Ibrahim ﷺ (Abraão) nos seguintes termos:
«Certamente, Ibrahim era um Ummat (nação), obediente a ALLAH, monoteísta (que adorava somente a ALLAH).»

[Al-Qur'án 16:120]

Consta ainda num Hadice de que se a fé de Abu Bakr ﷺ (o primeiro Khalifa no Isslam) fosse "pesada", colocando-a num prato da balança, e no outro fosse colocada a fé do resto do Ummat, então a fé de Abu Bakr ﷺ pesaria mais. Portanto, os profetas eram superiores aos respectivos povos para os quais eram enviados.

JOÃO BAPTISTA E O REI HERODES

João Baptista cresceu no deserto, longe das pessoas e sem dever qualquer favor a alguém, estando nos mais amplos horizontes da liberdade. Foi a partir daí que iniciou a sua missão de chamar as pessoas para a verdadeira crença.
Ele adorava o seu Senhor com toda a devoção, era grande defensor da verdade e forte opositor da falsidade; não temia ninguém senão a Deus. Foi abençoado

com uma boa inteligência e era capaz de responder a qualquer questão relacionada ao Torah; a sua fama se espalhou por todos os cantos do reinado. Em pouco tempo, atraiu muitas pessoas que se concentravam à sua volta, facto que começou a desagradar o governante de então chamado Herodes.
Este era como um "faraó tirano" para João, pois cada profeta tinha sempre algum líder local que complicava ou dificultava a sua missão. Por exemplo, Abraão tinha Nimrod, Moisés tinha Ramsés II, David tinha Saul, o profeta Muhammad ﷺ tinha Abu Jahal, etc.

João chamava às pessoas a adorarem um único Deus e pretendia libertá-las da adoração ao rei Herodes, enquanto que este queria tornar o povo como seus servos, venerando a si.
Este cenário sempre se repetiu na história da humanidade, pois qualquer libertador, reformador ou profeta que veio à face da Terra e chamou os povos para a senda recta e para junto de Deus, teve que enfrentar oposição e ser impedido por algum líder tirano; e esta tradição jamais será alterada.

Quando Deus enviava algum profeta a um certo povo, os líderes deste eram os primeiros a se oporem à sua missão e a se sentirem ameaçados, pois julgavam que os profetas, apesar de nunca almejarem o poder, colocariam em causa a liderança do governo ou do reinado.
Herodes também utilizou o mesmo pensamento e viu que o povo se concentrava à volta de João e escutava-o. Por sua vez, este falava das falhas na governação e abalava cada vez mais as bases do governo, o que deixava Herodes irritado, pois como um governante vulgar, não desejava ser perturbado e nem que alguém fosse contra as suas leis.
Essas perturbações poderiam ser menos incómodas para Herodes caso não atingissem a sua pessoa, pois um líder comum pode aceitar que o seu povo seja censurado e, até certo ponto, que a crítica atinja o seu governo. Mas quando o seu nome ou personalidade é posto em causa, nesse caso, logo declara guerra contra o "agressor", sem medir as consequências, pois o poder é como vinho, quando alguém o toma, fica embriagado e perde o juízo:
«Sendo, porém, o tetrarca Herodes repreendido por ele por causa de Herodias, mulher de seu irmão Filipe, e por todas as maldades que Herodes tinha feito, acrescentou a todas as outras ainda esta, a de encerrar João num cárcere.»

[S. Lucas 3:19-20]

A tarefa dum reformador torna-se mais difícil quando é confrontado por pessoas teimosas e que estão determinadas em continuar no seu estilo de vida incorrecto. Yáhya ﷺ já tinha noção do perigo que iria correr quando viesse a contrariar o rei, mas tinha sempre em mente a sua obrigação perante ALLAH. A qualidade dos profetas é de pronunciar sempre a verdade, mesmo que para tal tenham que sacrificar a si próprios ou a sua vida. É por isso que o profeta Muhammad ﷺ disse: «Se colocarem o Sol na minha mão direita e a Lua na minha mão esquerda para me obrigarem a deixar este trabalho, jamais o farei, até que ALLAH me faça prevalecer ou que eu venha a ser morto»; e disse ainda: «Fale a verdade, mesmo que seja amarga».

João também foi um exemplo vivo dessa qualidade profética. Ele podia continuar com a missão de chamar as pessoas para o caminho de Deus e para o bem, sem se meter com Herodes; e se por ventura fizesse isso, talvez até seria elogiado pelo rei. Mas como era um enviado de Deus, não podia tolerar a transgressão das Suas Leis, seja em quaisquer circunstâncias.

Consta que Herodias, esposa de Filipe e cunhada de Herodes, era linda, elegante e atraente. O marido era um indivíduo sério, calmo e cumpridor das leis e ela não se sentia feliz com um homem assim.
Entretanto, começou a se encontrar com Herodes e vieram a se apaixonar, resultando num namoro secreto. Só que a notícia começou a se espalhar por todos os lados, como é vulgar quando se trata desse tipo de situação, e ambos começaram a se sentir incomodados com o comentário das pessoas acerca deles.
Então, Herodes projectou uma jogada política e, com a conivência de Herodias, lançou um ataque militar contra o irmão Filipe. Como a esposa de Filipe colaborava com Herodes, foi fácil para este vencer a batalha.
Assim, Filipe foi aprisionado e, mais tarde, morto pelo próprio irmão Herodes, pois era o obstáculo entre este e a sua amante Herodias. Mais uma vez na história, tal como acontecera com Abel e Caim, um irmão assassina o outro na disputa pela mesma mulher, como se não houvesse outra para além dessa.

Sendo Herodes o governador das duas regiões e já sem obstáculo para continuar com o seu namoro, as pessoas começaram a se aperceber que tudo isso não passava duma jogada dele apenas para afastar Filipe e ter o caminho livre para ficar com Herodias. De facto, na política há muitas jogadas e mentiras.

Mesmo assim, Herodes pretendia legalizar a sua relação com Herodias, contraindo matrimónio com ela, e foi ter com João Baptista dizendo-lhe que como Filipe morreu já poderiam se casar:
Mas João respondeu-lhe: «Não te é lícito possuir a mulher de teu irmão», pois quem matar alguém com o objectivo de ficar com a mulher dele, então esse casamento será ilícito, uma vez que seria fruto dum crime.

Assim, Herodias começou a odiar ainda mais a João e queria matá-lo, só que não podia fazê-lo pois Herodes o temia e o protegia, porque sabia que se tratava dum homem justo e santo e que tinha o povo do seu lado. Isso representava uma atitude hipócrita de Herodes; na política, por vezes é necessário enganar a população quando se trata de conseguir o seu apoio.

MORTE DE JOÃO BAPTISTA

João permaneceu dez meses na prisão, até que chegava o dia em que seria decapitado:
«E, chegando uma ocasião favorável em que Herodes, no dia dos seus anos, dava uma ceia aos grandes, e tribunos, e príncipes da Galileia, entrou a filha da mesma Herodias, e dançou, e agradou a Herodes e aos que estavam com ele à mesa. Disse então o rei à menina: Pede-me o que quiseres, e eu to darei.
E jurou-lhe, dizendo: Tudo o que me pedires te darei, até metade do meu reino.
E, saindo ela, perguntou a sua mãe: Que pedirei? E ela disse: A cabeça de João o Baptista.
E, entrando logo, apressadamente, pediu ao rei, dizendo: Quero que imediatamente me dês num prato a cabeça de João o Baptista.
E o rei entristeceu-se muito; todavia, por causa do juramento e dos que estavam com ele à mesa, não lha quis negar.
E, enviando logo o rei o executor, mandou que lhe trouxessem ali a cabeça de João. E ele foi, e degolou-o na prisão; e trouxe a cabeça num prato, e deu-a à menina, e a menina a deu à sua mãe.»

[S. Marcos 6:21-28]

Quando os discípulos de João tiveram conhecimento do sucedido, foram levar o seu corpo e o sepultaram.

Consta que João Baptista ou Yáhya ﷺ encontra-se sepultado na grande mesquita de Damasco, na Síria, chamada Massjid Umaiyad.

ALGUMAS TRADIÇÕES A RESPEITO DE YÁHYA ﷺ

Consta que certa vez João Baptista reuniu os israelitas a fim de lhes proferir uma palestra, dizendo-lhes: «Deus me ordenou cinco coisas para pôr em prática e recomendar a vós também a praticá-las; são elas: não adorar outra divindade excepto Deus e não Lhe atribuir parceiros, cumprir humildemente as orações, jejuar, dar caridade e recordar constantemente a Deus, de dia e de noite».
É relatado no Sahih Bukhari de que na viagem de *Mi'ráj* (Ascensão aos Céus), quando o profeta Muhammad ﷺ foi levado ao segundo Céu, foram-lhe apresentados os profetas João e Jesus, que depois das apresentações e saudações, disseram-lhe: «Bem vindo, ó justo irmão e justo profeta».

O profeta Yáhya ﷺ é mencionado no sagrado Al-Qur'án nos mesmos capítulos em que se fala do seu pai Zakariyah ﷺ, nomeadamente Ál-Imrán (A Família de Imrán, Cap. 3), Al-An'ám (O Gado, Cap. 6), Maryam (Maria, Cap. 19) e Al-Ambiyá (Os Profetas, Cap. 21).
Num desses versículos, ALLAH diz: *«E que a paz esteja com ele no dia em que nasceu, no dia em que morrer e no dia em que for ressuscitado»*.

De facto, quem estiver seguro na sua fé e em paz com ALLAH nesses três momentos cruciais, terá garantido uma felicidade permanente e eterna, pois são os instantes mais importantes e delicados na vida de qualquer criatura, senão vejamos:

- No nascimento, a pessoa se separa do útero, vê a luz do mundo e deve estar preparado para o confrontar;
- Na altura da morte, enfrenta a sua angústia e dificuldades e sai deste mundo para a Outra Vida, sendo o momento crítico em que é determinado se a pessoa será bem ou mal-aventurada no Além;
- No Dia da Ressurreição, levantar-se-á da sua sepultura e será requisitada a prestar contas, após a qual será definido o seu destino final, se irá para o Paraíso, como recompensa das boas acções praticadas no mundo, ou para o Inferno, devido aos pecados cometidos [Al-Bidáya wan-Niháya].

CONSELHO AOS QUE TÊM DIFICULDADE EM CONCEBER

Ter filhos é um desejo natural de qualquer pessoa sã, mesmo que seja estéril, sofra de algum problema relacionado à infertilidade ou que já tenha atingido uma idade avançada.
No entanto, o casal deve ter sempre em consideração de que tudo depende de ALLAH e nada está fora do Seu poder. Se O implorarmos com toda a devoção e convicção, certamente que atenderá os nossos pedidos, pois Ele é Omnipotente e Vivificador.

A pessoa não deve parar de pedir a ALLAH ou perder as esperanças mesmo que haja uma demora na resposta, pois Ele é Prudente e sabe qual o melhor momento para realizar um feito.
Por outro lado, pode ocorrer que o pedido da pessoa não seja algo bom para ela ou que nesse exacto momento não lhe seja oportuno, mesmo que isso não lhe pareça evidente. Portanto, com Sua infinita misericórdia, ALLAH está a ajudar a pessoa ao não aceitar o pedido, pois consta no sagrado Al-Qur'án:
«É possível que detesteis algo que seja melhor para vós, e é possível que gosteis de algo que seja mau para vós; e ALLAH sabe e vós não sabeis.»
[Al-Qur'án 2:216]

Seria pertinente deixar aqui uma explicação muito breve sobre a questão da inseminação artificial, que se tem mostrado uma alternativa proveitosa para aqueles que encontram dificuldades em conceber, quer devido a problemas de ordem clínica como qualquer outra desordem.
ALLAH concedeu ao Homem o conhecimento e habilidade para tratar as doenças e melhorar a saúde. Em certos casos, para se tentar resolver problemas ligados à concepção do casal, torna-se necessário recorrer à inseminação, quer directamente no útero da esposa como através da fertilização *"in vitro"*, na esperança de ultrapassar várias anomalias que possam estar ligadas ao processo.
É bastante importante ter em conta de que o resultado positivo do processo provém de ALLAH e que não está nas mãos da ciência ou dos técnicos envolvidos, razão pela qual as estatísticas de sucesso nestes tipos de processo são baixas e os médicos não oferecem quaisquer garantias. Portanto, dar filhos está e sempre estará nas Mãos de ALLAH, sendo somente a Ele que devemos rogar.

De salientar que o Shari’ah não é contra este processo, na condição de que as células sexuais masculina e feminina sejam obrigatoriamente do marido e da esposa, e que o embrião resultante dessa fecundação seja implantado no útero desta. Caso contrário, o processo será considerado como um acto de adultério *(Ziná)* e, portanto, proibido *(Harám)* no Isslam.
Os bancos de esperma que são montados à toa, para além de não conservarem convenientemente as células, poderão obviamente criar situações embaraçosas, ilegais e incestuosas.

Zakariyah عليه السلام estava a orar no santuário quando os anjos lhe deram a boa-nova de que ele teria um filho piedoso. Mesmo um profeta como ele levou tempo para compreender convictamente a simples realidade de que a generosidade de ALLAH é ilimitada, até que viu frutas fora de época no quarto onde Maryam عليها السلام se encontrava; iluminado com este exemplo, começou a implorar ALLAH através de várias súplicas.
Portanto, o Duá (prece) é “escudo” do crente e faz parte da adoração. Independentemente de ser aceite ou não, de certeza que colherá benefícios por ter praticado o acto em si.

A seguir, menciona-se alguns excelentes Duás para aqueles que têm dificuldade em ter filhos e anseiam por essa dádiva Divina:

رَبِّ هَبْ لِى مِن لَّدُنكَ ذُرِّيَّةً طَيِّبَةً ۖ إِنَّكَ سَمِيعُ الدُّعَآءِ ۝

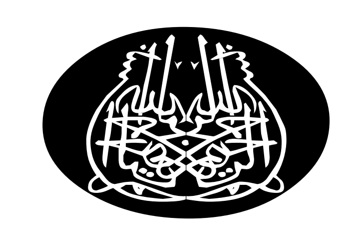
«Ó meu senhor! Conceda-me da Tua parte uma boa descendência, pois certamente és Aquele que atende a súplica.»

رَبِّ هَبْ لِى مِن لَّدُنكَ وَلِيًّا   وَاجْعَلْهُ رَبِّ رَضِيًّا

«Ó meu Senhor! Conceda-me da Tua parte um herdeiro (sucessor). E faça dele, ó meu Senhor, alguém que Te satisfaça.»

رَبِّ لَا تَذَرْنِى فَرْدًا وَأَنتَ خَيْرُ الْوَٰرِثِينَ ۝

«Ó meu Senhor! Não me deixes sozinho (sem prole), apesar de Tu seres o melhor dos herdeiros!»

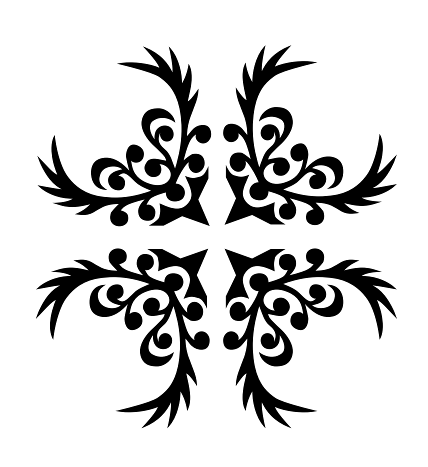


CAPÍTULO III

ISSA

ALAIHIS-SALÁM

JESUS



INTRODUÇÃO

Jesus na literatura cristã ou Issa em árabe, que a paz e bênção de ALLAH estejam com ele, foi um dos profetas de elevado grau, dotado de firmeza e dignidade.
Assim como Muhammad ﷺ foi o último profeta e mensageiro enviado à face da Terra para orientar a humanidade até o resto dos seus dias, Issa foi o último portador da Mensagem Divina para o Povo de Israel (Banú Issra'il).
Há consenso entre os historiadores de que nenhum outro mensageiro foi enviado entre Issa عليه السلام e Muhammad ﷺ, havendo consequentemente uma interrupção da Revelação Divina durante cerca de 570 anos, período esse que é conhecido como *Fatratul-Wahy*.

Logo depois do Torah, a Revelação que foi enviada para servir de orientação e guia aos israelitas foi o Evangelho de Jesus *(Injil)*. É do conhecimento geral que a Mensagem enviada a Jesus tinha como objectivo completar as leis existentes no Torah, pois Jesus próprio reconhecia que a sua missão era de completar a tarefa dos profetas que o antecederam e não de abolir o que eles haviam pregado [S. Mateus 5:17-19].
Após a revelação do Torah, os judeus iam deturpando a sua mensagem até que inúmeras inovações foram feitas na religião. O Evangelho de Jesus, actuando como uma interpretação do Torah, veio apelar aos israelitas a se afastarem dessas alterações, desempenhando assim o papel de aperfeiçoador da mensagem contida no Torah. Portanto, foi Jesus quem veio recordar a mensagem de Moisés, negligenciada pelos israelitas.

Uma das qualidades distintas de Jesus como mensageiro é o facto de Deus lhe ter concedido o estatuto de reformador da profecia anterior que havia sido enviada aos Filhos de Israel; a Moisés (Mussa عليه السلام) havia sido concedida a liderança no seio desse mesmo povo.

O sagrado Al-Qur'án menciona acerca de Jesus em treze capítulos, referindo-se a ele através do seu nome ou de atributos como *Massih* (Messias), *Abdullah* (servo de Deus) ou *Ibn Maryam* (filho de Maria).
Antes de mencionar acerca da vida de Jesus e suas obras, é pertinente recuar um pouco e falar também da sua mãe Maria – personalidade que ocupa um lugar distinto no Isslam.

NASCIMENTO DE MARIA

Maria é um nome bastante comum no seio de muitas sociedades, seja como *Maryam* em árabe, *Miriam* em hebraico ou *Mary* em inglês.

Nenhum dos quatro Evangelhos canónicos fala sobre o seu nascimento e muito menos mencionam acerca da sua vida antes da anunciação de Jesus. Contudo, existem passagens detalhadas nos evangelhos apócrifos (não canónicos) que contam o nascimento milagroso de Maria e sobre sua infância.

A breve história contada no sagrado Al-Qur'án sobre a vida de Maryam antes da concepção de Issa ﷺ apresenta algumas semelhanças bem como diferenças com as passagens apócrifas. O Livro isslâmico confirma algumas dessas passagens, mas também rejeita outros detalhes.

A irmã da esposa de Zacarias tinha uma filha chamada Hannah, que era casada com Imrán. Este casal ansiava ardentemente por um filho, pois há muito que não o conseguia pelo facto da mulher ser estéril. Cada vez que ela via uma mulher com os seus filhos ou mesmo algum pássaro a alimentar as suas crias, o desejo de procriar aumentava. Assim, ela se sentia como qualquer outra mulher que se encontra impossibilitada de procriar, pois isso cria um enorme consolo, preenche a solidão, trás alegria e felicidade à vida e serve de frescura aos olhos.

Nestas situações, a mulher prontifica-se a gastar tudo que esteja ao seu alcance somente para parir uma criança que lhe possa olhar com amor e carinho, compartilhar abraços e momentos ímpares e que procure a sua simpatia. Este sentimento é característico de qualquer mulher, pois até as meninas nos seus primeiros anos de vida brincam com bonecas como se fossem suas filhas, sendo uma inclinação natural do género feminino.

Apesar de muitos anos se terem passado, Hannah nunca perdia a esperança de vir a procriar; estava convicta que num certo dia, ALLAH lhe haveria de conceder uma criança sobre a qual ela haveria de dedicar todo o seu amor e carinho maternos. Humildemente invocava o Senhor através das suas preciosas preces, rogando pelo desejo que possuía, até que chegou a altura d'Ele aceitar esse pedido e realizar assim o seu sonho.

Quando Hannah sentiu que estava grávida, pois algo se movimentava no seu útero, nessa imensa alegria prometeu dar o fruto dessa gravidez somente ao

serviço do templo, em Jerusalém. Então, ela passou a ser uma mulher mais feliz e alegre, agradecendo constantemente a Deus pela dádiva concedida.

O sagrado Al-Qur'án não menciona o nome da mãe de Maryam, só diz que o pai se chamava Imrán, sendo uma das diferenças entre a escritura cristã e isslâmica. É possível que esse seja o nome do seu pai, ou ainda, que ela foi chamada "filha de Imrán" por pertencer à família (descendência) de Imrán.
Consta no Fat'hul-Bári de que Bishr bin Iss'háq narra que Imrán falecera ainda durante a gravidez de Hannah, o que a levou a ficar bastante chocada pois o marido não estaria presente para ver o filho que também ansiava. A sua alegria havia agora se misturado com tristeza, pois estava sozinha.
Quando o período de gestação se completou e chegou a hora do parto, ficou pouco desapontada ao saber que tinha dado à luz uma menina, pois o seu plano e promessa haviam saído gorados, uma vez que desejava um rapaz que pudesse servir no templo como forma de gratidão a Deus.
Já não sabia como ou em que uma rapariga poderia servir no templo, pois elas não eram aceites para aquele tipo de tarefa; mesmo desapontada, preocupada e triste, não abrogou a sua promessa e manteve o seu voto.

Consta no sagrado Al-Qur'án:
«Certamente, Deus escolheu Adão, Noé, a família de Abraão e a família de Imrán, sobre todas criaturas do Mundo. São descendentes uns dos outros. Deus ouve e é Omnisciente.
Recorda-te, quando a mulher de Imrán disse: Ó meu Senhor! Eu consagrei-Te o que está no meu útero, deixando-o livre de qualquer outra obrigação; portanto, aceita-o de mim. Certamente, Tu és Quem ouve, o Omnisciente.
Quando ela deu à luz, (por tristeza) disse: Ó meu Senhor! Mas eu dei à luz uma menina. E Deus sabia melhor o (valor dessa menina) que ela dera à luz; o filho não é como a filha.
Eu dei-lhe o nome de Maria e ponho a ela e a sua descendência sob Tua protecção contra Satanás, o maldito.
E o seu Senhor aceitou-a da melhor forma e criou-a de boa maneira.»
[Al-Qur'án 3:33-37]

As palavras da mãe de Maryam, *«Eu consagrei-Te o que está no meu útero»* e *«Mas eu dei à luz uma filha»*, indicam que ela não conhecia o sexo da criança

antes de nascer. O sagrado Al-Qur'án mostra que a decisão de oferecer Maryam somente à adoração de ALLAH foi tomada pela mãe, o que pode consequentemente significar que o pai de Maryam já tivesse falecido, pois não interveio nesta passagem.
O sagrado Al-Qur'án também não fala que Imrán estava vivo quando foi dado o nome de Maryam, implicando que já ele tinha falecido, pois essa decisão bem como o voto de dedicar a criança à causa de Deus foram tomados somente pela mãe.

Então, Hannah envolveu Maria num manto, levou-a aos responsáveis do templo em Jerusalém e regressou à casa. Mas quer parecer que devido ao instinto materno, decerto que periodicamente ela se dirigia a Jerusalém onde procurava saber sobre a filha, e depois de se tranquilizar regressava novamente à casa, agradecendo a Deus por tê-la aceite.

ZACARIAS COMO GUARDIÃO DE MARIA

Quando Maria se tornou pouco crescida, surgiu a questão da sua tutela, pois era necessário definir quem iria assumir a responsabilidade de cuidar dela. Como era filha de Imrán, uma personalidade iminente e bastante querida no seio daquele povo, muitos clérigos se prontificaram em assumir esse papel.
De entre todos eles, Zacarias se adequava mais para essa posição pois era também seu familiar, já que era esposo da tia materna de Maria – Elishia (Ishá), e ainda profeta e alto responsável do templo. Assim, Zacarias foi o primeiro a apresentar o seu nome para assumir essa responsabilidade.

Contudo, quando mais clérigos manifestaram o mesmo interesse, decidiu-se resolver a questão através de sorteio de forma a evitar conflitos, pois na altura era comum proceder dessa forma para resolver impasses. Sendo assim, cada um teria que lançar um pedaço de cana ao rio e aquele cuja cana ficaria a flutuar seria o vencedor.
Lançadas as canas, todas se afundaram com excepção da de Zacarias; segundo as narrativas *Issrailiyát*, o sorteio foi feito três vezes e em todas elas a sorte recaiu sobre Zacarias. Quando os restantes viram o resultado, reconheceram que naquele sorteio Zacarias tinha o apoio Divino, e aceitaram a decisão.

Consta no sagrado Al-Qur'án:
«E fez Zacarias responsável por ela.»

[Al-Qur'án 3:37]

O profeta Zacarias desempenhou um papel muito importante na vida de Maria, especialmente nas suas primeiras fases. As fontes cristãs dão informações contraditórias e confusas sobre o seu papel na história de Maria, dando a entender que possam estar a se referir a mais do que um Zacarias, levando a inconsistências inexplicáveis.
Os Evangelhos segundo S. Marcos e S. João estão completamente silenciosos sobre o nascimento de Jesus nem mencionam qualquer Zacarias; S. Mateus faz uma referência muito breve de um Zacarias, mencionando que era filho de Barachia [S. Mateus 23:35].
Já S. Lucas conta uma passagem detalhada de Zacarias no primeiro capítulo do seu Evangelho. A primeira parte dessa história apresenta tanto semelhanças como diferenças com aquilo que conta o sagrado Al-Qur'án [vide S. Lucas 1:5-25].
No versículo 51 do capítulo 11, S. Lucas menciona um outro Zacarias num sermão em que Jesus ataca os escribas e fariseus, acusando-os de serem parceiros na morte de profetas e homens prudentes, incluindo Zacarias – talvez o filho de Jehoida, mencionado no Antigo Testamento [II Coríntios 24:20-22].

O sagrado Al-Qur'án fala de Zakariyah como um profeta, que se tornou guardião de Maryam, provavelmente seu familiar e possivelmente responsável pelo templo onde ela vivia, enquanto que no Novo Testamento ele é classificado apenas como sacerdote [S. Lucas 1:5].
De salientar que existe uma grande diferença entre estas duas classificações. O termo "profeta" tem um significado muito especial sob ponto de vista isslâmico, pois reflecte o estatuto duma personalidade muito próxima a Deus e que é concedido somente a alguns indivíduos [vide Al-Qur'án 6:85 e 21:90], grupo dos quais fazem parte grandes figuras tais como Adão, Noé, Abraão, Moisés, Jesus e Muhammad, que a paz esteja com todos eles.

A questão sobre a tutela de Maria surgiu pelo facto de ela ser órfã e de não possuir qualquer homem que pudesse se responsabilizar por ela. Outros são de opinião que nessa altura existiu uma grande seca, razão pela qual o assunto veio à discussão [Ibn Kacir].

Porém, ainda que não fosse qualquer um desses motivos, a questão se mantinha pois segundo o voto da mãe de Maria, esta tinha sido “consagrada ao templo”, e por ser menina tinha que estar sob cuidado de um homem piedoso, por forma a que pudesse cumprir com a sua tarefa.

Portanto, levando em consideração e respeitando a condição feminina de Maria, Zacarias preparou um quarto exclusivamente para ela, próximo ao templo, garantindo deste modo a sua privacidade. Assim, durante o dia ela iria dedicar-se à adoração do Senhor, e no final do dia seria levada à casa da sua tia Elishia, para passar a noite.

O GRAU DISTINTO DE MARIA

À medida que Maria crescia, continuava a adorar o Senhor com todo o fervor e dedicação. A sua piedade tornava-se muito conhecida e era comentada entre os israelitas.
Consta no Bukhari de que o profeta Muhammad ﷺ disse: «De entre os homens existem muitos que se aperfeiçoaram, mas nas mulheres, só Ássiya, a esposa do Faraó, e Maryam bint Imrán (mãe de Jesus) é que se aperfeiçoaram». E disse ainda: «São quatro as melhores mulheres do mundo: Maryam bint Imrán, Ássiya bint Mazáhim, Khadijah bint Khuwailid (primeira esposa de Muhammad ﷺ) e Fátima bint Muhammad» [Musslim e Ahmad].

Durante vários anos, Zacarias procurou proporcionar todo o conforto a Maria e periodicamente ia visitá-la no seu retiro, pois era guardião dela.
Chegou uma altura em que nas suas visitas, Zacarias encontrava frutas frescas e fora da época. Isso o deixava bastante espantado, pois sabia que para além dele ninguém mais lá entrava e ele próprio não tinha levado tais frutas. Então, começou a ponderar sobre isso na tentativa de encontrar respostas, tal como consta no sagrado Al-Qur’án:
«Cada vez que Zacarias ia ter com ela no recanto (santuário), encontrava junto dela alimentos. Ele (Zacarias) perguntava: Ó Maria! De onde te vem isto (alimentos)?
Ela respondia: Isso vem de Deus; Deus alimenta quem quer, sem conta.»
[Al-Qur’án 3:37]

Com isso, Zacarias deduziu logo que Maria ocupava um lugar bem especial e exclusivo junto de Deus e que se distinguia das restantes mulheres perante Ele. Por muito tempo, ela continuava ocupada na adoração e Zacarias estava muito impressionado com a sua piedade.
Certo dia, ALLAH enviou-lhe uma mensagem mostrando a sua aceitação:
«E (recorda-te) quando os anjos disseram: Ó Maria! Deus escolheu-te, purificou-te e escolheu-te sobre todas as mulheres do Mundo. Ó Maria! Sê obediente ao teu Senhor, prostra-te e ajoelha-te com os que se ajoelham (em adoração).
Estas são das informações ocultas que te revelamos (ó Muhammad). E tu não estavas perto deles, quando lançaram os seus cálamos para saber qual deles seria o tutor de Maria; e tu não estavas perto deles quando estavam a disputar.»
[Al-Qur'án 3:42-44]

Geralmente, o sagrado Al-Qur'án se refere a anjos no plural, como transmissores da Mensagem Divina, embora Maria tenha ouvido talvez a voz de um só. O Anjo Jibraíl عليه السلام (Gabriel) é mencionado como um mensageiro individual. Contudo, é provável que esta informação tenha sido transmitida a Maria por intermédio de anjos diferentes e em ocasiões distintas.
Portanto, o versículo acima não refere apenas a um único acontecimento em que Maria comunicou com os anjos, mas a uma série de eventos similares. De salientar que devido à posição que ela passou a ocupar, já estava acostumada a receber comida de forma milagrosa, por isso estar no centro de milagres e escutar os anjos passou a ser uma experiência habitual.

SERÁ QUE ELA TINHA ESTATUTO DE PROFETA?

Maria era uma personalidade modelo, quer na sua pureza como no seu empenho na adoração; portanto, esse elogio por parte de Deus era uma verdade absoluta. Entretanto, quando ALLAH disse-lhe que *«escolheu-te sobre todas as mulheres do Mundo»*, será que isso é uma alusão ao facto de ela pertencer à categoria de profeta?
Muhammad ibn Iss'háq, Abul-Hassan Al-Ashari, Al-Qurtubi, Ibn Hazm e outros afirmam que a mulher também pode ser profeta e isso se aplicava a Maryam. Ibn Hazm diz ainda que Hawwa (Eva), Sara, Hájra (Hágar), Umm Mussa (mãe de Moisés) e Ássiya (esposa de Faraó) também eram profetas.

Segundo Muhammad ibn Iss'háq, a maioria dos juristas é da opinião que a mulher pode ser profeta, apresentando como prova a passagem de Sara nos capítulos 11 e 51 do sagrado Al-Qur'án, de Umm Mussa no capítulo 28 e de Maryam nos capítulos 3 e 19, donde se pode depreender que os anjos se aproximaram delas para transmitir Revelação *(Wahy)* e boas-novas por parte de ALLAH, e que Ele se comunicou com elas dando-lhes orientações em certas circunstâncias e informações sobre coisas que lhes eram desconhecidas.

De acordo com este grupo de teólogos, a palavra *"Wahy"* utilizada nesses versículos não está no sentido etimológico, tal como acontece na passagem das abelhas no capítulo 16, mas sim no sentido terminológico.
Quanto a Maryam, a grande prova que apresentam é de que ALLAH faz alusão a ela da mesma forma como o faz quando menciona outros profetas tais como Ibrahim, Issmail, Idriss e Mussa عليه السلام [Al-Qur'án 19:16].
Referindo-se a Maryam, ALLAH diz no sagrado Al-Qur'án: «*Nós enviámos Nosso Espírito*»; e o Anjo disse-lhe: *«Eu sou o mensageiro do teu Senhor»*; no capítulo 2 do sagrado Al-Qur'án, consta que os anjos dialogaram directamente com ela, indicando que se tratava de alguém com a categoria de profeta.

Contudo, existe ainda uma corrente de teólogos reconhecidos tais como Hassan Al-Bassri, Imámul Haramain, Qadhi Iyádh, entre outros, que são da opinião de que profeta deve ser homem, rejeitando assim a hipótese de Maryam o ser. Este grupo defende a sua opinião através do seguinte versículo:
«E antes de ti (ó Muhammad), só enviámos homens como mensageiros, aos quais fizemos revelações.»

[Al-Qur'án 16:43]

Entretanto, seja qual for a opinião mais correcta, o certo é que ALLAH elegeu Maria como uma das maiores mulheres do mundo. A sua piedade e pureza, o milagre de dar à luz sem se envolver com algum homem, a honra de ser mãe dum grande profeta como Jesus, são factos que fazem dela uma mulher de grau bem elevado.
No sagrado Al-Qur'án, existe um capítulo inteiro denominado Maryam, algo que nem mesmo existe no Novo Testamento.

AS BOAS-NOVAS DOS LIVROS DIVINOS

Embora a propagação da verdadeira religião tenha iniciado com Adão, o primeiro profeta, e progredido continuamente até Muhammad ﷺ, o último dos mensageiros Divinos, pode-se concluir que Deus sempre enviou um profeta após um certo intervalo de tempo. Isso para reforçar e elevar esta nobre missão e para acabar com os grandes males e fraquezas espirituais que iam surgindo com o decorrer do tempo e que vinham afectando a aceitação da verdade, dando assim um novo rumo e balanço como forma de criar reformas e revoluções.
Quando se analisa a história das religiões monoteístas, conclui-se que geralmente antes da vinda de um grande profeta para o seio dum determinado povo, os guias espirituais e pregadores da verdade (profetas) dessa era começavam a anunciar através da revelação, as boas-novas da vinda dum mensageiro Divino, como forma de preparar terreno para a sua chegada e para que as pessoas se consciencializassem de modo a não o receberem de surpresa, aceitando-o com facilidade.

Sendo Jesus considerado um dos grandes profetas, também não fugiu à regra. No seio dos Filhos de Israel, muitos profetas deram a boa-nova da sua vinda, razão pela qual os israelitas ansiavam por muito tempo o aparecimento do Messias prometido, para assim puderem ser privilegiados, honrados e distinguidos entre outros povos tal como aconteceu com a chegada de Moisés.

Apesar das alterações que foram feitas na Bíblia, subsistem ainda (no Antigo Testamento) versículos que se referiam à vinda de próximos profetas.
Por exemplo:
«Esta, porém, é a bênção com que Moisés, homem de Deus, abençoou os Filhos de Israel antes da sua morte. Disse pois: O senhor veio de Sinai, e lhes subiu de Seir; resplandeceu desde o monte Parã.»

[Deuteronómio 33:1-2]

Nesta boa-nova, a "vinda do senhor de Sinai" é uma menção à profecia de Moisés e a "subida (amanhecer) de Seir" é uma alusão à profecia do Jesus, pois o nascimento deste se deu em Belém, um local situado nessa montanha. Esse é o mesmo local sagrado de onde surgiu a luz da verdade e "resplandeceu sobre o monte Parã", sendo esta uma alusão à profecia de Muhammad ﷺ, pois Parã é o nome duma montanha muito conhecida em Hijáz, na Arábia Saudita.

Consta ainda no Novo Testamento:
«E, tendo nascido Jesus em Belém de Judeia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do oriente a Jerusalém, dizendo: Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no oriente e viemos adorá-lo.
E o rei Herodes, ouvindo isto, perturbou-se, e toda Jerusalém com ele. E, congregados todos os príncipes dos sacerdotes, e os escribas do povo, perguntou-lhes onde havia de nascer o Cristo (Messias).
E eles lhe disseram: Em Belém de Judeia, porque assim está escrito pelo profeta (Isaías): E tu, Belém, terra de Judá, de modo nenhum és a menor entre as capitais de Judá; porque de ti sairá o Guia que há-de apascentar o meu povo de Israel.»

[S. Mateus 2:1-6]

«Este será grande e será chamado filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de David, seu pai.»

[S. Lucas 1:32]

O Al-Qur'án também considerou a passagem de Zakariyah e Yáhya عليه السلام como factos preliminares da vinda de Issa عليه السلام:
«Assim, os anjos chamaram-no (a Zakariyah) enquanto estava de pé a orar no santuário, dizendo-lhe: ALLAH dá-te a boa-nova de (um filho cujo nome será) Yáhya (João Baptista), que confirmará uma palavra de ALLAH (ou seja, Issa ibn Maryam).»

[Al-Qur'án 3:39]

E Jesus também anunciou a boa-nova da vinda do profeta Muhammad ﷺ. Aliás, este veio dar continuidade à missão de Ibrahim عليه السلام (Abraão), que combateu arduamente o politeísmo e a idolatria. ALLAH ordena aos muçulmanos dizendo:
«Segui, pois, a religião de Ibrahim, um homem de fé pura.»

[Al-Qur'án 3:95]

«A crença do vosso pai Ibrahim, Ele vos denominou muçulmanos antes deste (Al-Qur'án), e neste.»

[Al-Qur'án 22:78]

NASCIMENTO DE JESUS

O sagrado Al-Qur'án menciona alguns pormenores sobre o nascimento de Jesus no seu terceiro capítulo. Num desses versículos inicia a história com a súplica de Zacarias e o nascimento de João Baptista. De entre os quatro Evangelhos, o de S. Lucas é que inicia a história de forma idêntica.
Mas no sagrado Al-Qur'án, a passagem começa muito antes com a história do nascimento de Maria e seu crescimento no templo; nenhum dos quatro Evangelhos faz alusão a tais episódios.

Maria passava todo seu tempo no santuário, isolada e a adorar Deus. Num desses dias e longe do olhar das pessoas, ela saiu e sentou-se a sós num canto junto ao templo, quando lhe apareceu o Anjo Gabriel na forma humana, o que a deixou preocupada e agitada por ver um homem estranho.
O sagrado Al-Qur'án confirma a história bíblica de Jesus, nascimento de virgem e concepção imaculada, confirmando que Maria era virgem, solteira e cuja vida era dedicada à adoração de Deus.
Enquanto adorava o Senhor num retiro religioso, apareceu o Anjo Gabriel e informou-a da sua iminente gravidez:
«E recorda-te quando os anjos disseram: Ó Maryam! ALLAH dá-te a boa-nova de uma palavra por parte d'Ele, cujo nome é Massih, Issa ibn Maryam, iminente neste mundo e no outro, e um dos próximos e queridos de ALLAH. Ele falará aos homens ainda no berço da mãe e na meia idade, e será dos justos.
Ela disse: Ó meu Senhor! Como posso ter um filho, enquanto nenhum homem me tocou?
ALLAH disse: Assim mesmo. ALLAH cria o que quer; quando Ele determina algo, apenas diz "seja" e logo acontece. E Ele ensinar-lhe-á a Escritura, a sabedoria, o Torah e o Evangelho, e fará dele um mensageiro aos Filhos de Israel.»
[Al-Qur'án 3:45-49]

Nos dois versículos mencionados do sagrado Al-Qur'án, Jesus é também referido como *"uma palavra por parte de Deus"*, ou seja, uma palavra vinda de Deus ou pertencente a Ele, em correspondência com o que consta no Coríntios 3:23: "e vocês são de Cristo e Cristo é de Deus". No S. João 1:1 deveria estar escrito "a palavra era de Deus" e não "a palavra era Deus"; o erro deve ter ocorrido devido à tradução de Aramaico para Grego, voluntária ou involuntariamente.

Jesus é chamado "palavra de Deus" porque a sua criação no útero de Maria foi milagrosa, fora da lei natural de procriação, que ocorre com a deposição de esperma. Foi somente com a ordem e decreto Divinos.

Num outro versículo mencionado no sagrado Al-Qur'án, consta:
«E ALLAH citou o exemplo de Maryam, filha de Imrán, que guardou (protegeu) intacta a sua virgindade; e ela confirmou (creu) nas palavras do seu Senhor e nos Seus Livros, e foi uma das obedientes.»

[Al-Qur'án 66:12]

A palavra de Deus não é Deus; de acordo com a filosofia hindu, a palavra de Deus também é Deus, razão pela qual adoram qualquer criatura como vaca, elefante, macaco, cobra, etc., pois acham que Deus está dentro delas e foram criados pela palavra de Deus "seja". Segundo os muçulmanos, tudo não é ALLAH mas sim "de ALLAH".

A história do nascimento de Jesus foi relatada no capitulo 19 do Al-Qur'án:
«E menciona (ó Muhammad) no Livro, a Maria, quando se isolou de sua família num lugar virado para o oriente; e colocou entre ela e aqueles um véu.
Então enviamos-lhe Nosso espírito (Anjo), que tomou na sua frente a forma de um homem perfeito.
E ela ao vê-lo, ficou preocupada e disse: Procuro refúgio junto do Misericordioso contra ti, se temes a Deus, afasta-te de mim.
Ele (Gabriel) disse: Sou apenas o enviado do teu Senhor, apareci para te dar um filho puro. Ela disse: Como terei um filho, enquanto nenhum homem me tocou e nunca fui adúltera?
Ele disse: Assim disse o teu Senhor "isso Me é fácil; e faremos dele (do filho) um sinal para os homens e uma misericórdia da Nossa parte, e isso é algo que já está decretado (decidido).
Então, ela concebeu e, para se esconder das pessoas, retirou-se com ele (Jesus) para um lugar afastado. E as dores do parto (na aflição) levaram-na para junto do tronco de uma tamareira. Ela disse: Quem me dera tivesse morrido antes disto e ficado uma coisa totalmente esquecida!
Então, uma voz (de Anjo) debaixo dela a chamou; Não te aflijas! O teu Senhor fez correr um ribeiro em baixo dos teus pés; abana o tronco da tamareira em tua direcção, tâmaras maduras e frescas cairão sobre ti. Portanto, come, bebe

e refresca de alegria teus olhos (ao veres o bebé); e se vires alguma pessoa (a perguntar algo), diga: "Por certo, fiz voto de jejum ao Misericordioso (observando o silêncio), e não falarei hoje com ninguém".
Então, ela chegou com ele ao seu povo, carregando-o nos braços; disseram: Ó Maria! Praticaste um acto grave (de adultério). Ó irmã de Aarão! Teu pai não era um homem mau nem a tua mãe era adúltera.
Então, ela apontou para ele. Eles (as pessoas) disseram: Como podemos falar com alguém que ainda é um bebé, no berço?
Imediatamente, o bebé disse: Eu sou, na verdade, um servo de Deus! Ele deu-me o Livro (o Evangelho), fez de mim um profeta e tornou-me abençoado onde quer que esteja; e Ele recomendou-me o Salát (oração), o Zakát (caridade) enquanto permanecer vivo (mostrando ser mortal), e bondade para com a minha mãe (não havendo qualquer menção de pai); e não fez de mim um arrogante, infeliz (desobediente). E que a paz esteja comigo no dia em que nasci, e no dia em que morrer e no dia em que for ressuscitado, vivo.»

[Al-Qur'án 19:16-33]

Nesta passagem, consta que as pessoas se dirigiram a Maria como "irmã de Aarão". Quando o sagrado Al-Qur'án relaciona alguém à sua gente, descreve-o por *"Akh"* (irmão) ou *"Ukht"* (irmã); por exemplo, consta num outro versículo: *«O povo de Noé desmentiu aos mensageiros quando seu irmão (Akhuhum) Noé lhes disse: Não temeis a Deus?»* [Al-Qur'án 26:105].
Portanto, "irmã de Aarão" não significa que Maria tinha um irmão com esse nome, mas que ela descendia de alguém assim chamado, cuja personalidade era altamente respeitada, para contrariar aquilo que o povo estava a pensar que ela tivesse cometido, recordando-a da castidade dos seus ancestrais.

De salientar um factor interessante nestes versículos, em que o Anjo disse a Maria para abanar o tronco da tamareira a fim de fazer cair tâmaras maduras e frescas para ela se alimentar, mas no versículo 3:37 consta que cada vez que Zacarias ia ter com ela no santuário, encontrava fruta fresca fora da época sem qualquer esforço de Maria.
A questão que surge é: Porque é que no momento das dores do parto, Deus não lhe proporcionou frutas sem esforço, mas disse-lhe para abanar a tamareira de modo a fazer cair tâmaras frescas para se alimentar, ao contrário do que aconteceu quando ela estava dedicada à adoração no santuário?

De facto, Deus podia fazer isso, como já tinha feito pela primeira vez, mas também quis ensinar que a pessoa deve fazer algum esforço e o resto Deus dará, apesar de nesse estado, Maria estar muito fraca, débil e com dores.

Quando as pessoas ouviram de um bebé tais palavras prudentes, ficaram mudas, admiraram e ficaram com a certeza de que se tratava duma mulher pura, casta e livre de qualquer acto vergonhoso, e o filho era um sinal da parte de Deus, assim como consta no Al-Qur'án:
«E aquela que protegeu a sua virgindade, então, sopramos nela algo do Nosso espírito, e dela e de seu filho fizemos um sinal para os mundos.»
[Al-Qur'án 21:91]

Aqui, as palavras *«aquela que protegeu a sua vigindade»* são para refutar a acusação dos judeus, segundo a qual o nascimento de Jesus foi resultado de pecado cometido por Maria.
Isso não era um evento que podia continuar oculto. Toda a gente começou a falar e comentar acerca de tal facto, e logo de início começaram a surgir opiniões divergentes. Por um lado, os bondosos acharam que tal era prenúncio de uma notícia feliz, enquanto por outro, os maldosos viram nisso um mau augúrio para si, e começaram a inventar falsidades, nutrindo ódio por aquele evento.

Nesse ambiente tenso, Deus começou a criar aquele bebé sagrado sob Seus cuidados e a protegê-lo, a fim de dar através dele uma nova vida aos corações adormecidos dos israelitas.
Pelo facto de Jesus ter nascido sem pai, o sagrado Al-Qur'án sempre que fala dele diz: "Jesus filho de Maria". Assim como consta:
«E fizemos do filho de Maria e de sua mãe um sinal do Nosso poder, e demos a ambos como morada um lugar elevado (Belém), tranquilo e cheio de fontes.»
[Al-Qur'án 23:50]

O sagrado Al-Qur'án só nos falou dessa parte importante acerca da infância de Jesus, não dando qualquer informação acerca da data do seu nascimento. Outros aspectos que não dizem respeito aos objectivos do Al-Qur'án foram omitidos. Contudo, no Evangelho segundo S. Mateus, encontramos ainda mais passagens:
«Foi assim o nascimento de Jesus Cristo: Sua mãe Maria estava prometida em casamento a José, mas antes que se unissem, achou-se grávida pelo Espírito

Santo. Por ser José, seu marido, um homem justo, e não querendo expô-la à desonra pública, pretendia anular o casamento secretamente, depois de ter pensado nisso, apareceu-lhe um anjo do senhor em sonho e disse: José, filho de David, não tema receber Maria como sua esposa, pois o que nela foi gerado procede do Espírito Santo. E ela dará a luz um filho, e você deverá dar-lhe o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados.»

[S. Mateus 1:18-21]

Da mesma maneira lemos no Lucas, como o Anjo Gabriel foi ter com a virgem Maria:
«O Anjo aproximando-se dela, disse: Alegra-se agraciada! O Senhor está com você! Bendita és tu entre as mulheres.»

[S. Lucas 1:18]

A seguir deu-lhe a boa-nova:
«Perguntou Maria ao Anjo: Como acontecerá isso, visto que não conheço varão (i.e. sou virgem)?
O Anjo respondeu! O Espírito Santo virá sobre você e o poder do Altíssimo te cobrirá com a Sua sombra.»

[S. Lucas 1:34-35]

O sagrado Al-Qur'án confirma que Maria enquanto virgem concebeu Jesus milagrosamente. Quando Gabriel deu boa-nova a Maria e esta disse: *«Como terei um filho se nenhum homem me tocou»*, ou seja, «Nunca tive relações sexuais com algum homem», o Anjo Gabriel disse: *«Sou apenas um Anjo, apareci para te dar um filho».*
Dessas palavras, Maria percebeu logo que ele veio para lhe dar um filho e que ela ficaria grávida a partir desse momento, pois o Anjo não disse em resposta que ela iria se casar, o que indica claramente que a concepção de Jesus seria virginal, pois o Anjo até chegou a dizer-lhe que ele seria chamado "filho de Maria".

As palavras do Anjo Gabriel indicam que ele estava directamente envolvido em causar a concepção de Jesus e na gravidez de Maria, embora na forma subtil. Gabriel não só informou Maria da concepção milagrosa, mas a sua visita em si foi a causa do milagre.

O envolvimento de Gabriel na concepção de Jesus é confirmado noutros dois versículos que mencionam que Deus soprou em Maria do Seu espírito. É por isso que o que aconteceu nessa misteriosa visita era mais do que anunciação. É como se o óvulo de Maria tivesse sido fertilizado com a simples presença de Gabriel perto de Maria, sem contacto sexual entre ambos, isto é, ao soprar o espírito em Maria da parte de Deus.

No caso de Zacarias, os anjos disseram-lhe que vieram para lhe dar a boa-nova do nascimento de João, mas no caso de Maria, Gabriel disse que veio para lhe dar um filho puro.
O Espírito (Gabriel) disse a Maria que Deus queria fazer da criação milagrosa de Jesus um sinal para as pessoas acreditarem n'Ele e que já tinha decretado isso.
O Al-Qur'án também diz que foi Deus, através dos anjos, Quem deu ao filho de Maria o nome "Issa" e o título de *"Massih"*.

O sagrado Al-Qur'án afirma que Jesus nasceu debaixo duma tamareira. Quanto ao local de nascimento, uns Evangelhos acham que ele nasceu em Belém, uma cidade de Judá, e outros acham que nasceu em Nazaré, por isso foi conhecido por Nazareno.
A Maria já vivia em retiro até mesmo da sua família, quer seja na casa da sua família ou no santuário. A sua retirada para um local distante significa que ela deixou esse local e foi para outro. E isto é confirmado com o versículo que diz que depois do nascimento de Jesus, ela foi com o recém-nascido para junto do seu povo. O Al-Qur'án não especifica o local para onde Maria foi.

De facto, é Deus Quem cria e as Suas maneiras são um mistério para a mente humana. Ele criou, com a Sua palavra, os céus e a terra, animais de diferentes tipos, frutas, rochas de várias formas e medidas e os vastos oceanos do mundo, e Ele também criou este último profeta dos judeus, que nasceu duma mulher virgem, escolhida e honrada por Deus para ser a mãe do Seu último mensageiro judeu.
Deus pode fazer coisas com ou sem as Suas causas naturais e meios, pois foi Ele Quem criou essas causas e meios e designou-lhes os efeitos que eles têm. Cada relação natural de causa e efeito foi estabelecido por Deus, e Ele pode incapacitar o efeito dessa causa, ou produzir esse efeito sem a sua causa natural, e fazê-la acontecer através de causas diferentes. As leis naturais são mantidas por Deus.

Quando alguém reivindica que Jesus nasceu pelo poder do Espírito Santo e isso dá-lhe um tipo de superioridade acima do resto da Humanidade, não faz sentido pois essa não é uma superioridade que necessita de tanta meditação. João Baptista que foi companheiro de Jesus, também nasceu a partir do poder do Espírito Santo e o mesmo Anjo Gabriel disse a Zacarias, pai de João, enquanto estava no templo:
«Não tenhas medo Zacarias; sua oração foi ouvida. Sua esposa Isabel lhe dará um filho, e você lhe porá o nome do João. E lhe será motivo de prazer e alegria, e muitos se alegrarão por causa do nascimento dele, porque será grande aos olhos do Senhor. Ele nunca beberá vinho nem outra bebida alcoólica, e será cheio de Espírito Santo, desde antes do seu nascimento (desde o ventre de sua mãe).»

[S. Lucas 1:13-15]

A seguir, Zacarias estava cheio de Espírito Santo:
«E, Zacarias, seu pai foi cheio de Espírito Santo e profetizou dizendo: Louvado seja o Senhor, o Deus de Israel, porque visitou e redimiu a Seu povo.»

[S. Lucas 1:67-68]

De salientar que o Espírito Santo que estava com Zacarias e seu filho João, é o mesmo que estava com Jesus. Consta na Bíblia:
«No sexto mês, Deus enviou o Anjo Gabriel a Nazaré, cidade da Galileia. A uma virgem desposada com um varão cujo nome era José, descendente de David, e o nome da virgem era Maria.»

[S. Lucas 1:26-27]

Portanto, com isto torna-se claro que Espírito Santo é um dos anjos de Deus. Do versículo da Bíblia, concluímos também que "Cristo" não é um nome mas sim um título. Cristo é tradução da palavra hebraica *"Messiah"*, que significa "ungido" (esfregado com óleo). A palavra grega para "ungido" é *"Christos"*, de onde vem a palavra "Cristo".
Profetas, padres e reis eram ungidos quando consagrados aos seus cargos. Isto porque os judeus tinham o costume de esfregar os corpos dos profetas, reis e grandes sacerdotes com óleo sagrado, quando esses assumiam um cargo, e deitavam óleo sobre a cabeça deles como sinal de que foram escolhidos por Deus; e a seguir davam-lhe o título de "Messias":

«Então, levantou-se Jacob pela manhã, de madrugada, e tomou a pedra que tinha sido posta por sua cabeceira, e a pós por coluna, e derramou azeite em cima dela, e chamou àquele lugar o nome de Betel.»

[Génesis 28:18-19 e 30:22-37]

Neste contexto e à base desse costume, Moisés também foi Messias porque era profeta. David era Messias, porque era profeta e rei e Salomão também. E todos os sacerdotes no seio dos israelitas eram Messias e Jesus também, porque era profeta. Só que depois quando esse termo foi adoptado para outras línguas, passou a designar exclusivamente Jesus, tornando-se um dos seus títulos. A Bíblia confere este título até mesmo a um rei pagão Ciro [vide Isaías 45:1].

O nome que foi dado para denominar o filho de Maria antes dele nascer foi Jesus. Em árabe, o nome que foi utilizado no sagrado Al-Qur'án é *"Issa"*. Em hebraico é *"Esu"* que depois quando foi escrito em latim acrescentou-se o "J" no inicio e "S" no fim, passando a ser "Jesus" e não "Cristo".
Só depois do seu baptismo, pelas mãos de João Baptista, é que Jesus reivindicou ser Cristo. Os judeus não estavam prontos para aceitar essa reivindicação, por isso pediram-lhe provas [S. Mateus 12:39-40].
Issa foi chamado *"Al-Massih"* onze vezes no sagrado Al-Qur'án. O uso do artigo definido *"Al"* pode sugerir que havia só um *Massih*. De facto, em parte alguma deste sagrado livro se menciona qualquer outro *Massih*, quer no passado como no futuro, apesar de no judaísmo o termo *"Messiah"* ter sido usado para indivíduos diferentes. Um aspecto interessante é de que no sagrado Al-Qur'án, Jesus é mencionado vinte e cinco vezes pelo seu nome, enquanto o profeta Muhammad ﷺ é mencionado apenas cinco.
No sagrado Al-Qur'án, os cristãos não foram chamados pelo título *"Massih"*, mas por *"Nassára"* ou Nazarenos. À semelhança do sagrado Al-Qur'án e provavelmente contra o que muitos pensam, o termo "Cristão" nunca foi usado nos Evangelhos. Além disso, ele aparece apenas três vezes no Novo Testamento, duas vezes no Actos e uma vez na Epístola de Pedro. Portanto, o Al-Qur'án e o Novo Testamento concordam que Jesus era o Messias.
Foi em Antioquia que os discípulos receberam pela primeira vez o nome de "Cristãos" [Actos dos Apóstolos 11:25-26]. Isto sugere que foi muito depois de Jesus ter desaparecido que os seus discípulos ou algum dos seus seguidores começaram a ser conhecidos por "cristãos".

Há aqui um ponto importante a ser tomado em consideração: O conceito de *"Qudduss"* (*Kiddush* em hebraico), que em árabe significa "Santo", no Judaísmo e no Cristianismo difere daquilo que é no Isslam.
Naquelas duas religiões, esse termo significa "consagração" ou "manter afastado". Mas no conceito isslâmico a palavra árabe *"Taqdiss"*, que provém de *"Qudduss"*, significa "glorificar ou exaltar ALLAH acima de tudo", ou seja, sem Lhe associar qualquer parceiro.
Na lei de Moisés, Deus disse-lhe: «Consagra-Me todo o primogénito, aquele que abre o ventre materno, entre os Filhos de Israel, dos homens e dos animais; ele é para Mim» [Êxodo 13:2].

Portanto, a palavra "Santo" é usada para consagrar o primogénito, que é o primeiro bebé saído do útero duma mãe. Isto indica que Jesus foi um recém-nascido normal, sujeito a tudo aquilo que outras crianças podiam suportar, pelo que tanto ele como a mãe estavam inteiramente sujeitos à lei de Moisés.
Depois disto, temos que afirmar que Jesus foi criado a partir do barro (terra), da essência da humanidade, pois nasceu de Maria, uma das filhas de Adão, o primeiro ser humano na Terra, criado também através de barro.
O milagre aqui reside no facto de que Deus tem todo o poder de fazer com que uma mulher estéril possa dar à luz, assim como a virgem, de acordo com o que consta no sagrado Al-Qur'án:
«O caso de Jesus perante Deus é como o de Adão; Ele o criou a partir da terra e a seguir disse: "seja", e já era.»

[Al-Qur'án 3:19]

A criação de Adão foi um milagre de Deus, assim como o foi a criação de Eva a partir do corpo de Adão.
Quando S. Lucas identifica a situação, faz a ligação entre o nascimento de João Baptista e o de Jesus. Ele regista que quando Maria ficou surpreendida porque havia de dar à luz enquanto era virgem e perguntou ao Anjo: «Como é que isso acontecerá se sou virgem e nenhum varão me tocou», o Anjo respondeu: «O Espírito Santo virá sobre você, e o poder do Altíssimo a cobrirá com Sua sombra; assim, aquele que nascer será chamado Santo, filho de Deus. Também Isabel, tua prima, terá um filho na velhice. Aquela que diziam ser estéril, já está no seu sexto mês de gestação, pois para Deus nada é impossível».

[S. Lucas 1:34-37]

Longe da sua família, com dores e num local público, quase a dar à luz um bebé que as pessoas o considerarão ilícito, Maria encontrava-se numa situação extremamente triste. O teste era tão grande que as suas palavras transportam um sentido de desespero, desejando a morte, que não deixasse nenhum traço dela e fizesse as pessoas se esquecerem por completo. A sua invocação reflecte o facto de que ela sentiu muita vergonha pensando naquilo que as pessoas a iriam acusar.
Veja-se como os tempos mudaram, pois hoje em dia as mulheres não casadas, incluindo as que alegam professar a religião cristã, engravidam e dão à luz sem qualquer remorso ou vergonha; e depois, com muito orgulho aparecem perante a sociedade como "mães solteiras"!

Ela que viveu toda a vida em total solidão adorando Deus e que nunca cometeu qualquer acto imoral ou indecente, agora estava a enfrentar uma acusação vergonhosa e insuportável de adultério.
Todas as grandes individualidades estão sujeitas a testes, mas finalmente isso proporciona-lhes mais qualidades nobres e purifica-lhes ainda mais espiritualmente. É assim que Deus descreve como Ele testa até mesmo os mensageiros e seus seguidores [Al-Qur'án 2:214].

Mesmo assim, as pessoas começaram a comentar, especulando sobre a gravidez de antes do tempo. Alguns fizeram graves acusações contra ela, dizendo que fora engravidada por algum soldado romano ou um outro homem estranho, razão pela qual andava deveras preocupada, perguntando a si própria se as pessoas iriam acreditar que ela concebeu sem antes ser tocada por algum homem.
E foi essa a observação que os judeus fizeram quando ela apresentou o bebé, tendo de forma altiva e orgulhosa comentado:
«Nós não somos fruto de adultério; nosso pai é Abraão, pois nós temos pais legítimos.»

[S. João 8:40]

De facto, as palavras de Maria durante as dores de parto, que reflectem aflição, desespero e um sentido profundo de vergonha e apreensão máxima, indicam que o nascimento da criança não seria visto favoravelmente pelas pessoas, porque eles não haviam de reconhecer a legitimidade da criança.

E essas dúvidas continuaram, até que ALLAH nos revelou a realidade do nascimento de Jesus, a fim de elevar o seu grau e o da sua mãe, acabando assim para sempre com as dúvidas que haviam sobre o seu nascimento. O sagrado Al-Qur'án diz que Maria era virgem quando concebeu Jesus milagrosamente, critica fortemente os que acusam a sua incontinência e refuta a acusação contra ela, chamando a isso "uma calúnia monstruosa" [Al-Qur'án 4:156].

Quando o bebé Jesus falou para defender a sua mãe contra a acusação do povo, não disse que era filho legítimo de Maria. Pelo contrário, falou do seu estatuto como profeta e mostrou que de facto era um menino milagroso. Ele estava claramente a dizer às pessoas a acreditarem na sua origem milagrosa, na base da sua natureza milagrosa.

E quando disse que ALLAH lhe recomendou bondade para com a mãe, não mencionou o pai pois não o tinha. O sagrado Al-Qur'án denomina Issa عليه السلام vinte e três vezes por "filho de Maryam" para enfatizar que não tinha pai. E isto é um caso único, pois sempre identifica as pessoas pelos seus pais (filiação), tais como "filhos de Ádam", "filhos de Israel", "filha de Imrán", etc. Não há qualquer versículo onde consta que Maria se casou ou teve mais filhos.

Jesus começou a falar ao dar ênfase de que era um servo de Deus. Isso era importante para as pessoas não ficarem confusas por esse fenómeno único que eles acabavam de assistir e possivelmente atribuir-lhe qualidades divinas. E o que Jesus teve que dizer acerca de si próprio veio ainda a confirmar às pessoas de que era um bebé que estava sendo criado e protegido por Deus, portanto, não podia ser filho de pecado.

GENEALOGIA DE JESUS

Os muçulmanos são unânimes no facto de que Jesus nasceu da Virgem Maria, sem qualquer intervenção humana, isto é, ela não teve que se relacionar com algum homem para gerar o Messias; ele foi criado milagrosamente pelo poder de Deus. Portanto, o método geral conhecido, que consiste na procriação através de macho e fêmea, não teve lugar. Por isso, segundo os princípios isslâmicos, a sua filiação é "Jesus filho de Maria".

Em toda a história relatada pelo sagrado Al-Qur'án assim como pelos Hadices (tradições isslâmicas), não existe nenhum José na vida de Maria e está claro que no momento do nascimento de Jesus, Maria estava sozinha.

Já os judeus levantaram muitas dúvidas e acusações a respeito do nascimento de Jesus. Acusaram a Maria de ter fornicado com José Carpinteiro, surgindo daí a gravidez ilícita de Jesus. É por isso que mais tarde, quando Jesus chamou os judeus para o caminho de Deus, eles desmentiram-no, deturparam as suas palavras e conspiraram em colaboração com os romanos para o matar e crucificar.
O Antigo Testamento em parte alguma faz alusão ao nome de Jesus nem sobre a sua história religiosa.
Imám Qurtubi menciona que segundo os exegetas, tanto os judeus como os cristãos se excederam em relação a Jesus: os primeiros, ao acusar a sua mãe Maria de fornicação, e os últimos, por considerá-lo como deus; ambos os excessos e negligência são maus e levam as pessoas à descrença. Entretanto, o Isslam como uma religião verdadeira e sem exageros nem excessos, defendeu a honra de Maria assim como a correcta posição de Jesus.

Por outro lado, o Novo Testamento menciona um tal José como noivo de Maria no momento da anunciação. Ele está presente na infância de Jesus, mas nunca mais é visto depois de Jesus começar o seu ministério e o desaparecimento dele não é explicado.
Os cristãos ora defendem que Jesus era filho de José ora dizem que é filho de Deus, ao mesmo tempo que vão dizendo que Maria era virgem e que a concepção de Jesus foi virginal, o que implica que José não era pai de Jesus. Como é isso possível? Realmente o que eles dizem dá azo à acusação dos judeus, segundo a qual Maria terá concebido Jesus de José, através do envolvimento antes do casamento.

As linhagens da genealogia de Jesus que aparecem nos Evangelhos de S. Mateus e de S. Lucas estão em contradição, pois há nomes que constam num mas que não constam no outro, embora ambos apresentem Jesus como filho de José Carpinteiro:

- No S. Mateus, José aparece como filho de Matan, filho de Eliazar, enquanto que no S. Lucas José é filho de Heli, filho de Matan, filho de Levi.
- Na genealogia de Jesus até David, S. Mateus menciona 16 gerações, enquanto que S. Lucas menciona 41.
- Segundo S. Mateus, o filho de Zorobabel é Abiud, mas de acordo com S. Lucas, o filho de Zorobabel é Ressa.
- Consta no S. Mateus que Salatiel é filho de Joconias, mas no S. Lucas Salatiel é filho de Neri.

Há muitas outras contradições e diferenças na genealogia relatada pelos Evangelhos e ninguém pode recusar isso. Tudo indica que um desses livros contém erros e não pode ter sido fruto de inspiração Divina, assim como os cristãos reivindicam. E porque não se sabe qual deles é verdadeiro, ambos são duvidosos até que se prove a autenticidade de um deles. Com estas dúvidas não é possível acreditar que se trata de palavras inspiradas.

E porque Jesus não teve pai biológico, a sua filiação deve estar ligada à mãe. Deve-se dizer "filho de Maria", pois não tem lógica relacioná-lo a alguém com quem não tem qualquer ligação consanguínea, nem de perto nem de longe.
É de estranhar a afirmação atribuída a S. Mateus, que diz: «Esta é a genealogia de Jesus Cristo, filho de Abraão». Porém, S. Lucas já não diz isso, pois menciona que não tinha genealogia da parte do pai: «Suponha-se que era filho de José; e este de Eli».

Talvez os cristãos, ao ligarem Jesus a José Carpinteiro e formarem essa genealogia, seja com o intuito de associar Jesus à tribo de Judá, de cuja descendência vem David, e assim apresentá-lo com uma roupagem como se fosse o Messias que os judeus estariam à espera, a fim de se reactivar o reino de Israel, que é de David. É por isso que nos seus Evangelhos utilizam frequentemente o termo "Ó filho de David". Portanto, se ele não tinha um pai biológico, significa que não tinha ligação com David.

Como é que Jesus pode ter uma genealogia humana [S. Mateus 1:1] e em simultâneo ser Deus?
A genealogia de Maria e, por conseguinte, a de seu esposo José, chega à tribo de Levi, da qual faz parte o profeta Aarão, e não à tribo de Judá da qual descende David. Consubstancia isso o seguinte:
«Eis o que o Senhor ordenou a respeito das filhas de Selofad: poderão casar-se com quem lhes aprouver. Contudo, devem contrair matrimónio com alguém da família da sua tribo patriarcal. Deste modo, nenhuma herança dos Filhos de Israel passará de uma tribo para outra; cada um dos Filhos de Israel continuará ligado à herança da tribo dos seus pais.
Toda e qualquer filha que possuir património entre as tribos dos Filhos de Israel, deverá casar-se com alguém que pertença à tribo de seu pai, a fim de que cada um dos filhos de Israel conserve o património da família.

Que nenhuma herança passe de uma tribo para outra diferente, pois cada uma das tribos dos Filhos de Israel deve conservar a sua herança.»

[Números 36:6-9]

Portanto, foi ordenado a cada homem casar-se com uma mulher da sua tribo, e foi ordenado a cada mulher casar-se com um homem da sua tribo. E consta ainda no S. Lucas 1:5:
«No tempo de Herodes, rei da Judeia, havia um sacerdote chamado Zacarias, da classe de Abias, cuja esposa era da descendência de Aarão e se chamava Isabel».

Portanto, Isabel é da descendência de Aarão e se casou com Zacarias, que é da sua tribo e também da descendência de Aarão. Abias faz parte das classes dos sacerdotes dos filhos de Aarão, assim como consta no I Crónicas 24.
E consta no S. Lucas 1:36 que o Anjo disse a Maria: «Também a tua parente Isabel concebeu um filho na sua velhice». Portanto, Maria é parente de Isabel, esposa de Zacarias, pois a genealogia é a familiaridade, e por ser da família, também é da mesma tribo dele.

Se tomarmos em consideração todos estes factos, chegamos à conclusão de que, indubitavelmente, Maria era uma das filhas de Aarão e seu esposo José também foi da mesma descendência. Portanto, Jesus, a mãe e seu esposo José eram da tribo Levi, do clã de Aarão, e não são da tribo de Judá, de cuja descendência vem David.
Na base disso, parece estar errado o que consta nos dois Evangelhos (S. Mateus e S. Lucas) sobre a genealogia de Jesus. Parece ser uma invenção de quem pretende provar que Jesus é da descendência de David, para depois dizer que não há outro Messias esperado, sendo ele o prometido aos judeus.

INFÂNCIA DE JESUS

O feto de Maria começou a se desenvolver no seu útero e durante nove meses passou por todas as fases pelas quais passa um feto comum. Chegado o momento de dar à luz, as dores do parto a atingiram e Jesus nasceu para encarar a vida e cumprir a sua missão.
S. Lucas menciona acerca de José, Maria e Jesus:

«Enquanto estavam lá, chegou o tempo do bebé nascer, e assim ela deu à luz o seu primogénito. Envolveu-o em panos e colocou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedeira.»

[S. Lucas 2:5-7]

Jesus nasceu como qualquer criança e também passou pelo berço. A mãe o amamentava quando estivesse com fome, o acariciava quando chorava, limpava-lhe quando urinasse ou defecasse, agasalhava-o quando sentisse frio, etc. Quando adoecia, a mãe corria para os familiares a fim de lhes pedir conselho e procurar medicamentos.

Quando atingiu oito dias de idade, segundo a lei de Moisés, Jesus foi circuncidado assim como acontece com todas as crianças, ao se cortar a membrana que envolve a glande (o prepúcio):

«E quando os oito dias foram cumpridos para circuncidar o menino, foi-lhe dado o nome de Jesus.»

[S. Lucas 2:21]

E a sua mãe foi purificada e ofereceu-se um sacrifício ao Senhor:

«E, cumprindo-se os dias da purificação dela (corrimento pós-parto), segundo a lei de Moisés, o levaram a Jerusalém, para o apresentarem ao Senhor (segundo o que está escrito na lei do Senhor: Todo o macho primogénito será consagrado ao Senhor). E para darem a oferta segundo o disposto na lei do Senhor: Um par de rolas ou dois pombinhos.»

[S. Lucas 2:22-24]

E com o andar do tempo, Jesus foi crescendo:

«E crescia Jesus em sabedoria e em estatura, e em graça para com Deus e os homens.»

[S. Lucas 2:52]

Quando atingiu doze anos de idade, segundo a lei judaica, alcançou a puberdade e começou a ser tratado como homem. Agora tinha que escolher uma profissão, e assim saía com José para a sua loja e começou a praticar a carpintaria e tomou isso como sua profissão, trabalhando com todo o esforço, empenho e dedicação, desde amanhecer até o pôr do Sol. Portanto, foi um carpinteiro entre os doze e trinta anos, isto é, durante dezoito anos da sua vida.

Quando anoitecia ou chegava Sábado, feriado semanal, ia ao templo estudar as leis israelitas (o Shari'ah) dos chefes e sacerdotes religiosos.
Todo o judeu tinha que ir à Jerusalém em peregrinação, uma vez em cada dois anos, no tempo de festa, em que se comemoravam a sua saída do Egipto com Moisés, bem como a sua libertação da escravatura do Faraó.

Sobre a infância e crescimento de Jesus, não há muita informação, e pouco se sabe acerca dos seus primeiros anos de vida. As várias versões do Evangelho também falam pouco acerca da sua vida desde o nascimento até a sua missão. Dizem apenas que ele praticava a carpintaria [Mateus 13:55].
Tudo indica que ele teve um crescimento normal, como tantas outras crianças da época. Acompanhava a sua mãe entre Nazaré e Jerusalém e era distinto dada a sua inteligência profunda, não se preocupando com brincadeiras, entretenimentos, aparência das coisas, etc., pois reflectia profundamente sobre tudo. Quando achasse que aquilo que os eruditos e filósofos da época diziam não estava correcto, rebatia as suas teorias.

Consta no S. Lucas:
«Ora, todos os anos iam seus pais a Jerusalém à festa da Páscoa; e tendo ele já doze anos, subiram a Jerusalém, segundo o costume do dia da festa.
E, regressando eles terminados aqueles dias, ficou o menino Jesus em Jerusalém, e não o soube José nem sua mãe. Pensando, porém, eles que viria de companhia pelo caminho, andaram caminho de um dia, e procuravam-no entre os parentes e conhecidos. E como o não encontrassem, voltaram a Jerusalém em busca dele.
E aconteceu que passados três dias, o acharam no templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os. E todos os que o ouviam admiravam a sua inteligência e respostas.
E quando o viram, maravilharam-se, e disse-lhe sua mãe: Filho, por que fizeste assim para connosco? Eis que teu pai e eu ansiosos te procurávamos.
E ele lhes disse: Por que é que me procuráveis? Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai? E eles não compreenderam as palavras que lhes dizia.
E desceu com eles e foi para Nazaré, e era-lhes sujeito. E sua mãe guardava no seu coração todas estas coisas.»

[S. Lucas 2:41-51]

Quando atingiu dezoito anos, José faleceu e tornou-se no único apoio para sua mãe e irmãos, por ser o filho mais velho. Portanto, tinha que continuar a trabalhar na loja de seu pai para sustentar essa pequena família, procurando para eles alimento e vestuário. E assim trabalhava com o serrote todo o dia para conseguir algum sustento, já que quem não trabalha não come e quem não come morre.
Aos trinta anos, foi ao rio Jordão para ser baptizado por João Baptista, que estava a baptizar o povo para os purificar do pecado:
«E aconteceu que quando todo o povo estava sendo baptizado, também Jesus foi baptizado. Orando ele, o céu se abriu.»

[S. Lucas 3:21]

Desde o nascimento até à altura em que foi escolhido como mensageiro, aos trinta anos, Jesus viveu como uma pessoa normal. Foi uma criança obediente e como jovem, foi sujeito a experiências, tendo aprendido do sucesso e do fracasso.
Durante esse período, nada de anormal lhe ocorreu para além dos dois milagres: o nascimento e o facto de falar ainda no colo da mãe, dirigindo-se aos que faziam falsas acusações contra ela.
Salienta-se que nenhum dos Evangelhos menciona este último milagre, talvez para, segundo o Sheikh Sha’ráwi, tentar se esconder as provas daquilo que ele pronunciou, indicando claramente que era servo de Deus: *«Eu sou um servo de Deus; Ele me deu o Livro e fez de mim um profeta.»*

Fora desses dois milagres, até essa altura Jesus não apresentava nada que o distinguisse do resto das pessoas. Jesus falou apenas uma vez no berço e depois disso não falou mais até atingir a idade em que normalmente as crianças começam a pronunciar as primeiras palavras, evoluindo até à conversação normal.
Em todas as fases do seu crescimento, seja berço, infância, adolescência ou juventude, não se registou qualquer evento que o elevasse do grau normal das pessoas ou que o tirasse da natureza humana normal, até que atingiu o grau de profecia.
C.J. Cadoux, escreve no seu livro “A Vida de Jesus” o seguinte:
«Nos quatro Evangelhos, que são os documentos principais a que devemos recorrer se quisermos complementar os nossos conhecimentos adquiridos através de outras fontes, encontramos material de qualidade muito diferente no que respeita à credibilidade.

O elemento de incerteza é tão vasto que nos leva a desanimar e a considerar a tarefa como irrealizável. As inconsistências históricas e os factos improváveis que se nos deparam em certas partes do Evangelho têm constituído alguns dos argumentos avançados a favor da teoria do mito de Cristo.
No entanto, estes mesmos argumentos tão desprovidos de consistência, são de importância capital como já o demonstramos por outras razões. Também as discrepâncias e incertezas que restam, são bastante sérias, e em consequência disso muitos estudiosos modernos que não têm a mais pequena dúvida da existência real de Jesus, consideram como caso sem esperança todas e quaisquer tentativas de se separar a verdade histórica da lenda ou do mito que os Evangelhos contêm, para reconstruir a história da missão de Jesus, à luz da verdade histórica.»

DATA DE NASCIMENTO DE JESUS

A data tradicional do nascimento de Jesus há muito que tem sido objecto de reservas por parte de historiadores e religiosos de diversas escolas desde os finais do século passado, no que se refere à sua exactidão.
Do ponto de vista histórico, os únicos documentos que assinalam com alguma garantia a presença de Jesus na Palestina há dois mil anos, são os Evangelhos, e estes nada referem sobre o dia, mês e ano de seu nascimento.
Apenas o Evangelho de S. Mateus faculta-nos alguma luz sobre uma data imprecisa de nascimento, referindo apenas que Jesus nasceu no tempo de Herodes, facto este que levou os historiadores que se têm debruçado sobre o Cristianismo a situar a sua natividade. Segundo dados históricos credíveis, Herodes o Grande, morreu no ano IV AC (quatro anos antes da era cristã).

O início da chamada Era Cristã ou Ano 1, foi um acto arbitrário que começou a ser imposto no século VI DC, no tempo do imperador romano Justiniano, por acção dum monge de nome Dionísio o Pequeno, que elaborou uma série de cálculos afirmando ter colhido do Evangelho de S. Lucas.
O dia e o mês de nascimento foram sempre controversos nos tempos do Cristianismo primitivo. O Natal não era comemorado pelos primeiros cristãos, pois não existe prova de que os discípulos de Jesus do primeiro século comemorassem tal dia.

No livro "Origens Sagradas de Coisas Profundas" (tradução livre) consta: «Por dois séculos após o nascimento de Cristo, ninguém sabia e poucos se importavam em saber exactamente quando é que ele nasceu». A enciclopédia "World Book" menciona: «Os primeiros cristãos consideravam um costume pagão celebrar a data de nascimento de qualquer pessoa».

Mas será que realmente Jesus nasceu neste dia? E em Dezembro? Qual terá sido o dia exacto do seu nascimento?
A "Encyclopaedia of Early Christianity" diz: «Não se sabe a data exacta do nascimento de Jesus».
O 25 de Dezembro não aparece em lugar algum da Bíblia. Se quisermos olhar para as informações bíblicas, conclui-se que Dezembro é um mês em que Jesus não pode ter nascido, pois a Bíblia apresenta provas disso, pelo que essa data está fora da questão.
O Evangelho de S. Lucas apresenta um relato cuidadosamente documentado do nascimento de Jesus. Indica que na noite em que ele nasceu, havia na região de Belém pastores que estavam no campo e lá pernoitavam, guardando os seus rebanhos durante a noite. Esse relato levou os padres da Igreja primitiva a pensar que tal teria ocorrido na Primavera, já com clima ameno, o que não acontece no Inverno da Palestina.

E se tivermos em conta que o dia 25 de Dezembro é época de pleno Inverno, que na Palestina e na região circundante de Belém ocorre de Novembro a Março, nevando durante esse tempo, é época fria e chuvosa, é impossível ou dificilmente se pode pensar que nesse mês houvesse pastores ao ar livre e à noite, cuidando dos seus rebanhos. Tanto os rebanhos como os pastores permanecem dentro dos estábulos, e nos abrigos, para se proteger do frio e da chuva.
Só no Verão do Médio Oriente, que ocorre a partir de Março, as condições climáticas começam a melhorar; os pastores retiravam os rebanhos dos campos em meados de Outubro na época quente. Portanto, se quando Jesus nasceu havia pastores com suas ovelhas permanecendo ao ar livre e à noite, é provável que tenha sido em qualquer mês do ano, excepto Dezembro. Daí pode-se deduzir que Jesus não nasceu no Inverno.

Por isso, mesmo entre os teólogos cristãos há datas diferentes de Natal. Por exemplo, S. Clemente de Alexandria, um dos mais conhecidos bispos cristãos

da antiguidade), defende que o nascimento de Jesus ocorreu a 20 de Abril, enquanto outros acham que tenha sido em 6 de Janeiro, outros ainda dizem que foi a 25 de Maio, 17 de Novembro, que foi no mês de Setembro, Outubro, etc.
A Igreja Copta no Egipto festeja o nascimento de Jesus no início de Janeiro, enquanto a Ortodoxa o festeja no Domingo de Epifania. Portanto, não se sabe ao certo em que dia nasceu Jesus e nem a Bíblia indica isso, mas que o 25 de Dezembro não corresponde à verdade; foi o Papa Júlio I quem fixou esta data para celebrar pela primeira vez o Natal, no ano 350 [Wikipédia].

As Igrejas Cristãs Orientais não celebram esta efeméride na mesma data. Ao longo de séculos, em especial a partir da Idade Média, no espaço europeu sob o domínio espiritual do papado romano, tal data nunca mereceu contestação, mas na parte oriental do antigo Império Romano, as celebrações nunca foram concordantes com o Vaticano. Consta no "Our Sunday Visitors Catholic Encyclopedia": «Existe consenso sobre o facto de Jesus não ter nascido no dia 25 de Dezembro».
Segundo o sagrado Al-Qur'án, Jesus nasceu na época de tâmaras frescas, e isso no Médio Oriente, nunca pode ocorrer em Dezembro. Porém, o Natal celebrado em 25 de Dezembro é o mais popular de todas as festas cristãs, comemorado tanto por milhares de professantes como por ateus, sendo a partir do ano 529 que se tornou feriado civil [BBC, *in* Al-Mujtama, Kuwait, edição de 24/12/2010].
Porque então é celebrado nesse dia?
"The New Encyclopaedia Britannica" mostra que esta celebração foi adoptada centenas de anos após o desaparecimento de Jesus: «Durante o século IV DC, na maioria das igrejas orientais passou a se adoptar gradualmente a celebração do nascimento de Cristo em 25 de Dezembro. Em Jerusalém, a oposição ao Natal durou mais tempo, mas acabou sendo aceite».

A questão que surge é como este costume foi aceite tão facilmente, muitos séculos depois de Cristo, por aqueles que se intitulavam cristãos?
"The New Encyclopaedia Britannica" lança mais luz sobre este assunto: «Os costumes tradicionais relacionados com o Natal tiveram origem em diversas fontes, em resultado da coincidência da celebração do nascimento de Cristo com as observâncias agrícolas e solares pagãs no meio do Inverno. No mundo romano, as festas saturnais (17 de Dezembro) eram uma ocasião de festejos e de troca de presentes. O 25 de Dezembro também era considerado como data natalícia do misterioso "deus" Mitra**,** o Sol da justiça».

Será que tudo isso era realmente coincidência? De modo algum! É um facto histórico que no século IV DC o Império Romano, no tempo do imperador Constantino, mudou de opressor do Cristianismo para defensor de um "Cristianismo" como religião aceite, ao passo que a maioria da população em geral, à qual faltava uma formação no verdadeiro sentido da religião, adoptou esta nova crença, começou a celebrar suas habituais festividades pagãs com recentemente conhecidos títulos "cristãos".

Os discípulos que tinham a responsabilidade de ajudar os outros a sair da escuridão espiritual e a entrar na luz da verdade [I S. Pedro 2:9-10] permitiram que os ensinamentos de Jesus se misturassem com costumes e feriados de origem pagã, pois eles foram salvos do paganismo através de Jesus e agora já representavam a adoração pura. E ai estava a diferença entre eles e os judeus que tinham rejeitado Jesus.

O certo é que 25 de Dezembro vingou na tradição cristã ocidental e tal aconteceu a partir da época do imperador Constantino, uma época que também levou a uniformização da doutrina em torno dos quatro Evangelhos – Mateus, Marcos, Lucas e João – que os rotulou de canónicos, e a outros de apócrifos.
A Enciclopédia Americana diz: «O motivo da escolha do dia 25 de Dezembro para o Natal não é tão claro, mas acredita-se que foi para corresponder às festividades pagãs que eram realizadas por volta da época do solstício de Inverno, quando os dias começavam a ficar mais longos, a fim de celebrar o "renascimento do Sol". A Saturnal Romana (uma festa em honra a Saturno, o deus da agricultura, e ao renovado poder do Sol) também era realizada nessa época».

Nessas festividades, os participantes geralmente se comportavam de modo imoral e descontrolado. É interessante notar que o mesmo comportamento é característico de muitas celebrações natalícias, pois é nessas ocasiões em que as medidas de segurança tendem a ser reforçadas e é a altura do ano em que ocorre mais brigas, pancadarias, bebedeira, acidentes, enchentes nos hospitais, etc.
De facto a nossa informação acerca de Jesus é tão fragmentada e incerta que não conseguimos ter uma imagem clara da sua vida e personalidade. Existem dúvidas em relação à data de nascimento, não se sabendo sobre os seus primeiros trinta anos de vida.

Existem divergências em relação à questão da sua morte. Os Evangelhos apenas nos narram pouco mais de dez anos da sua vida e ainda assim, de uma forma que dificilmente pode ser aceite como constituindo uma verdade histórica.

A ORIGEM PAGÃ DO NATAL

O Natal tem sua origem no paganismo e nas suas celebrações, muito antes do nascimento de Jesus, quando nas culturas antigas se celebrava a mudança de estação.

Há quem diga que a primeira referência ao Natal está ligada a Nimrod, um rei pervertido da Babilónia que, segundo consta, se casou com a própria mãe chamada Semiramis**.**
Depois de morto, a sua mãe e simultaneamente esposa propagou a perversa doutrina de reencarnação de Nimrod no seu filho Tamuz. Declarou então que em cada aniversário natalício (nascimento), Nimrod desejava presentes numa árvore. E a data do seu nascimento seria supostamente 25 de Dezembro. Na opinião de alguns, esta é a verdadeira origem da "árvore de Natal".

Entretanto, no antigo sistema religioso romano, Saturno era conhecido como "deus da agricultura". Todos os anos durante o Verão, o "deus" Júpiter forçava Saturno a sair da sua posição dominante, e os dias iam-se tornando mais curtos. No templo de Saturno em Roma, os seus pés eram simbolicamente amarrados com correntes até ao solstício de Inverno, quando os dias se começavam a alongar novamente. Era esta uma época de celebração e de troca de presentes, uma vez que a dureza do Inverno começava a desvanecer-se.

O 25 de Dezembro coincidia com o dia de nascimento do deus Sol Mitra, o que se fez coincidir com a data de nascimento de Jesus. Segundo a Encyclopaedia Britannica: «Uma explicação amplamente difundida sobre a origem dessa data é que o dia 25 de Dezembro surgiu em decorrência da cristianização do *Dies Solis Invicti Nati* (dia do nascimento do Sol invicto); esse dia era um feriado popular no Império Romano, que celebrava o solstício de Inverno, simbolizando o retorno do Sol, o fim de Inverno e a proclamação do renascimento da Primavera e do Verão».

No século XVII, essa festividade foi proibida na Inglaterra e em algumas colónias americanas. Quem ficasse em casa e não fosse trabalhar no dia de Natal era multado. Mas os velhos costumes logo voltaram e o Natal voltou a ser um grande feriado religioso em muitos países.
Até ao século IV, a Igreja Romana não permitia a participação nessa festividade, mas acabou por adoptá-la como feriado na tentativa de convertê-la em celebração do nascimento de Cristo, passando a designá-la de "festa da natividade".
Só nessa altura é que a data foi integrada na cultura ocidental. A maior parte do mundo pagão de então celebrava essa famosa data de nascimento, desde muitos séculos antes do nascimento de Jesus.

O próprio Jesus, os apóstolos, os cristãos primitivos e a Igreja nunca celebraram o nascimento de Jesus em época alguma. Na Bíblia, não há mandamento nem instrução alguma para celebrá-lo, sendo portanto uma inovação na religião.
Segundo a "Enciclopédia Judaica", a celebração natalícia era desconhecida no ritual tradicional judaico, e sabe-se que Jesus e seus primeiros seguidores eram de origem judaica.

O CRISTIANISMO ADOPTOU MUITOS HÁBITOS PAGÃOS

O Natal tornava-se então na festa tradicional mais importante para os cristãos. No entanto, não só a data tem a sua origem no paganismo, pois muitos dos hábitos pagãos antigos permanecem até hoje, tornando-se imprescindíveis nessa época:

a) Veneração da Virgem e do Menino
Diz-se que o Presépio é uma continuação do mesmo tipo de adoração aos deuses pagãos. No Egipto, esses deuses chamavam-se Ísis e Osíris, na Ásia chamavam-se Cibele e Deois, na Roma pagã chamavam-se Fortuna e Júpiter, e até mesmo na Grécia, China e Japão se pode encontrar o equivalente a Madona, muito antes do nascimento de Jesus.
No Egipto, sempre acreditou-se que o filho de Ísis, a "Rainha do Céu", nascera no dia 25 de Dezembro.

b) Árvore de Natal e o Musgo

Um dos símbolos de vida encontrados nas celebrações romanas era o uso de árvores verdes. Estas plantas que permaneciam verdes durante o ano todo, eram usadas nas diferentes culturas como símbolo de vida e renascimento. Por isso as decoravam com alguns elementos que faziam parte da adoração em cerimónias religiosas, sendo associadas à fertilidade.

O musgo era considerado uma planta curativa e por isso utilizava-se em muitas práticas médicas antigas. Os Celtas acreditavam que a planta, um parasita em árvores verdes, continha a alma da árvore onde vivia. Também os Druidas usavam o musgo nas suas cerimónias religiosas.

Os sacerdotes cortavam-no e o distribuíam pelo povo, que o colocava sobre as portas das casas, assim como fazem os hindus ainda hoje ao cortarem as folhas das mangueiras e colocarem nas portas das entradas pensando que assim protegeriam o lar de vários males.
A Bíblia predisse e proibiu claramente a decoração de árvores, conforme consta nos seguintes versículos:
«Assim diz o Senhor: Não aprendais o caminho das nações, nem vos espanteis com os sinais dos céus, porque com eles se atemorizam as nações, porque os costumes dos povos são a vaidade, pois cortam do bosque um madeiro, obra das mãos de artífice com machado. Com prata e com ouro o enfeitam, com pregos e com martelos o firmam, para que não se mova.
São como a palmeira, obra torneada, mas não podem falar, necessitam de quem os leve, porquanto não podem andar. Não tenhais receio deles, pois não podem fazer mal e tão pouco têm o poder de fazer bem.»

[Jeremias 10:2-5]

c) Coroa Verde e as Velas

A coroa verde adornada com fitas e bolas coloridas que enfeita as portas de tantos lares é também de origem pagã. O seu uso remonta aos costumes pagãos de adornarem edifícios e locais de adoração para a festividade que se celebra ao mesmo tempo que o actual Natal.
Igualmente as velas, símbolo de Natal, são uma velha tradição pagã, pois acendiam-se ao acaso para reanimar o deus Sol, quando este se extinguia para dar lugar a noite.

d) Páscoa

Segundo a "Encyclopaedia Britannica": «Não há provas de celebração da festividade da Páscoa no Novo Testamento [...] A festa da Páscoa tem raízes na adoração pagã».

Embora seja realizada supostamente para comemorar a ressurreição de Jesus, os costumes ligados ao período da Páscoa não são cristãos; por exemplo, a respeito do popular "coelhinho da Páscoa", a Enciclopédia Católica menciona que «o coelhinho é símbolo pagão e sempre foi o emblema da fertilidade».

A história do Natal é controversa desde o início; muitas das celebrações que deram origem ao feriado cristão eram práticas pagãs, não bem vistas pela Igreja. Hoje, as tradições de Natal diferem de acordo com os costumes de cada país.

Para muitos, esta é a única época do ano em que as pessoas são lembradas, alimentadas e até "presenteadas". A troca de presentes entre amigos é característica do Natal, mas este costume parece também nada ter a ver com o Cristianismo. Há uma referência bíblica que diz o seguinte:

«Tendo nascido Jesus em Belém da Judeia, no tempo do rei Herodes, em que uns magos vieram do Oriente a Jerusalém [...] e entrado na casa, acharam o menino com Maria, sua mãe e, prostrando-se, o adoraram; e abrindo os seus tesouros, ofertaram-lhe dádivas: ouro, incenso e mirra.»

No Oriente, é costume não entrar de mãos vazias num local onde estejam reis ou pessoas importantes. Encontramos com frequência esse tipo de descrições no Antigo Testamento, hábitos que ainda persistem. Os magos não estavam instituindo um novo costume cristão mas sim procedendo de acordo com antigos costumes orientais.

O padre Dino Bottino, da Igreja do Sagrado Coração no norte da Itália, diz: «O Pai Natal e a bruxa boa chamada Befana, que traz presentes às crianças no Ano Novo, não existem; são fábulas semelhantes à Cinderela e Branca de Neve». Ele afirmou ainda que isso era uma invenção que nada tinha haver com a história do Natal cristão [vide Diário de Moçambique, Dezembro de 2008].

Os muçulmanos e cristãos verdadeiros podem aprender muito com o Natal, a celebração anual da vitória do paganismo acima da religião de Jesus. Ninguém disputa que o evento e todos os seus símbolos advêm de religiões pagãs, pois isso nada tem haver com os ensinamentos de Jesus, porque ninguém sabe

com exactidão a data do seu nascimento. Aliás, teólogos reputados sugeriram datas em quase todos os meses do ano, assim como consta no “The American Book of Days”.

Por outro lado, a celebração de aniversários é em si uma ideia pagã, pois nunca foi promovida por qualquer profeta ou livro Divino, incluindo a Bíblia ou o sagrado Al-Qur’án. Os primeiros líderes religiosos se opunham fortemente a isso.
Por volta de 245 DC, o filósofo e padre da Igreja Africana Origen, escreveu que até mesmo contemplar a observação do dia do nascimento de Jesus é pecado, “como se ele fosse um Rei Faraó” [The American Book of Days].

Mas os pagãos tinham orações e celebrações durante a época de Inverno. Os que adoravam Sol por causa do seu aparente poder, costumavam ficar preocupados acerca do destino do seu “deus”, num mundo de muitos deuses, à medida em que os dias se tornavam mais curtos e o ar mais frio. Parecia que o Sol estivesse a ser derrotado pelo deus da neve, que trazia consigo a morte e a miséria.
Em Roma, no solstício de Inverno, o Sol estava no seu ponto mais fraco no dia 25 de Dezembro e tinha que nascer de novo com ajuda da fogueira da festa, luzes, procissões e orações [Readers Digest, Book of Christmas]. A época da festa pagã romana era chamada Saturnália (Saturnaes), celebrada todos os anos a 16, 17 e 18 de Dezembro. Os persas também tinham celebrações semelhantes para Mitra.

As plantas como o azevinho, a hera e o visco, que se mantinham sempre verdes mesmo durante o Inverno, eram bastante estimadas pelos pagãos supostamente por terem poderes mágicos.
Os Druidas, cujos templos ainda hoje podem ser encontrados na Inglaterra, consideravam o visco com veneração e respeito e usavam-no para queimar no sacrifício durante as festividades de solstício; eles usavam-no também para pendurar nas suas casas.
Eles pensavam que isso lhes trazia sorte, fertilidade, protecção contra feitiçaria e bruxaria e que era um antídoto contra veneno. O visco ainda hoje é usado. De facto, quando alguém não conhece um Deus Único, até mesmo as folhas e plantas podem tornar-se divindade.

Os líderes primitivos da Igreja queriam cristianizar as festividades pagãs e o seu princípio operante baseava-se no lema “se não consegues vencê-los, junta-te a

eles". No ano 601, o Papa Gregório declarou que «para as mentes endurecidas (obstinadas), é impossível cortar tudo duma só vez»; daí nasceu um outro princípio: "Quando estiveres em Roma, faça o que os romanos fazem".
Assim procederam, primeiro gradual e depois rapidamente. O deus Sol foi substituído pelo deus filho (filho de Deus) e Saturnália foi substituída pela cerimónia de Cristo, que mais tarde se tornou Natal. Por muitos séculos, isso era apenas um aniversário da Igreja, observado pelos serviços religiosos.

No Natal, homens e mulheres não se podiam enfeitar, não havia augúrios como a superstição acerca do fogo, as casas não eram para ser decoradas, nem se trocava presentes. As mesas não eram cheias e mantinha-se uma vigilância rigorosa sobre as bebidas. Entretanto, a falsidade e a inovação afugentaram a verdadeira religião.
Vejamos as prendas de Natal, práticas adoptadas de hábitos romanos em dar bonecas no lugar de seus costumes bárbaros primitivos de oferecer sacrifícios humanos. A Igreja primitiva olhava com desdém a prática de dar prendas por ser um costume pagão, mas as pessoas gostavam tanto que não queriam abandonar tais práticas, e assim a Igreja finalmente aceitou a ideia, ratificando-a [Barbara Rink, The Family Christmas Book].

Agora consideremos o retrato de Saturnália e comparemo-lo com as proibições originais acima mencionadas. Uma quinzena de ameaças de tumultos, bebedeira, barulho, jogos, escravas nuas cantando, homens vestindo-se como animais e comportando-se com menos dignidade, sexo libertino e na maioria das vezes com perversão [Readers Digest, Book of Christmas]. Qualquer um pode ver qual é o quadro que está mais próximo do Natal celebrado actualmente.
Com a chegada do Capitalismo, os antigos pagãos ganharam um novo aliado. George Bernard Shaw observou: «O Natal é forçado (imposto) sobre uma relutante nação, pelos lojistas e pela imprensa». Essa é a maneira como eles podem servir a Deus e ganhar dinheiro ao mesmo tempo. Isso é em si uma ideia pagã que hoje está bem viva.

A derrota do cristianismo pelas mãos do paganismo deve ser comparada com a vitória ressonante do Isslam sobre ele. Antes, a Arábia era um território dominado pelos pagãos, mas absolutamente nenhum costume pagão sobreviveu aí com o advento do Isslam.

Nada se assemelhou a "as pessoas gostavam e queriam, por isso o Isslam permitiu", pois o Isslam erradicou por completo não só as crenças como também as práticas e símbolos do paganismo. E ainda hoje o Isslam não tolera inovações na religião, sendo por isso que os muçulmanos são conotados como "intolerantes".

Este aspecto conservador em si só é um milagre, facto sobre o qual os estudantes sérios de religiões comparativas devem reflectir. Esta é uma prova viva da rectidão do último mensageiro Divino (que a paz e a bênção de Deus estejam com ele).

O sucesso continuou por mais de catorze séculos está naquilo que o grande teólogo canadiano Stuart Brow deplora como "a antipatia dos muçulmanos à inovação" [The Nearest in Affection, Book Review].

O primeiro Khalifa Abu Bakr ﵁ declarou no seu primeiro discurso depois de ter sido escolhido para esse cargo, de que ele era um seguidor e não inovador, traçando assim a linha para todos os seus sucessores.

Ao longo de toda a história isslâmica, sempre houve e existem tentativas de introduzir inovações na religião como sendo "práticas boas e inocentes", mas ao contrário do Cristianismo, os teólogos muçulmanos bem guiados combatem isso com toda a firmeza.

Alguns muçulmanos também podem aprender do Natal; os que de entre nós questionam qual o mal de celebrar o chamado *Maulidun-Nabi*, ou seja, nascimento do profeta Muhammad ﷺ, que saibam que o Natal também começou como *"Maulid"* para Jesus.

CRISTIANISMO VS MITRAÍSMO

As primeiras doutrinas pagãs que desempenharam um grande papel na constituição do politeísmo foram as egípcias, as gregas, as romanas, as indianas e as de origem árabe.

No seu livro "Pagan and Christ", o autor Robertson menciona que Mitraísmo é uma religião de origem persa, que se desenvolveu cerca de seis séculos antes da era cristã e chegou a Roma por volta dos anos 70 DC, onde se espalhou por terras do Alto Império Romano. Mais tarde, atingiu o Baixo Império (Inglaterra) e norte de África; contudo, a sua maior concentração sempre manteve-se em Roma.

A prática do Mitraísmo assim como de outras religiões pagãs foi declarada ilegal pelo imperador romano Teodósio I, no ano 391 DC. O Cristianismo substitui então o Mitraísmo durante o século IV e se converte na única religião permitida em Roma. Contudo, é provável que a sua prática tenha continuado ainda por mais tempo.

As primeiras provas materiais do culto a Mitra datam de 71 ou 72 DC. Em finais do século II, o Mitraísmo já estava amplamente popularizado no exército romano, bem como entre comerciantes, funcionários e escravos.
Esta religião pagã alcançou a sua máxima expansão geográfica nos séculos III e IV DC, tornando-se num forte concorrente para o Cristianismo, pois recebia particular aderência por parte dos soldados romanos.
Como já se tornava difícil implementar e expandir o Cristianismo no seio das pessoas, uma vez que o Mitraísmo predominava não só entre altas individualidades como também nos soldados romanos, a única saída seria "adaptar-se" ou "aliar-se" ao concorrente.

Robertson afirma que os princípios básicos do Mitraísmo penetraram no Cristianismo da seguinte forma:

Mitra	**Cristo**
Foi um intermediário entre Deus e o Homem.	Jesus também é considerado intermediário entre Deus e Homem [Actos 4:12].
Nasceu numa cave.	Nasceu numa manjedoura [S. Lucas 2:7].
O seu nascimento foi no dia 25 de Dezembro.	O nascimento de Jesus é celebrado no mesmo dia, sem contudo haver provas para tal.
Tinha doze discípulos.	Também teve doze discípulos [S. Mateus 10:1].
Morreu para salvar o mundo e pelos pecados dos crentes.	Segundo a doutrina de Paulo, Jesus foi crucificado para salvar o mundo e para pagar os pecados da humanidade [Coríntios 15:3].
Foi enterrado e regressou à vida.	Foi sepultado e ressuscitou [Coríntios 15:4].
Subiu aos céus perante os discípulos.	Ascendeu aos céus perante os discípulos [Actos 1:9].
Foi chamado de "Salvador".	É chamado de "Salvador" e homem de salvação [Tito 2:13].

De entre os seus atributos, consta que era como uma ovelha pacífica.	João Baptista descreve Jesus como “O Cordeiro de Deus” [S. João 1:29].
O “jantar divino” era realizado anualmente em sua memória.	Paulo inventou a ideia da “Última Ceia” [Coríntios 11:23-25].
Um dos seus símbolos é o baptismo.	Jesus também foi baptizado e ainda se cumpre essa prática.
Domingo era dia sagrado para os seus seguidores.	A adopção de Domingo [S. Mateus 28:1] contradiz o Quarto Mandamento, segundo o qual Sábado é que é o dia sagrado [Êxodo 20:8-11].

APARÊNCIA FÍSICA DE JESUS

Qual era a coloração da pele de Jesus? Era de boa compleição física e bem parecido ou era frágil e de aspecto pouco doentio, como tem sido representado por artistas ao longo dos séculos? Será que tinha cabelos longos? Deixava crescer a barba?
Alguns artistas representam Jesus como jovem e “bom pastor”, de cabelo curto ou então longo e cacheado. Em quadros e esculturas, há uma variedade de representações de Jesus como bebé, numa manjedoura. Mas naturalmente, ele tornou-se adulto e viveu na terra cerca de 33 anos. Segundo a New Catholic Encyclopedia, «Cada período criou o tipo de Jesus que desejava».

O mesmo acontecia em relação às raças e religiões. A arte religiosa originária dos campos missionários de África, Ásia e Américas representam o Cristo Ocidental de cabelo longo. Mas às vezes, foram acrescentados “traços nativos” à sua aparência, observa a Enciclopédia.
Os Protestantes também tiveram os seus artistas que interpretaram a aparência de Jesus à sua própria maneira.
Certamente que Jesus era um homem de boa aparência. Os seus traços fisionómicos deveriam ser semitas, provavelmente como os de um judeu comum, pois teria os herdado da sua mãe Maria, que era Judia. Os ancestrais dela também eram judeus, da linhagem dos hebreus; ele nasceu em Belém, na Palestina, portanto deve ser apresentado como um palestino.

Segundo a Bíblia, Jesus trabalhou como carpinteiro por quase trinta anos, e ainda jovem, progredia em sabedoria e desenvolvimento físico [S. Lucas 2:52]. Não era franzino, pois expulsou o gado, as ovelhas e os cabritos do templo, derrubando suas mesas [S. João 2:14-15].
Caminhava distâncias longas em viagens de pregação, sem no entanto seus discípulos o sugeriram que descansasse um pouco. Pelo contrário, foi Jesus quem disse para eles, alguns dos quais vigorosos pescadores: «Vinde, em particular, a um lugar solitário, e descansai um pouco» [S. Marcos 6:31].

A saúde de Jesus era boa e vigorosa, sendo irónico que alguns cristãos lhe atribuem a diversidade e mesmo assim dizem que era fraco, pois precisou de ajuda para carregar a estaca da tortura e, dos três homens executados nela, foi o primeiro a morrer [S. Lucas 23:26].
Foi traído, julgado, humilhado, ridicularizado, executado como criminoso e sofreu crueldades. Cuspiram sobre ele, deram-lhe socos, zombaram dele e chicotearam-no, tendo sido interrogado por Pilatos.
O JAMA, jornal da associação médica Americana, observou: «O abuso físico e mental infligido pelos judeus e pelos romanos bem como a falta de alimentos, água e sono, contribuíram para o enfraquecimento geral da sua condição. Assim, mesmo antes da crucificação, o estado físico de Jesus era no mínimo grave e possivelmente crítico».

Hoje em dia, infelizmente, os artistas, desenhadores e escultores europeus despiram este grande profeta da sua relação com o local, país e região onde nasceu, até mesmo da sua natureza humana, e confinaram-no a um sítio, atribuindo-lhe a nacionalidade europeia, apresentando-o como se tivesse sido um homem branco romano (europeu), com cabelo liso e da cor de avelã imatura, quase até à altura das orelhas para baixo, em cachos encaracolados, um tanto mais escuros e mais brilhantes, descaindo sobre os seus ombros; do meio da cabeça partia uma barba da cor do cabelo, não longa, com uma bifurcação no queixo.
Tudo isso não passa de imaginações e criações, de representação não autêntica, pois nos Evangelhos não há qualquer menção da aparência de Jesus.

Na sua viagem de Ascensão aos Céus, o profeta Muhammad ﷺ encontrou-se com Jesus e descreveu-o como sendo de uma estatura média e a sua pele

era ligeiramente avermelhada [Bukhari]. O Profeta ﷺ mencionou ainda que um dos seus discípulos de nome Urwa ibn Mass'ud ﵁ tinha uma aparência muito semelhante à de Jesus [Musslim].

MISSÃO E MILAGRES DE JESUS

Quando Jesus tinha entre 33 e 35 anos, apareceu um profeta na Palestina chamado João, pregando o baptismo do arrependimento para a remissão dos pecados. Jesus foi ter com ele e também foi baptizado.
Nessa altura, foi revelado a Jesus de que tinha sido escolhido por Deus como o Messias dos judeus para reavivar a verdadeira religião e aperfeiçoar a missão dos profetas anteriores.
Antes da vinda de Jesus, os israelitas estavam envolvidos em todo tipo de maldade e corrupção, tanto no aspecto da crença como na prática e comportamento. Estavam bastante arraigados ao materialismo, havendo um grupo de entre eles que rejeitava a crença no Dia da Ressurreição, outro que rejeitava na prestação de contas após a morte, entregavam-se aos prazeres mundanos a ponto de se atrever a matar os que tinham sido enviados para os servir de guia, como foi o caso de João Baptista que foi morto por Herodes de forma cruel.

Sobre isso, as palavras de Isaías dão-nos um panorama completo:
«Porque o Senhor disse: Pois que este povo (os israelitas) se aproxima de Mim e, com a sua boca e com os seus lábios Me honra (i.e., só Me honra através de palavras), mas o seu coração se afasta para longe de Mim, e o seu temor para Comigo consiste só nos mandamentos de homens em que foi instruído (o culto que Me presta é apenas preceito humano e rotineiro).»
[Isaías 29:13]

E foi nessas condições que João Baptista foi assassinado. Quando os israelitas estavam completamente desviados, perdidos e rebelando-se contra as ordens de Deus, chegou o tal menino sagrado e abençoado, que ainda no berço de Maria falou, pondo os israelitas em espanto. Agora, depois de ter atingido a maioridade, proclama ser o mensageiro e enviado de Deus, cuja missão é guiar os israelitas. E assim ele começou a transmitir a mensagem Divina de salvação por todos os lados, desde praças públicas, palácios e até locais restritos, de dia e de noite.

Acerca disso, vejamos o que consta no sagrado Al-Qur'án:
«E certamente, demos a Moisés o Livro e depois dele enviámos mensageiros sucessivos; e demos provas claras (milagres) a Jesus, filho de Maria, e fortificámo-lo com o Espírito Santo. E sempre que vos chega um mensageiro trazendo-vos uma doutrina que não satisfizesse os vossos desejos, tornais-vos arrogantes, desmentindo uns e massacrando outros.
E eles dizem: Os nossos corações estão cobertos (para aceitar a verdade); o certo é que Deus os amaldiçoou pela sua descrença. Assim, são poucos os que crêem.»

[Al-Qur'án 2:87-88]

E Ele (Deus) ensinar-lhe-á (a Jesus) o Livro, a sabedoria, o Torah e o Evangelho. E fará dele um mensageiro aos Filhos de Israel (dizendo-lhes): Eu vim para vós como um sinal do vosso Senhor! De um pedaço de barro, faço-vos a figura semelhante à de um pássaro, sopro-a e com a permissão de Deus, ela torna-se um pássaro vivo; curo o cego de nascença e o leproso, e ressuscito os mortos, com a permissão de Deus; e vos informo o que comeis e o que armazenais em vossas casas; na verdade, nisso há um sinal (da minha profecia) para vós, se sois crentes. E vim confirmar o que veio antes de mim, do Torah, e para tornar lícito para vós algumas das coisas que vos foram proibidas. E vim para vós com um sinal do vosso Senhor, portanto temei a Deus e obedecei-me. Certamente, Deus é o meu Senhor e o vosso Senhor, portanto adorai-O; este é o caminho recto.
Mas quando Jesus notou da parte deles a insistência na descrença, disse: Quem me ajuda na causa de Deus?
Os discípulos disseram: Nós somos ajudantes de Deus; cremos em Deus e testemunha que nós nos submetemos (a Deus).
Nosso Senhor! Cremos naquilo que enviaste e seguimos o mensageiro; portanto, inscreve-nos com as testemunhas.

[Al-Qur'án 3:48-53]

«Ó Jesus, filho de Maria! Recorda-te da Minha graça para contigo e para tua mãe; quando te fortifiquei com o Espírito Santo (Anjo Gabriel), e falaste aos Homens quando ainda no berço, e na tua idade madura. E quando te ensinei o Livro, a sabedoria, a Torah e o Evangelho. E quando te protegi contra os Filhos de Israel (da conspiração para te assassinar), quando lhes

chegaste com as provas claras (milagres), então os que de entre eles eram descrentes, disseram: Tudo isso não passa de magia.»

[Al-Qur'án 5:110]

«Em seguida, fizemos seguir em suas pegadas, Nossos mensageiros, e fizemos seguir Jesus, filho de Maria, e concedemos-lhe o Evangelho.»

[Al-Qur'án 57:27]

Sempre que Deus envia algum profeta para guiar qualquer povo ou a humanidade em geral, dá-lhe também provas claras reforçadas com milagres, sendo esta a Sua tradição. Assim, por um lado o profeta apresenta através da Revelação Divina, a melhor constituição e tudo relacionado ao universo; ensina as coisas permitidas, as proibidas e como viver da melhor forma neste Mundo.
Por outro lado, consoante os interesses Divinos, vai apresentando os sinais de Deus (milagres) como prova e reforço de que ele é certamente um enviado Seu.
E Deus dota cada enviado com capacidade para revelar milagres relacionados ao progresso científico ou às particularidades desse povo, tornando os opositores incapacitados de competir com os enviados e se sentirem deste modo, forçados a reconhecer o que lhes é transmitido, isso caso não se revelem arrogantes, ou seja, se recusem a reconhecer que o que lhes está sendo apresentado pelo profeta só pode ser obra Divina e está acima da capacidade humana.

Por exemplo, na época do profeta Ibrahim ﷷ (Abraão), a astrologia e a química eram predominantes nas pessoas, que acreditavam muito na influência do horóscopo, ao ponto de adorarem astros. O Sol era o seu maior "deus", pois detinha a luz e o calor e, segundo eles, essas duas componentes eram a base da continuidade e do bem estar no Universo, sendo por isso mesmo que achavam que o fogo era a revelação desse poder, razão pela qual também o adoravam.
Então, quando Ibrahim ﷷ foi enviado a fim de guiar a sua gente e lhes ensinar a adoração à Deus, foi-lhe dado provas claras através das quais ele podia refutar as crenças falsas do seu povo, provar a verdade e afastar a cortina que os ofuscava, ao ponto de não descortinarem a verdade:
«Tal foi o Nosso argumento, que inspiramos a Ibrahim contra seu povo. Elevamos quem quisemos a uma alta posição; o teu Senhor é Prudente, Sábio.»

[Al-Qur'án 6:83]

Por outro lado, quando os adoradores de astros, o rei idólatra e o povo em geral não conseguiram responder aos argumentos e provas apresentadas por Ibrahim ﷺ, lançaram-no ao fogo ardente e então, o Grande Criador, em cujo serviço estava o profeta cumprindo a missão de propagação, ordenou ao fogo que não o queimasse, dizendo:
«Ó fogo! Seja frescura e paz para Ibrahim.»

[Al-Qur'án 21:69]

O que mostrou um grande milagre do Seu poder e estremeceu a base dos adoradores da falsidade. Ao ver aquela manifestação de poder Divino, o povo todo ficou perplexo, admirado, preocupado e humilhado, assim como consta:
«Quiseram armar-lhe ciladas, mas Nós fizemos deles os piores perdedores.»

[Al-Qur'án 21:70]

No tempo de Mussa ﷺ (Moisés), a magia era muito distinta na arte e ciência egípcias. Estes eram muito hábeis nisso, razão pela qual para além do Torah, ALLAH dotou Mussa ﷺ com capacidade para revelar os milagres da "vara" e da "palma brilhante". Quando ele apresentou tais milagres aos mágicos egípcios, todos os peritos nessa arte declararam em uníssono que aquilo não poderia ser magia mas sim algo que estava acima disso, dado por um Deus Supremo como reforço da missão do Seu enviado, pois conheciam bem a realidade da magia, e assim declararam perante o Faraó e o povo que a partir daí apenas adorariam um único Deus:
«Então, os mágicos caíram, prostrando-se disseram: Cremos no Senhor dos mundos, o Senhor de Moisés e Abraão.»

[Al-Qur'án 26:46-48]

Mas o Faraó e seus companheiros continuaram insistindo na arrogância, acusando Moisés de ser um feiticeiro muito hábil:
«E quando Moisés lhes chegou com Nossos sinais claros, disseram: Isto não é senão magia inventada (i.e. falsamente atribuída a ALLAH)! E nunca ouvimos tais coisas, entre nossos pais antepassados.»

[Al-Qur'án 28:36]

Da mesma forma, no tempo de Issa ﷺ (Jesus), a medicina e a física eram muito comuns. Os filósofos e médicos gregos eram bastante influentes na

região devido ao conhecimento que detinham, mas estavam muito longe do monoteísmo e da religião verdadeira. Até mesmo os israelitas que eram descendentes dos profetas também estavam na perdição.
Portanto, nessa “tradição Divina”, quando Jesus foi escolhido para servir de guia e orientação, Deus deu-lhe o Evangelho, com sabedoria e provas, e dotou-o de capacidade para revelar milagres em conformidade com a situação reinante na época, o que convenceu os peritos na matéria a reconhecerem indubitavelmente que tais actos não podiam ter sido adquiridos, mas que tinham sido uma dádiva especial da parte de Deus para com o Seu enviado (mensageiro).
Contudo, na presença de tais factos, os arrogantes ficaram sem argumentos, limitando-se a dizer que se tratava de magia e feitiço.

De entre os milagres que Jesus praticou, com a permissão de Deus, constam os seguintes no sagrado Al-Qur’án:

- Falar ainda no berço e o próprio conteúdo dessa fala, pois a mesma continha prudência, conhecimento e lógica, factores que só podem ser esperados no discurso de um adulto bem educado; portanto, aqui são dois milagres em simultâneo.
- Conhecimento profundo e prudência enquanto ainda criança.
- A mesa vinda do céu, servida de comida.
- Ressuscitar os mortos.
- Curar o cego de nascença, o leproso, o albinismo ou doenças graves de pele.
- Criar uma figura igual ao pássaro a partir do barro, soprar nela e isso se transformar num pássaro vivo.
- Informar às pessoas sobre o que estavam comendo e o que entesouravam nas suas casas.

Acompanhado pelos seus discípulos, Jesus ia de um local para outro a espalhar a mensagem de Deus. Os discípulos eram poucos em número, mas fortes no apoio que lhe prestavam.
Uma das suas digressões terminou num campo árido, e os discípulos estavam sequiosos e esfomeados, portanto física e espiritualmente enfraquecidos. Jesus começou a explicar-lhes em pormenor o significado da sua missão, esperando elevar a moral dos presentes, na tentativa de os abstrair da fome. Contudo, garantias vagas não podiam satisfazer a fome e sede que sentiam. Então, os discípulos pediram um milagre: Queriam uma mesa servida com comida.

Tendo em conta que os discípulos eram seguidores de Jesus, já deviam ter visto muitos dos seus milagres; isto é confirmado pelo facto de no início Jesus lhes ter censurado antes de satisfazer o pedido deles. Então porque é que eles pediram outro milagre?
É porque queriam ver um milagre específico que Jesus ainda não tinha apresentado: trazer mesa do céu servida de comida. Queriam ter a certeza de que Jesus podia trazer-lhes comida do céu da mesma forma que Deus mandou o *Maná* e *Salwa* para os israelitas no deserto, depois de terem fugido do Egipto com Moisés, para assim acreditarem que o Deus que mandou a Jesus é o mesmo que mandou a Moisés, pois Jesus veio confirmar o Torah e as leis de Moisés.

Jesus sabia que eles não pediam isso devido à teimosia, ou por falta de fé. Eles queriam ver mais provas do poder de Deus e Jesus invocou ao seu Criador pedindo mais um milagre. Deus aceitou o seu pedido e num instante, estava estendida à frente uma variedade de comidas deliciosas.
Temendo que isso podia ser um teste para ele e seus seguidores, pediu a Deus para fazer disso uma misericórdia e um favor sobre eles. Eles comeram e beberam até se saciarem completamente, e assim a fé deles se elevou. Veio gente de muitos lados para participar na festa, mas a comida abençoada vinda do céu não diminuía.
Este milagre foi citado ao longo dos anos e através disso muitas pessoas aceitaram a mensagem de Jesus. O sagrado Al-Qur'án menciona-o nos versículos 112 a 115 do capitulo 5. Saliente-se que nenhum dos Evangelhos cita este milagre.

Contudo, o ponto enfatizado no sagrado Al-Qur'án é de que sempre que Jesus mostrava qualquer milagre, dizia às pessoas que tal acontecia com a permissão de Deus.
De salientar que o sagrado Al-Qur'án não atribui a Jesus um dos milagres mais comuns nos Evangelhos: o exorcismo.

No seio do seu povo, havia na altura médicos conceituados que, com os conhecimentos adquiridos, curavam os doentes desesperados. Havia também grandes sábios, peritos em coisas ligadas à natureza, e filósofos, que tinham um conhecimento profundo sobre os segredos da alma e do corpo e das realidades das coisas.

Mas quando Jesus, sem apoio de quaisquer meios, demonstrou tais coisas, alguns de entre os que estavam destinados a ser guiados, reconheceram imediatamente que aquela forma de demonstração estava para além do alcance e da capacidade humanos, o que revelava um apoio Divino e uma confirmação a favor desse profeta enviado.
Os que se deixaram levar por tortuosidades nos seus corações, espírito maldoso, inveja, ódio e arrogância, ao invés de reconhecer e aceitar, disseram o que os outros antes deles haviam dito em relação aos seus profetas: *«Isso é claramente uma magia».*

A Jesus tinha sido dada a capacidade de demonstrar muitos outros milagres (expulsar demónios). Tudo isso foi um reforço para provar que era um profeta. Mas foi isso também que confundiu a muitos, levando-os a pensar que ele não era uma pessoa normal e que devia ser deus, ou filho de Deus, ou Deus incarnado no seu corpo e que desceu à Terra.
Sempre que um profeta veio e demonstrou algum milagre da parte de Deus, os descrentes diziam que se tratava de magia, pois eram coisas que estavam fora das leis gerais da natureza e que só surgiam das mãos desse tipo de pessoas especiais.
Todos os movimentos e chamamentos, verdadeiros ou falsos, recorrem a coisas anormais e sinais (milagres) para provar a sua reivindicação e convencer as pessoas a aceitá-los. Os líderes verdadeiros viram-se para o céu e pedem apoio a Deus, enquanto os falsos se aliam aos demónios e os pedem apoio.

SEUS ENSINAMENTOS

A religião de Deus não era desconhecida para os Filhos de Israel. Porém, na altura em que Jesus começou o seu ministério, o espírito da verdadeira religião tinha sido abafado pelo mundanismo dos saduceus e o formalismo e legalismo trivial dos fariseus. Eles baseavam-se nas palavras do Talmude (conjunto de livros sagrados dos judeus) e diziam a Jesus:
«Porque é que os teus discípulos transgridem a tradição dos anciãos, pois eles não lavam as mãos antes de comer? Jesus respondeu-lhes, porém: Porque vocês também transgridem o mandamento de Deus pela vossa tradição?
[S. Mateus 15:2-3]

Os fariseus tinham leis absurdas em relação ao Sábado. Por exemplo, uma pessoa podia andar dois mil passos no Sábado e não mais; o vinagre quando engolido, podia ser usado para aliviar uma dor de garganta, mas não podia ser gargarejado; em caso de ameaça de morte, podia-se chamar um médico ao Sábado, mas por exemplo, não se podia tratar uma fractura; e muitas outras mesquinhices do género. Jesus condenou veemente todas estas leis artificiais e manipuladas, dizendo-lhes: «O Sábado foi estabelecido por causa do Homem e não o Homem por causa do Sábado».

Jesus censurava-os nos seguintes termos:
«Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que dizimais a hortelã, o endro e o cominho, e desprezais o mais importante da lei, o juízo, a misericórdia e a fé; deveis, porém, fazer estas coisas, e não omitir aquelas. Condutores cegos! Que coais um mosquito e engolis um camelo.
Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que limpais o exterior do copo e do prato, mas o interior está cheio de rapina e de iniquidade. Fariseu cego! Limpa primeiro o interior do copo e do prato, para que também o exterior fique limpo.
Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora realmente parecem formosos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda a imundície. Assim também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas interiormente estais cheios de hipocrisia e de iniquidade.
Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que edificais os sepulcros dos profetas e adornais os monumentos dos justos, e dizeis: Se existíssemos no tempo de nossos pais, nunca nos associaríamos com eles para derramar o sangue dos profetas. Assim, vós mesmos testemunhais que sois filhos dos que mataram os profetas.
Enchei vós, pois, a medida de vossos pais. Serpentes, raça de víboras! como escapareis da condenação do inferno?
Portanto, eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas; a uns deles matareis e crucificareis; e a outros deles açoitareis nas vossas sinagogas e os perseguireis de cidade em cidade.»

[S. Mateus 23:23-34]

Tentou induzir a essência da sua religião e o amor a Deus e aos humanos no coração do seu povo, por meio de sermões inspirados e de parábolas maravilhosas.

Os saduceus e os fariseus em vez de o reconhecerem como Messias, de quem os profetas israelitas anteriores tinham anunciado a vinda, tornaram-se seus inimigos mortais e pressionaram o procurador romano para o sentenciar à crucificação.
Este homem, que foi tratado cegamente pelo seu povo como se fosse um malfeitor comum, foi uma das personagens mais retumbantes da História. Jesus foi um homem que levou uma vida pura, nobre e piedosa, aliou em si brandura e coragem raras para cumprir a vontade de Deus e para lidar com os seus compatriotas que se tinham extraviado do caminho de Deus.
Jesus era só suavidade, abnegação e humildade, servindo os amigos e orando a favor dos seus inimigos. A sua compaixão pelos pecadores e sofredores foi verdadeiramente admirável. Acerca dele, pode-se muito bem dizer que venceu o diabo.

Jesus foi ensinando aos israelitas a verdadeira religião, com provas claras e com milagres, e foi reavivando os corações adormecidos ao recordar-lhes das lições esquecidas, tais como a crença num Único Deus (Monoteísmo), crença na existência ao longo dos tempos de outros profetas bem como dos Livros Divinos por eles trazidos, crença no Além e nos anjos, chamada às pessoas para a prática do bem e abstenção do mal, adoração a Deus e cautela quanto à vida mundana, amor às criatura de Deus, etc.
Tudo isso fazia parte da missão fundamental e objectivo da vinda de Jesus. Ele aconselhava prudentemente os Filhos de Israel à base do Torah e do Evangelho, convidando-os a adoptarem uma boa postura. Contudo, devido a sua tortuosidade ao constante espírito rebelde que foram cultivando ao longo dos séculos contra os ensinamentos de Deus, os judeus já se tinham tornado duros, pois a matança de profetas havia endurecido os seus corações, de maneira que neles já não havia espaço para aceitar a verdade.
Portanto, com excepção de um grupo pequeno, a maioria começou a opor-se-lhe, tratando-o com ódio e inveja, pelo que no grupo dos que aderiram à causa defendida por Jesus só havia pobres e fracos.

Quando esses fracos, mas sinceros crentes aceitavam o chamamento de Jesus, os arrogantes, rebeldes e orgulhosos humilhavam-nos, passando o tempo a contrariá-los:
«E quando Jesus chegou com provas claras, disse: Vim para junto de vós com a sabedoria (Evangelho) e para esclarecer-vos parte das coisas sobre

as quais disputais; portanto, temei a Deus e obedecei-me; na verdade, Deus é o meu Senhor e o vosso Senhor, portanto adorai-O, este é o caminho recto. Mas as seitas divergiram entre si. E ai dos injustos, do castigo de um Dia doloroso.»

[Al-Qur'án 43:63-65]

«Ó Filhos de Israel! Por certo, eu sou o mensageiro de Deus, enviado para junto de vós para confirmar o Torah, que já existia antes de mim, e para vos anunciar a boa-nova do profeta que virá depois de mim, cujo nome é Ahmad. Então, quando (Jesus) lhes chegou com as provas claras, (os israelitas) disseram: Isto é magia evidente!»

[Al-Qur'án 61:6]

OS APÓSTOLOS DE JESUS

Apesar da oposição dos arrogantes, Jesus continuou a cumprir a sua missão e ia transmitindo a mensagem da verdade em todos os locais por onde passava; com provas claras, dia e noite tentava convencer as pessoas a aceitarem a verdade.

Nesse conjunto de rebeldes contra Deus e Seus mandamentos, surgiam também almas puras que aceitavam o chamamento de Jesus e reconheciam a religião verdadeira. Havia também os que não só tiveram a honra de crerem na mensagem Divina e serem companheiros de Jesus, como chegaram ao ponto de se prontificarem a dedicar as suas vidas e riquezas na elevação e sucesso da religião.

Na maior parte das vezes, faziam companhia a Jesus na propagação da religião, tendo sido devido a essa particularidade que foram honrados e distinguidos com o título sagrado de *"Hawári"*, ou seja, apóstolo, companheiro e auxiliar. Esses adoptaram para si o modelo de vida do profeta de Deus (Jesus) e mesmo em circunstâncias e condições difíceis, não o abandonaram, prestando-lhe o total apoio. Deus diz:

«E quando inspirei os discípulos (apóstolos): Creiam em Mim e no Meu mensageiro; (disseram): Cremos, e seja testemunha que somos submissos (i.e. muçulmanos).»

[Al-Qur'án 5:111]

«Ó Crentes! Sede auxiliares de Deus, da mesma maneira como Jesus, filho de Maria, disse aos discípulos (apóstolos): Quem são os meus auxiliares na causa de Deus?
Os apóstolos responderam: Nós somos os auxiliares de Deus.
Então, uma parte de entre os Filhos de Israel acreditou e outra parte optou pela descrença. E Nós ajudamos os que acreditaram contra os seus inimigos, e eles (os crentes) saíram vitoriosos.»

[Al-Qur'án 61:14]

De salientar que muitos dos apóstolos de Jesus eram pobres e simples trabalhadores, pois geralmente os primeiros a aceitar e se entregar ao chamamento dos profetas foram sempre os pobres.
Quanto às pessoas de elite e detentores de poder aparente, devido ao seu orgulho e arrogância, sempre apareceram para confrontar. Com a sua acção hostil, tentaram criar obstáculos na elevação da palavra de Deus, mas finalmente o sucesso veio ao de cima, pois o êxito costuma ser sempre dos que seguem a verdade, e Deus aniquila ou derrota os arrogantes, lançando-os à humilhação.

O sagrado Al-Qur'án fala das virtudes dos discípulos de Jesus. Quando ele apelou para que a religião verdadeira fosse apoiada, os primeiros a se proclamarem como *"auxiliares de Deus"* foram esses discípulos. E quando Deus diz aos muçulmanos «*Sede auxiliares de Deus*», apresentou como exemplo os discípulos de Jesus.
Mesmo depois de Jesus ter ascendido ao Céu, Deus fala da firmeza dos seus discípulos: *«E Nós ajudamos os que acreditaram contra os seus inimigos, e eles (os crentes) saíram vitoriosos»*. Portanto, foi com o sacrifício e auxílio desses discípulos que a religião prevaleceu e se espalhou.

Entretanto, em algumas partes a Bíblia fala do mérito desses discípulos; por exemplo, consta que Jesus orou a favor deles. Mas por outro lado, menciona que esses mesmos discípulos foram cobardes e hipócritas; por exemplo, refere-se ao momento em que os judeus queriam prender Jesus, e fala de Judas Iscariotes, um dos seus famosos discípulos:
«Tendo Jesus dito isto, perturbou-se em espírito e afirmou, dizendo: Na verdade, na verdade vos digo que um de vós me há de trair.
Então os discípulos olhavam uns para os outros, duvidando de quem ele falava.

Ora, um de seus discípulos, aquele a quem Jesus amava, estava reclinado no seio de Jesus. Então Simão Pedro fez sinal a este, para que perguntasse quem era aquele de quem ele falava. E inclinando-se ele sobre o peito de Jesus, disse-lhe: Senhor, quem é?
Jesus respondeu: É aquele a quem eu der o bocado molhado.
E, molhando o bocado, o deu a Judas Iscariotes, filho de Simão. E, após o bocado, entrou nele Satanás. Disse, pois, Jesus: O que fazes, faça-o depressa!»

[S. João 13:21-27]

E sobre Pedro, que segundo o Evangelho foi querido e confiado de Jesus toda a vida, disse:
«Disse-lhe Jesus: Em verdade te digo que, nesta mesma noite, antes que o galo cante, três vezes me negarás.»

[S. Mateus 26:34]

E consta ainda que:
«E todos os discípulos o abandonaram e fugiram.»

[S. Mateus 26:56]

Destas referências provam-se coisas que a lógica sã não aceita. Os discípulos que estavam muito próximos e intimamente ligados a Jesus e que lhe eram muito queridos e de sua confiança, afinal não só eram cobardes como também hipócritas!
Geralmente, no grupo de qualquer profeta, sempre existiu uma pequena facção de hipócritas, que devido aos interesses materiais aparentemente se lhes juntava, mas contra a vontade. Só que um profeta sempre é informado através da Revelação acerca dos hipócritas no seu grupo, a fim de ser cauteloso em relação a quem tem por companheiro. Por isso, um hipócrita nunca pode ser próximo, querido e confiado dalgum profeta.

Mas a questão que se coloca é: Como é que Jesus caiu na armadilha e foi traído pelos seus discípulos hipócritas, que o "apunhalaram" no momento mais crítico da sua vida, quando mais do que nunca precisava do seu apoio e ajuda?
Contudo, o sagrado Al-Qur'án mostra o contrário, afirmando que quando Jesus apelou à ajuda de seus discípulos em defesa da religião, todos responderam dizendo: *«Nós somos auxiliares de Deus»*, e perante Jesus testemunharam a sua fé e prometeram todo o seu apoio.

Depois desta pequena comparação, qualquer pessoa sã chega à conclusão de que o que consta no sagrado Al-Qur'án é aquilo que realmente aconteceu, tendo a Bíblia sido deturpada e onde foram interpoladas coisas que arrastam as pessoas para a crença de que Jesus foi crucificado.
Esta teoria foi inventada muitos séculos depois, para estar em conformidade com as afirmações segundo as quais quando Jesus estava sendo crucificado, exclamou: «Eli, Eli! Lamá sabactáni?; isto é, Deus meu, Deus meu! Porque me desamparaste?» [S. Mateus 27:46].

DETURPAÇÃO DA MENSAGEM DE JESUS

1. Jesus Era Muçulmano

No sagrado Al-Qur'án, Jesus é apresentado como um profeta, mensageiro e enviado de ALLAH.
Jesus não era cristão, não instituiu uma nova religião e nem fundou uma nova Igreja, pois tinha sido enviado às «ovelhas perdidas da casa de Israel» [S. Mateus 15:24] e para aperfeiçoar as Leis que tinham sido reveladas a Moisés [S. Mateus 5:16]. Então que religião advogava ele?
Para esclarecer este ponto, é necessário explicar antes o conceito de Isslam, pois muitos que não conhecem a realidade, julgam que esta é uma religião associada apenas ao profeta Muhammad ﷺ e que ALLAH é apenas o "Deus" dos muçulmanos.
Segundo o sagrado Al-Qur'án, "Isslam" significa "submissão voluntária a Deus"; logo, ser muçulmano quer dizer acreditar num único Deus, submeter-se às Suas ordens, cumprir os Seus mandamentos, acreditar na vida após a morte, nos anjos, em todos os mensageiros, nos Livros e nas mensagens puras a eles reveladas.
Portanto, Isslam é o termo universal que descreve a única religião instituída por Deus aos humanos, através dos Seus vários mensageiros, desde Ádam عليه السلام, o primeiro, até Muhammad ﷺ, o último.

Para os seguidores do Isslam, o termo "Musslim" ou "muçulmano", que significa "submisso", já vêm muito antes da vinda do profeta Muhammad ﷺ, pois não só no sagrado Al-Qur'án como também nos outros Livros revelados a profetas anteriores, foram utilizados termos equivalentes a "Isslam" e "Musslim".

Todos os profetas foram enviados pelo mesmo e único Deus, eram muçulmanos (submissos a Ele) e também ensinaram a mesma religião: Isslam (submissão voluntária a Deus).
A Revelação que Muhammad ﷺ recebeu veio da mesma Fonte que as anteriores, tendo sido uma continuação das mensagens antecedentes, assim como a de Jesus foi uma continuação da mensagem enviada a Moisés, e este por sua vez deu continuidade à mensagem de José, este de Jacob e assim sucessivamente; é por isso que Deus afirma de que esta é uma continuação da religião de Abraão. Acreditar em todos os profetas enviados por Deus é uma exigência essencial do Isslam, pois todos eles trouxeram a mesma mensagem.
Portanto, assim como outros profetas, Jesus também era muçulmano, ou seja, submisso à vontade de Deus. Nos primeiros dias do ressurgimento do Isslam, alguns teólogos cristãos consideraram esta religião como sendo simplesmente uma seita cristã. Essa foi a situação até um pouco antes das Cruzadas, quando uma campanha de ódio e falsidade contra o Isslam foi lançada e prosseguida de forma sistemática.
A posição isslâmica foi claramente anunciada pelo sagrado Al-Qur'án da seguinte forma:
«Ó gente de Escritura (judeus e cristãos)! Vinde a uma palavra comum entre nós e vós, nomeadamente, que não adoremos outro senão a Deus, que não associemos nada (parceiros) a Ele e que não tomemos uns aos outros por senhores além de Deus (i.e. não adoremos a profeta ou santo algum). Se eles te voltarem as costas diga: Sede testemunhas de que nós pelo menos somos muçulmanos (submissos à vontade de Deus).» *[Al-Qur'án 3:64]*

O ponto principal que opõe os muçulmanos dos cristãos é a pessoa de Jesus. Os cristãos actuais acreditam que Jesus é Deus ou filho de Deus, e como os muçulmanos não atribuem divindade alguma a Jesus e nem a qualquer outro ser, então os cristãos consideram-nos de "anticristo". Isso está completamente errado, pois é um princípio da fé isslâmica acreditar em Muhammad, Jesus, Moisés e todos outros profetas como mensageiros de Deus divinamente inspirados. ALLAH ordena o seguinte:
«Diz (ó Muhammad): Nós cremos em Deus e naquilo que foi enviado para nós e o que foi enviado para Abraão, Ismael, Isaac, Jacob e para as tribos, e o que foi dado a Moisés, a Jesus e aos profetas, pelo seu Senhor; não fazemos distinção entre nenhum deles e submetemo-nos a Ele.» *[Al-Qur'án 3:84]*

«E demos-lhe por filho Isaac e Jacob (filho de Isaac e neto de Abraão); a ambos guiamos. E a Noé guiamo-lo antes. E de sua descendência, guiamos a David, e a Salomão, e a Jacob, e a José, e a Moisés e a Aarão, e assim recompensamos os benfeitores.
E a Zacarias, e a Yáhya (João Baptista), e a Jesus e a Elias, todos eram homens justos. E a Ismael e a Eliseu, e a Jonas e a Lot, e a todos eles preferimos aos mundos.»

[Al-Qur'án 6:84-86]

2. Jesus Adorava um Único Deus e Pregava o Monoteísmo Puro

Os muçulmanos acreditam que, assim como muitos outros profetas, Jesus também demonstrou milagres com a permissão de Deus, mas que tais evidências não fazem dele uma divindade. E como os cristãos não acreditam no sagrado Al-Qur'án, os muçulmanos não têm outra alternativa senão utilizar provas da própria Bíblia para convencê-los da verdade acerca de Jesus, apesar das "graves incorrecções" contidas nela, incorrecções essas reconhecidas pelos próprios teólogos bíblicos no prefácio da versão clássica (oficial) revista (Revised Standard Version) feita pela comissão que a preparou.
Citamos aqui um texto relevante:
«A revisão de King James foi, por bons motivos, considerada "o mais nobre monumento de prosa inglês". Em 1881, os revisores expressaram admiração pela sua simplicidade, dignidade, poder, estilo de expressão, a música da sua cadência e a felicidade do ritmo. Nenhum outro livro como este entrou na feitura do carácter pessoal e nas instituições públicas dos falantes de língua inglesa. Nós estamos endividados a ele numa dívida incalculável».

Mesmo assim, a versão de King James tem graves defeitos; nos meados do século XIX, os desenvolvimentos de estudos bíblicos e o descobrimento de manuscritos mais antigos do que aqueles sobre os quais esta versão estava baseada, tornou claro que esses defeitos são tantos e tão graves que exigiram uma nova revisão das traduções inglesas. Como resultado disso e de outras revisões, muitos versículos cruciais foram removidos, sendo apenas mencionados como notas de rodapé.

Geralmente, nem todos concordam que os ensinamentos de Jesus estejam hoje numa única forma de interpretação. A existência de igrejas diferentes

e até mesmo de versões diferentes da Bíblia são em si uma grande prova de que a mensagem de Jesus se afastou da sua forma original.
A questão que se coloca é onde está a mensagem original, quem é que a preservou e quem a pratica hoje, com a perda do Evangelho original revelado por Deus a Jesus?

Muitas pessoas participam, intencionalmente ou não, na deturpação e corrupção do Evangelho original. A lista pode incluir os próprios evangelistas, a maioria dos quais nem estavam presentes. O resultado de toda essa deturpação é o Cristianismo actual, muito diferente dos verdadeiros ensinamentos de Jesus.
Um dos principais Mandamentos que Deus transmitiu a Moisés é sobre a Sua Unicidade, que se encontra registado no Antigo Testamento através das seguintes palavras:
«Não terás outros deuses diante de Mim.»

[Deuteronómio 5:7]

E quando os israelitas perguntaram a Moisés acerca do número de deuses a ser adorado, ele respondeu:
«Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus, é o único Senhor; amarás, pois, o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma e de todas as tuas forças. E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração; e as ensinarás a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te e levantando-te. Também as atarás por sinal na tua mão, e te serão por frontais entre os teus olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa, e nas tuas portas.»

[Deuteronómio 6:4-9]

«Ao Senhor, teu Deus, temerás, e a ele servirás, e pelo Seu nome jurarás. Não seguireis outros deuses, os deuses dos povos que houver ao redor de vós; porque o Senhor, teu Deus, é um Deus zeloso no meio de ti, para que a ira do Senhor, teu Deus, se não acenda contra ti e te destrua de sobre a face da Terra.»

[Deuteronómio 6:13-15]

Jesus também disse «Deus é Um», assim como todos os profetas ensinaram, desde o primeiro até o último, mas os cristãos mudaram este princípio monoteísta e transformaram um Deus em três ou três em um, sem eles próprios compreenderem como isso é possível.

Satanás disse a Jesus para adorá-lo, prometendo-lhe em troca a autoridade e glória de todos os reinos deste mundo, mas Jesus respondeu:
«Vai-te para trás de mim, Satanás; porque está escrito: Adorarás o Senhor teu Deus, e só a Ele servirás.»

[S. Lucas 4:8, S. Mateus 4:10]

E Deus reivindica:
«Eu sou o Primeiro e o Último; não há outro Deus além de Mim.»

[Isaías 44:6]

«Não há outro Deus além de Mim; Eu sou um Deus justo e salvador, e não há nenhum outro. Voltai-vos para Mim e sereis salvos. Todo o joelho se dobrará diante de Mim.»

[Isaías 45:21-23]

«Que Eu sou Deus, e não há outro deus (divindade), não há outro semelhante a Mim.»

[Isaías 46:9]

Como princípio fundamental de fé, os muçulmanos utilizam as palavras *"Lá Iláha Illalláh"*, que significam "Não existe divindade excepto ALLAH"; o mesmo é confirmado por Jesus, que pregava igualmente o monoteísmo puro:
«O primeiro de todos os Mandamentos é: Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás pois, ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças; este é o primeiro Mandamento. E o segundo semelhante a este é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro Mandamento maior do que estes.
E o escriba disse: Muito bem, mestre, e com verdade disseste que há um só Deus e que não há outro além d'Ele.»

[S. Marcos 12:29-32]

Estes textos defendem que Deus é Um só e indivisível, sem parceiro nem rival, e mostram-nos a forma consistente em que a mensagem Divina foi trazida por todos os profetas. As páginas do glorioso Al-Qur'án não perdem qualquer magnetismo inerente na tentativa de persuadir o Homem a manter uma fé pura.

Quanto à utilização da primeira pessoa no plural em referência a Deus, contida nas Escrituras Sagradas como a Bíblia e o Al-Qur'án, trata-se daquilo que os linguistas chamam de "plural de majestade", ou denota a plenitude Divina ou a conjunção dos poderes de Deus.

Portanto, a essência da mensagem de Jesus, assim como de qualquer outro profeta, foi de que só Deus merece ser adorado e que a adoração de qualquer outro para além d'Ele é falsa e deve ser rejeitada. Jesus chamou as pessoas a adorarem o verdadeiro Deus, que é Único quer nas Suas qualidades como atributos.
Jesus não só as chamou para a mensagem do monoteísmo puro e Unicidade de Deus, como também o demonstrou na prática, ao prostrar-se na oração adorando Deus:
«Mas Jesus retirava-se para lugares solitários e orava.»

[S. Lucas 5:16]

A maioria dos cristãos ora para Jesus como se fosse Deus e os filósofos de entre eles dizem que não estão a adorar Jesus, o homem, mas a Deus que se manifestou nele. Entretanto, esse é o mesmo raciocínio dos pagãos e idólatras, que se ajoelham e prostram perante os ídolos e, quando são interrogados sobre o motivo de adorar estátuas feitas pela mão humana, respondem que na realidade não estão a adorar o ídolo, mas a Deus por intermédio dele.
Podem até refutar dizendo que o ídolo é apenas o ponto focal para a presença de Deus, razão pela qual dizem estar a adorar Deus que está manifesto no ídolo e não o próprio ídolo em si. Eles clamam a crença num Deus Supremo, mas rezam e adoram outros além de Deus, apenas para se aproximarem d'Ele.

A origem deste desvio está na falsa crença de que Deus está presente na Sua criação ou que se tornou parte dela. Tal crença leva-os a adorar a criação de Deus, atribuindo-a inclusive a qualidade de omnipresença, a fim de invocá-la em qualquer lugar e alcançarem o seu Criador.

A mensagem original de Jesus ficou deturpada após a sua partida. Os seguidores que vieram mais tarde, começando por Paulo, transformaram a sua mensagem simples e pura numa filosofia "trinitariana" complicada, que justifica a adoração a Deus, à Virgem Maria, aos Anjos (Gabriel, Miguel, Rafael) e aos santos [Encyclopaedia Britannica].

Consta no S. Lucas 3:23: «E o mesmo Jesus começava a ser de quase trinta anos, sendo (como se cuidava) filho de José». Se Jesus começou a sua pregação aos trinta anos, então nesse espaço de tempo e desde muito antes, quem é que tomava conta, ajudava e escutava as preces das criaturas? Será que a Terra estava desgovernada?

Os católicos têm uma longa lista de santos, perante os quais se voltam nos momentos de necessidade [The World Book Encyclopedia, Vol. I, pág. 509].

Ao contrário do Novo Testamento, a imagem de Deus no Isslam está muito clara e é descrita através de declarações simples e explícitas:

- Ele é o Único Deus, não existe divindade excepto ALLAH [Al-Qur'án 47:19].
- Ele é o Criador de tudo e de todos [Al-Qur'án 6:102].
- Tudo está submisso à Sua vontade, seja à força ou por opção [Al-Qur'án 3:83].
- Antes da criação, existia só Ele; a eternidade é restrita a ALLAH: é o Primeiro e o Último [Al-Qur'án 57:3].
- Como autoridade suprema do Universo, ALLAH é capaz de qualquer coisa [Al-Qur'án 5:17] e faz o que deseja [Al-Qur'án 2:253].
- Não gerou nem foi gerado (i.e. não tem pais, filhos nem família), não tem parceiros nem semelhantes [Al-Qur'án 112:1-4].
- A visão da criação não Lhe pode alcançar, mas Ele alcança todas as visões, pois é Conhecedor do visível e do invisível e está informado de tudo [Al-Qur'án 6:103].

O Isslam rejeita e considera falso qualquer outro para além de Deus (ALLAH) e condena terminantemente o politeísmo, assegurando explicitamente que associar parceiros a Ele é o maior e mais grave dos pecados, cujo perdão não pode ser alcançado.

Segundo o sagrado Al-Qur'án, a Divindade não pode ser partilhada nem dividida e tudo além de Deus é meramente Sua criação.

3. Jesus Era Contra o Culto de Imagens

Jesus não perdoou a prática pagã de fazer imagens de Deus. Ele manteve a proibição mencionada no Torah (Antigo Testamento) [Êxodo 20:4].

Consequentemente, o uso das imagens religiosas, figuras representando Cristo, ou um santo, teve uma firme oposição pela geração primitiva dos teólogos cristãos. Contudo, com o passar do tempo, a tradição romana e grega de feitura de imagem e de retrato de Deus na forma humana, eventualmente venceu.

A proibição foi para prevenir a idolatria e a eventual deterioração na adoração a Deus, transformando-se em adoração à Sua criação. Quando a pessoa faz uma imagem de Deus na sua mente, de facto ela está tentando fazer com que Deus seja semelhante à Sua criação, porque a mente humana só pode fazer imagens ou imaginar coisas que já viu, mas Deus não pode ser visto nesta vida.

Os actuais cristãos têm a tradição de adorar através de imagens, pois questionam como Deus pode ser adorado sem ser visualizado. Hoje, as igrejas cristãs estão cheias de imagens de Jesus, de Maria, de santos e até de anjos (como se os tivessem visto!).

Entretanto, a Bíblia diz acerca de ídolos:
«Eu sou o Senhor, este é o Meu nome, a Minha glória; pois, a outrem não darei nem o meu louvor, às imagens de escultura.»

[Isaías 42:8]

«Os ídolos deles são a prata e o ouro, obra das mãos dos homens. Têm boca mas não falam; têm olhos mas não vêem; têm ouvidos mas não ouvem; têm nariz mas não cheiram; têm mãos mas não apalpam; têm pés, mas não andam; nem som algum sai das suas gargantas. Tornam-se semelhantes a eles, os que os fazem e todos os que neles confiam.»

[Salmos 115:4-8]

«Não terás outros deuses diante de Mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo da terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás, porque Eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso.»

[Êxodo 20:3-5]

Os cristãos curvam-se nas igrejas perante as estátuas de Jesus e de Maria, negligenciando por completo os ensinamentos bíblicos originais.
A legitimidade de utilizar imagens para veneração foi declarada somente em 787, no Segundo Concílio de Niceia, e por ocasião do XII Centenário do mesmo Concílio, em 1987, o Patriarca de Constantinopla Demétrio I e o Papa João Paulo II reafirmaram como legítima essa doutrina.
Deus disse a Moisés:

«Não fareis outros deuses Comigo; deuses de prata ou deuses de ouro não fareis para vós.» [Êxodo 20:23]

Adorar santos contradiz a adoração de um único Deus, e isso é em vão, pois nem o vivo, nem o morto podem responder às orações da humanidade. De modo algum a adoração a Deus deve ser partilhada com a Sua criação. Por isso Deus diz no Al-Qur'án:
«Esses que invocais em vez de Deus, são servos como vós.»
[Al-Qur'án 7:194]

Deus deve ser adorado na base do reconhecimento dos Seus atributos, revelados por Si nas escrituras autênticas. Por exemplo, Deus descreve a si próprio no sagrado Al-Qur'án como sendo "Misericordioso"; portanto, os Seus adoradores devem reflectir sobre as várias misericórdias de Deus e mostrar gratidão por tudo isso; devem também meditar na natureza da Sua misericórdia para com eles, e assim tentarem ser misericordiosos para com outros seres humanos, e até mesmo para com os animais.
Da mesma forma, Deus refere-se a si próprio como sendo, "Indulgente e Perdoador". Portanto, os Seus adoradores devem voltar-se para Ele em arrependimento e não ficarem desesperados quando cometem algum pecado; eles devem também olhar para o perdão de Deus e perdoar outros seres humanos.
Esta foi a mensagem de Muhammad ﷺ, de Jesus e de todos outros profetas que vieram antes deles, pois consta no sagrado Al-Qur'án:
«E enviámos a cada nação, um mensageiro a proclamar: Adorai Deus e evitai o Tagut (deuses falsos).» *[Al-Qur'án 16:36]*

Os muçulmanos são os únicos que ainda cumprem e mantêm todos estes nobres ensinamentos.

4. Mais Deturpações da Mensagem de Jesus

- Jesus disse que era mensageiro de Deus [S. Marcos 9:37], mas os cristãos alteraram isso e fizeram dele "filho de Deus", "parceiro de Deus" ou o próprio "deus", sendo até mesmo tratado como mais importante que Deus. E isso também vieram a mudar, introduzindo mais deuses juntamente com ele, isto é, a Trindade composta por três elementos.

- Jesus afirmou que o Homem terá a salvação com a obediência e submissão a Deus [S. Mateus 7:21] e que Deus julgará a todos no Dia do Juízo Final, tal como ainda advogam os muçulmanos, mas os cristãos mudaram e disseram que a salvação vem através da crucificação de Jesus [I S. João 2:2] e que ele é o juiz, ficando Deus meramente sentado e a assistir o cenário!
- Jesus mencionou que não veio cancelar a lei de Moisés [S. Mateus 5:17-19], mas Paulo desobedeceu claramente a Jesus e destruiu por completo todas essas leis, pois segundo ele Jesus garantiu um testamento melhor [Hebreus 7:18-22].
- Jesus confirmou estar na mesma linha das leis de Moisés, não sendo fundador duma nova religião, mas os cristãos não seguiram isso e tomaram as medidas necessárias para declarar uma nova fé; inventaram um nome – Cristianismo, construíram templos especiais que os denominaram de "Igrejas" e cancelaram a lei de Moisés e o Antigo Testamento.
- Jesus observou o "Sábado" como o seu *Sabbat*, mas os cristãos introduziram o "Domingo" como um novo dia para a sua "nova" religião.
- Dizem que Jesus cancelou a penalidade para o adultério [S. João 8:5-11], o que os encorajou a cometer todo tipo de fornicação, promiscuidade e obscenidade.
- Nenhum profeta, incluindo Jesus, alguma vez advogou que o celibato é melhor do que o casamento, mas Paulo aconselhou às pessoas a permanecerem como ele [I Coríntios 7:8**],** concelho esse que vai contra a natureza humana (hoje mais do que nunca se prova isso com os escândalos na Igreja) e, caso seja cumprido por todos, resultaria na extinção da raça humana. Isso abriu caminho para o monaquismo cristão que não foi aprovado por profeta algum.
- Jesus ordenou às pessoas a seguirem os seus ensinamentos e os de Moisés, mas Paulo queixou-se deles dizendo: «Antes eu vivia sem a lei, mas quando o mandamento veio, o pecado reviveu» [Romanos 7:9].
- Jesus veio com um Evangelho, mas os cristãos o perderam e ninguém sabe como e porquê. Depois escreveram com as suas próprios mãos e segundo a própria imaginação e memória, muitos Evangelhos contraditórios.
- Jesus menciona que foi enviado apenas para as ovelhas perdidas da casa de Israel [S. Mateus 15:24], mas eles mudaram isso e disseram que a sua mensagem é para todas as pessoas, indo contra as instruções claras de Deus.
- Jesus declarou que depois dele viria um profeta chamado "Ahmad" (Muhammad) com uma mensagem completa revelada por Deus [vide

Evangelho de S. Barnabé], mas os cristãos não o aceitaram e intencionalmente esconderam o seu nome, para continuarem a rejeitá-lo bem como a verdadeira e pura religião.

O CAMINHO DE JESUS

Outro aspecto da mensagem de Jesus foi o seu chamamento às pessoas para seguirem o seu “caminho”.
Os mensageiros traziam Leis Divinas ou confirmavam as trazidas pelos profetas anteriores, chamando as pessoas a adorar um Único Deus e obedecerem as Suas Leis.
Eles demonstravam na prática o cumprimento dessas Leis junto com os seus seguidores, pois estavam igualmente submetidos a elas. Portanto, convidavam também os que acreditavam neles, a seguirem o seu caminho, por ser a forma correcta para se chegar a Deus, assim como consta na Bíblia:
«Disse-lhes Jesus: Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai a não ser por mim.»

[S. João 14:6]

Não obstante os que adoram Jesus citarem este versículo frequentemente como parte da prova de sua “divindade”, Jesus nunca convidou as pessoas a adorarem-no em detrimento de Deus ou similarmente a Ele.
Se de facto essas palavras foram pronunciadas por Jesus, então significam que ninguém pode adorar a Deus excepto na forma definida pelos Seus profetas. Jesus enfatizou aos seus discípulos que só podiam adorar a Deus da forma como ele lhes havia ensinado, assim como Deus disse ao profeta Muhammad ﷺ para recomendar às pessoas a seguirem-no, se de facto elas amam a Deus:
«Ó Muhammad! Diz às pessoas: Se amais a Deus, segui-me; Deus vos amará e perdoará os vossos pecados, pois Deus é Perdoador e Compassivo.»

[Al-Qur’án 3:31]

O caminho dos profetas é o único para o encontro de Deus, pois foi por Ele prescrito. Portanto, a missão dos mensageiros era de transmitir as Suas instruções para a humanidade, de forma a que esta pudesse saber como adorá-Lo.

Por isso, é extremamente incorrecto adicionar qualquer coisa à religião; uma só mudança introduzida na religião, que esteja para além daquilo que os profetas ensinaram, representa um desvio inspirado por Satanás e deve ser combatido por se tratar duma heresia; no Shari’ah, isso é conhecido por *Bid’ah*.

De salientar que Jesus, filho de Maria, foi o último profeta judeu, que viveu em conformidade com os ensinamentos do Torah – a lei enviada a Moisés – e ensinou aos seus seguidores a fazerem o mesmo:
«Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim ab-rogar, mas cumprir. Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido.
Qualquer, pois, que violar um destes mandamentos, por menor que seja, e assim ensinar aos homens, será chamado o menor no reino dos céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar, será chamado grande no reino dos céus.»
[S. Mateus 5:17-19]

Infelizmente, cerca de cinco anos após o ministério de Jesus, apareceu um jovem rabino de nome Saul, nascido em Tarso, uma cidade na Cecília. Ele era inimigo declarado de Jesus, dos seus seguidores e ensinamentos e passava todo o tempo a perseguir os cristãos [Actos 9:1-2].
Certa vez, reivindicou ter tido uma visão de Jesus [Actos 9], a partir da qual começou a ensinar o Evangelho de forma subvertida nas sinagogas; dizia que Jesus era filho de Deus, assim como consta na sua carta dirigida a Gálatas, sendo daí que começou a mudar o caminho traçado por Jesus e a ensinar um “Evangelho” completamente diferente daquele que foi revelado a Jesus.

Esse rabino era de origem romana e o seu nome também era romano: Paulo; tinha um certo apreço pela filosofia romana e falava orgulhosamente da sua própria origem. A sua principal convicção era de que os não judeus que se convertiam ao Cristianismo, de forma alguma deviam ser sobrecarregados com os ensinamentos do Torah.
Consta no Actos 13:39:
«Por meio dele, todo aquele que crê, é justificado (libertado) de todas as coisas em relação às quais não podia ser justificado (libertado) pela lei de Moisés.»
Primeiramente, foi com o esforço de Paulo que a Igreja começou a tomar o seu carácter não judaico. Ele escreveu a maior parte das Epístolas (cartas)

do Novo Testamento, que a Igreja aceita como sendo a Doutrina oficial e Escritura inspirada. Entretanto, essas cartas não preservam o Evangelho de Jesus nem o representam, pois transformam os ensinamentos dele numa filosofia helénica (greco-romana).

PRECEITOS ORIGINAIS DEIXADOS POR JESUS

A seguir, pretendemos ilustrar através da própria Bíblia, alguns dos verdadeiros princípios que Jesus praticou, mostrou e pregou aos seus seguidores, mas que mais tarde a própria Igreja deixou de os seguir. Passados cerca de seis séculos, Deus enviou o último dos Seus mensageiros – Muhammad ﷺ, que viria reavivar tais ensinamentos através da Mensagem Final revelada a ele para toda a humanidade – o sagrado Al-Qur'án – que seria mantida intacta para o resto dos dias, pois consta:
«Ordenou-vos a mesma religião que havia instituído a Noé, a qual te revelamos, a qual havíamos ordenado a Abraão, a Moisés e a Jesus, dizendo-lhes: Estabelecei a religião e não divergi nela. E isso (Unicidade de Deus) para o qual vós chamais os idólatras, é pesado (difícil) para eles.»

[Al-Qur'án 42:13]

De facto, foi isso que aconteceu e ainda acontece, pois os muçulmanos mantêm essas práticas religiosas como parte fundamental da sua crença:

a) Ablução Antes da Oração

Tanto o Antigo como o Novo Testamento fala da purificação (ablução) do corpo antes da oração. Ablução significa purificar-se antes da oração, lavando algumas partes do corpo tais como cara, mãos, pés, etc. No Shari'ah, tal acto é conhecido por *Wudhú*.

Antes de efectuar uma certa oração, Jesus costuma lavar as suas mãos, braços e pernas, pois segundo os ensinamentos do Torah, Moisés e Aarão também o faziam:
«Instalou a bacia entre a tenda da reunião e o altar, e nela deitou água para as abluções. E Moisés, e Aarão e seus filhos deviam lavar ali as mãos e os pés.

Sempre que entravam na tenda da congregação e se aproximavam do altar, deviam fazer estas abluções como o Senhor tinha ordenado a Moisés.»

[Êxodo 40:30-31]

Neste versículo, a palavra "ordenado" indica que Moisés e Aarão não só efectuavam a ablução porque queriam, mas porque tinham sido comandados por Deus. E como Jesus não veio cancelar a lei trazida por Moisés, implica que também assim procedia.
David também se lavava antes da oração:
«Então David se levantou da terra, e se lavou, e se ungiu, e mudou de roupas, e entrou na casa do Senhor, e adorou.»

[II Samuel 12:20]

O sagrado Al-Qur'án faz igualmente alusão a isso, pois Deus ordena a ablução antes da oração:
«Ó vós crentes! Quando vos levantardes para fazer o Salát (oração), lavai as vossas caras, as vossas mãos e os antebraços até aos cotovelos, e fazei Mass'ha das vossas cabeças, e lavai os pés até aos tornozelos.»

[Al-Qur'án 5:6]

b) Prostração

Consta que Jesus também se prostrava ao orar:
«E, indo um pouco mais para diante, prostrou-se sobre o seu rosto, orando e dizendo: Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres.»

[S. Mateus 26:39]

E todos profetas antes dele oravam assim:
«Então, caiu Abraão sobre o seu rosto e falou Deus com ele.»

[Génesis 17:3]

Sobre Moisés e Aarão:
«Mas eles (Moisés e Aarão) prostraram-se sobre seus rostos e disseram: Ó Deus...»

[Números 16:22]

«Então, Moisés e Aarão se foram de diante da congregação, à porta da tenda da congregação, e se lançaram sobre seus rostos; e a glória do Senhor lhes apareceu.»

[Números 20:6]

E outros:
«Então, Josué se prostrou sobre seu rosto na terra, e adorou.»

[Josué 5:14]

«Então, Josué rasgou os seus vestidos e se prostrou em terra sobre seu rosto, perante a arca do Senhor.» [Josué 7:6]

«Elias subiu ao cimo do monte Carmelo, prostrou-se por terra colocando a cabeça entre os joelhos.» [I Reis 18:42]

«Levantou-se David, da banda do Sul, e lançou-se sobre seu rosto em terra, e inclinou-se três vezes.» [Ismael 20:41]

Mais versículos comprovando que esta era prática dos profetas, poderão ser encontradas [Números 16:4, 16:22 e 45:23 e outros]. No sagrado Al-Qur'án, Deus ordena o mesmo aos crentes:
«E invoca o nome do teu Senhor, pela manhã e à tarde, e prostra-te diante d'Ele e glorifica-O ao longo da noite.»

[Al-Qur'án 76:25-26]

c) Entrar Descalço em Locais Sagrados

Deus recomendou a Moisés:
«Não te aproximes daqui; tira as tuas sandálias dos pés, porque o lugar que estás a pisar é uma terra santa.»

[Êxodo 3:4-5]

d) Caridade

Jesus confirmou a instituição da caridade obrigatória, conhecida por "Dízimo", que era exigida da colheita anual:

«Certamente darás os dízimos de toda novidade da tua semente, que cada ano se recolher do campo.»

[Deuteronómio 14:22]

Consta ainda:

«Mas quando você der esmola, que a sua mão esquerda não saiba o que está fazendo a direita, de forma a que a sua ajuda seja prestada em segredo. E seu Pai que vê o que é feito em segredo, o recompensará!»

[S. Mateus 6:3-4]

«Pelo que te ordeno, dizendo: Livremente abrirás a tua mão para o teu irmão, para o teu necessitado e para o teu pobre na tua terra.»

[Deuteronómio 15:11]

No Isslam, a caridade obrigatória é conhecida por *Zakát* e a facultativa por *Sadaqah*. Consta:

«Foi Ele (Deus) Quem criou jardins com plantas trepadeiras e não trepadeiras, e com tamareiras e plantações de vários alimentos, e oliveiras e romãzeiras, semelhantes e diferentes; comei de seus frutos quando frutificarem, e pagai o tributo (Zakát no produto, chamado Ushr – Dízimo) no dia da colheita.»

[Al-Qur'án 6:141]

«Estabelecei o Salát e pagai o Zakát.»

[Al-Qur'án 2:43]

e) JEJUM

Consta que tanto Jesus assim como outros profetas antes dele, também jejuaram:

«Depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, (Jesus) teve fome.»

[S. Mateus 4:2]

«Eu lhes digo verdadeiramente que, se vocês tiverem fé do tamanho de um grau de mostarda, poderão dizer a este monte "vá daqui para lá" e ele irá; nada lhes será impossível. Mas esta espécie não sai senão por meio de oração e jejum.»

[S. Mateus 17:21]

O jejum de Moisés:

«E esteve ali com o Senhor, quarenta dias e quarenta noites; não comeu pão e nem bebeu água, e escreveu nas tábuas, as palavras de concerto: Os Dez Mandamentos.»

[Êxodo 34:28]

«Reuniram-se pois, em Mizpá, tiraram água, derramaram-na diante do Senhor e jejuaram naquele dia.»

[I Samuel 7:6]

Um dos Pilares do Isslam é o jejum obrigatório no Ramadhán, o nono mês do calendário isslâmico; os muçulmanos cumprem anualmente o jejum desde que foi restabelecido pelo profeta Muhammad ﷺ:
«Ó crentes! O jejum foi tornado obrigatório para vós, assim como foi tornado obrigatório aos que vieram antes de vós.»

[Al-Qur'án 2:183]

f) Circuncisão

Segundo consta, Jesus também foi circuncidado, cumprindo assim uma tradição dos profetas anteriores. De acordo com o Antigo Testamento, esta tradição teve início com Abraão, que não era judeu nem cristão.
«Tu, porém, guardarás o meu concerto; tu e a tua semente depois de ti, nas suas gerações. Este é o Meu concerto, que guardareis entre Mim e vós, e a tua semente depois de ti. Que todo o macho será circuncidado.
E circuncidareis a carne do vosso prepúcio; e isto será por sinal do concerto entre Mim e vós. O filho de oito dias, pois, será circuncidado. Todo o macho nas vossas gerações, o nascido na casa e o comprado por dinheiro a qualquer estrangeiro, que não for da tua semente. Com efeito, será circuncidado o nascido em tua casa e o comprado em teu dinheiro. E será o meu concerto na vossa carne por concerto perpétuo.»

[Génesis 17:9-13]

«O Senhor falou a Moisés nestes termos: Diz aos Filhos de Israel: Quando uma mulher grávida der à luz uma criança do sexo masculino, ficará impura durante sete dias, tantos quantos os da sua impureza menstrual; no oitavo dia,

proceder-se-á à circuncisão do prepúcio do filho. A mulher ficará ainda trinta e três dias para se purificar do sangue; não tocará em coisa alguma sagrada e não entrará em lugar santo, até findar o tempo da sua purificação.»

[Levítico 12:1-4]

E consta no Novo Testamento:
«Completando-se os oito dias para a circuncisão do menino, foi lhe posto o nome de Jesus, o qual lhe havia sido dado pelo anjo antes dele nascer.»

[S. Lucas 2:21]

Portanto, ser circuncidado faz parte do caminho de Jesus e hoje, mais do que nunca, é comprovado de que a circuncisão evita o contágio de muitas doenças, de entre elas a Sida, razão pela qual as organizações de saúde têm tentado incutir esta prática nas populações.

Segundo a Bíblia, Deus tornou a circuncisão obrigatória para todos. Entretanto, muitos cristãos não são circuncidados devido à análise relacional introduzida por Paulo. E mesmo os que o fazem, é por motivos culturais ou medicinais e não como um dever religioso.
Paulo disse que a circuncisão era um acto íntimo, de coração, e não físico. Na sua carta aos Romanos, escreveu:
«Mas aquele que o é no íntimo, esse sim é que é judeu. E a circuncisão que conta é a do coração (espiritual), operada pelo espírito, e não por causa da letra da lei (literal).»

[Romanos 2:29]

E na sua carta aos Gálatas, disse:
«Ouçam bem o que eu (Paulo) lhes digo: Se vós vos circuncidardes, Cristo de nada vos servirá.»

[Gálatas 5:2]

Essa foi a falsa interpretação de Paulo, pois Jesus não foi circuncidado de coração, nem mencionou acerca da "circuncisão íntima", mas manteve o "concerto perpétuo" e foi circuncidado na carne, tal como Deus instruiu a Abraão. Logo, os cristãos devem ponderar sobre a quem é que devem seguir: Paulo ou Jesus. Paulo segue Jesus ou é o contrário?

Portanto, conclui-se que a circuncisão é um aspecto importante do caminho de Jesus, e os muçulmanos seguem essa tradição desde que o profeta Muhammad ﷺ a reinstituiu, pois ele a considerou como um Sunnat de todos os profetas [Tirmizhi] e como parte da natureza humana [Ahmad].

g) Proibição do Consumo de Porco

Consumir porco é também proibido aos cristãos, mas estes o legalizaram. Jesus não comeu carne de porco, pois ele seguia as leis reveladas a Moisés: «Também o porco, porque tem unhas fendidas, e as fendas das unhas se dividem em duas, mas não remói, este vos será imundo. Da sua carne não comereis, nem tocareis no seu cadáver, estes vos serão imundos.»

[Levítico 11:7-8, Deuteronómio 14:8]

«Povo que me irrita diante da minha face de continuo, sacrificando em jardins e queimando incenso sobre tijolos, assentando-se junto às sepulturas, e passando as noites junto a lugares secretos, comendo carne de porco e com caldo de coisas abomináveis nos seus vasos.»

[Isaías 65:13]

A única vez em que Jesus lidou com porcos foi quando pretendia expulsar os espíritos malignos que incomodavam um homem, para que saíssem dele e entrassem nos porcos. Contudo, os que se intitulam cristãos não estão a seguir o caminho de Jesus e nem a Bíblia, pois comem porco e seus derivados.
O consumo de porco está mais associado ao Cristianismo do que a qualquer outra religião. É estranho que por um lado, dizem que a Bíblia é palavra de Deus, mas violam explicitamente as ordens mencionadas no seu sagrado Livro.
Reconhecer que algo é proibido e praticá-lo, a isso se chama pecado e hipocrisia, mas afirmar abertamente que algo é permitido contrariando a própria fonte de onde se extraem as leis, isso é alterar a religião. E é exactamente isso que os cristãos fizeram e ainda fazem.

Consta que depois de Constantino se converter ao Cristianismo, começou a oprimir os judeus para forçá-los a entrar no Cristianismo e assim, muitos acabaram por fazê-lo. Mas os cristãos estavam a duvidar da conversão deles e então, o patriarca de Constantinopla aconselhou a Constantino para testar

a fé deles fazendo-lhes comer carne de porco, pois esta é proibida no Torah. Portanto, quem não comer é porque ainda continuava no Judaísmo. Mas Constantino hesitou em fazer isso, só que o patriarca insistiu e convenceu-o de que essa carne era permitida aos cristãos, de acordo com aquilo que Pedro e Paulo haviam dito.

Segundo consta, eles mudaram isso e fizeram Pedro dormir com fome, para sonhar que todas as carnes são permitidas [Actos 10:13-15]. E assim o sonho de Pedro superou a lei de Moisés, ou seja, com um sonho todas essas leis se transformaram em história.
Jesus disse:
«Os demónios entraram nos porcos.»

[S. Lucas 8:33]

Esta é uma indicação de repugnância e nojo relativamente a esse animal, cuja carne é proibida na lei de Moisés e que a mesma veio a ser confirmada por Jesus. Contudo, os cristãos a mudaram e fizeram do toucinho a sua carne preferida, só por Paulo ter dito:
«Todo o alimento é puro.»

[Romanos 14:14-23]

«Comam de tudo o que se vende no mercado.»

[I Coríntios 10:25]

Portanto, de acordo com Paulo, pode-se comer tudo o que se vende nos talhos e no mercado. Como é possível que algo que Paulo diz vem a estar acima daquilo que Jesus e Moisés disseram, quando ele nem sequer profeta era?
No Isslam, mantém-se a absoluta restrição do consumo de porco bem como de seus derivados. Os cristãos sérios decerto que ficam espantados ao saber que a Bíblia impôs a proibição sobre as mesmas carnes, exigindo o sangramento por degolação de animais lícitos, exactamente como o Al-Qur'án ordena:
«São-vos proibidos o animal morto (que morreu naturalmente), o sangue, a carne de porco, os animais que foram degolados sob a invocação de outro nome senão o de ALLAH, os animais estrangulados até à morte, os mortos por espancamento, os mortos devido à queda, os mortos por colisão (chifres), os devorados (despedaçados) por um animal carnívoro, excepto os que são

degolados ritualmente ainda com vida; são vos proibidos também os animais sacrificados nos altares para os ídolos.» *[Al-Qur'án 5:3]*

h) Proibição do Consumo de Sangue

Tal como se pôde constatar no versículo anterior, também o consumo de sangue é proibido aos muçulmanos. Consta ainda:
«Diz (ó Muhammad): Não encontro no que me foi revelado nada de proibido para quem queira se alimentar, excepto o animal que seja encontrado morto, o sangue corrente ou carne de porco, pois são por certo, coisas imundas.»
[Al-Qur'án 6:145]

Corroborando com estes dois versículos, a Bíblia diz:
«Tão somente o sangue não comereis; sobre a terra o derramareis como água.»
[Deuteronómio 12:16]

«Não comam a carne de nenhum animal que tenha sido oferecido em sacrifício aos ídolos; não comam o sangue nem a carne de nenhum animal que tenha sido estrangulado, e não pratiquem imoralidade sexual. Vocês agirão muito bem se não fizerem essas coisas.»
[Actos 15:29]

A vida de todo ser vivo está no sangue e é por isso que Deus comanda aos israelitas a não o consumirem:
«Quem comer sangue está expulso do meio de Israel.»
[Levítico 17:14]

«Não comereis nada que contenha sangue, e não praticareis a adivinhação, nem a magia.»
[Levítico 19:26]

Apesar disso, os cristãos consomem o chamado "arroz de cabidela", que na cozinha portuguesa é preparado com sangue de frango ou coelho, recolhido após manter de cabeça para baixo o animal degolado.
Em Macau, antiga colónia portuguesa, o prato é preparado com pato, e as comunidades católicas de Goa e de Mengalore, na Índia, preparam-no com porco.

i) Proibição de Bebidas Alcoólicas

A proibição do álcool está bem clara na Bíblia:
«O homem ou mulher que cumprir um voto de nazirato para se consagrar ao Senhor, há-de se abster do vinho e da bebida inebriante (forte). Não beberá vinagre de vinho nem vinagre de bebida forte. Não beberá qualquer suco de uvas; não comerá uvas verdes nem secas em todos os dias da sua consagração; não comerá nada do que fabricar da vinha, desde a pele das uvas até à grainha.»

[Números 6:1-4]

«O vinho é escarnecedor e a bebida forte, alvoroçadora; quem a eles se entrega, não será sábio.»

[Provérbios 20:1]

«Pois será grande aos olhos do Senhor; ele nunca tomará vinho nem outra bebida alcoólica.»

[S. Lucas 1:15]

Contudo, aparecem outros versículos a legalizar o vinho, como por exemplo:
«Não continue a beber somente água, tome também um pouco de vinho por causa do seu estômago e das suas frequentes enfermidades.»

[I Timóteo 5:23]

Esta é uma contradição clara, à semelhança de outras tais como o Números 4:3 que contradiz com Números 8:24, S. Marcos 16:21 com S. João 20 e S. Lucas 23:26 contradiz S. João 19:16.

Quanto ao milagre de transformar água em vinho, consta apenas no Evangelho de S. João, contradizendo firmemente os outros três Evangelhos. De salientar que esse Evangelho foi inicialmente contrariado por ser herético, enquanto que os outros três foram referidos como sinópticos por apresentarem textos contendo um tratamento semelhante à vida de Jesus [The New Encyclopaedia Britannica, Vol. 5, pág. 379].
Se o episódio de transformar água em vinho tivesse alguma autenticidade, então porquê S. Lucas e Paulo disseram: «Bom não é comer carne, nem

beber vinho» [Romanos 14:21]. E por que razão os que eram seguidores de Jesus proibiram o consumo de vinho?
Consequentemente, os teólogos do Novo Testamento expressaram dúvidas quanto à autenticidade desse incidente. Não se pode dar preferência ao Evangelho de S. João acima do de S. Lucas e Romanos, pois estes foram escritos nos anos 70 e 56 DC, enquanto que aquele só foi escrito em 85 DC, cerca de 15 a 30 anos mais tarde.

O sagrado Al-Qur'án proíbe tudo aquilo que intoxica:
«Ó crentes! Na verdade, o vinho (bebidas inebriantes), os jogos de azar, a idolatria e as flechas de adivinhação são de entre as obras abomináveis do Satanás; evitai-os para assim poderdes prosperar. Satanás deseja apenas infundir a inimizade e o ódio entre vós através do vinho e dos jogos de azar, e desviar-vos da recordação de Deus e da oração. Não vos ireis abster deles?»

[Al-Qur'án 5:90-92]

j) Observância do Hijáb

É incorrecto pensar que somente a mulher muçulmana é quem tem a obrigação de se vestir decentemente, pois mostrar os contornos do corpo feminino, quer seja através de vestes transparentes, justas ou deixando parte do corpo ou cabelo descobertos, é também interdito noutras religiões.
De facto, o Isslam não é a única doutrina que advoga essas directivas, mas é certo que se trata da única religião no mundo moderno que ainda luta por manter e defender os seus princípios morais e sociais.

Hijáb é um conceito que não se refere apenas à conduta e comportamento da mulher, mas abrange ainda a sua indumentária, pois segundo este código, a mulher deve constantemente cobrir todo o seu corpo incluindo os cabelos, com excepção da cara, mãos e pés. Portanto, o termo árabe *"Hijáb"* reflecte um conceito mais alargado e não possui uma tradução directa para Português.
Este conceito tem sido indevidamente traduzido através da palavra "véu", que na língua portuguesa significa "tecido com que as mulheres cobrem o rosto", o que é incorrecto pois o termo árabe utilizado para esta última palavra é *"Niqáb"*, que é especificamente a peça que cobre o rosto.

No mundo ocidental e predominantemente cristão, têm surgido constantemente indivíduos que se prontificam a criticar o Isslam quando o assunto é Hijáb e não só. Mas será que este preceito está ligado apenas aos muçulmanos?
Vejamos o que diz a Bíblia sobre isso:
«Rebeca também levantou seus olhos, e viu a Isaac, e desceu do camelo. E disse ao servo: Quem é aquele homem que vem pelo campo ao nosso encontro?
E o servo disse: Este é meu senhor.
Então tomou ela o véu e cobriu-se.»

[Génesis 24:64-65]

Rebeca cobriu a sua cabeça na presença de Isaac – um homem estranho – como sinal de modéstia, prática essa que ainda hoje pode ser encontrada nalgumas mulheres realmente decentes, retratando exactamente aquilo que defende a Bíblia.
Era prática das mulheres à volta dos profetas, incluindo Jesus, cobrirem a cabeça e se vestirem decentemente devido à sua modéstia e por serem reservadas.
Paulo também criticava duramente às mulheres que não cobriam a cabeça:
«Toda mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta, desonra a sua própria cabeça, porque é como se estivesse rapada. Portanto, se a mulher não se cobre com véu, tosquie-se também. Mas, se para a mulher é coisa indecente tosquiar-se ou rapar-se, que ponha o véu (cubra os cabelos).
O homem, pois, não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e glória de Deus, mas a mulher é a glória do homem. Porque o homem não provém da mulher, mas a mulher do homem. Porque também o homem não foi criado por causa da mulher, mas a mulher por causa do homem.»

[I Coríntios 11:5-9]

Portanto, segundo as directivas cristãs, a mulher não deve deixar a cabeça descoberta, pois isso é desonra para ela, assim como o é rapar os seus cabelos.
Por outro lado, o objectivo pelo qual a Bíblia estabelece que a mulher deve cobrir a cabeça está bem claro: representa a autoridade e superioridade do homem em relação a ela, tal como foi estipulado por Paulo.
O Ocidente tem atribuído indevidamente a mesma concepção à religião isslâmica; como o Hijáb é sinal de autoridade masculina no Cristianismo, então concluem que o mesmo princípio talvez seja igualmente aplicável no Isslam.
Contudo, o objectivo do Hijáb é de preservar a modéstia, honra e dignidade da mulher, tratando-se duma criatura mais sensível, preciosa e particular.

Se o propósito do Hijáb fosse aquele que é atribuído ao Isslam pelo Ocidente, então o sagrado Al-Qur'án seria claro em defender isso assim como o fez a Bíblia.

Até aos anos 60, era obrigatório à mulher católica cobrir os seus cabelos na Igreja, lei essa que foi mais tarde "modernizada", assim como muitas outras leis bíblicas.
Já pensou porque razão é que Maria, a mãe de Jesus, é sempre representada com os cabelos cobertos? É de admirar porque apenas algumas freiras é que cumprem o "Hijáb". Que leis são essas que devem ser cumpridas somente por uma camada de crentes seguidores da mesma doutrina?
As muçulmanas são as únicas mulheres que ainda optam por seguir o código de indumentária deixado pelo último mensageiro enviado à humanidade – Muhammad ﷺ, assim como pelos profetas anteriores a ele como Jesus e Moisés. Na comunidade cristã, há também freiras que observam o véu, mas paradoxalmente, em alguns países europeus que se intitulam de cristãos, proíbem essa prática às muçulmanas. Porquê essa perseguição específica a uma certa religião?

k) Forma de Saudar

Quando Jesus saudava os seus seguidores dizia:
«A paz esteja convosco.»

[S. João 20:19]

«Disse-lhes, pois, Jesus outra vez: Paz esteja convosco; assim como o Pai (Deus) me enviou, também eu vos envio a vós.»

[S. João 20:21]

Esta forma de saudação está em conformidade com a que foi praticada por outros profetas, pois Jesus não foi o único a fazê-la.
«Saudai-o em meu nome e dizei-lhe: Meu irmão, a paz esteja contigo, paz à tua casa e paz a todos teus bens.»

[I Samuel 25:6]

De facto, "que a paz esteja contigo" é o significado das palavras árabes *"Assalámu Alaikum"*, utilizadas ainda hoje pelos muçulmanos quando se cumprimentam uns aos outros. Trata-se duma prática que foi implementada

pelo profeta Muhammad ﷺ, pois segundo os ensinamentos al-Qur'ânicos, foi Deus Quem a prescreveu, razão pela qual faz sentido que os profetas anteriores também a tenham utilizado:
«Quando vierem a ti aqueles que acreditam em Nossas revelações, saúda-os (dizendo): A paz esteja convosco.»

[Al-Qur'án 6:54]

l) Proibição de Juro e Usura

Chama-se juro ou usura ao empréstimo efectuado sob condição de o devedor vir a pagar uma quantia acima ou para além da que fora tomada por empréstimo. Os textos bíblicos proíbem expressamente esta prática:
«Se emprestares dinheiro ao meu povo, ao pobre que está contigo, não te haverás com ele como um usurário, não lhe imporás usura.»

[Êxodo 22:25]

«Ao teu irmão não emprestarás à usura, nem à usura de dinheiro, nem à usura de comida, nem à usura de qualquer coisa que se empreste.»

[Deuteronómio 23:20]

O sagrado Al-Qur'án também é claro nessa proibição:
«Ó crentes! Temei a Deus e deixai o que resta do Ribá (juros/usura), se sóis crentes. Se não o fizerdes, esperai a guerra da parte de Deus e de Seu mensageiro; se vos arrependerdes, tereis o vosso capital. Não prejudicareis ninguém, para não ficardes prejudicados.»

[Al-Qur'án 2:278-279]

m) Poligamia

Não há qualquer registo ou evidência que ateste de que Jesus era contra à poligamia. Caso ele se opusesse, estaria a condenar uma prática comum dos profetas que o antecederam, tais como Abraão, David, Salomão, entre outros:
«Assim tomou Sarai, mulher de Abraão, a Agar egípcia, sua serva, e deu-a por mulher a Abraão seu marido, ao fim de dez anos que Abraão habitara na terra de Canaá».

[Génesis 16:3]

«E David ficou com Áquis, em Gate, ele e os seus homens, cada um com a sua casa. David com ambas as suas mulheres...» [I Samuel 27:3]

«E (Salomão) tinha setecentas mulheres princesas, e trezentas concubinas, e suas mulheres lhe perverteram o coração.» [I Reis 11:3]

Aliás, a Bíblia até especifica as leis relacionadas à herança em circunstâncias poligâmicas:
«Quando um homem tiver duas mulheres, uma que ele ama, outra que despreza, e lhe tiverem dado filhos tanto a que é amada como a que é menosprezada, se o filho desta for o primogénito, este homem, no dia em que repartir entre os filhos os bens que tiver, não poderá dar a primogenitura ao filho da que é amada em prejuízo do primogénito da mulher menosprezada.»
[Deuteronómio 21:15-16]

Uma das restrições na poligamia era a proibição de casar com a irmã da esposa, estando esta ainda viva, facto que é igualmente observado no Shari'ah:
«Não tomarás por esposa uma mulher juntamente com a sua irmã; isso é criar uma rivalidade, descobrindo a nudez de uma juntamente com a de outra, enquanto for viva.» [Levítico 18:18]

Segundo o Padre Eugene Hillman, «não existe no Novo Testamento versículo algum que ordene explicitamente de que o casamento deve ser monógamo, ou qualquer versículo explícito proibindo a poligamia [...] A Igreja em Roma baniu a poligamia para pô-la em conformidade com a cultura greco-romana que prescrevia só uma mulher lícita, enquanto tolerava a concubinagem e prostituição» [Poligamy Reconsidered]. O celibato do clero cristão foi decretado somente em 306, no Concílio de Elvira.
O Talmude limita o máximo de quatro esposas, assim como era prática de profeta Jacob [Women in Judaism]. O mesmo critério é ainda hoje adoptado pelo Isslam [Al-Qur'án 4:3].

n) Sinopse

Todos estes ensinamentos bíblicos não são revelados pelos padres ou pastores das igrejas aos seus rebanhos e por isso, são desconhecidos pela maioria

dos cristãos, incluindo os próprios pastores que simplesmente se limitam a pregar o que lhes foi ensinado, não tendo qualquer vontade ou capacidade de investigar a Bíblia e a religião que seguem.
Os muçulmanos mostram ser os únicos que ainda hoje vêm praticando não só estes ensinamentos originais de Jesus como também de outros profetas Divinos que vieram antes dele. E quando estas mesmas práticas são observadas pelo Mundo, principalmente o Ocidente, começam a estranhar pensando tratar-se de algo novo.
Portanto, a cultura e o estilo de vida muçulmanos está mais em sintonia com os ensinamentos e práticas de Jesus do que qualquer cristão actual. O Cristianismo de hoje está muito diferente da mensagem original pregada por Jesus, quer em detalhes como em princípios, pois trata-se duma religião fabricada em conjunto por reis, clérigos, escritores e tradutores desconhecidos e ainda continua submetida à transformação contínua desde a sua origem.

O Isslam é a religião que melhor se adapta às necessidades da criatura humana. Por exemplo, no Cristianismo, uns podem contrair matrimónio e outros não, esquecendo-se que se trata duma necessidade individual de cada ser humano; proíbem isso (os cristãos e não Jesus) e depois alguns se envolvem em escândalos sexuais e de pedofilia, deixando de lado tanta mulher que existe, para além de admitirem abertamente a fornicação.
A Igreja Católica nunca permitiu o uso do preservativo, mas desde 20 de Novembro de 2010, o Papa Bento XVI já o autorizou, cedendo assim à pressão internacional.

A base da missão e ensinamento de Jesus era a submissão à vontade de Deus, pois esse é o princípio que Deus prescreveu para a humanidade desde os primeiros tempos:
«A religião perante Deus é a da submissão (Isslam).»

[Al-Qur'án 3:19]

Em árabe, a submissão à vontade de Deus é expressa pela palavra "Isslam", e Jesus pregou o mesmo sentido, mas noutro idioma:
«Nem todo o que me diz "senhor, senhor!" entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai (Deus), que está nos céus.»

[S. Mateus 7:22]

Neste versículo, Jesus dá ênfase à vontade de Deus, ou seja, submissão da vontade humana pela de Deus. E Jesus disse ainda:
«Por mim mesmo, nada posso fazer; eu julgo apenas conforme oiço e o meu julgamento é justo, porque não busco a minha vontade, mas a vontade do Pai (Deus) que me enviou.» [S. João 5:30]

A vontade de Deus está expressa nas leis por Ele reveladas, que foram ensinadas e transmitidas pelos profetas aos seus seguidores. Portanto, a obediência à Lei Divina é a base de adoração:
«Se queres entrar na vida (Paraíso), obedeça aos Mandamentos.»
[S. Mateus 19:17]

«Qualquer, pois, que violar um destes mandamentos, por menor que seja, e assim ensinar aos homens, será chamado o menor no reino dos céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar, será chamado grande no reino dos céus.»
[S. Mateus 5:18]

A Lei de Deus representa a orientação para a humanidade em todas as esferas da vida. Define o que é bom e o que é mau para as pessoas e proporciona um código de vida completo. O que Muhammad ﷺ, Jesus e outros enviados de Deus trouxeram, não poderia ser algo que fosse contra a natureza humana, pois só o Criador conhece melhor o que é benéfico e prejudicial à Sua criação.

Para o ser humano atingir o seu potencial e viver uma vida recta, deve adorar Deus através da obediência aos Seus mandamentos. Essa foi concretamente a religião que foi transmitida na mensagem de Jesus: Submissão à vontade de um verdadeiro Deus, obedecendo os Seus mandamentos, sendo aí que se encontra a salvação.
Jesus disse aos seguidores que a sua missão não era cancelar as leis que Moisés havia trazido. Assim como os profetas que vieram depois de Moisés mantiveram a lei, Jesus também fez o mesmo.
Consta no sagrado Al-Qur'án:
«Em seguida, enviamos nas suas pegadas, Jesus, filho de Maria, confirmando aquilo que havia antes dele no Torah, e demos-lhe o Evangelho, no qual havia orientação e luz e uma confirmação do Torah que veio antes disso.»
[Al-Qur'án 5:46]

E na Bíblia, Jesus disse:
«Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim ab-rogar, mas cumprir. Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido.»

[S. Mateus 5:17]

Contudo, Paulo, que reivindicou ser "discípulo e seguidor" de Jesus, cancelou sistematicamente as leis trazidas por ele:
«Mas agora temos sido libertados da lei, tendo morrido para aquilo em que estávamos retidos; para que sirvamos em novidade de espírito, e não na velhice da letra.»

[Romanos 7:6]

ALLAH: O MESMO QUE "DEUS"

A palavra árabe "ALLAH" é o nome Divino mais comum nas escrituras isslâmicas e tem a sua santidade única não só para muçulmanos como também para judeus e cristãos que falam Árabe, pois utilizam a mesma palavra para se referir a Deus desde há muito.
Perante os muçulmanos, ALLAH é o nome de Deus mais inclusivo, que inclui todos os Seus outros nomes e atributos. Segundo a utilização convencional, esta palavra só pode ser aplicada para se referir ao Criador e não pode de forma alguma ser utilizada para qualquer outro ser, seja humano, angélico, animal, animado ou inanimado, real ou imaginário, patente ou oculto. Mesmo na era da ignorância pré-isslâmica, o termo era aplicado apenas para "Criador dos Céus e da Terra" e para "Senhor dos Mundos".

Etimologicamente, tanto as palavras árabes "ALLAH" ou "ILAH" assim como a bíblica "ELOHIM", têm a sua origem no significado de "Deus", invocado pelos profetas hebraicos e aramaicos (João Baptista e Jesus).
Estas três palavras semíticas são etimologicamente equivalentes. A ligeira diferença está na forma de as pronunciar, harmonizando aos padrões históricos de mudanças morfológicas que encontramos. Por exemplo, para designar Deus encontramos actualmente no Português, Italiano e Latim, as palavras "Deus", "Dio" e "Dios", e no Inglês, Alemão e Persa, os termos "God", "Gott", "Khudá".

Segundo o Bispo Martinus Muskens, da Diocese de Breda na Holanda, a palavra inglesa "God" dá o significado de "dom", "dádiva", "beleza" ou "capacidade", sendo que a sua raiz pode ser encontrada no termo árabe "Jude", que significa "generosidade" e que provém de "Jawada", cujo equivalente em Inglês é "Good".
Mais a frente, ele afirma ainda que a primeira palavra que todo bebé pronuncia quando nasce é a vogal "A", representando uma expressão de Unicidade do seu Criador em relação à humanidade, e que todas as pessoas que estão na agonia da morte emitem o som "H" como seu último suspiro; portanto, a primeira e a última letra da palavra "ALLAH" que são pronunciadas pelo ser humano demonstram que ALLAH é o Primeiro e o Último, ou seja, o Eterno.
Quando a pessoa chora de dor, grita de medo ou geme na aflição, alegria ou surpresa, exclama emitindo também as mesmas letras: "AH".

Entretanto, alguns padres ignorantes e incompetentes têm uma noção falsa e o hábito de dizer que ALLAH é o "Deus dos muçulmanos" ou um "Deus falso". Com isso, só revelam a sua ignorância pois a versão ou tradução da Bíblia na língua árabe, lida pelos árabes cristãos do Líbano e coptas do Egipto, contém 16 vezes a palavra "ALLAH" só na página inicial e cerca de 6000 vezes em toda a Bíblia.
Será que estes não são cristãos ou não têm outra opção? Ou será que os cristãos que lêem a tradução da Bíblia em Português e Inglês têm Divindade diferente, por uns chamarem "Deus" e outros "God"? Até onde chegou a ignorância! Se pessoas assim são pastores, então Deus que abençoe o rebanho.

Por outro lado, há prelados inteligentes, com uma visão alargada e enxergam a realidade. Por exemplo, o Bispo Martinus Muskens declarou num programa televisivo, o seguinte: «As pessoas de todas as fés deveriam utilizar "ALLAH", a palavra árabe para Deus, que já é utilizada pelos cristãos falantes do Árabe, para fortalecer a compreensão inter-religiosa [...] "ALLAH" é uma palavra muito bonita para Deus».
Ele afirmou que na Indonésia, onde viveu oito anos, há décadas que os padres estão utilizando essa palavra nas suas missas e celebrações, e reconheceu que a sua sugestão pode levar um século ou mais para ser aceite de forma extensiva: «No coração da eucaristia, lá Deus é chamado "ALLAH"; portanto, porque é que não podemos começar a fazer isso juntos?» [Jornal Al-Ummah, Vol. 8, edição 8, Durban].

O psicólogo holandês Vander Hoven anunciou a sua descoberta acerca do efeito que causam a leitura do sagrado Al-Qur'án e o pronunciamento da palavra "ALLAH", sobre doentes e pessoas normais. Ele confirmou o resultado da sua pesquisa após investigar e analisar vários pacientes durante um período de cerca de três anos.

No seu estudo, alguns não eram muçulmanos e outros não falavam árabe, mas foram treinados a pronunciar perfeitamente a palavra "ALLAH". O resultado foi surpreendente, especialmente naqueles que sofriam de desalento e tensão.

Segundo o diário saudita Al-Watán, o psicólogo afirma que os muçulmanos que sabem ler árabe e recitam regularmente o sagrado Al-Qur'án, podem se proteger de problemas psicológicos.

De salientar que o professor holandês que efectuou o referido estudo não é muçulmano, mas interessou-se pelos estudos isslâmicos.

Consta no sagrado Al-Qur'án:

«*Nós vamos lhes mostrar os Nossos sinais no horizonte e dentro de si próprios, até se tornar claro para eles que isto (Al-Qur'án) é a verdade*».

[Al-Qur'án 41:53]

ORIGEM DO CRISTIANISMO ACTUAL

A origem do Cristianismo é similar à de outras religiões Divinas, tais como as mensagens de Noé, Abraão e Moisés (que a paz esteja com todos eles). Todas as mensagens divinas reveladas são unânimes na sua crença religiosa fundamental de um único Deus, e por isso todos os profetas foram enviados por Ele, indicando que existe só uma única religião verdadeira.

Todas as mensagens reveladas por Deus são unânimes nas suas crenças fundamentais tais como, crença num único Deus, sem parceiros e que não gerou nem foi gerado (i.e. não tem pais nem filhos), crença na vida após a morte, no Dia do Juízo Final, na predestinação Divina, nos anjos, nos mensageiros e nos profetas.

Em toda a história da humanidade, desde o tempo de Adão até ao último profeta que foi Muhammad ﷺ, não há qualquer registo que comprove a existência duma outra religião que difira nestas crenças. Aliás, as únicas diferenças que existem estão ligadas à forma de adoração e às suas condições distintas ou aparentes.

Portanto, o Cristianismo original é a mensagem Divina que chama as pessoas para essas mesmas crenças. O próprio Jesus confirmou que a sua missão não era de cancelar mas para completar o trabalho dos profetas que o antecederam, tal como se pôde constatar nos versículos citados anteriormente.
Esta foi a mensagem de Jesus relacionada à lei. Agora vejamos o que a ela exigia e se o Cristianismo ainda se mantém no estado em que foi revelado originalmente por Deus ao Seu servo Jesus.

PAULO ALTEROU A MENSAGEM DE JESUS

Paulo apresentou-se ao Sumo Sacerdote e pediu-lhe cartas de recomendação para as Sinagogas de Damasco, a fim de levar presos para Jerusalém, todos os homens e mulheres que encontrasse seguindo o caminho [Actos 9:13-14].
Ele não viu Jesus na sua vida, não estava familiarizado com nenhum dos mais próximos discípulos de Jesus e não é mencionado de entre os doze apóstolos escolhidos por Jesus [S. Mateus 10:1-4, S. Lucas 6:13-16], mas mesmo assim auto-intitulou-se de Apóstolo.

Após a ascensão de Jesus, Paulo percebeu que não era possível acabar com a doutrina de Jesus pela simples perseguição dos seus seguidores. Então, fingiu ser cristão e declarou-se discípulo de Jesus, adoptando uma nova estratégia para conseguir os seus objectivos e deturpar a religião de Jesus [Gálatas 2:7-8, II Coríntios 11-5].
Logo que reivindicou acreditar em Jesus, mudou o nome de Saulo para Paulo, e disse que era discípulo de Jesus para se poder juntar aos verdadeiros discípulos. Só que nenhum destes estava disposto a aceitar essa reivindicação, pois ele era um dos seus piores inimigo e também de Jesus [Actos 9:26-28].

Se não fosse pelo Apóstolo Barnabé, que tinha uma certa influência no seio dos discípulos e que os convenceu a aceitarem Paulo, eles não o teriam aceite [Gálatas 2:9].
Paulo era muito astuto e no encontro com os apóstolos, não propôs a sua doutrina de imediato. No início, apresentou-se como um seguidor sincero, por isso tanto S. Barnabé como outros acreditaram que ele tinha uma crença sincera em Jesus.

S. Barnabé tinha sido seleccionado pelos apóstolos em Jerusalém como a pessoa mais indicada para pregar o Cristianismo na Antioquia [Actos 11:22-24]. Então, ele convidou Paulo para o acompanhar, tendo ido juntos nessa missão.

Mais tarde, começou a haver grandes divergências e conflitos em matéria teológica, culminando em diferenças doutrinais entre ambos, o que os levou à separação [Actos 15:1-5].
Portanto, foi Paulo quem introduziu doutrinas diferentes, tais como a da redenção, da expiação de pecados, da não adesão às leis do Torah, da abrogação da circuncisão, da divindade de Jesus, na Trindade, etc., tal como se pode comprovar através das suas Cartas ou Epístolas.

JESUS NÃO É DEUS

Os cristãos actuais e seguidores da Igreja Paulista acreditam cegamente que Jesus é Deus. Contudo, na Bíblia cristã existem muitas evidências que comprovam o contrário:
«Os magos perguntaram: Onde está o recém-nascido, rei dos judeus?»
[S. Mateus 2:2]

Como é que Jesus pode ser Deus de todos os humanos e ao mesmo tempo ser rei apenas dos judeus? Afinal Deus é para todos ou apenas para alguns?
A verdade está clara para os que quiserem acreditar: Jesus é Jesus, homem e profeta, e Deus é Deus [S. Lucas 24:19, S. João 5:24, S. João 5:37].

Deus, o Todo-Poderoso e Criador, perguntará a Jesus no Dia da Ressurreição:
«Ó Jesus, filho de Maria! Foste tu que disseste aos homens: Tomai a mim e a minha mãe por duas divindades ao invés de Deus?
Ele (Jesus) dirá: Glorificado sejas! Não me é admissível dizer o que não me é de direito [...] Não lhes disse senão o que me ordenaste: Adorai a Deus, meu Senhor e vosso Senhor!»
[Al-Qur'án 5:116-117]

Os que divinizaram Jesus divergem na realidade dessa divinização e na sua natureza humana. Será que ele é um Deus puro, isto é, só de natureza Divina,

ou tem duas naturezas, sendo uma humana e outra Divina? Será que estas duas naturezas se misturam em Jesus ou continuam separadas e distintas, cada uma com as suas particularidades?
E supondo que as duas naturezas se tenham misturado e incorporado, então qual o resultado disso? Será que com isso surgiu algo cuja metade é humana e outra é Divina? Ou surgiu algo completamente diferente dessas duas naturezas?
Estas são questões que os que acreditam na divindade de Jesus também não têm respostas claras, pois entre eles há vários grupos e seitas diferentes.

O que foi feito com Jesus também aconteceu com outros profetas, santos, lideres, etc. tais como Budha na Índia, Confúcio na China, Zoroastra na Pérsia e muitos outros.
Até mesmo no Isslam, que é uma religião pura e claramente monoteísta, houve tentativas de divinizar a pessoa de Muhammad ﷺ, mas felizmente duraram por pouco tempo. Qaiss ibn Sá’ad ؓ narra que certa vez foi a Hira e viu pessoas a se prostrarem perante o seu rei; quando regressou a Madina, contou isso ao Profeta ﷺ e acrescentou: «Tu mereces mais que nós prostremos perante ti», mas o Profeta ﷺ o proibiu de fazer isso [Abu Dawud].
Certa vez um dos companheiros disse ao Profeta ﷺ: «Tu és o nosso chefe e tens autoridade sobre nós». Então o Profeta ﷺ respondeu zangado: «O chefe é ALLAH! Eu não sou chefe de ninguém! Que Satanás não vos desvie; eu não quero que vocês me elevem acima do grau que ALLAH me concedeu, pois eu sou servo de ALLAH e Seu mensageiro» [Bukhari e Ahmad].
O profeta Muhammad ﷺ proibiu os seus companheiros de exagerarem no elogio à sua pessoa, dizendo: «Não exagereis na minha pessoa assim como os cristãos exageraram na pessoa de Jesus, filho de Maria» [Baghawi, no Sharh-us-Sunnah].
Mesmo com todas essas exortações, as pessoas quase que não acreditaram quando o Profeta ﷺ morreu, achando que se tratava dum ser eterno. Umar ؓ, que mais tarde veio a ser o segundo Khalifa, recusou-se a aceitar essa notícia e disse que iria decapitar todo aquele que afirmar que Muhammad morreu; só quando Abu Bakr ؓ, o primeiro Khalifa, proferiu um discurso inspirado, é que a situação ficou controlada e se evitou exageros na religião.

Da mesma forma, Ali ibn Abi Tálib ؓ, primo e genro do Profeta ﷺ e que mais tarde se tornou o quarto Khalifa, foi considerado Deus por algumas

pessoas, quer durante a sua vida como depois da morte; ainda hoje há gente que acredita nisso. Mas quando ele soube disso, repreendeu-os, e quando insistiram no seu erro, ele lançou-os ao fogo [Tirmizhi e Hákim].
Ainda hoje, a seita Nussairiya acredita que ALLAH se incarnou no corpo de Ali ﷺ e falou através da sua língua. Existem também os Khojás, uma facção dos Shias, que acredita que Ali é Deus e o invocam.
Mesmo nestes tempos modernos, há pessoas que atribuem a divindade a grandes personalidades e líderes tais como ao Imperador do Japão, a Mao Tsé Tung da China, a Dalai Lama do Tibete, etc. Portanto, no mundo em que vivemos haverá sempre seguidores e adeptos para divinizar tudo que é coisa ou ser, desde pessoas, animais, plantas, pedras, astros, etc., e sempre vão inventando os seus motivos e lógicas para tal.

JESUS NÃO É FILHO DE DEUS

O monoteísmo puro revelado no sagrado Al-Qur'án foi apresentado a uma sociedade árabe altamente politeísta. Estes acreditavam em Deus, mas também noutros "deuses", e consideravam-nos igualmente como "filhos" de Deus; acreditavam ainda que existiam "deusas" e, consequentemente, passaram a existir também as "filhas" de Deus.

O Isslam rejeita por completo a divindade de Jesus ou de qualquer outro profeta, quer seja apresentada por procriação, adopção, incarnação ou outra forma, e não aceita que haja outra divindade excepto Deus:
«Diz: Ele é ALLAH, Único; ALLAH, o Eterno, o Absoluto; não gerou nem foi gerado (seja literal, alegórica, metafórica, física ou metafisicamente). E ninguém é igual a Ele.»

[Al-Qur'án 112:1-4]

O Novo Testamento menciona que existe uma relação de filho/pai entre Jesus e Deus: Jesus é chamado "filho" de Deus e Deus é descrito como seu "Pai".
O conceito de "filho de Deus" é encontrado também no Antigo Testamento e foi aplicado para numerosos seres, quer humanos como não, só que isso não implica que o filho é de Deus, pois o judaísmo restringe a divindade apenas a Deus, tal como o Isslam.

Jesus nunca reivindicou ser Deus e o uso frequente da sua expressão “filho de homem” era para enfatizar a sua natureza humana. A crença cristã segundo a qual o Messias é filho de Deus, sendo essa uma das principais evidências utilizadas para a atribuição de divindade a Jesus, não encontra qualquer base ou prova nos ditos de Jesus. Pelo contrário, encontramos tanto no Antigo como no Novo Testamento, evidências que contrariam isso e que anulam tal crença.
Todos os quatro evangelistas concordam que a reivindicação de Jesus ao estatuto de “filho” de Deus foi considerada uma blasfémia pelas autoridades judaicas. Por exemplo, encontramos no Evangelho:
«Vendo-o, pois, os principais dos sacerdotes e os servos, clamaram, dizendo: Crucifica-o, crucifica-o.
Disse-lhes Pilatos: Tomai-o vós, e crucificai-o; porque eu nenhum crime acho nele.
Responderam-lhe os judeus: Nós temos uma lei e, segundo a nossa lei, deve morrer, porque se fez Filho de Deus.»

[S. João 19:6-7]

Um problema sério e histórico com essas passagens é de que o título “filho de Deus” não era considerado blasfémia no judaísmo, pois não era crime religioso reivindicar ser um filho de Deus, uma vez que esse tipo de proclamação era utilizado no Antigo Testamento para várias pessoas.
S. Mateus começa o seu Evangelho com aquilo que se diz ser a linhagem de Jesus: «O livro da geração de Jesus Cristo, filho de David, filho de Abraão». Nesta linhagem, prova-se que Jesus era mortal, de carne, osso e sangue, contradizendo aquilo que os cristãos advogam.
Na linhagem apresentada por S. Lucas, Jesus é apresentado como filho de José, que é filho de Heli e termina com “Sete, filho de Adão, filho de Deus”. Logo, nesta genealogia, Adão é que é filho de Deus e Jesus é um descendente seu, filho de José.

Portanto, quando estes dois evangelistas apresentam a genealogia de Jesus, não dizem que ele é filho de Deus. Se assim é, tal como alegam os cristãos, então porque é que S. Mateus traça uma árvore genealógica de Jesus até 41 gerações? E porque S. Lucas apresenta uma genealogia de 76 gerações?
Se Jesus fosse de facto filho de Deus, então essas genealogias não têm qualquer significado, pois deveria ser uma única frase como “Jesus é filho de Deus”.

As árvores de linhagem apresentadas por S. Mateus e S. Lucas contradizem claramente isso.

Além disso, os que defendem que Jesus é filho de Deus, não o fazem com toda a certeza, pois por vezes apresentam o pai como sendo Abraão, outras vezes David, outras ainda José e mais. Como ele pode ser filho de tanta gente diferente? Toda essa confusão é porque ele não tinha pai, pois é somente filho da sua mãe Maria, mas as pessoas insistem em arranjar um pai para ele.

O termo "filho de Deus" utilizado na Bíblia não confere divindade alguma a Jesus. Isso apenas significa uma pessoa piedosa e não quer dizer que foi gerada por Deus, porque Deus não gera; Ele sendo Criador, apenas cria, assim como consta:
«Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas todos quantos o receberam, aos que crêem no seu nome, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus.»

[S. João 1:11-13]

Quem ler S. Mateus 4:10, 5:17, 9:26-36, 15:24, 19:17-23, S. João 20:17, 17:3 e 14:24, S. Marcos 12:28 e 30:32, S. Lucas 4:8, ficará com a impressão de que Jesus foi apenas um profeta de Deus que pregou o monoteísmo puro durante a sua missão, assim como todos outros profetas enviados por Ele, desde Adão, Noé, Abraão, Moisés e outros (que a paz esteja com todos eles).

Certa vez, durante a ocupação britânica na Índia, um padre dirigiu-se para uma localidade a fim de propagar o Cristianismo. Numa das suas interlocuções, estava um velho indiano, não muito culto, que discordou quando o padre afirmou que Jesus era filho de Deus, e começaram a discutir:
– Como dizes que Jesus é filho de Deus e Deus é Pai dele? Qual é a idade de Deus?
– Deus sempre existiu e sempre existirá; como podemos saber a idade d'Ele? Pergunta-se a idade de quem não existia, depois apareceu e que um dia morre; diz-se que alguém nasceu no dia X, morreu no dia Y e o período entre essas duas datas é a idade. Portanto, não se pode perguntar a idade de Deus, pois Ele é Eterno – respondeu o padre.

– Então nessa longa vida, quantos filhos teve Deus? – perguntou o velho.
– Um só – disse o padre.
– Nestes meus poucos anos já tive doze filhos e Deus, nestes milhões ou biliões de anos só teve um? Se Ele é Eterno e vive há tanto tempo, deveria igualmente ter milhões de filhos!

De facto, este pequeno diálogo real, mostra que ter poucos filhos é considerado um defeito entre os homens, principalmente para os que vivem no interior. Por exemplo, se alguém tem cinquenta ou sessenta anos e só teve um filho, é considerado fraco.
Portanto, se considerarmos que é um acto "virtuoso" Deus ter filho, então, sendo Infinito, Ele não deveria ser limitado a apenas um filho e tinha que ter muito mais. Por outro, se isso não é virtude para Deus, então mesmo ter um filho também é considerado defeito. Mas sabemos que Ele está livre de defeitos e, por conseguinte, de ter filhos.

QUANDO É QUE PASSOU A SER "FILHO DE DEUS"?

Os vários autores dos Evangelhos têm diferentes opiniões sobre quando Jesus se tornou "filho" de Deus. Paulo liga Jesus a "único filho" de Deus à sua ressurreição, S. Marcos e S. Lucas dizem que ele tornou-se "filho" de Deus no momento do baptismo, S. Mateus acha que isso aconteceu no momento da concepção de Jesus e S. João acredita que Jesus era o "único filho" de Deus desde a sempre.
Estes autores diferem também na natureza dessa progenitura, em que S. João em particular, descreve Jesus como sendo muito mais próximo de ser Deus do que homem e remove qualquer diferença entre o "filho" e o "Pai".

«Deve ficar bem claro que Jesus nunca reivindicou nos Evangelhos ser filho de Deus no aspecto físico e muito menos no aspecto metafísico, assim como foi exigido pela teologia de Niceia; essa relação filial foi decidida a favor de Jesus no Concílio de Niceia no ano 325, quando se declarou "consubstancial com o pai", ou seja, feito da mesma substância como o pai (unidade substancial dos três elementos da Trindade). Ele disse que era filho Deus num sentido figurativo e comum, isto é, no sentido em que todo o ser humano é criatura de Deus, ao cumprir os Seus mandamentos e pôr em prática as Suas ordens.»

Estas palavras não pertencem a algum adversário do Cristianismo, a um agnóstico ou talvez a um muçulmano. Tais palavras simples e sensatas foram proferidas por em cristão e nada mais do que um Reverendo da Igreja, um sacerdote que conhecia o seu Cristianismo melhor do que muitos: o Reverendo H.D.A. Major, Director de Rippon Hall, Oxford, que as proferiu numa conferência religiosa realizada em 1921. Portanto, segundo ele, não há necessidade lógica ou teológica de tomar o termo "filho de Deus" no sentido literal.

O Dr. Rashdall Carlisle, que presidiu a essa conferência, lançou a seguir uma "bomba" sobre o mundo cristão, ao afirmar que a sua leitura da Bíblia não permitia aceitar Jesus como Deus: «Jesus era humano em todos os sentidos (aspectos) da palavra, e não era Deus».

O maior assalto ao senso comum do Homem foi perpetrado pelos "fazedores" do Cristianismo, quando disseram às pessoas que deveriam acreditar que Cristo era simultaneamente Deus e filho de Deus, num sentido especial e exclusivo. Este dogma também não está em conformidade com os ensinamentos de Jesus. Como é que alguém pode ser o seu próprio filho e, ao mesmo tempo, o seu próprio pai?

Ou se é filho ou pai, uma das duas opções; pai e filho implica duas pessoas distintas e separadas. Se Cristo é o filho, então certamente que não pode ser o Pai; e se ele é o Pai (Deus), então pela lógica sã e normal (não pela lógica cristã), não pode ser o seu próprio filho! Um enigma difícil de resolver...

SERÁ QUE JESUS ERA O ÚNICO A MERECER ESSA FILIAÇÃO?

Os cristãos argumentam que Jesus é filho de Deus talvez devido ao seu nascimento milagroso, pois a sua mãe Maria era virgem e o gerou sem qualquer intervenção masculina. Entretanto, se isso é considerado como uma prova forte de Jesus ser filho de Deus, então isso aplicar-se-ia com maior razão para Adão e Eva, pois ambos não tinham pai e nem mãe.

Por outro lado, se nascer a partir duma virgem constitui argumento forte, então existe nos registos bíblicos uma pessoa que não só nasceu sem pai, como também foi uma figura única em relação à humanidade:

«Porque este Melquisedeque, que era rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo [...] A quem também Abraão deu o dízimo de tudo, e primeiramente é, por interpretação, rei de justiça, e depois também rei de Salém, que é rei de paz. Sem pai, sem mãe, sem genealogia, não tendo princípio de dias nem fim de vida, mas sendo feito semelhante ao filho de Deus, permanece sacerdote para sempre.
Considerai, pois, quão grande era este, a quem até o patriarca Abraão deu os dízimos dos despojos [...] Mas aquele, cuja genealogia não é contada entre eles, tomou dízimos de Abraão, e abençoou o que tinha as promessas. Ora, sem contradição alguma, o menor é abençoado pelo maior.»

[Hebreus 7:1-7]

Sem dúvida que este Melquisedeque tem mais direito de ser chamado "filho de Deus". No entanto, é de estranhar que este, não tendo genealogia, tenha sido excluído da Trindade, mas o que tem uma mãe terrestre foi incluído.
Uma comparação breve entre Jesus e Melquisedeque mostra-nos prontamente quem teria mais direito de reivindicar a "divindade" ou ser apelidado de "filho de Deus":

a) Jesus é geralmente mencionado como "príncipe da paz", mas Melquisedeque é "rei da paz"; qualquer pessoa com mínimo de instrução sabe que príncipe está hierarquicamente debaixo de rei.
b) A vida de Jesus tem um início, pois todos sabemos que ele nasceu, mas Melquisedeque não; da mesma maneira, os cristãos acreditam que os dias de vida terrena de Jesus acabaram quando, segundo eles, foi crucificado, mas a vida de Melquisedeque não tem fim, ou seja, é eterno.
c) Pelo menos Jesus tinha mãe e através dela, uma genealogia, enquanto que Melquisedeque não tinha pai, mãe, nem genealogia. Portanto, quem está acima doutro? E quem de entre ambos deveria ser chamado Deus ou "filho de Deus"?

Os cristãos utilizam o termo "gerado" para se referir a Jesus, dizendo que ele é o filho gerado de Deus, fazendo com que Deus passe a ser o "gerador". Se esse for o caso, como então o mesmo Deus pode ser simultaneamente "gerador" e "gerado"?
O termo "gerado" foi igualmente utilizado no caso de David, pois consta:
«O Senhor me disse (a David): Tu és meu filho, Eu hoje te gerei.»

[Salmos 2:7]

Portanto, a reivindicação de que Jesus é o "único filho gerado" de Deus, está provada como falsa pela própria Bíblia, e está mais do que claro que através da mesma Escritura, Deus tem mais que um filho gerado. Jesus disse:
«E a ninguém na terra chameis vosso pai, porque Um só é o vosso Pai, o qual está nos céus.»

[S. Mateus 23:9]

Se Jesus foi considerado filho de Deus, então Adão tinha mais direito de ser não só Seu filho gerado, como também o Seu primogénito, pois nasceu sem pai, sem mãe e foi o primeiro humano a ser criado.
Segundo a Escritura, Jesus, que nasceu de uma mulher, não pode ser Deus nem filho de Deus:
«Como, pois, seria justo o homem perante Deus, e como seria puro aquele que nasceu da mulher?»

[Job 25:4]

TERMOS "PAI" E "FILHO" NA BÍBLIA

Existem quatro tipos de filhos: real (biológico), adoptivo, enteado e metafórico.
No caso de Jesus, não pode ser um filho real de Deus, pois não é da Sua "semente" ou natureza biológica; ele também não é enteado, pois Deus não tem esposa; nem pode ser filho adoptivo, pois ninguém será Seu herdeiro.
Só resta então a única opção de ser referido como "filho" de forma metafórica, pois é assim que S. Lucas interpreta a sua filiação, para significar alguém "piedoso" [S. Lucas 23:47 e S. Marcos 15:39].

Portanto, o termo "filho de Deus" foi utilizado metaforicamente na Bíblia como expressão de afecto e carinho, o que significa alguém querido de Deus ou uma pessoa recta e santa, ou simplesmente um ser humano criado por Deus.
Talvez Jesus tivesse suspeitado que a sua relação com Deus fosse mal interpretada. Portanto, para eliminar todas as dúvidas da sua natureza mortal e origem humana, frequentemente chamou a si próprio de "filho de Deus" e não Deus, mas de modo algum isso é prova da sua divindade.
Nos quatro Evangelhos canónicos, encontramos o termo "filho de Homem" mencionado 80 vezes, sendo 30 no S. Mateus, 24 no S. Marcos, 14 no S. Lucas

e 12 no S. João. De acordo com a Bíblia, por apenas 2 vezes é que Jesus se referiu a si próprio como ”filho de Deus”, cujos versículos são:

- «Todas as coisas me foram entregues por meu Pai, e ninguém conhece o filho senão o Pai; e ninguém conhece o Pai senão o filho, e aquele a quem o filho o quiser revelar.» [S. Mateus 11:27]

- «Mas daquele Dia e Hora ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o filho, senão o Pai.» [S. Marcos 13:32]

O primeiro versículo é uma afirmação clara de que Jesus, sendo um profeta de Deus, afirma que ninguém pode conhecer a Revelação Divina enquanto o próprio profeta não a revelar. No segundo versículo, Jesus reconhece a sua ignorância em relação ao Decreto de Deus.
A Enciclopédia Bíblica comenta acerca destes dois versículos num artigo intitulado “Filho de Deus”, da seguinte forma: «Temos que concluir que, de facto, Jesus tinha alguma comunhão com Deus e nada mais para além disso. Mas esta conexão estava sob tal limitação que o atributo de Deus, assim como o conhecimento absoluto, pertencem a Deus, e portanto, o limite entre o Divino e o humano foi estritamente preservado».

Os padres têm o costume de citar a seguinte passagem de S. Mateus, para provar que Jesus era filho de Deus:
«E, chegando Jesus às partes de Cesaréia de Filipe, interrogou os seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens ser o Filho do homem?
E eles disseram: Uns, João o Baptista; outros, Elias; e outros, Jeremias, ou um dos profetas.
Disse-lhes ele: E vós, quem dizeis que eu sou?
E Simão Pedro, respondendo, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.»
[S. Mateus 16:13-16]

Mas S. Marcos, que é reconhecidamente o primeiro escritor de Evangelho, registou o seguinte:
«E saiu Jesus e os seus discípulos para as aldeias de Cesaréia de Filipe; e no caminho perguntou aos seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens que eu sou?
E eles responderam: João o Baptista; e outros: Elias; mas outros: Um dos profetas.

E ele lhes disse: Mas vós, quem dizeis que eu sou?
E respondendo Pedro, lhe disse: Tu és o Cristo.
E admoestou-os para que a ninguém dissessem aquilo dele.»

[S. Marcos 8:27-30]

Para além da contradição em que Simão Pedro pára na palavra "Cristo", neste último versículo, e não avança ao chamar Jesus de "Filho de Deus vivo", assim como consta na primeira citação, surgem mais duas questões:

a) Por que razão S. Marcos não mencionou a designação "Filho de Deus vivo"? Será que ele não considerava essa denominação tão importante assim? De notar que a doutrina de "Filho de Deus" representa um dos mais importantes pilares do Cristianismo actual.
b) Se Jesus era de facto "Filho de Deus" no sentido como os cristãos querem que todos reconheçam, então porque razão o próprio Jesus desejava ocultar a sua identidade? Como é que o "Filho" de um Deus Todo-Poderoso (que também era Deus) pode temer pessoas insignificantes?

A resposta à estas duas questões está clara como a luz do dia: a denominação "Filho de Deus vivo" é incontestavelmente uma interpolação aparecida posteriormente. No uso da Escritura, o termo "Filho de Deus" é sinónimo de "filho recto"; por exemplo:
«E o centurião que estava em frente dele, ao vê-lo (a Jesus na cruz) expirar daquela maneira, disse: Verdadeiramente este homem era filho de Deus.»

[S. Mateus 15:39]

«E o centurião, vendo o que tinha acontecido, deu glória a Deus, dizendo: Na verdade, este homem era justo.» [S. Lucas 23:47]

Portanto, está bem claro que essa designação se refere a "pessoa piedosa", e foi também utilizada na Bíblia como uma expressão de estima, afecto e amor, e nalgumas ocasiões, para indicar a aproximação espiritual com Deus da pessoa referida. Jesus ordenou os seus seguidores a praticarem boas acções:
«Eu porém, vos digo, amai os vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem; para que sejais filhos do vosso Pai que está nos Céus.»

[S. Mateus 5:44-45]

«Portanto, sejam perfeitos, como é perfeito vosso Pai que está nos Céus.»
[S. Mateus 5:48]

«E teu Pai, que vê em secreto, Ele mesmo te recompensará publicamente [...] Mas tu, quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará publicamente [...] Porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, antes de vós Lho pedirdes. Portanto, vós orareis assim: Pai nosso que estás nos Céus, santificado seja o Teu nome.»
[S. Mateus 6:4-9]

Nestes versículos, Jesus dirige-se a uma multidão e se refere a Deus como Pai dela. Ora, Deus não poderia ser literalmente Pai de toda a gente, o que nos leva a crer que todos os humanos são filhos de Deus no sentido figurativo.
Portanto, segundo a linguagem bíblica, quem pratica boas acções e trabalha a favor da paz, é considerado "filho" de Deus, não no sentido real mas figurativo:
«Porque todos os que são guiados pelo espírito de Deus, são filhos de Deus.»
[Romanos 8:14]

Estes ditos não deixam dúvida alguma em qualquer mente sobre o que significam. Portanto, não existe justificação para considerar Jesus como "Filho de Deus" num sentido único e exclusivo.
Na maioria das vezes, Jesus chamou a si próprio de "filho de Homem", tal como se referiu anteriormente, mas das poucas vezes em que se utilizou a expressão "Filho de Deus", era sem dúvida no mesmo sentido em que se denominou Adão, Israel, David, Salomão e outros, muito antes de Jesus, pois a força da vida de todos se originou de Deus, a Fonte ou a Origem de tudo [Job 38:7, Salmos 36:9, S. Lucas 3:38].

NÃO SOMOS TODOS "FILHOS" DE DEUS?

De acordo com a Bíblia, tanto os israelitas, juízes, órfãos, anjos, profetas, crentes e até mesmo a humanidade toda é qualificada como sendo "filhos de Deus", mostrando mais uma vez que isso não é algo exclusivamente aplicado a Jesus, senão vejamos:

a) Aos Filhos de Israel:
«E acontecerá que, no lugar onde se lhes dizia: "Vós sois meu povo", se lhes dirá: "Vós sois filhos do Deus vivo".»

[Oséias 1:10]

«E sucederá que no lugar em que lhes foi dito: "Vós não sois meu povo", aí serão chamados: "filhos de Deus vivo".»

[Romanos 9:26]

b) Aos Anjos:
«E vindo um dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor, veio também Satanás entre eles.» [Job 1:6]

Vide ainda Jeremias 31:9, Job 2:1, Job 38:4-7, Génesis 6:2 e Deuteronómio 14:1.

c) Aos Juízes:
«E vós outros sois todos filhos do Altíssimo.»

[Salmos 9:26]

d) Aos Cristãos e Crentes:
«Mas, a todos quantos o receberam, aos que crêem no seu nome, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus.» [S. João 1:12]

«Porque todos os que são guiados pelo espírito de Deus, esses são filhos de Deus.» [Romanos 8:14]

e) Aos Órfãos:
«Pai de órfãos e Juiz de viúvas, é Deus no seu lugar santo.»

[Salmos 68:5]

f) Aos Profetas:
«Filho de Enos, filho de Sete, filho de Adão, filho de Deus.»

[S. Lucas 3:38]

«Quando Israel era menino, Eu o amei, e do Egipto, chamei a Meu filho.»

[Oséias 11:1]

«Ele (David) me invocará dizendo: "Tu és meu Pai, meu Deus e a rocha da minha salvação". Também por isso lhe darei o lugar de primogénito, fá-lo-ei mais elevado do que os reis da terra.» [Salmos 89:26-27]

«Eu lhe serei por Pai, e ele (David) Me será por filho.»

[II Samuel 7:14]

«Este (Salomão) edificará casa ao Meu nome, e ele Me será por filho, e Eu a ele por Pai. E confirmarei o trono do seu reino sobre Israel, para sempre.»

[I Crónicas 22:10]

«(Isaías diz a Deus): Tu, ó Senhor, és nosso Pai, e o Teu nome desde sempre, é Redentor nosso.» [Isaías 63:16]

«Assim diz o Senhor: Israel é meu filho, meu primogénito.»

[Êxodo 4:22]

«Sou um Pai para Israel, e Efraim é o meu primogénito.»

[Jeremias 31:9]

g) Aos Homens, Mulheres e à Humanidade:
«Filhos sois do Senhor, vosso Deus.»

[Deuteronómio 14:1]

«Eu vos receberei, e Eu serei para vós Pai, e vós sereis para Mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso.»

[II Coríntios 6:18]

«Recompensais assim, ao Senhor, povo louco e ignorante? Não é Ele teu Pai que te adquiriu?» [Deuteronómio 32:6]

Em todos estes versículos, cada grupo mencionado foi descrito por "filho de Deus", mas nenhum foi elevado ao nível que os cristãos concederam a Jesus. Portanto, compreende-se perfeitamente a afirmação de Jesus quando ensinava aos seus discípulos como se dirigir a Deus na oração, através da expressão "nosso Pai nos céus".

Quando criticou os judeus, disse que eles "tinham por pai o Diabo", apesar de genealogicamente também serem descendentes de Abraão, mas devido ao mau comportamento e pensamentos, atribuiu-lhes semelhança aos "filhos" do Diabo. Portanto, qualquer versículo da Bíblia que fala de "filho", deve ser entendido de forma figurativa e literal.

Além disso, a expressão "filho de Deus" é muito antiga e já vinha sendo utilizada pelos judeus mesmo antes da vinda de Jesus:
«Viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas; e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram.
Naquele tempo, havia gigantes na terra e também depois, quando os filhos de Deus se uniram às filhas dos homens e delas tiveram filhos.»

[Génesis 6:2-4]

Isto significa que todos os filhos de Adão são filhos de Deus, mas é impossível que todos eles sejam deuses!
Um estudo profundo do Antigo Testamento revela-nos que a expressão "filho de Deus" nunca foi utilizada para Deus ou para indicar qualquer descendência física d'Ele, mas sim era aplicada livremente para distinguir pessoas piedosas e profetas; por exemplo, Deus diz a David:
«Tu és meu filho; Eu hoje te gerei».

[Salmos 2:7]

Como pode Deus gerar David tendo este a idade de 40 anos, conforme consta no versículo pelo uso da palavra "hoje".
Na alínea f), pode-se constatar ainda que Deus chamou de "primogénito" a David, Israel e Efraim; como podem existir tantos primogénitos? Além disso, porque os cristãos não os tomam também como filhos exclusivos de Deus, tal como fazem com Jesus? Isso são claras contradições da teoria segundo a qual Jesus é o único filho gerado de Deus.

Portanto, mesmo lançando um olhar superficial e apressado aos Evangelhos, pode-se constatar claramente que Jesus não introduziu qualquer mudança na terminologia dos judeus utilizada no Antigo Testamento, sobre o significado da expressão "filho de Deus". Com isso, ele sempre quis se referir a uma pessoa boa e piedosa.

Nesse sentido, não há dúvida que Jesus era filho de Deus, pois era piedoso e um verdadeiro profeta. É triste notar que se introduziu um novo significado nessa expressão, outrora utilizada pelos judeus de forma figurativa, mas que agora passa a significar literalmente “Deus” ou Seu “Filho”, o segundo membro da Trindade.

DEUS É PAI, FILHO OU HUMANO?

O Isslam considera o facto de atribuir um filho a Deus como uma blasfémia e encara isso como uma diminuição da glória Divina.
A razão e o juízo comum também rejeitam a afirmação de que Deus tenha gerado um filho da forma como o Homem gera. A filosofia ensina que nenhum ser a partir do qual um outro possa sair e passar a existir como indivíduo separado, se torne parceiro do primeiro.

Jesus não se apropriou de Deus para si próprio, mas reconheceu abertamente a Sua Paternidade Universal quando disse aos discípulos “meu Pai é vosso Pai” e “meu Deus é vosso Deus”. Estas palavras provam ainda mais que Jesus não era Deus, porque se referiu a uma Personalidade distintamente separada. Se Jesus fosse Deus, nunca teria dito “meu Deus e vosso Deus”, pois Deus não se pode referir a Si próprio por “meu Deus”.

Os autores dos Evangelhos também registaram as tristes palavras que dilaceram o coração, pronunciadas por Jesus: «Eli, Eli! Lamá sabactáni?; isto é, Deus meu, Deus meu! Porque me desamparaste?»; ele não disse “meu Pai” ou “Pai meu”.
Sabe-se que em momentos de aflição, é mais tocante e natural ser-se informal, e a expressão “meu Pai” é mais afectiva do que “meu Deus”. Será que alguém pode imaginar estas palavras humanas virem de um Omnipotente e Todo-Poderoso Deus? Se Jesus fosse Deus, assim como crêem os cristãos, então este seu choro significa que Deus se desamparou a Si próprio, ou seja, sendo Deus, Jesus está a clamar por si próprio!
Mas o dito “Cristo-Deus” ficou surdo dos seus próprios choros. É como se o “Cristo-Deus” se estivesse dirigindo a si próprio e decidiu não se auto-ajudar. Será que alguma situação pode ser mais ridícula que esta?

Deus instituiu a lei da morte para a blasfémia e a seguir veio na forma humana e tornou-se vítima da sua própria lei? Será que o "Deus" cristão é tão fraco, insignificante, destrutível e vulnerável como os Seus seres criados, que foram capazes de O prender, tendo sido investigado, insultado, agredido, chicoteado, zombado e humilhado publicamente, para finalmente ser crucificado e sofrer uma morte ignominiosa?
Ele não conseguiu sequer defender-se a Si próprio, nem o "Pai" (ou o Filho, já não se sabe) o defendeu e muito menos os discípulos. Os Evangelhos retratam a imagem de Jesus como o ser humano mais fraco que viveu na terra. Os seus zombadores disseram: «Se és Filho de Deus, desce da cruz» [S. Mateus 27:40].

Como se pode confiar num Deus como esse, que não se pode salvar a si próprio? Como Ele poderá salvar a outros, Suas criaturas?
Isso também indica que Jesus não deu livremente a sua vida na cruz para pagar os pecados das pessoas, pois até chorou antes de ser crucificado: «Deus meu! Porque me desamparaste?».
Deus não morre porque é Eterno e como todo filho é como seu pai, Jesus também deveria ser eterno, mas experimentou a morte quando entregou o espírito [S. Mateus 27:50].

Se os cristãos insistem em rebaixar o Todo-Poderoso, Deus do Universo, ao nível fraco e mortal do ser humano, fazendo assim troça do Divino, Sagrado e de natureza transcendental do Senhor, isso é uma opção deles. Porém, não podem esperar que aqueles que ainda têm alguma capacidade de discernimento sacrifiquem a sua sensatez no altar da fé cega, para acreditar como eles num Deus que foi morto por humanos.
A mente dum sensato se revolta e a pessoa estremece só de pensar que um Ser Eterno, que está muito longe do alcance de qualquer mortal, tenha sido transformado num ser humano apenas para se estabelecer melhor um conceito teológico sobre Deus. O senso comum espanta-se só pela ideia de que os cristãos estabeleceram uma identidade entre um mero homem mortal e o Deus Eterno.
Deus é um ser Único, foi Ele Quem criou todo este Universo e tudo o que neste existe. Não gerou nem foi gerado, ou seja, não tem pais nem filhos, e todos os humanos são Seus afilhados (filhos no sentido figurativo).
Portanto, é impensável e uma grande blasfémia dizer que Jesus era Deus ou "filho gerado de Deus". Os cristãos nunca saberão se na verdade Jesus era

um ou outro e, para se consolarem, dizem que era ambos, isto é, “Deus e Filho gerado de Deus”, fazendo da sua crença um autêntico absurdo!

Segundo os Evangelhos, os contemporâneos de Jesus atestam que ele era um humano mortal como qualquer outro, ao mesmo tempo que defendem que era um homem honesto de Deus:
«E, respondendo um, cujo nome era Cléofas, disse-lhe: “És tu só peregrino de Jerusalém e não sabes as coisas que nela têm sucedido nestes dias”? E ele lhes perguntou: “Quais”? E eles lhe disseram: “As que dizem respeito a Jesus, o nazareno, que foi varão profeta, poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo”.»
[S. Lucas 24:18-19; vide ainda S. Lucas 7:16 e Actos 2:22]

Alguns críticos alegam que quando Deus se referiu a Jesus como “Sua Palavra”, significa que ele tem uma posição única e divina; entretanto, isso não é relevante pois Deus também disse a Moisés:
«Vê, Eu faço de ti um deus para o Faraó e, Aarão, teu irmão, será o teu profeta.»
[Êxodo 7:1]

Como Jesus foi mal entendido pelos judeus, que decidiram apedrejá-lo, ele explicou que a reivindicação de chamar a si próprio de “filho de Deus” era metafórica e não real. Mas mesmo assim os judeus não desistiram de o punir:
«Os judeus pegaram então outra vez em pedras para o apedrejar. Respondeu-lhes Jesus: Tenho-vos mostrado muitas obras boas procedentes de meu Pai; por qual destas obras me apedrejais?
Os judeus responderam, dizendo-lhe: Não te apedrejamos por alguma obra boa, mas pela blasfémia; porque, sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo.
Respondeu-lhes Jesus: Não está escrito na vossa lei: Eu disse: Sois deuses?
Pois, se a lei chamou deuses àqueles a quem a palavra de Deus foi dirigida (e a Escritura não pode ser anulada), aquele a quem o Pai santificou, e enviou ao mundo, vós dizeis: Blasfemas, porque disse: Sou Filho de Deus? Se não faço as obras de meu Pai, não me acrediteis.» [S. João 10:31-37]

Obviamente que Jesus estava a referir aos versículos 6 e 7 de Salmos 82:
«Eu disse: Vós sois deuses, todos vós sois filhos do Altíssimo, mas morrereis como qualquer mortal e caireis como qualquer príncipe.»

AS DÚVIDAS PERSISTEM!

A doutrina "Filho de Deus", adoptada previamente pelos pagãos, é um dogma bastante confuso e não menos complicado que outros dogmas cristãos, trazendo ainda mais dúvidas do que certezas:

- Se para salvar a humanidade Deus se tornou humano (incarnando-se em Jesus), então onde é que se enquadra o conceito "Filho de Deus" em todo este processo?
- Se Deus tornou-se humano, então se transformou num Deus-Homem, portanto ainda Pai mas na aparência de Homem. Então nesse caso, onde está o filho? E o que era Jesus antes de Deus "decidir" se incarnar nele?
- De certeza que não podia ser o Pai, pois deve ter havido uma fase ou estado em que o Deus não se tinha incorporado em Jesus. Após essa incorporação, será que Jesus ainda era o Filho? Ou se tornou Pai? Ou ambos?
- Caso se tornou nos dois, isto é, a essência do Pai e do Filho se misturaram resultando numa única identidade, então o que é que aconteceu ao terceiro elemento, o Espírito Santo?
- Ou será que o Espírito Santo é uma "terceira" parte não muito interessada em se juntar às outras duas, sendo um mero espectador ao invés de um participante activo neste processo inexplicável de fusão para confusão?
- Se Jesus fosse Deus, então teria conhecimento do passado, presente e futuro; cada evento vindouro ser-lhe-ia um livro aberto e assim poderia salvar o Mundo muito antes das disputas que emergiram. Teria deixado bem claro a forma como gostaria de ser "adorado", se como Metodista, Católico Romano, Anglicano, Presbiteriano ou como tantas outras seitas cristãs que existem hoje.
- Se Jesus fosse o Senhor, porque é que não mencionou a respeito daquilo que deveríamos acreditar, evitando assim que as suas palavras fossem arremessadas durante séculos num mar de ignorância e superstição, causando divisões e surgimento de várias seitas na sua Igreja?
- Porque é que ele não mencionou sobre Deus, de quantos existem ou se era ele próprio?
- Porque razão ele continuamente se referia apenas como um "ser humano", e não explicou que na sua língua nativa, o Aramaico, o termo "filho de Deus" não significa nada mais do que "servo de Deus"?

- Porque é que Jesus nunca mencionou a respeito da Trindade, sendo ele um dos três "deuses" cristãos? Todo o cristão reconhece que antes da alegada crucificação, Jesus demonstrou vários milagres, achando talvez por isso que ele se transformara em Deus; mas mesmo assim, foi levado pelos judeus, mantido preso e crucificado.
- O que é que impediu Jesus de mostrar o "seu poder" e afastar os inimigos? Não existiu um momento mais oportuno do que esse para demonstrar um milagre, mas aí ele nada pôde fazer.
- Se para Deus é possível ter um "filho", porque então não Lhe é possível ter também um neto? Assim, Ele poderia criar gerações e gerações de deuses.
- Porque razão Deus criou Adão, que encheu a terra de pecados? Ele poderia facilmente ter criado a Sua própria família de deuses para viverem na Terra e avolumarem os Céus.

Ainda mais questões nesta temática encontram-se descritas nas seguintes alíneas:

a) De acordo com a Bíblia, Deus fracassou na Sua primeira tentativa de criar a humanidade:
«E viu o Senhor que a maldade do Homem se multiplicará sobre a Terra e que toda a imaginação e pensamentos de seu coração eram continuamente más; então, arrependeu-se o Senhor de haver feito o Homem sobre a Terra, e pesou-lhe em Seu coração.» [Génesis 6:5-6]

Será que na Sua segunda tentativa Ele conseguiu apagar o pecado da Terra, ao "crucificar o seu único filho"?
O "filho" Jesus já saiu da Terra e presumivelmente esteja sentado ao lado do "Pai". Será que o pecado aumentou ou diminuiu? Caso esta última opção seja a verdadeira, então não será que Deus falhou na Sua segunda tentativa?

Consta na Bíblia:
«Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu filho unigénito.»
[S. João 3:16]

«Que se entregou a si mesmo como resgate por todos.»
[I Timóteo 2:6]

Sendo assim, será que Deus teria planeado a crucificação de Jesus? Porque então acusar e culpar os judeus por isso? Se alguém é culpado de pendurar Jesus, então Deus teria "transgredido" o Sexto Mandamento ao matar o Seu próprio filho!

b) S. Lucas menciona sobre a concepção de Jesus:
«E, respondendo o Anjo, disse-lhe: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso também o santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus.»

[S. Lucas 1:35]

Portanto, Maria concebeu Jesus como resultado de ter sido coberta pelo Espírito Santo, da mesma forma como um homem cobre a esposa, implantando o sémen no útero dela, o que também é reportado por S. Mateus:
«Porque, o que nela está gerado (concebido) é do Espírito Santo.»

[S. Mateus 1:20]

À luz destas passagens, não será Jesus filho do Espírito Santo e não de Deus? Ou será que o Espírito Santo cometeu adultério, pois na altura Maria era esposa de José [S. Lucas 1:27], violando assim o Sétimo Mandamento?

E como foi possível Maria dar à luz um ser de carne e osso, tendo ela concebido através do Espírito Santo, já que, segundo S. João 3:6, «Aquilo que nasce da carne é carne e aquilo que nasce do espírito é espírito»?
Portanto, tendo nascido do espírito, era imprescindível que Jesus aparecesse dessa forma e não em carne e osso. E ainda mais, segundo S. João 4:24, «Deus é Espírito».

c) A Bíblia descreve Deus como:
«Visto que os céus e até os céus dos céus não O podem conter.»

[II Crónicas 2:6]

Como então terá sido possível para o útero de Maria conter Deus, partindo do pressuposto, segundo a actual crença cristã, de que Jesus é Deus? Será que antes do nascimento de Jesus Deus não tinha filhos?

d) Maria é conhecida pelo título de "Mãe de Deus". A relação entre Maria e Jesus é de mãe e filho e a relação de Jesus e Deus é de Filho e Pai, sendo Jesus o Filho de Deus. Então, Jesus é filho de Maria ou o seu neto, já que Maria é "Mãe de Deus" e Deus é Pai de Jesus?
E qual a relação que existe entre Deus e Maria, sendo respectivamente Pai de Deus e Mãe de Deus? Será que era como um casal?
Ninguém pode responder estas questões, mas os cristãos continuam a insistir no facto de Jesus ser filho de Deus no sentido físico e não figurativo. Se é assim, então pergunta-se: Onde está a esposa de Deus?

Se não se fizer qualquer separação ou distinção entre o que é humano e o que é Divino, então qualquer um tem o direito de levar os assuntos para o campo lógico e perguntar o que é feito da esposa de Deus.
O sagrado Al-Qur'án esclarece tudo isso num único versículo:
«Ele (Deus) é o Criador ímpar dos Céus e da Terra; como poderia Ele ter um filho quando nunca teve esposa?»

[Al-Qur'án 6:101]

e) No conceito cristão, baptismo significa purificar a pessoa do pecado original, confessando os seus pecados. Quando Jesus encontrou com o profeta João, filho de Zacarias, foi baptizado assim como consta no S. Lucas 3:3 e S. Mateus 3:16-17.
Sem dúvida que Deus é puro, livre de pecados e não necessita de ser purificado ou baptizado, muito menos por uma criatura Sua. Mas os versículos referidos indicam que Jesus estava poluído pelo pecado original e, segundo o Cristianismo, isso aplica-se aos humanos; sendo assim, Jesus não pode ser Deus.

f) Como Deus é Uno, Ele não pode ter filho, pois também seria um Deus semelhante ao seu Pai. Este facto é imprescindível à Unicidade de Deus, pois Ele não tem semelhantes, nem parceiros e muito menos associados.

No início do próprio Cristianismo, nem sequer passava da imaginação de alguém que Jesus pudesse ser Deus ou filho d'Ele. Até mesmo os demónios, que sempre creram na Unicidade de Deus, sabiam da sua própria experiência no domínio espiritual, de que Jesus não era Deus; assim, eles se dirigiam a ele como uma pessoa à parte [Tiago 2:19, S. Mateus 8:29].

Quando Jesus morreu, os soldados romanos pagãos que estavam por perto, sabiam o suficiente para dizer que aquilo que haviam escutado de seus seguidores estaria correcto, não de que Jesus era Deus mas que «Certamente este era um filho de Deus» [S. Mateus 27:54].
Assim, o termo "filho de Deus" se refere a Jesus como um ser à parte, que foi criado, e não como um componente de Trindade.

g) Jesus não poderia ser o próprio Deus, pois consta a Seu respeito:
«Ninguém jamais viu Deus.»

[S. João 1:18]

«Nunca ouviste a Sua voz, nem viste o Seu rosto.»

[S. João 5:7]

«O Bendito e Único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, o Único que é imortal e habita em luz inacessível, a Quem ninguém viu nem pode ver.»

[I Timóteo 6:16]

«Mas tu não poderás ver a Minha face, pois o Homem não pode contemplar-Me e continuar a viver.»

[Êxodo 33:20]

Portanto, Jesus não pode ser Deus pois milhares de pessoas o viram; se ninguém pode ver ou contemplar Deus, então Jesus não pode ser Deus nem um descendente Seu.

h) Jesus teve um começo, portanto, jamais poderia ser Deus ou semelhante a Ele tanto no poder como na eternidade. O Criador deve ser duma natureza diferente da criação, pois caso não seja, então seria temporário e, consequentemente, necessitaria dum "executor".
A própria Bíblia rejeita o conceito daqueles que comparam Deus com o Homem:
«Deus não é Homem, nem é filho de Homem.»

[Números 23:19]

i) A Bíblia atesta que qualquer pessoa que nasce através da mulher, decerto que herdou o corpo que tem no ventre da sua mãe e, portanto, não pode ser puro:

«Como pois, seria justo o Homem perante Deus, e como seria puro aquele que nasce da mulher? Se até a própria Lua deixa de brilhar e as estrelas não são puras aos Seus olhos! E quanto menos o Homem, que é um simples verme, e o filho do Homem que é um vermezinho.»

[Job 25:4-6]

Maria, a mãe de Jesus, quando foi à procura do filho e o encontrou no templo, disse: «Filho, porque você nos fez isto? Seu pai e eu estávamos aflitos à sua procura.»

[S. Lucas 2:48]

Aqui, o pai de Jesus é José Carpinteiro, marido de Maria; como é que Jesus pode ter dois pais, Deus e José?

DEUS VS JESUS

Examinemos agora os poderes de Deus, assim como foram descritos na Bíblia, e comparemo-los com Jesus, de forma a comprovar claramente que este era humano e não divino:

	Deus	Jesus
1	Deus não necessita das orações dos Homens, mas estes devem sempre recordá-Lo e voltar-se para Ele: «Perto está o Senhor de todos os que O invocam; Ele cumprirá o desejo dos que O temem; ouvirá o seu clamar e os salvará.» [Salmos 145:18-20, Provérbios 15:29, S. João 9:31]	Consta que Jesus orou a Deus: «E indo um pouco mais adiante, (Jesus) prostrou-se sobre o seu rosto, orando...» [S. Mateus 26:39]
2	O poder absoluto é somente de Deus: «Diz o Senhor Todo-Poderoso.» [II Coríntios 6:18]	O poder de Jesus não era absoluto, pois ele reconhece: «Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma» [S. João 5:30]; «Porque, ainda que tenha sido crucificado por fraqueza» [II Coríntios 13:4].

3	Só Deus é Conhecedor do oculto e do vindouro: «Porque só Tu conheces o coração de todos os filhos dos Homens.» [I Reis 8:39]	Jesus confessou a limitação do seu conhecimento e a ignorância acerca do Dia do Julgamento: «Mas daquele Dia e Hora, ninguém sabe, nem os anjos que estão no Céu, nem o filho, senão o Pai.» [S. Marcos 13:32]
4	A eternidade pertence somente a Deus: «Aquele que tem, Ele só, a imortalidade.» [I Timóteo 6:16]	Jesus era mortal e temporário: «Porque Cristo, morreu pelos ímpios.» [Romanos 5:6]
5	Deus é o Salvador da humanidade: «Muitas são as aflições do justo, mas o Senhor o livra de todas» [Salmos 34:19]; «Eu, Eu sou o Senhor, e fora de Mim não há salvador» [Isaías 43:11].	Jesus não poderia ser o Salvador, pois ele próprio precisava de salvação; teve que implorar a Deus para que o salvasse: «Agora a minha alma está perturbada; e que direi eu? Pai! Salva-me desta hora».
6	Deus está livre de qualquer tipo de medo; Ele é o Criador, dá a vida e causa a morte; toda a criação depende de Si. Portanto, Deus não tem porquê temer alguma das Suas criaturas.	Jesus temia os judeus: «Jesus, pois, já não andava manifestamente entre os judeus, mas retirou-se dali para a terra junto do deserto» [S. João 11:54]; «Então, mandou aos seus discípulos, que a ninguém dissessem que ele era o Cristo» [S. Mateus 16:20].
7	Deus é o Senhor dos Céus e da Terra e ninguém O pode contrariar. Todas as criaturas se submetem à Sua vontade, mas nenhuma delas pode impor o seu desejo sobre Ele.	Como humano, Jesus não tinha sua própria vontade e nem poderia impô-la: «Mas o assentar-se à minha direita ou à minha esquerda não me pertence dá-lo, mas é para aqueles a quem meu Pai o tem preparado»; «Meu Pai, se é possível, passa de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como Tu queres» [S. Mateus].
8	Deus não pode ser tentado pelo Mal nem por qualquer ser.	Jesus foi tentado pelo Satanás não só um ou dois dias, mas durante quarenta dias [S. Lucas 4:1-13].
9	«Dai graças ao Senhor, porque Ele é bom, pois é eterno o Seu amor.» [I Crónicas 16:34]	«E Jesus lhe disse: Por que me chamas bom? Ninguém há bom se não Um, que é Deus» [S. Marcos 10:18].

10	Deus não dorme e nem tem necessidade para isso, Ele está constantemente acordado: «Aquele que te guarda, não dormirá; pois não há-de dormir nem dormitar Aquele que guarda Israel.» [Salmos 121:3]	Como qualquer humano, Jesus costumava dormir e ser despertado pelas pessoas: «E ele (Jesus) estava na popa dormindo sobre uma almofada; e despertaram-no dizendo: Mestre, não se te dá que pereçamos?» [S. Marcos 4:37-38]
11	Deus não pode ser morto e quem é morto não pode ser Deus: «Dirás ainda diante daquele que te matar: Eu sou Deus? Mas tu és Homem, não Deus, na mão do teu assassino.» [Ezequiel 28:9]	Não é segredo para os cristãos o facto de Jesus ter sido morto, suspenso num madeiro [Actos 5:30].

OS CRISTÃOS CONFUNDIRAM OS TERMOS

Os judeus acreditavam num único Deus, que não tinha esposa nem filho em qualquer sentido literal. É óbvio que o termo "filho de Deus" tinha para eles um significado meramente como "servo de Deus", alguém que, devido ao serviço fiel que prestava, era muito próximo e querido a Deus, assim como é um filho em relação ao seu pai.
A própria Bíblia prova que esse dogma é falso. A lógica comum insurge-se contra a aceitação de uma relação física e corporal de um simples humano com Deus Todo-Poderoso.

Os cristãos que provêm de raízes gregas ou romanas, mais tarde aplicaram mal esse termo. No conceito deles, "filho de Deus" passou a significar a incarnação de um Deus ou alguém nascido da união física entre deuses machos e fêmeas. Quando a Igreja abandonou as suas bases hebraicas, adoptou o conceito pagão de "filho de Deus", que era completamente diferente do utilizado pelos judeus.

Consequentemente, o uso desse termo deve ser compreendido apenas no sentido simbólico semítico como "servo de Deus", e não no sentido pagão de filho literal de Deus. Da mesma forma, o termo *"abbá"* que Jesus utilizou para "querido Pai" [S. Marcos 14:36] deve ser compreendido de modo similar.

Há divergência entre os teólogos do Novo Testamento sobre o significado exacto do termo "filho de Deus" no tempo de Jesus e como o mesmo era utilizado por outras seitas judaicas de então.
O próprio Jesus rejeitou ser chamado com essa denominação:
«E também, de muitas pessoas saíam demónios gritando: Tu és o filho de Deus! Ele porém, os repreendia e não os deixava falar, porque sabiam que ele era o Cristo.»

[S. Lucas 4:41]

A mesma recusa de ser chamado assim consta também no S. Lucas 20:21.
Todo ser humano tem pai, mãe, avôs e avós, ou seja, tem ascendentes. Só Deus, que é puro, é que não foi gerado nem nunca teve ascendentes ou descendentes. É estranho que Jesus, sendo a figura a quem o termo se aplica, afirma ser "filho de Homem", mas os seus "seguidores" continuam a rejeitar o seu parecer e teimosamente vão insistindo que ele é "Filho de Deus".
Porque razão Jesus repetiu por diversas vezes nos Evangelhos de que ele é filho de Homem? É claro que todos os humanos desta Terra são filhos de Homens. Ele fez questão de deixar bem claro que não era filho de Deus para evitar que os seus contemporâneos pensassem falsamente acerca de si e que as gerações vindouras não tivessem dúvidas quanto à sua natureza.

Jesus recusou veemente ser filho de Deus, mas infelizmente não foi ouvido, pois os "seguidores" que vieram mais tarde foram alterando o seu estatuto e natureza conforme a compreensão que adquiriam:

1. Primeiro promoveram-no de filho de Homem para filho de Deus.
2. Depois deram-lhe o título de "Único Filho de Deus".
3. A terceira promoção foi de "Único Filho de Deus" para um "Membro no Comité de Deus", isto é, a Trindade.
4. A seguir, promoveram-no para um grau superior a Deus, pois vão dando mais atenção ao "Filho" do que ao Pai; começaram a invocar Jesus para atender os seus pedidos e implorar pelo perdão, deixando Deus de lado e até mesmo esquecendo-se d'Ele.
5. Mais tarde, ultrapassaram todos os limites de promoção, pois afirmam que "Jesus julgará as pessoas no Dia do Juízo Final", ou seja, ele será superior ao próprio Deus, uma espécie de "Super-Deus"!

Todas estas promoções vão contra os ensinamentos originais de Jesus e tiveram lugar com o andar dos tempos após o seu desaparecimento, portanto, sem o seu conhecimento e consentimento, culminando numa espécie de “nova religião” chamada “Cristianismo Moderno”.

JESUS – FILHO DE HOMEM E ENVIADO DE DEUS

O Judaísmo rejeita o facto de Jesus ter sido um profeta e mensageiro de Deus, assim como foram Abraão, Moisés e outras figuras do Antigo Testamento. Já o Cristianismo e o Isslam aceitam que Jesus foi um enviado de Deus e lhe atribuem diversos milagres.
Contudo, estas duas religiões diferem fundamentalmente na pessoa de Jesus, na sua mensagem e na natureza do seu relacionamento com Deus.
A diferença principal entre estas duas religiões pode ser resumida no facto de os cristãos acreditarem que Jesus é humano e Deus ao mesmo tempo, enquanto que perante o Isslam, ele foi apenas um homem como qualquer outro profeta, que nunca reivindicou ser divino e que foi enviado com uma Mensagem com o objectivo de chamar as pessoas para a senda recta e afastá-las do mal.

Um profeta deve ser da mesma espécie e natureza das pessoas, pois não é aceite que seja estranho a elas e que não consiga orientá-los por ser diferente. Não é lógico que venha um Deus, um anjo, um animal ou qualquer outro ser para orientar os que não são da sua espécie, pois cada criatura se simpatiza e segue a que pertence à sua espécie.
O ser humano não pode seguir outras criaturas ou seres, por muito boas que sejam as suas qualidades e dons, pois jamais conseguirá fazê-lo. Por exemplo, a elegância da gazela, a força do leão, a paciência do camelo, a firmeza das montanhas, a visão apurada da águia, a rapidez dos pássaros, são qualidades impossíveis ao Homem, pois existe uma diferença clara nas suas forças e natureza.

É por essa razão que Deus enviou profetas e mensageiros humanos para guiar as pessoas, pois eram da mesma espécie e assim seria fácil segui-lo e imitar as suas práticas. Esses profetas nasceram e viveram no meio das pessoas, comiam e vestiam como qualquer um e levavam uma vida humana normal.

Quando as pessoas enfrentavam problemas, recorriam a eles para se orientar em diferentes situações, através de meios humanos e não fora do seu alcance.

Se Deus tivesse enviado profetas não humanos, as pessoas não estariam convencidas e não os iriam seguir, aliás tê-los-iam adorado. Por exemplo, sendo humano, Jesus foi adorado com o pretexto de ter nascido sem pai e quando passou a ser chamado "Filho de Deus". E se Deus tivesse enviado um anjo ao invés de pessoa, também o teriam adorado, tal como aconteceu com Gabriel, o "Espírito Santo" que foi tomado como Deus.

Como é que o Homem pode sair dos seus limites para poder seguir uma outra criatura, dado que existe uma grande diferença nas suas naturezas? Primeiro não compreenderia o que a outra criatura modelo expressasse, e se compreendesse, seria impossível segui-la por se tratar de capacidades e espécies diferentes.
O Homem só se sente bem junto doutro ser semelhante a si, que tenha as mesmas qualidades e sentimentos. Aliás, muitas vezes nós próprios temos medo e dúvida perante pessoas estranhas e diferentes, quer na língua, cor, costumes, etc., apesar de sermos todos humanos; que dizer então caso se tratasse de espécies estranhas e diferentes da nossa, vindo-nos chamar para os escutamos e seguirmos? Seria possível compreendê-los?
Por isso, o sagrado Al-Qur'án diz:
«E o que impediu os Homens de crer quando lhes chegou a orientação, não foi senão haverem dito: Deus enviou um mortal como mensageiro? Diz: Se houvessem anjos na terra a andar tranquilamente, ter-lhes-íamos enviado do Céu um anjo como mensageiro.»

[Al-Qur'án 17:94-95]

Um profeta ou mensageiro deve ser da mesma espécie e natureza daqueles para quem foi enviado. É por isso que Deus diz acerca de Muhammad:
«Na verdade, chegou-vos um mensageiro, saído de entre vós, que sofre por vossos infortúnios e se preocupa convosco (em vos guiar), e é compassivo e misericordioso para com os crentes.»

[Al-Qur'án 9:128]

Jesus também não fugiu à regra e foi um homem de entre os humanos, assim como ele próprio atestava:

«Ouçam atentamente o que lhes vou dizer: O filho do Homem será traído e entregue às mãos dos Homens.»

[S. Lucas 9:44]

De salientar que no Novo Testamento não consta o termo "Filho de Deus", com excepção de Actos 9:20, mesmo assim foi uma citação de Paulo, a respeito de quem os teólogos cristãos reconhecem que foi o autor de várias alterações do Cristianismo original.
Apenas a concepção de Jesus é que foi milagrosa, pois Deus quis assim. Do resto, ele permaneceu no útero da mãe durante nove meses, onde era alimentado e nutrido, o seu corpo se formava, o sangue, as veias, os órgãos, os ossos, a carne, etc. Tomava todas as características do corpo da mãe, até que foi expelido pelo útero quando se completou o período de gravidez e chegou o momento do seu nascimento. A seguir, foi amamentado e ia crescendo e vivendo como acontece com qualquer pessoa.

Jesus foi educado para ser obediente aos pais. O pai lhe ensinou a sua profissão e Jesus passou a ser também um carpinteiro experiente. Nos trinta anos que Jesus viveu antes de ser escolhido por Deus e de receber a Sua mensagem para guiar as pessoas, a família e todos os outros apenas o conheciam como um simples e honesto carpinteiro, que vivia à custa do seu trabalho e que se esforçava durante o dia para sustentar a mãe e seus irmãos órfãos.

Durante toda essa vida, sempre que Jesus falava com as pessoas referia-se a si como "filho de Homem", e isso é repetido nos Evangelhos pela sua própria língua; vide S. Mateus 3:30, 11:19, 12:32-40, 20:28, 24:30, 25:31 e 26:24; S. Marcos 2:28, 9:8 e 14:41; S. Lucas 9:56, 17:24 e 18:8; S. João 3:13, 5:27, 13:31 e 6:27; e muitos outros versículos do Novo Testamento.
A realidade que Jesus sempre anunciou e repetiu é:
«Porque desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade d'Aquele que me enviou.»

[S. João 6:38]

«Então, Jesus disse em voz alta: Quem crê em mim não crê apenas em mim, mas n'Aquele que me enviou.»

[S. João 12:44]

A questão que se coloca é quem foi que enviou Jesus? E quem seria seu Senhor, caso ele próprio fosse Deus?
Num diálogo entre Jesus e alguns judeus, ele anunciou que Deus, o Senhor dos Mundos, foi Quem lhe enviou, e que ele só fala o que Deus lhe ordena a falar:
«Disse Jesus: Se vocês fossem filhos de Abraão, fariam as obras que ele fez; mas vocês estão procurando matar-me, sendo que eu lhes falei a verdade que ouvi de Deus; Abraão não agiu assim. Vocês estão fazendo as obras do vosso Pai.
Eles responderam-lhe, então: Nós não nascemos de prostituição; o único Pai que temos é Deus.
Disse-lhes Jesus: Se Deus fosse vosso Pai, vocês me amariam, pois eu vim de Deus e agora estou aqui. Eu não vim por mim mesmo, mas foi Ele quem me enviou.»

[S. João 8:39-42]

Jesus pedia aos seus contemporâneos a crerem nele como um mensageiro enviado por Deus:
«Então lhe perguntaram: O que precisamos fazer para realizar as obras que Deus requer?
Jesus respondeu: A obra de Deus é esta: Crer naquele que Ele enviou.»

[S. João 6:28-29]

«Jesus disse: O meu ensinamento (doutrina) não é de mim mesmo, mas sim vem d'Aquele que me enviou. Se alguém decidir fazer a vontade de Deus, descobrirá se o meu ensino vem de Deus ou se falo por mim mesmo. Aquele que fala por si mesmo, procura a sua glória pessoal, mas aquele que procura a glória de Quem o enviou, esse é verdadeiro, não há nada de falso a seu respeito.»

[S. João 7:17-18]

Jesus compara-se a si próprio aos profetas anteriores quando diz:
«Pois, assim como Jonas foi um sinal para os ninivitas, assim o será também o filho do Homem para esta geração.»

[S. Lucas 11:30]

Certa vez Jesus foi a Jerusalém e alguns fariseus se aproximaram dele e disseram:
«Sai e retira-te daqui, porque Herodes quer matar-te.»

[S. Lucas 13:31]

Então, ele sentiu-se mal com esse mau trato e lembrando-se o que os outros profetas passaram em Jerusalém, disse:
«Importa, porém, caminhar hoje, amanhã e no dia seguinte, para que não suceda que morra um profeta fora de Jerusalém. Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados!»
[S. Lucas 13:33-34]

Jesus era humano, pois era conhecido como homem ou “filho de Homem”. Quando nasceu, foi-lhe dado um nome como qualquer outra criança; foi carregado no berço, tornou-se adulto e era cidadão de Nazaré. Chamaram-no Jesus de Nazaré, relativo à sua terra [S. João 1:45 e S. Mateus 2:23]; portanto, era um “deus” com nacionalidade, assim como as pessoas também são apelidadas com o nome do local onde nasceram.
Apelidavam-no por filho de David, filho de José ou mestre, mas nunca o chamaram por Deus e nem ele reivindicou ser divino.
Em muitas ocasiões, Jesus declarava aos seus discípulos e à sua gente de que era apenas um profeta enviado por Deus, com uma mensagem a si revelada. Enfatizava ainda que os milagres que demonstrava haviam sido concedidos por Deus, razão pela qual se direccionava ao céu pedindo a Sua ajuda antes de fazê-lo [S. Lucas 9:16].
Reconheceu que não tinha conhecimento de tudo, tal como sobre o Fim do Mundo, Dia de Julgamento, etc. [S. Marcos 13:32]. Na noite em que foi preso, Deus enviou um anjo para lhe reforçar [S. Lucas 22:43].

Tudo isso prova que Jesus era “filho de Homem” e um profeta enviado por Deus para guiar Israel. É certo que a sua concepção foi milagrosa, assim como é aceite pelo Isslam mas rejeitada pelo Judaísmo. Mas não foi mais milagrosa do que a criação de Adão, o que não transformou este numa divindade, pois Deus cria o que deseja e como deseja.
Uma criatura pode ser criada de que forma for, mas não deixa de fazer parte da criação de Deus. Um ser nascido jamais pode se tornar Deus, mesmo que tenha sido criada de forma milagrosa.

Além disso, os milagres demonstrados por Jesus não lhe eram exclusivos, o que não o tornava divino, pois ele próprio reconhecia que não vinham da sua parte, mas com permissão de Deus.

Todos os profetas demonstraram milagres concedidos por Deus para ajudá-los a convencer às pessoas da sua profecia e mensagem e a cada um deles Deus concedia milagres que se ajustavam à sua era e gente**.**

Portanto, todos os profetas fazem parte da mesma corrente e foram enviados por Deus a fim de transmitirem a Sua mensagem, sendo por isso que o sagrado Al-Qur'án se dirige àqueles que os desmentiram e os assassinaram:

«E certamente, demos a Moisés o Livro, e depois dele enviámos mensageiros sucessivamente, e demos provas claras (milagres) a Jesus, filho de Maria, e fortificamo-lo com o Espírito Santo.

E sempre que vos chega um mensageiro, trazendo-vos uma doutrina que não satisfaz os vossos desejos, tornais-vos arrogantes, desmentindo uns e massacrando outros. E, eles dizem: Os nossos corações estão cobertos (já não há lugar para mais).

O certo é que Deus os amaldiçoou pela sua descrença; assim, são poucos os que crêem.»

[Al-Qur'án 2:87-88]

Jesus era um exemplo de humildade, que se recusou a ser elevado acima do seu grau e estatuto, seja por lhe atribuírem poderes que não possuía ou por ser denominado com títulos que não o pertenciam.

Certa vez, quando alguém lhe perguntou: «Bom mestre! Que farei para herdar a vida eterna?», ele respondeu: «Porque você me chama bom? Não há ninguém que seja bom, a não ser somente Deus» [S. Lucas 18:18-19]. Aqui, Jesus rejeitou a atribuição da bondade infinita ou "perfeita" para si, e corrigiu que esse atributo pertence apenas a Deus [S. Mateus 19:16-17].

Nesta passagem, até mesmo pelo adjectivo "bom" ele recusou que alguém o apelidasse, pois o filho de Homem é como qualquer humano, que está sujeito a errar, falhar, praticar o bem e o mal, pelo que ninguém é perfeitamente justo e bom com excepção de Deus, o Senhor de Jesus e de toda a humanidade.

Consta no Evangelho de S. Barnabé em que Jesus disse:

«Eu confesso (testemunho) perante os céus e chamo a todos que vivem na terra, para testemunharem que eu não tenho nada a ver com aquilo que as pessoas disseram a meu respeito, de que eu sou mais do que um Homem, pois eu sou um homem, nascido de uma mulher, sujeito a julgamento de Deus; eu vivo como vivem as outras pessoas, sujeito aos sofrimentos comuns.»

[S. Barnabé 94]

Os Evangelhos contam que Jesus lavava os pés dos seus discípulos com as suas próprias mãos:
«Assim, levantou-se da mesa, tirou o manto, tomou uma toalha e atou-a à volta da cintura; depois disso, deitou água numa bacia e começou a lavar os pés dos seus discípulos, enxugando-os com a toalha que estava em volta da sua cintura.»

[S. João 13:4-5]

Esse foi Jesus, um homem humilde, algo que muitos teólogos e até mesmo seguidores seus não o são. Foi um servo e mensageiro de Deus, que cumpriu a missão de transmitir a Mensagem Divina. Consta no sagrado Al-Qur'án:
«Eu sou, na verdade, um servo de Deus! Ele deu-me o Livro (Evangelho) e fez de mim um profeta; e tornou-me abençoado onde quer que esteja, e Ele recomendou-me a oração e a caridade enquanto permanecer vivo, e recomendou-me a bondade com a minha mãe, e não fez de mim um arrogante, infeliz.
Esse é Jesus, filho de Maria, é a pura verdade da qual duvidam. Não é admissível que Deus tome para Si um filho. Glorificado seja! Quando decreta algo basta que diga "seja", e é.
E ALLAH é meu Senhor e o vosso; adorai-O pois, este é o caminho recto.»

[Al-Qur'án 19:30-36]

AS QUALIDADES HUMANAS DE JESUS

Jesus foi humano tanto na prática, no comportamento, nos sentimentos assim como nas suas qualidades. Ele comia, bebia, dormia, tinha medo, ficava triste, chorava, montava animais, era tentado pelo Satanás, orava e invocava a Deus e convivia com as pessoas como qualquer ser humano.
Segundo os Evangelhos, os soldados romanos o prenderam, bateram, chicotearam, zombaram e perfuraram-no com lanças; foi humilhado e teve um fim lastimoso. Portanto, não se encontra nada de divino nele, quer ao longo da sua vida como na altura do "seu fim".

Todas essas qualidades são humanas e ele estava sujeito às necessidades e instintos humanos, pelo que não pode ser Deus nem Seu filho.

a) Alimentação
Jesus comia e bebia como qualquer pessoa, sendo também semelhante nisso com os outros profetas:
«O Messias, filho de Maria, nada mais é do que um mensageiro; antes dele, passaram outros mensageiros. Sua mãe era muito verídica; ambos comiam alimentos. Vê como Nós lhes explicamos os versículos, em seguida, vê como se desviam.»

[Al-Qur'án 7:75]

«Não enviamos antes de ti mensageiro algum que não comesse como comem as pessoas, e que não andasse pelos mercados.»

[Al-Qur'án 25:20]

Deus é livre de fome e não precisa de alimentos; mas segundo a Bíblia, Jesus tinha essa necessidade:
«De manhã cedo, quando voltava para a cidade, Jesus teve fome.»

[S. Mateus 21:18]

«Jesus, cansado da viagem, sentou-se à beira do poço; nisso, veio uma mulher samaritana tirar água, e disse-lhe Jesus: Dê-me um pouco de água.»

[S. João 4:6-7]

«Veio o filho do Homem, que come e bebe.»

[S. Mateus 11:19, S. Lucas 7:34]

E a consequência natural do consumo de alimentos é a evacuação. Comer e beber exige defecar e urinar, pois de contrário, o organismo se inflama e fica envenenado, provocando a morte; portanto, isso prova que Jesus, assim como qualquer humano, também estava sujeito a tais necessidades naturais.

b) Sono e Descanso
A outra consequência da alimentação e do esforço pelo trabalho desenvolvido é o cansaço e a vontade de dormir, a fim de recuperar as energias e tirar benefício da digestão.
Se não fosse o descanso e a dormida, o Homem iria perder as suas forças e enfraquecer o seu sistema nervoso, o que impediria de continuar a vida e

missão. O sono e a dormida são considerados sinais de Deus, pois é Ele quem faz dormir a Sua criatura, mas Ele próprio não soneca nem dorme:
«Deus, não existe divindade excepto Ele, o Vivo, o Firme; nem a sonolência nem o sono O tomam.
A Ele pertence tudo quanto existe nos Céus e na Terra. Quem pode interceder perante Ele, a favor de alguém, sem a Sua permissão?
Ele sabe o que está na frente deles e o que está atrás deles; ninguém pode atingir os Seus conhecimentos, senão o que Ele permitir.
O Seu Trono engloba os Céus e a Terra; e preservar estas duas coisas nunca O fatiga. Ele é o Sublime, o Glorioso.»

[Al-Qur'án 2:255]

Mas Jesus, muitas vezes descansava para recompor as suas forças:
«Enquanto navegavam, ele (Jesus) adormeceu; abateu-se sobre o lago um forte vendaval, de modo que o barco estava sendo inundado e eles corriam grande perigo. Os discípulos foram acordá-lo, clamando: Mestre! Mestre! Vamos morrer.»

[S. Lucas 8:22-24, S. Mateus 8:23-25, S. Marcos 4:35-38]

E como Jesus se esforçava bastante, necessitava de descanso para repor as suas energias. Por vezes, o seu sono era "pesado" devido ao cansaço derivado do seu trabalho como carpinteiro e também como pregador, pois além da sua profissão, ainda tinha a missão de propagar a mensagem de Deus no seio das pessoas.
Os versículos citados mostram que apesar da tempestade que atingira o barco, mesmo com fortes ventos e altas ondas, Jesus continuava a dormir tranquilo. Caso ele fosse Deus, mesmo se dormisse teria conhecimento do perigo iminente.

c) Zanga

Normalmente, Jesus era uma pessoa bastante calma. Mas às vezes ficava irritado e zangado perante situações que ocorriam na sua presença ou devido ao comportamento de certas pessoas. Situações dessa natureza também atingiram os outros profetas, pois eram todos humanos.
«Quando já estava chegando a Páscoa judaica, Jesus subiu a Jerusalém. No pátio do templo, viu algumas pessoas vendendo bois, ovelhas e pombas, e outros sentados diante de mesas, trocando dinheiro. Então, ele fez um chicote

de cordas e expulsou-os a todos do templo, bem como as ovelhas e os bois. Espalhou as moedas dos cambistas e virou as suas mesas.»

[S. João 2:13-15, S. Mateus 21:12-13, S. Marcos 11:15-16]

d) Medo

Houve vezes que Jesus temia os seus irmãos humanos, pois fugia dos inimigos e se escondia dos que o perseguiam. Na base do instinto humano, receava que alguém o pudesse fazer mal, e quando pressentia o perigo, fugia para longe de modo a que ninguém o encontrar:

«Então, os fariseus saíram e começaram a conspirar sobre como poderiam matar Jesus; sabendo disso, Jesus retirou-se daquele lugar.»

[S. Mateus 12:14-15]

Certa vez, houve uma discussão entre Jesus e os judeus:

«Então, eles apanharam pedras para o apedrejar, mas Jesus escondeu-se e saiu do templo.»

[S. João 8:59]

«De outra vez, tentaram prendê-lo, mas se livrou das mãos deles.»

[S. João 10:39]

«Na quarta vez, todos os presentes zangaram-se e levantaram-se, expulsaram-no da cidade e o levaram até ao topo da colina sobre a qual fora construída a cidade, a fim de atirá-lo precipício abaixo, mas ele passou por entre eles e retirou-se».

[S. Lucas 4:29-30]

O temor e medo são qualidades naturalmente humanas. Caso fosse divino, Jesus não teria temido ninguém e muito menos teria fugido dos inimigos.

e) Tristeza e Choro

Em muitas circunstâncias, Jesus chorou com medo de ser preso e morto pelos judeus.

«E estando angustiado, ele orou ainda mais intensamente, e o seu suor era como gotas de sangue que caíam sobre o chão.»

[S. Lucas 22:44]

Chorou também devido à separação dos seus ente-queridos e pela morte de seus amigos. Certa vez, veio Maria e informou-o acerca da morte do seu irmão Lázaro, então Jesus ficou triste e chorou:
«Ao ver chorando Maria e os judeus que a acompanhavam, Jesus agitou-se no espírito e perturbou-se: Onde o colocaram? – Perguntou ele.
Vem e vê senhor – responderam eles. Jesus chorou; então os judeus disseram: Vejam como ele o amava.»

[S. João 11:33-36]

Jesus gostava muito de Jerusalém. Ele diz:
«Quando se aproximou e viu a cidade, Jesus chorou sobre ela e disse: Se tu compreendesses neste dia, também tu, o que traz a paz! Mas agora isso está oculto aos teus olhos. Virão dias em que os teus inimigos construirão trincheiras contra ti e te rodearão e te apertarão de todos os lados, também te lançarão por terra, a ti e aos teus filhos que estão dentro dos teus muros; não deixarão pedra sobre pedra.»

[S. Lucas 19:41-44]

f) Tentação do Diabo

Certa vez o filho do Homem caiu na tentação do Diabo, assim como acontece com qualquer ser humano. Foi tentado pelo Diabo antes de lhe ser concedida a profecia, para se testar a sua firmeza e ser escolhido como mensageiro de Deus:
«Então foi conduzido Jesus pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo. E, tendo jejuado quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome.
E chegando-se a ele o tentador, disse: Se tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem em pães.
Ele, porém, respondendo, disse: Está escrito: Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus.
Então o diabo o transportou à cidade santa, e colocou-o sobre o pináculo do templo, e disse-lhe: Se tu és o Filho de Deus, lança-te de aqui abaixo; porque está escrito: Que aos seus anjos dará ordens a teu respeito, e tomar-te-ão nas mãos, para que nunca tropeces em alguma pedra.
Disse-lhe Jesus: Também está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus.
Novamente o transportou o diabo a um monte muito alto; e mostrou-lhe todos os reinos do mundo, e a glória deles. E disse-lhe: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares.

Então disse-lhe Jesus: Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás.
Então o diabo o deixou.»

[S. Mateus 4:1-11, S. Lucas 4:1-13]

Saliente-se a forma como Satanás tentou a Jesus, mostrando-lhe uma parcela de terra. Se Jesus fosse Deus, tal como alegam os cristãos, então ele teria respondido a Satanás nas seguintes palavras: "Propões-me algo que eu próprio criei e sou dono?", mas Satanás sabia muito bem que estava a falar com uma criatura humana.
Além disso, como é que Satanás, sendo uma criatura, poderia tentar o Criador? Não só tentou Jesus como também lhe levou no seu domínio, propondo-lhe que o adorasse através da prostração. Será que é possível Deus adorar e prostrar perante Satanás, uma criatura Sua?
Portanto, Jesus não era Deus mas sim um simples profeta, que perante situações como estas em que o Diabo tentasse desviar da verdade, não fez mais do que aquilo que os outros profetas fizeram: Defender-se da forma como foram instruídos por Deus e pelas revelações anteriores.
O Satanás não conseguiu desviar Jesus e nem outros profetas, assim como consta no sagrado Al-Qur'án:
«Jamais enviámos antes de ti, mensageiro ou profeta algum, sem que quando ele recitasse (a Revelação), o Satanás lançasse (dúvidas no íntimo dos oponentes) sobre aquilo que ele recitou. Então, Deus anula o que Satanás lança; em seguida, Deus consolida os Seus versículos. Deus é Sábio, Prudente.
Para fazer daquilo que Satanás lança, uma tentação para aqueles em cujos corações há uma doença (os hipócritas), e aqueles cujos corações estão endurecidos (os descrentes), e por certo, os injustos estão no mais distante antagonismo.
E para que aqueles, a quem foi dado o conhecimento, saibam que isso (a última Revelação – o sagrado Al-Qur'án) é a verdade enviada do teu Senhor; e creiam nela, e que seus corações se humilhem diante d'Ele.
E, por certo, Deus guia os crentes para um caminho recto.»

[Al-Qur'án 22:52-54]

g) Oração e Invocação a Deus

Jesus orava e invocava constantemente o seu Senhor; ajoelhava-se e prostrava louvando Deus. Ele sabia que a oração é uma forma de diálogo e de ligação

entre o Homem e seu Criador, razão pela qual fazia-o durante a noite, pela manhã e noutras horas do dia, em diferentes lugares:
«Então, Jesus foi com seus discípulos para um lugar chamado Getsêmani, e disse-lhes: Sentem-se aqui, enquanto, vou ali orar.»
[S. Mateus 26:36, S. Marcos 14:32]

«Tendo-se despedido da multidão, subiu sozinho a um monte para orar, e ao anoitecer, ele estava ali sozinho.»
[S. Mateus 14:23]

«Naquela ocasião, Jesus disse: Eu Te louvo Pai, Senhor dos Céus e da Terra.»
[S. Mateus 11:25]

«De madrugada, quando ainda estava escuro, Jesus levantou-se, saiu de casa e foi para um lugar deserto, e ali orava.»
[S. Marcos 1:35]

«Num daqueles dias, Jesus saiu para o monte a fim de orar, e passou a noite orando a Deus.»
[S. Lucas 6:12]

«Porém, ele retirava-se para os desertos (lugares solitários) e ali orava.»
[S. Lucas 5:16]

Jesus orava a Deus em qualquer circunstância, seja na facilidade como na dificuldade. S. Lucas relata uma passagem em que os judeus queriam matar Jesus, então ele saiu e foi para o monte, onde começou a orar implorando pela salvação por parte de Deus:
«Como de costume, Jesus saiu para o monte das oliveiras, e os seus discípulos o seguiram. Chegando ao lugar, ele lhes disse: Orem para que vocês não caiam em tentação.
E assim, pouco antes de morrer, Jesus mostrou quem era seu superior. Ele se afastou deles a uma pequena distância, ajoelhou-se e começou a orar: Pai! Se queres, afasta de mim este cálice (copo), contudo não seja feita a minha vontade, mas a Tua (pois sabia que somente Deus poderia "remover esse copo" e não ele).

Apareceu-lhe então um anjo do céu que o fortalecia. Estando angustiado, ele orou ainda mais intensamente, e o seu suor era como gotas de sangue que caíam sobre o chão».

[S. Lucas 22:39-44]

Em tempo de dificuldade, Jesus orava profundamente a Deus, em que se prostrava na terra e depois levantava a cabeça em direcção ao céu, invocando intensamente o seu Senhor. Transpirava tanto que o seu suor se assemelhava a gotas de sangue.
O Evangelho relata ainda que durante a oração, apareceu um anjo do céu para o fortalecer. Quer parecer que Deus teve misericórdia do Seu servo e quis acalmá-lo, afastando o medo dele. E Jesus se tranquilizou graças à oração que fez.
Consta no sagrado Al-Qur'án:
«O Messias nunca se envergonhará de ser um servo de Deus, nem os anjos favoritos (mais próximos a Deus) se envergonharão; e aqueles que se envergonham em adorá-Lo e se orgulham, Ele reuni-los-á a todos para (responder perante) Si.»

[Al-Qur'án 4:172]

As próprias orações de Jesus indicam que ele não era Deus e que orava a Alguém inteiramente distinto e superior. Segundo a Bíblia, quando Jesus estava à beira da morte, antes de ser crucificado, clamou: «Meu Deus! meu Deus! Porque me abandonaste?». Claro que aí ele não estava invocando a si próprio. Se Jesus fosse Deus, então por quem teria sido ele abandonado? Por si próprio?
Jesus disse ainda:
«Pai, às Tuas Mãos confio o meu espírito.»

[S. Lucas 23:46]

Se Jesus fosse Deus, porque razão, devia ele confiar o seu espírito ao Pai? A quem ele orava? A uma parte de si mesmo?
Está claro que ele orava a Alguém inteiramente independente – o seu Deus e de todos – cuja vontade era superior e poderia ser diferente da sua própria.

h) Coexistência com o Povo

Os contemporâneos de Jesus, de entre aqueles que conviveram com ele, comunicaram, confraternizaram, acreditaram nas suas palavras, ou mesmo

aqueles que não creram na sua mensagem e que eram seus inimigos, todos não viram nele nada mais do que um homem normal e semelhante, uma criatura humana como qualquer outro descendente de Adão.
A divergência que surgiu acerca de Jesus é de que os inimigos o chamavam de mentiroso, enquanto que os amigos e seguidores que gostavam dele, o elevaram ao grau de profeta e confirmaram que havia sido enviado pelo Senhor dos Mundos. Dois de entre os seus amigos disseram:
«Ele era um profeta, poderoso em palavras e obras diante de Deus e de todo o povo.» [S. Lucas 24:19]

Uma senhora samaritana que o encontrou junto ao poço, disse:
«Senhor, vejo que é profeta.»
[S. João 4:19]

E quando Jesus estava a pregar e ensinar:
«Ouvindo as suas palavras, alguns de entre o povo disseram: Certamente este homem é profeta.»
[S. João 7:40]

«Todos ficaram tomados de temor e louvaram a Deus: Um grande profeta se levantou entre nós, diziam eles.»
[S. Lucas 7:16]

Quando os chefes dos sacerdotes e os fariseus ouviram as parábolas de Jesus, compreenderam que falava a respeito deles; procuraram um meio de prendê-lo, mas tinham medo das multidões, pois estas o consideravam profeta [S. Mateus 21:45-46].
Portanto, Jesus consentiu e não repreendeu a ninguém por lhe terem chamado de profeta. Se fosse Deus ou parte de Deus, não teria aceite que lhe chamassem assim, pois estariam a rebaixar o seu grau.

i) Convivência com os Discípulos
Os discípulos de Jesus, que permaneciam quase sempre com ele, sabiam de coisas que outras pessoas desconheciam, pois o próprio Mestre lhes informava acerca de segredos que ele próprio ocultava ao público, tais como o que pensavam dele, se o consideravam humano ou não, que tipo de Homem era, etc.

Pedro disse:
«Homens de Israel! Escutai estas palavras: Jesus de Nazaré, homem acreditado por Deus junto de vós, com milagres, prodígios e sinais que Deus realizou no meio de vós por seu intermédio.»

[Actos 2:22]

Estes eram os discípulos e seguidores mais próximos de Jesus, que ficaram conhecidos como Apóstolos, e que não o chamavam de Deus nem filho de Deus, mas sim por *"Rabbi"*, que significa "Mestre" ou "Professor" [S. Marcos 9:38, S. Lucas 9:33, S. João 1:38], pois estes termos são aplicados para aquele que é rodeado de estudantes ou discípulos.
Jesus dizia para que considerassem Deus como Pai e a si por Mestre:
«A ninguém na terra chamem "Pai", porque vocês só têm um Pai, Aquele que está nos Céus. Tão pouco vocês devem ser chamados "Mestre", porquanto vocês têm um só Mestre: Cristo.»

[S. Mateus 23:9]

Este Mestre, filho de Homem, não ensina coisas da sua parte nem fala ou prega as suas ideologias, pois a educação e a mensagem que transmitia não eram de sua proveniência mas sim de Deus. Ele é apenas um mensageiro e profeta, e quem aceitá-lo e aos seus ensinamentos, na realidade estará a aceitar Deus e Seus mandamentos:
«Ele veio à noite e disse: Mestre! Sabemos que ensinas da parte de Deus, pois ninguém pode realizar os sinais miraculosos que estás fazendo, se Deus não estiver com ele.»

[S. João 3:2]

Os discípulos de Jesus se preocupavam com os assuntos do seu mestre e tentavam satisfazer as suas necessidades em termos de alimentação, protecção, descanso, etc. Essa preocupação ia ao ponto de lhe lembrarem de algo caso se esquecesse, pois eles tinham sempre em mente que Jesus era humano.
«Certa vez, Jesus estava pregando a uma das mulheres, e alongou-se tanto na sua pregação que chegou o tempo de tomar a sua refeição, e então os seus discípulos tiveram que lhe recordar e pedir-lhe que comesse. Enquanto isso, os discípulos insistiam com ele: Mestre, come alguma coisa.»

[S. João 4:31]

Os discípulos sinceros temiam que o seu mestre caísse nas mãos dos inimigos ou que lhe fizessem mal. Por isso, tentavam sempre afastá-lo dos locais potencialmente perigosos.
Consta que quando Jesus quis ir à Judeia a fim de visitar um amigo, os discípulos o advertiram:
«Quando o Mestre informou aos seus discípulos da sua vontade de lá ir, os discípulos recearam e pediram-lhe que não fosse. Depois disse aos seus discípulos: Vamos voltar para a Judeia.
Estes disseram: Mestre, há pouco os judeus tentaram apedrejar-te. Mesmo assim vais voltar para lá?» [S. João 10:7-8]

Face à coragem e à-vontade com que os discípulos se dirigiam ao Mestre, pode-se concluir que os que conviveram com Jesus, tanto na vertente espiritual como na trivial, não viram nele nada mais do que um ser humano normal que nada tinha de diferente em relação aos demais, com excepção da missão especial para a qual Deus o havia incumbido.
Aliás, havia até discípulos que o criticavam noutros assuntos fora da sua missão. Consta que os discípulos ficaram admirados quando viram o seu Mestre parado a falar com uma mulher samaritana, deixando de lado o povo, a congregação e os seguidores. Inicialmente, como não queriam incomodá-lo, mantiveram-se calados e ocultaram este episódio aos restantes companheiros:
«Naquele momento, os seus discípulos voltaram e ficaram surpreendidos ao encontrá-lo conversando com uma mulher. Mas ninguém perguntou: Que queres saber? Ou porque estás conversando com ela?»
[S. João 4:27]

Muitas vezes Pedro contrariava o seu Mestre em algumas das suas actuações e também nas suas posições verbais e práticas:
«Então Pedro, chamando-o à parte, começou a repreendê-lo dizendo: Nunca, Senhor! Isto nunca te acontecerá.» [S. Mateus 16:22]

JESUS: UM PROFETA DE DEUS

De acordo com os versículos bíblicos, Jesus considera-se a si próprio como um profeta enviado por Deus:

«Esta é a vida eterna; que te conheçam a Ti, único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem Tu enviaste.»

[S. João 17:3]

Nota-se que aqui, Jesus se refere a si próprio como um "enviado" de Deus e não como Deus ou Seu filho. Para além disso, ele se dirige a Deus; se ele próprio fosse Deus, como poderia se dirigir a si próprio? Seria como uma loucura divina.

Há neste texto uma grandiosa declaração, uma verdade enorme que proporciona felicidade eterna a todos aqueles que a declaram: o reconhecimento de que ALLAH é o único e verdadeiro Deus, e que qualquer outro a ser adorado para além d'Ele é falso. E que Jesus foi um enviado de Deus, assim como o foram outros profetas antes dele até Muhammad ﷺ:
«Para que todos sejam um, como Tu, ó Pai, o és em mim e eu em Ti. Que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que Tu me enviaste.»

[S. João 17:21]

«Quem vos recebe, a mim me recebe; e quem me recebe a mim, recebe Aquele que me enviou.»

[S. Marcos 9:37, S. Mateus 10:40, S. Lucas 10:16]

«Na verdade, na verdade vos digo que não é o servo maior do que o seu Senhor, nem o enviado maior do que Aquele que o enviou.»

[S. João 13:16]

«Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma, como ouço, assim julgo, e o meu juízo é justo, porque não busco a minha vontade, mas a vontade do Pai que me enviou. Se eu testemunho de mim mesmo, o meu testemunho não é verdadeiro.»

[S. João 5:30-31]

Depois de ver o sinal miraculoso que Jesus tinha realizado, o povo começou a dizer:
«Certamente, este é o profeta que devia vir ao mundo.»

[S. João 6:14]

«Quando Jesus entrou em Jerusalém, toda a cidade ficou em alvoroço, dizendo: Quem é este?
E a multidão respondia: É Jesus, o profeta de Nazaré, da Galileia.»
[S. Mateus 21:10-11]

A esses que se sentiram ofendidos e não estavam preparados a reconhecer e aceitar a sua reivindicação, Jesus disse:
«E chegando o Sábado, começou a ensinar na Sinagoga; e muitos, ouvindo-o, se admiravam, dizendo: De onde lhe vêm estas coisas? E que sabedoria é esta que lhe foi dada? E como se fazem tais maravilhas por suas mãos? Não é este, o carpinteiro, filho de Maria, e irmão de Tiago, e de José, e de Judas e de Simão? E não estão aqui connosco suas irmãs? E escandalizavam-se nele.
E Jesus lhes dizia: Não há profeta sem honra, senão na sua terra, entre os seus parentes e na sua casa. E não podia fazer ali obras maravilhosas (milagres).»
[S. Marcos 6:2-6]

«E, quando chegou perto da porta da cidade, eis que levavam um defunto, filho único de sua mãe, que era viúva; e com ela ia uma grande multidão da cidade. E, vendo-a, o senhor moveu-se de íntima compaixão por ela, e disse-lhe: Não chores.
E, chegando-se, tocou o esquife (e os que o levavam pararam), e disse: Jovem, a ti te digo: Levanta-te.
E o defunto assentou-se, e começou a falar. E entregou-o a sua mãe. E de todos se apoderou o temor, e glorificavam a Deus, dizendo: Um grande profeta se levantou entre nós.» [S. Lucas 7:12-16]

«Jesus disse-lhe (a Maria): Não me segure, pois ainda não me voltei para o Pai, mas vai ter com os meus irmãos e diz-lhes: Estou voltando para o meu Pai, que é vosso pai, para o meu Deus, que é vosso Deus.» [S. João 20:17]

Este foi o testemunho daqueles que o viram e assistiram os seus milagres, mas nenhum deles disse que se tratava de Deus ou Seu Filho. Jesus não podia ser Deus e cidadão de Nazaré ao mesmo tempo.
Portanto, a relação entre Jesus e Deus é semelhante à relação entre os discípulos e Deus. Todos eles são servos de Deus; Deus é Pai de todos e o Pai é Deus de todos, incluído de Jesus, conforme ele próprio atesta.

Em relação ao milagre de reavivar os mortos, consta uma outra passagem:
«Jesus pois, movendo-se outra vez muito em si mesmo, foi ao sepulcro; e era uma caverna e tinha uma pedra posta sobre ela. Disse Jesus: Tirai a pedra.
Marta, irmã do defunto, disse-lhe: Senhor, já cheira mal, porque é já de quatro dias.
Disse-lhes Jesus: Eu não te disse que se creres, verás a glória de Deus?
Quando tiraram a pedra, Jesus, levantando os olhos para o céu disse: Pai, dou-Te graças por me teres atendido. Eu já sabia que sempre me atendes, mas eu disse isto por causa da multidão que está em redor, para que creiam que Tu me enviaste.
E, tendo dito isto, clamou com grande voz: Lázaro vem para fora!
E o defunto saiu, tendo as mãos e os pés ligados com faixas (atados com ligaduras), e o seu rosto envolvido num lenço.»

[S. João 11:38-44]

Portanto, antes de Jesus demonstrar qualquer milagre, ele olhava para o céu e suplicava a Deus pelo pedido, o que indica claramente que os seus milagres não eram do seu poder mas pela permissão e vontade de Deus:
«É pelo espírito de Deus que eu expulso demónios.»

[S. Mateus 12:28, S. Lucas 11:20]

O ÚLTIMO MENSAGEIRO ENVIADO AOS JUDEUS

Jesus foi o último profeta judeu, da descendência de Isaac, com quem Deus estabeleceu uma aliança relacionada a ele e à sua descendência:
«E disse Abraão a Deus: Quem dera que viva Ismael diante de teu rosto!
E disse Deus: Na verdade, Sara, tua mulher, te dará um filho, e chamarás o seu nome Isaac, e com ele estabelecerei a minha aliança, por aliança perpétua para a sua descendência depois dele.
E quanto a Ismael, também te tenho ouvido; eis aqui o tenho abençoado, e fá-lo-ei frutificar, e fá-lo-ei multiplicar grandissimamente; doze príncipes gerará, e dele farei uma grande nação.» [Génesis 17:18-20]

Segundo esta aliança, todos os profetas judeus foram enviados apenas para os judeus e não para outros povos. Essa é a razão de Jesus dizer que foi enviado

apenas para «as ovelhas perdidas da casa de Israel», e esclareceu aos seus discípulos a não ensinarem o Evangelho aos gentios, isto é, os não judeus.

Consta na Bíblia:
«E tu, Belém, terra de Judá, de modo nenhum és a menor entre as capitais de Judá; porque de ti sairá o guia que há de apascentar o meu povo de Israel.»
[S. Mateus 2:6]

«O Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai David, e ele reinará para sempre sobre a casa de Jacob.» [S. Lucas 1:32-33]

Desde o tempo em que Jesus começou a pregar, ensinou acerca do arrependimento e da adoração a um único Deus:
«O primeiro de todos os mandamentos é, ouve Israel: o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor.» [S. Marcos 12:29]

Ao contrário da Trindade, Jesus dá ênfase à Unicidade de Deus, e dirige-se ao povo de Israel; caso tivesse sido enviado para toda a humanidade, teria se dirigido às pessoas usando termos como "ó humanos" ou "ó gente".
Ele mostrou de forma bastante clara que era um profeta enviado aos judeus, tendo escolhido os seus discípulos também de entre os judeus. Jesus disse aos discípulos:
«A seara é grande, mas os trabalhos são poucos; peçam pois, ao Senhor da seara, que envie trabalhadores para a sua seara.»
[S. Mateus 9:37-38]

"Seara" era uma referência aos judeus, que estavam desviados do caminho recto e que tinham que ser trazidos novamente para salvaguardar as leis do Antigo Testamento e adorar a um único Deus, conforme pregava Moisés.
Jesus não estava preocupado com os gentios, samaritanos ou com qualquer outro grupo, pois a sua missão estava clara. Ele enviou os seus discípulos para pregar, avisando-os:
«Não se dirijam aos gentios, nem entrem em cidade alguma dos samaritanos. Dirijam-se antes às ovelhas perdidas da casa de Israel. Por onde forem, preguem esta mensagem: O reino dos céus está próximo.»
[S. Mateus 10:5-7]

Isso era uma referência aos judeus, pois estes são descendentes do profeta Jacob, que também era chamado de "Israel". Foi para essa nação que Jesus foi enviado, pois tinham renegado Deus e já não cumpriam as leis de Moisés.
Mesmo durante a vida de Moisés, muitas vezes os judeus se desviavam do caminho recto e Moisés os repreendia dizendo:
«Também em Taberá, e em Massá, e em Quibrote-Hataavá provocastes muito a ira do Senhor. Quando também o Senhor vos enviou de Cades-Barnéia, dizendo: Subi e possuí a terra que vos tenho dado; rebeldes fostes ao mandado do Senhor vosso Deus, e não o crestes e não obedecestes à sua voz. Rebeldes fostes contra o Senhor desde o dia em que vos conheci.»

[Deuteronómio 9:22-24]

Moisés, o profeta de Deus e escolhido para livrar os judeus da escravatura, teve a dura missão de liderar uma nação cuja fé em Deus foi muitas vezes abalada por incidentes e cuja moral havia sido afectada pela sua subjugação como escravos no Egipto. Apesar dos muitos milagres demonstrados pelo seu líder, por várias vezes se desviavam do caminho recto.
Consta no sagrado Al-Qur'án que depois de Moisés os fazer atravessar o Mar Vermelho e terem presenciado o grande milagre, ainda pediram:
«Ó Moisés! Faz-nos um deus assim como esses homens têm deuses. Respondeu-lhes: Sois um povo de ignorantes.»

[Al-Qur'án 7:138]

Já perto do final da sua missão, Moisés pronunciou as seguintes palavras aos judeus:
«Tomai este livro da lei e ponde-o ao lado da arca da aliança do Senhor, vosso Deus, para que ali esteja por testemunha contra ti, Israel. Porque eu conheço a tua rebelião e a tua dura cerviz; se hoje, quando estou ainda vivo no meio de vós, já sois rebeldes contra o Senhor, que será depois da minha morte?»

[Deuteronómio 31:26-27]

Este era o estado da nação para a qual Jesus havia sido enviado:
«E recordem quando Jesus, filho de Maria, disse: Ó Filhos de Israel! Por certo, sou para vós o mensageiro de Deus.»

[Al-Qur'án 61:6]

E disse:
«E eu sou um homem mortal assim como são os outros, e Deus me designou um profeta para a casa de Israel, para a saúde dos fracos e a correcção dos pecadores.» [S. Barnabé 52:13]

Jesus não podia cumprir sozinho a sua exigente missão. Foi por isso que ele preparou um grupo de homens – os Apóstolos – aos quais enviou para ensinar e propagar, aconselhando-lhes a pregar apenas aos judeus:
«E os Apóstolos (discípulos) cumpriram essa ordem à letra, e não anunciavam a ninguém a palavra senão somente aos judeus.»
[Actos 11:19]

Como se quisesse enfatizar a sua missão de ter sido enviado somente aos judeus, ele demonstrou-o no seguinte incidente:
«E eis que uma mulher cananéia, que saíra daquelas cercanias, clamou dizendo: Senhor, Filho de David, tem misericórdia de mim, que minha filha está miseravelmente endemoninhada.
Mas ele não lhe respondeu palavra; e os seus discípulos, chegando ao pé dele, rogaram-lhe, dizendo: Despede-a, que vem gritando atrás de nós.
E ele, respondendo, disse: Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel.
Então chegou ela e adorou-o, dizendo: Senhor, socorre-me!
Ele, porém, respondendo, disse: Não é bom pegar no pão dos filhos e deitá-lo aos cachorrinhos.
E ela disse: Sim, Senhor, mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus senhores.»
[S. Mateus 15:22-27]

Se durante a vida ele próprio não aceitou ajudar uma mulher por esta não ser israelita, como então depois de séculos aceita-se pregar a sua mensagem aos não israelitas?
Será que para além dos israelitas, o resto da humanidade são como os cachorrinhos descritos no versículo, que só poderiam se beneficiar de Jesus através de “migalhas” (restos)?
Como é que ele podia ser um profeta somente para as pessoas de Israel e ser crucificado para o perdão de toda a humanidade?

Enviado para alguns, mas crucificado para todos? Era um profeta nacional, mas salvador internacional?

Consta ainda:
«Porque uma mulher, cuja filha tinha um espírito imundo, ouvindo falar dele, foi e lançou-se aos seus pés. E esta mulher era grega, sirofenícia de nação, e rogava-lhe que expulsasse de sua filha o demónio.
Mas Jesus disse-lhe: Deixa primeiro saciar os filhos; porque não convém tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos.»
[S. Marcos 7:25-27]

«Não deis aos cães as coisas santas, nem deitei aos porcos as vossas pérolas.»
[S. Mateus 7:6]

Nestes versículos, a quem é que se refere o termo "filhos"? E concernente aos termos "cachorrinhos", "cães" e "porcos", são relativos a quem?
Durante a ocasião da chamada Páscoa judaica, em Jerusalém, quando Jesus estava congregado com os seus discípulos, alguns gregos que tinham ouvido a sua fama, pediram-lhe uma audiência para a iluminação espiritual, mas Jesus mostrou-lhes indiferença e desprezo [S. João 12:20-23].

De facto, Jesus cumpriu a sua tarefa como um profeta para os judeus e os escritores dos Evangelhos são unânimes em registar que ele viveu pelos preceitos que ensinou e pregou; e nunca pregou aos não judeus. Só ficou desapontado com os judeus que o rejeitaram até ao fim, e ainda hoje não o aceitam.
Todos os seus discípulos eram judeus, que lhes foi prometida uma recompensa no reino dos céus:
«Digo-lhes a verdade; por ocasião da regeneração de todas as coisas, quando o filho do Homem se assentar em seu trono glorioso, vocês que me seguiram também se assentarão em doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel.»
[S. Mateus 19:28]

Os que lêem a Bíblia sabem que Jacob (Israel) tinha doze filhos, de onde originaram as doze tribos de Judá. São essas tribos que Jesus faz referência neste versículo e sobre as quais cada um dos discípulos se sentará diante delas para julgá-las.

Mesmo o Apóstolo Judas Iscariotes não foi excluído dessa honra, pois também estará no seu trono para julgar uma das tribos, uma vez que cada Apóstolo será responsável por uma, conforme consta no versículo.
No Cristianismo, Judas Iscariotes é desprezado por ter sido o traidor que "vendeu" Jesus em troca de trinta miseráveis moedas de prata. Segundo os cristãos, foi devido à ganância que Judas foi seduzido a trair o "seu mestre"; desde então, o seu nome passou a ser sinónimo de traidor.

Mas se meditarmos no facto de que Judas era o tesoureiro do grupo e, portanto, tinha muitas oportunidades para desviar dinheiro, porque então ele pôs em risco a sua posição por causa de apenas trinta moedas de prata?
Já que Jesus veio ao mundo para morrer pelos pecados dos cristãos, então Judas deu "uma mão" para a salvação da humanidade. A questão que se coloca é por que Judas é desprezado pelos cristãos?
Porquê menosprezar esta "ajuda" de Judas, pois caso ele não tivesse entregue Jesus, este não teria morrido pelos pecados, o que significa que Jesus não conseguiria terminar a tarefa pela qual havia sido enviado?
Outra questão é quem irá substituir Judas para julgar a tribo cujo julgamento está a seu cargo?

Jesus foi enviado para advertir os judeus da sentença iminente, e a sua vinda nada tinha haver com a salvação doutras pessoas. Ele foi enviado para redimir os judeus, não constando nada sobre o objectivo da sua missão ser de morrer pelos pecados das pessoas.
Provavelmente o facto mais estranho na história é que a maior parte dos israelitas para os quais Jesus foi enviado, não acreditou nele, e dos que creram, a maioria era daqueles para os quais ele não fora enviado. É irónico que foi rejeitado pelos israelitas para os quais foi enviado, mas foi aceite pelos gentios, para os quais ele hão havia sido enviado.

Certa vez Jesus estava a falar para uma mulher de Samaria:
«Nossos pais adoraram neste monte, e vós dizeis que é em Jerusalém o lugar onde se deve adorar.
Disse-lhe Jesus: Mulher, crê-me que a hora vem, em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai. Vós adorais o que não sabeis; nós adoramos o que sabemos, porque a salvação vem dos judeus.

Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem.»

[S. João 4:20-23]

E disse ainda:
«Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que são enviados a ti! Quantas vezes eu quis reunir os teus filhos como a galinha reúne os seus pintos debaixo das asas, mas tu não quiseste.»

[S. Mateus 23:37]

Aqui Jesus dirige-se aos habitantes israelitas de Jerusalém e tornou claro que a sua meta era guiá-los, mas eles recusaram. Pedro disse:
«Vocês conhecem a mensagem enviada por Deus ao povo de Israel, que fala de boas-novas de paz por meio de Jesus.»

[Actos 10:36]

Depois do nascimento de Jesus, os magos do Oriente chegaram a Jerusalém e perguntaram:
«Onde está o recém-nascido rei dos judeus?»

[S. Mateus 2:2]

Quando ele foi preso e posto diante do governador, este perguntou-lhe:
«Você é o rei dos Judeus?»

[S. Mateus 27:11]

E consta ainda a seu respeito:
«E depois de o crucificarem, colocaram por escrito por cima de sua cabeça, a acusação feita contra ele: Este é Jesus, o rei dos judeus.»

[S. Mateus 27:37]

«Este menino está destinado a causar a queda e a elevação de muitos em Israel.»

[S. Lucas 2:34]

«Da descendência deste homem, conforme a promessa, levantou Deus a Jesus para salvador de Israel.»

[Actos 13:23]

«E nós esperávamos que fosse ele quem iria trazer a redenção a Israel».
[S. Lucas 24:21]

Estes textos comprovam claramente que Jesus foi enviado apenas para os judeus.
Barnabé e Paulo, quando chegaram em Salamania, proclamaram a palavra de Deus nas sinagogas judaicas [Actos 13:5].
Os israelitas perguntaram a Jesus:
«Senhor! É neste tempo que vais restaurar o reino a Israel?»
[Actos 1:6]

Daqui pode-se concluir que os primeiros seguidores de Jesus ainda usavam as sinagogas, mas quando o Cristianismo se desviou dos seus ensinamentos originais é que foram estabelecidas as igrejas.
Paulo, Barnabé e os gentios foram expulsos das sinagogas, sendo acusados de blasfémia e poluição [Actos 13:50, 17:18, e 21:28], pois os discípulos conheciam o facto de que a mensagem de Jesus foi enviada apenas para os Filhos de Israel.

Portanto, todos estes versículos do Novo Testamento confirmam que Deus enviou Jesus como um profeta apenas para o povo de Israel. Mas quando a maior parte destas pessoas não acreditava na mensagem de Jesus, os seus discípulos estenderam mais tarde o seu chamamento aos gentios (não judeus) e foram obrigados a pregar a outros povos, devido à sua forte dedicação em relação a essa missão, por opinião pessoal e contrária aos ensinamentos originais de Jesus e por estarem frustrados pela rejeição dos judeus.
Essa propagação direccionada aos não judeus só ocorreu depois do desaparecimento de Jesus e nunca durante a sua vida, pois ele recusava fazer isso e ainda advertira aos seus seguidores contra esse facto.
Esses pregadores entusiasmados continuaram até chegar ao Sul da Europa, onde predominava o politeísmo e a idolatria. Gradualmente, a mensagem de Jesus foi modificada para agradar os novos cristãos.
Pedro, Paulo e outros alteraram basicamente a mensagem de Jesus para adaptá-la aos gostos e tradições dos romanos e gregos daquela época.

A missão de Jesus, tal como ele próprio reconheceu, era o restabelecimento das leis de Moisés. Assim como este foi enviado apenas para o povo de

Israel, também Jesus foi enviado somente para as ovelhas perdidas da casa de Israel. Portanto, os cristãos que se perguntem a si próprios: Será que pertenço à casa de Israel?
Caso não, então saiba que Jesus não foi enviado para si; quem diz isso é o próprio Jesus! Mas há um outro profeta e mensageiro que veio depois dele e que foi enviado para o resto da humanidade... esse é Muhammad ﷺ!

O ESPÍRITO SANTO

O termo árabe *"Ruh"*, que é mencionado por 21 vezes no sagrado Al-Qur'án, em 20 versículos diferentes, é geralmente traduzido por "espírito". Em 10 desses versículos, essa palavra aparece ou se refere a Jibraíl عليه السلام (Anjo Gabriel).
O segundo significado desse termo provavelmente indica a sua natureza complexa e foi usado em 5 versículos para designar algo misterioso que Deus atribui a Si próprio, por exemplo, quando deu a vida a Adão ou quando causou a gravidez de Maria. Além disso, existem ainda outros 4 versículos em que a palavra *"Ruh"* pode significar "Revelação" ou "Inspiração".

O conceito cristão de *"Ar-Rúhul-Qudduss"* ou "o Espírito de Santidade", é genuinamente diferente da perspectiva isslâmica. Segundo a Trindade cristã, o Espírito Santo é a terceira pessoa de uma divindade, igual ao pai e ao filho. Consta no livro "A Nossa Ortodoxa Fé Cristã" que: «O Espírito Santo é totalmente Deus». Contudo, quando a Bíblia se refere ao Espírito Santo, indica que se trata duma força (Anjo) controlada por Deus para realizar uma variedade de objectivos Divinos; o sagrado Al-Qur'án assim como os Hadices também indicam o mesmo.
Consta no Antigo Testamento:
«Eis que Eu envio um anjo diante de ti, para te guardar no caminho e para te fazer entrar no lugar que Eu preparei; mantém-te atento na sua presença e escuta a sua voz. Não lhe causes amargura, porque ele não suportará a tua transgressão, porque o Meu nome está nele.»

[Êxodo 23:20-21]

É do conhecimento geral que um embaixador é representante do Estado, especialmente do seu Presidente; portanto, qualquer violação aos direitos

do embaixador constitui ofensa ao próprio Presidente. A expressão "o Meu nome está nele" significa que o Anjo foi enviado como embaixador de Deus para a Sua criatura.

Consta no Primeiro Livro de Samuel:

«Então tomou Samuel um vaso de azeite, e lho derramou sobre a cabeça e beijou-o, e disse: Porventura não te ungiu o Senhor por príncipe sobre a Sua herança? Sucedeu, pois, que, virando ele as costas para partir de Samuel, Deus lhe mudou o coração em outro; e todos aqueles sinais aconteceram naquele mesmo dia. E, chegando eles ao outeiro, eis que um grupo de profetas lhes saiu ao encontro; e o Espírito de Deus se apoderou dele e profetizou no meio deles.»

[I Samuel 10:1, 9-10]

No mesmo Livro, constata-se que Deus ficou muito furioso com Saul, e o Seu Espírito (enviado de Deus) se retirou dele:

«E o Espírito do Senhor se retirou de Saul, e um espírito mau, da parte do Senhor, atormentava-o.»

[I Samuel 16:14]

Isto indica que o Espírito Santo traz bênçãos para os piedosos, mas quando este comete um pecado através do qual incorre na ira de Deus, o Espírito Santo retira-se dele. E no seu lugar, um mau espírito passa a afligir-lhe. Consequentemente, o profeta David invocou a Deus dizendo:

«Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova em mim um espírito firme (recto). Não me afastes da Tua presença e não retires de mim o Teu Espírito Santo.»

[Salmos 51:10-11]

O Espírito Santo ou o Anjo Gabriel acompanhou todos os profetas. Consta a respeito de João Baptista:

«Ele será grande diante do Senhor e não beberá vinho nem bebida alcoólica; será cheio de Espírito Santo já desde o ventre da sua mãe.»

[S. Lucas 1:15]

De salientar que Jesus teve que esperar até a idade de trinta anos para conseguir obter a dádiva de Espírito Santo, através do seu baptismo pelas mãos de João Baptista:

«Quando todo o povo estava sendo baptizado, também Jesus o foi. E enquanto ele estava orando, o céu se abriu e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea, como uma pomba.»

[S. Lucas 3:21-22, S. Mateus 3:16]

Portanto, apareceu na altura da concepção de Jesus, acompanhou-o no seu baptismo e também noutros momentos. Entretanto, até os trinta anos de Jesus, o Espírito Santo estava separado dele ou já eram uma única coisa, tal como defende a Trindade?

E se o Espírito Santo é o mesmo que Deus, como é possível que Ele apareça na Terra representado como uma pomba?

De facto, o Espírito Santo não só estava com Maria, Jesus ou João Baptista, senão vejamos:

«E Isabel ficou cheia de Espírito Santo.»

[S. Lucas 1:41]

«Então, seu pai Zacarias, ficou cheio do Espírito Santo.»

[S. Lucas 1:67]

«Ele (Jesus) soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo.»

[S. João 20:22]

Todas as seitas ou denominações de culto cristão reivindicam a "dádiva" de Espírito Santo. Só que essa dádiva é tão barata que 75 milhões de cristãos "regenerados" da América também reivindicam essa posse.

O Espírito Santo não era um associado constante do Homem, mas mesmo assim ele acompanhou todos os profetas, conforme as circunstâncias:

«Digo-lhes com certeza, que todos os pecados e blasfémias dos Homens lhes serão perdoados, mas quem blasfemar contra o Espírito Santo, nunca terá perdão; é culpado de pecado eterno.» [S. Marcos 3:28-29]

«Por esse motivo eu lhes digo: Todo o pecado e blasfémia serão perdoados aos Homens, mas a blasfémia contra o Espírito não será perdoada. Todo aquele que disser uma palavra contra o filho do Homem será perdoado, mas quem falar contra o Espírito Santo não será perdoado, nem nesta era nem na era que há-de vir.» [S. Mateus 12:31-32]

Tudo isto prova que Jesus e Espírito Santo eram duas entidades independentes, diferentes e distintas. A Bíblia não apoia a ideia de que o Espírito Santo seja a terceira pessoa da Trindade. Por exemplo, consta na Enciclopédia Católica: «Em lugar algum do Antigo Testamento encontramos indicação clara da existência de uma terceira pessoa».
Os cristãos primitivos nunca encaravam o Espírito Santo como parte de uma Trindade, pois esse conceito surgiu séculos mais tarde, conforme consta no Dicionário Católico: «A terceira pessoa foi asseverada no Concílio de Alexandria em 362, e finalmente no Concílio de Constantinopla em 381».

Alguns dizem que o Espírito Santo é o espírito de Deus e que este por sua vez não é nada mais do que a vida de Deus; e se dissermos que o Espírito Santo foi criado, implica que o espírito de Deus também foi criado; mas se o espírito de Deus foi criado, então estaremos a dizer que a Sua vida foi criada; e se afirmarmos que a Sua vida foi criada, implica que Deus nem sempre existiu, o que consequentemente estaremos a descrer n'Ele. Daí, deduzem que o Espírito Santo é o espírito de Deus, só que a maioria não concorda com esta crença.

No Isslam, *"Ar-Rúhul-Qudduss"* refere-se ao Anjo Gabriel, cuja função principal foi a de transmitir as Revelações Divinas aos mensageiros de Deus. É através do Espírito Santo que Deus realiza a Sua vontade; não é igual a Deus e está sempre à Sua disposição, subordinando-se a Ele. Por exemplo, consta na Bíblia:
«No sexto mês, Deus enviou o Anjo Gabriel a Nazaré, cidade de Galileia, a uma virgem prometida em casamento a certo homem chamado José, descendente de David. O nome da virgem era Maria.»

[S. Lucas 1:27]

Alguns clérigos da Igreja não acharam suficiente a Trindade como haviam acordado, e parece que imaginaram uma rivalidade entre Deus e Jesus; portanto, não se convenceram que o Espírito Santo emanou do Pai. Para tal, realizaram em 589 um outro Concílio, o de Toledo, onde decidiram que o Espírito Santo também emana do Filho.
A Igreja Grega não aceitou esse novo acréscimo, e até hoje a frase "e de filho também" continua sendo um ponto de divergência entre as Igrejas grega e católica. A Igreja copta do Egipto afirma que o Espírito Santo emana apenas do Pai.

Antes de mudarmos de tema, é de registar uma imagem interessante acerca do Espírito Santo:
«Quando no Dia do Pentecostes, se encontravam todos reunidos no mesmo lugar, e de repente veio do céu um som, comparável ao de uma forte rajada de vento, que encheu toda a casa onde eles se encontravam. Viram então aparecer umas línguas, à maneira de fogo, que se iam dividindo, e poisou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes inspirava que e se exprimissem.»

[Actos 2:1-4]

Os cristãos afirmam que o Espírito Santo ainda hoje desce sobre os padres e santos da Igreja, para lhes ensinar e orientar. Consta em notícias difundidas na altura que quando o Presidente norte-americano Dwight Eisenhower visitou o Vaticano em finais de 1959, o Papa leu perante ele a saudação escrita em Inglês. Os jornais comentaram que o Papa tinha começado a aprender essa língua e que por isso a sua saudação foi breve e escrita.
Porque é que o Papa não aprendeu Inglês com o Espírito Santo, assim como consta na Bíblia, já que supostamente ensinara aos Apóstolos de forma instantânea as línguas que estes não conheciam?

O DOGMA DA TRINDADE

Para alguns teólogos e maioria dos historiadores, os livros do Novo Testamento assim como os textos considerados apócrifos datam de muito tempo após o aparecimento de Jesus, sendo alguns deles escritos 200 anos mais tarde, não podendo ser considerados fidedignos, ou seja, nem tudo o que neles fora escrito narra com precisão a verdade.

Os livros apócrifos foram retirados do cânon católico por demonstrarem um Cristo diferente dos Evangelhos e teologias "escolhidas", mostrando-o exclusivamente como Deus, sem as limitações e sentimentos humanos, o que tornaria a passagem pela morte algo fácil, diminuindo assim o tamanho do sacrifício realizado pelo "salvador"; entretanto, outros foram rejeitados pelo facto da imagem de Cristo ser excessivamente mundana e em desacordo com a passada pelos quatro Evangelhos oficiais.

Pressupondo-se que Jesus tenha dito:
«Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, baptizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.» [S. Mateus 28:19]

Então, ele é a segunda pessoa da Trindade. Para refutar isso, a pessoa deve antes ter em conta que estas palavras só foram relatadas por S. Mateus, mesmo no final do seu Evangelho, pois ninguém mais as registou. E nota-se um certo exagero da parte dele, pois segundo o comentário da Bíblia de Peak, é de salientar a seguinte observação comentada no versículo em questão: «A Igreja dos primeiros dias não cumpriu esta ordem mundial, ainda que soubessem disso; a ordem de baptizar neste nome triplo é uma expansão doutrinal ocorrida mais tarde».
No seu livro "Mentiras Fundamentais da Igreja Católica", Pepe Rodriguez declara que para a maioria dos peritos independentes, o Evangelho original segundo S. Mateus termina em 28:15; os restantes cinco versículos que completam o capítulo final são um acréscimo. Como se explica que a base do dogma cristão da Trindade aparece apenas em S. Mateus e não em S. Marcos e S. Lucas?

Existe ainda mais uma interpolação semelhante:
«Porque três são os que testificam no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um. E três são os que testificam na terra: o Espírito, a água e o sangue; e estes três concordam num.» [I S. João 5:7-8]

O Reverendo J.R. Dumelows comenta sobre este versículo da seguinte forma: «Está quase certo que estas palavras não pertenciam ao texto original; elas são encontradas no manuscrito grego antes do século IV e são citadas por alguns padres antes dos meados do século V. Os padres perceberam as passagens na sua forma original para simbolizar a Trindade, uma interpretação que primeiramente pode ter sido inserida como uma nota marginal e a seguir encontrou o seu contexto dentro do texto (ou seja, foi adicionada ao texto)».
O comentário da Bíblia de Peak, salienta o seguinte sobre o mesmo versículo: «As palavras "no céu" e "na terra" encontradas na versão autorizada não fazem parte do texto original, mas são, através de interpolação primitiva, não autorizadas». Aliás, na Nova Versão Internacional essas duas palavras já não constam, tendo sido retiradas.
John Davenport afirma que esta se tornou a fundação (base) da doutrina da Trindade e foi aprovada pelos esforços de Newton, Gibbon, Parson e outros

como sendo uma interpolação; Calmett reconhece que este versículo não é encontrado em nenhuma das cópias antigas da Bíblia.
A semente doutrinal plantada pelo Isslam há mais de 1400 anos, no que diz respeito a Jesus, defende que ele foi apenas um mensageiro de Deus; os frutos dessa planta estão já a amadurecer gradualmente nesta nossa era. De forma irredutível e desde a vinda do profeta Muhammad ﷺ, o Isslam é contrário ao ensino da doutrina da divindade de Jesus ou de qualquer outro ser.
Jesus distingue-se claramente de Deus ao dizer:
«O Pai é maior do que eu.» [S. João 14:28]

«Estou voltando para meu Pai e Pai de vocês; para meu Deus e Deus de vocês. [S. João 20:17]

A referência de Jesus a "meu Pai e Pai de vocês" enfatiza ainda mais a distinção entre ele e Deus; e ao dizer "meu Deus" ele não deixou qualquer argumento para alguém que possua um mínimo de inteligência, pensar que ele era Deus.
Em algumas escritas de Paulo, que a Igreja tomou por sagradas, Jesus é referido como "um homem" distinto e diferente de Deus:
«Pois há um só mediador entre Deus e os Homens: O homem Jesus Cristo.» [I Timóteo 2:5]

O sagrado Al-Qur'án diz:
«O Messias, filho de Maria, não é senão um mensageiro; outros mensageiros passaram antes dele. Sua mãe era muito verídica, ambos comiam alimentos como os demais humanos. Vê como expomos as palavras para eles, em seguida, olha como eles se desviam.» [Al-Qur'án 5:75]

No Novo Testamento, foi utilizado o termo "filho unigénito de Deus" para Jesus [S. João 1:14, 3:16-18 e I S. João 4:9].
Os "adeptos da Trindade" defendem que como Deus é eterno, o Seu filho também é eterno; mas como pode alguém ser filho e ao mesmo tempo ter a mesma idade do pai? É possível alguém ser pai de um filho sem tê-lo gerado? Para além disso, porque é que o mesmo termo grego para "unigénito" é utilizado na Bíblia para descrever a relação entre Abraão e seu filho Isaac [Hebreus 11:17]. Não há dúvida que no caso de Isaac, era na verdade o "unigénito" no sentido normal e não igual ao seu pai em termos de idade ou cargo.

CLÉRIGOS INSURGEM-SE CONTRA AS DOUTRINAS CRISTÃS

Actualmente, o ponto de vista isslâmico já está a ser defendido pelos clérigos proeminentes no que diz respeito ao estatuto real de Jesus. A rejeição da sua divindade por parte de quase metade dos Bispos Anglicanos da Inglaterra é de facto uma luz mortiça no fundo do túnel do Cristianismo.

Segundo o "Daily News", de 25/07/1984, um artigo sob o título *"Shock Survey of Anglican Bishops"* menciona que mais de metade dos Bispos Anglicanos ingleses dizem que «os cristãos não são obrigados a acreditar que Jesus era Deus».
A votação teve a participação de 31 dos 39 Bispos de Inglaterra, onde a maioria recusou a divindade de Jesus e acham que os milagres por ele demonstrados talvez não tenham acontecido exactamente como estão descritos na Bíblia.
A votação tinha sido organizada por um programa televisivo religioso, onde os Bispos declararam que era suficiente considerar Jesus como "um agente supremo de Deus". Portanto, não é necessário ter diploma em Linguística para entender que isso significa "profeta" ou "mensageiro de Deus".

É por isso que muitos teólogos actuais do Cristianismo reconhecem que Jesus não era Deus. Desde tempos remotos que o Isslam tem insistido de forma quase perpétua para salvar os cristãos de cometerem o maior crime e blasfémia contra Deus Todo-Poderoso, ao atribuírem a divindade a Jesus.
Agora, eles podem ficar satisfeitos ao ver que a maioria dos eminentes Bispos emitiram um decreto *(Fatwa)* e eliminaram assim uma das diferenças cruciais entre o Isslam e o Cristianismo.

Um livro inglês escrito por sete teólogos bíblicos, incluindo grandes Anglicanos e outros teólogos do Novo Testamento, cujo título é *"The Myth of God Incarnate"*, criou uma forte confusão no Sínodo Geral da Igreja de Inglaterra, quando foi publicado pela primeira vez em 1977.
No seu prefácio, o editor John Hick escreveu o seguinte: «Os escritores deste livro estão convencidos de que é chamado um outro grande desenvolvimento teológico nesta última parte do século XX. A necessidade surge do conhecimento crescente das origens cristãs, e isso implica um reconhecimento de que Jesus "era um homem aprovado por Deus" [Actos 2:21], para desempenhar um papel importante dentro dos objectivos Divinos e de que o conceito que veio

mais tarde sobre ele, de um Deus incarnado, a segunda pessoa da santíssima Trindade, vivendo uma vida humana, é uma forma poética ou mitológica de expressar o seu significado para nós».

Num programa religioso duma televisão londrina, o Reverendo e Professor David Jenkins, que na altura era o Bispo de Durham e também a quarta figura no Bispado em termos hierárquicos da Igreja em Inglaterra, incidiu o seu ataque contra a débil fundação sobre a qual toda a estrutura do Cristianismo está assente, ao declarar que alguns dos eventos na missão de Jesus «não eram estritamente verdadeiros, mas foram acrescentados à sua história pelos cristãos primitivos para expressar a sua fé nele como o Messias» [Daily Mail, Londres, 15/07/84]. Isto defende claramente o ponto de vista isslâmico no que diz respeito às interpolações e alterações efectuadas na Bíblia, e declara abertamente que Jesus não é Deus [The Economist, Abril de 1989].

De facto, esse ponto de vista do Bispo Jenkins sobre os conceitos cristãos provocou uma guerra teológica na Inglaterra. O jornal londrino "The Guardian", na sua edição de 13/07/1984, menciona: «Apesar da oração e protesto, o York Minster supervisionou a consagração do Professor David Jenkins como Bispo de Durham».
Apesar da oposição por parte dos homens e frequentadores da Igreja em relação ao "Bispo duvidoso" no que diz respeito à sua recusa aos princípios (dogmas) básicos cristãos, a sua consagração a esse cargo é uma indicação clara de que a verdade, por mais desagradável que seja, não pode ser omitida para sempre.

OS CRISTÃOS QUE ESCUTEM OS SEUS LÍDERES

Se os cristãos acham que o ponto de vista isslâmico em relação a Jesus é insustentável, então que no mínimo escutem e sigam os seus próprios clérigos. Se mais de metade dos Bispos Anglicanos ingleses acreditam que Jesus não é Deus, então porque é que outros padres e seguidores continuam a rejeitar o único caminho de salvação que o Isslam oferece?
Jesus, o agente supremo de Deus, disse:
«E a vida eterna é esta, que conheçam a Ti só por Único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo a quem enviaste.» [S. João 17:3]

Num artigo sobre Jesus na “Enciclopédia Bíblica”, o Reverendo A.B. Bruce menciona que enquanto no Evangelho de S. Lucas, Jesus é chamado por “Senhor” quase uma dúzia de vezes, os Evangelhos primitivos de S. Mateus e S. Marcos referem-se a ele simplesmente por “Jesus”, um facto que parece indicar a evolução gradual da crença na sua divindade.
Jesus ensinou a crença num único Deus, mas Paulo, juntamente com o Apóstolo João, despojou a religião de toda a sua unicidade e simplicidade ao misturar teologia com filosofia platónica, culminando numa incompreensível Trindade.

A Igreja elevou Maria e seu filho Jesus ao pedestal divino quase trezentos anos depois de Cristo. O sagrado Al-Qur’án enfatiza que Jesus foi concebido através da “Palavra de Deus” e do Seu “Espírito” enviado (Gabriel), mas mesmo assim ele nasceu como qualquer outra criança e passou a ser e viver como uma pessoa normal, tendo sido escolhido para o alto cargo de profeta aos trinta anos.
A “Palavra” e o “Espírito” mencionados no sagrado Al-Qur’án estão em consonância e não em desacordo com a teologia cristã, que subscreve a filosofia grega de “Logos”, que significa “Palavra Divina”, a qual originou a criação do mundo e que é a força permanente por detrás da existência de todo o Universo.

Além disso, em 1854 a própria Igreja adoptou o dogma da “Concepção Imaculada”, ou seja, a concepção de Jesus sem a mácula do pecado original de Maria, festa que é celebrada em 8 de Dezembro. De salientar que o sagrado Al-Qur’án menciona esse conceito desde o século VII, altura em que foi revelado ao profeta Muhammad ﷺ.
Da mesma maneira, a ênfase dada no sagrado Al-Qur’án de que Jesus demonstrou todos os milagres com a permissão de Deus, também encontra confirmação no Novo Testamento; o testemunho de Pedro, o discípulo e amigo de Jesus, refere o seguinte:
«Jesus de Nazaré, homem acreditado por Deus junto de vós, com milagres, prodígios e sinais que Deus realizou no meio de vós por seu intermédio.»
[Actos 2:22]

Neste discurso, Pedro não disse que Jesus é Deus, mas disse que é humano, a quem Deus reforçou com milagres. Ele disse ainda:

«Como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com virtude, o qual andou fazendo bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus estava com ele.»

[I Actos 10:38]

Aqui, Pedro repisou que "Deus estava com Jesus" e não que este era Deus, tal como estava com todos outros profetas. Tudo isto mostra que Jesus era apenas um homem, profeta e mensageiro enviado aos israelitas.
O sagrado Al-Qur'án assim como os Evangelhos também confirmam este facto, pois Jesus próprio disse:
«Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas; não vim revogá-los, mas levá-los à perfeição.»

[S. Mateus 5:17]

COMO SE DESENVOLVEU A TRINDADE?

A história do desenvolvimento desta doutrina indica que a divindade de Jesus foi gradualmente forçada, até que se tornou aceitável pela maioria dos cristãos. Como se a doutrina de expiação não bastasse para confundir os bons e simples cristãos, os vários Concílios realizados nos primeiros séculos da Igreja sobrecarregaram esses crentes com mais um dogma confuso, conhecido por Trindade.
Esta tornou-se então numa das doutrinas fundamentais do Cristianismo, pois agora só se define como cristão aquele que concorda que Jesus seja Deus; caso contrário, a crença dum cristão é considerada incompleta.
A Trindade desenvolveu-se em consequência da divinização de duas criaturas, como associadas ou parceiras de Deus. Assim como explica a literatura cristã moderna, a Trindade remonta a personificação separada de três atributos de Deus.

O que é de estranhar é o facto deste dogma, sendo um assunto tão fundamental e crucial no Cristianismo, não esteja clara e coerentemente apresentado no seu Livro sagrado, a Bíblia:

- «A palavra "Trindade" não pode ser encontrada na Bíblia [...] Não encontrou lugar formal na teologia da Igreja senão só no século IV» [Novo Dicionário da Bíblia].

- «Nem a palavra "Trindade" nem a doutrina constam no Novo Testamento» [The New Encyclopaedia Britannica].
- «O Novo Testamento não contém a produzida doutrina da Trindade; não existe uma declaração expressa na Bíblia de que o Pai, o Filho e o Espírito Santo sejam da mesma essência» [Karl Barth, "The New International Dictionary of New Testament Theology"].
- «Jesus Cristo nunca mencionou tal fenómeno e em parte alguma do Novo Testamento aparece a palavra "Trindade"» [Historiador Artur Weigall].
- «A ideia foi adoptada pela Igreja somente trezentos anos depois da morte de Jesus [Paganismo no Nosso Cristianismo].
- «A formulação de "um só Deus em três pessoas" não se encontrava solidamente estabelecida na vida cristã e na sua profissão de fé antes do final do século IV; porém, é precisamente esta mesma formulação que primeiro afirmou o dogma da Trindade. Os padres apostólicos não disseram nada, nem sequer de forma mais remotamente aproximada, sobre uma tal perspectiva ou linha de pensamento» [The New Catholic Encyclopedia, Vol. XIV, 1964].

Yussuf Estes, ex-pastor musical e pregador bíblico, quando menciona sobre a sua reversão ao Isslam no livro "Muhammad ﷺ de A a Z", diz: «Algo que poderá causar alguma estranheza é o facto de a Trindade não ser referida na Bíblia; no entanto, o conceito tornou-se uma preocupação para os escolásticos religiosos, apesar de tal ter acontecido apenas 200 anos depois de Cristo ter sido elevado para junto de Deus. Eu pedia aos padres ou pastores para me darem uma ideia de como é que "Um" se pode tornar "Três" ou porque é que o próprio Deus, que pode fazer tudo o que desejar, não se pôde limitar a perdoar os pecados das pessoas e teve de descer à Terra, como humano, para então poder retirar o pecado às pessoas, não nos esquecendo que Ele continua a ser Deus Todo-Poderoso; mas eles não me conseguiram dar respostas que não fossem meras opiniões ou estranhas analogias».

Nenhum profeta, desde Adão até Muhammad ﷺ, passando por Jesus, mencionou a Trindade, pois todos pregavam o monoteísmo puro, ou seja, a crença num único Deus. Portanto, inicialmente a fé cristã não era apologista da Trindade, e esta doutrina não aparece em parte alguma da Bíblia, quer no Antigo como no Novo Testamento, sendo completamente alheia à mentalidade e perspectiva dos primeiros cristãos. É claramente uma fabricação herética.

Foi em 325, no Concílio de Niceia, que se afirmou que Jesus era da mesma natureza que Deus, o que estabeleceu a base para um posterior postulado.
Em meados do século III, surgiu uma seita conhecida por Sebelianos, que não concedia divindade a Jesus pois consideravam-no humano, mas acreditavam que um certo tipo de energia proveniente do Pai Supremo se uniu ao Homem Jesus, fazendo dele o Filho de Deus.
Este pensamento estranho, considerado por Gibbon como uma aproximação ao unitarismo, era causa de sérias desordens na Igreja, o que levou à declaração por Orígenes, no início do século IV, da doutrina de três personalidades distintas na divindade.

Por muitos anos, havia muita oposição contra a ideia emergente de que Jesus era Deus. Para tentar resolver a disputa, o imperador romano Constantino convocou no ano 325, todos os bispos para o primeiro Concílio geral (Assembleia de Bispos Católicos) em Niceia, uma aldeia turca agora chamada Iznik.
Constantino não era cristão, mas supõe-se que mais tarde tenha vindo a se converter, e que só foi baptizado pouco antes de morrer. À semelhança do pai, adorava o Sol e tinha maior inclinação para o paganismo do que o Cristianismo. Presume-se que a sua conversão ocorreu por motivos políticos e militares, pois almejava a vitória nas batalhas por si travadas. A sua ganância pelo poder era tão grande que no ano 326 envenenou o próprio filho – Crispo [Henry Chadwick, *"The Early Church"*].

De facto, muitos dos seus súbditos ainda acreditavam em deuses romanos. E para agradá-los, Constantino tomou algumas decisões a favor deles, o que prova que também adorava deuses romanos. Por exemplo, uma das decisões tomadas foi a declaração do Domingo romano como o Sábado (Sabbat) cristão; adoptou ainda o dia de nascimento do "deus" Sol (25 de Dezembro) como o do nascimento de Jesus. Estas foram algumas das inovações aprovadas no Concílio de Niceia, que foi ratificada pelo próprio imperador Constantino.
Foi nesse mesmo Concílio que se declarou o conceito de Trindade como doutrina oficial da Igreja Paulina, e ratificaram os Evangelhos de S. Mateus, S. Marcos, S. Lucas e S. João como sendo os quatro aceitáveis e canónicos, rejeitando todos os outros. As autoridades foram ainda mais além, ao declarar que a posse de um Evangelho não autorizado, i.e. para além destes quatro, seria uma ofensa capital.

O preceito crucial que expressa a relação entre Jesus e Deus na crença "de uma só substância com o Pai", instituída pelo Concílio e induzida pelo imperador e bispos, com excepção de dois, transformou o Cristianismo numa religião estabelecida por meio de votação, tendo o papel de Constantino como decisivo [Encyclopaedia Britannica].
Dois meses depois de exasperados debates religiosos, esse político pagão interveio e decidiu através de decreto a favor dos que diziam que Jesus era Deus ou até mais importante que Ele. Agiu assim, não devido a alguma convicção bíblica, pois pouco ou nada entendia das questões ligadas à teologia, mas porque a divisão religiosa representava uma ameaça ao seu império e seu desejo era consolidar o domínio.
Nenhum dos bispos em Niceia promoveu a Trindade, porém, decidiram apenas a natureza de Jesus, mas não o papel do Espírito Santo. Emitiram o primeiro decreto que focava o estatuto do Pai, do Filho e a relação entre ambos; quanto ao Espírito Santo, apenas afirmaram a sua crença.

Após o Concílio de Niceia, os debates sobre estas polémicas continuaram ao longo de décadas. Os que acreditavam que Jesus não era semelhante a Deus até mesmo recuperaram provisoriamente o argumento a seu favor. O padre e teólogo Arios confrontou o Bispo Alexandre de Alexandria, Egipto, precursor da Igreja Paulina, na refutação da crença sobre a Trindade, pois Alexandre acreditava que o Pai e o Filho eram ambos eternos e com mesmo estatuto.
Arios, padre da Igreja de Alexandria, argumentava que Deus e Jesus não eram os mesmos, que o Filho não era eterno e era inferior ao Pai, sendo Jesus subordinado de Deus, e que Deus é absolutamente Um, recusando assim a divindade de Jesus.
A doutrina pregada por Arios e sustentada por vários imperadores de Constantinopla durante algum tempo, contrabalançou o poder do Catolicismo. Ele foi o fundador dos Arianos (280-336), uma seita cristã primitiva, e acabou condenado por heresia pelo Concílio de Niceia.

Este evento foi o mais decisivo na história da Igreja Cristã, pois foi daí que se declarou a Trindade como doutrina oficial da Igreja Paulina.
Após semanas de debates e argumentos, inicialmente os "anti-divinos" prevaleceram, mas mais tarde os "pro-divinos" superaram-nos e finalmente ficou decidido pela maioria de que Jesus era filho de Deus, o segundo membro da Trindade.

Para decidir esta importante questão, juntaram-se em Niceia 2048 leigos e padres cristãos, supersticiosos e ainda representantes pagãos. Várias resoluções foram apresentadas a Constantino, que presidiu o Concílio, mas ele queimou-as todas sem sequer ler, com medo de que alguém viesse a saber das controvérsias dos padres.

Dessa assembleia pueril, surgiu a crença de Niceia, que oficialmente acrescentou Jesus ao panteão de Deus, como "homem morto e incarnado", crença essa que recebeu apoio Real. Então, foi emitida uma ordem segunda a qual todos deveriam obrigatoriamente acreditar nisso, e o Cristianismo definido dessa forma foi considerado desde aí a religião oficial do Estado de Roma.
Os Bispos que se opuseram à essa ordem foram marginalizados, por terem sido tomados como heréticos. Os apologistas da divindade de Jesus foram promovidos e atribuídos cargos de autoridade sob o sagrado nome de "*Ortodox*".
A seguir, começou a perseguição e o Cristianismo entrou no seu longo registo de derramamento de sangue, que só terminou depois de terem sido mortas aproximadamente 23.000 pessoas [Arthur Findlay, "The Rock of Truth"].
Portanto, foi daí que a Igreja "humanizou" Deus e chamou-O de Cristo. A doutrina da expiação e da Trindade já eram suficientemente ridículas, mas acrescentaram mais um dogma nisso.

Em 380, também Teodósio, o imperador de Roma, decidiu contra os Arianos e estabeleceu a crença ortodoxa (fé católica baseada na Trindade) do Concílio de Niceia como padrão para o seu Estado. Em 381, convocou o Concílio de Constantinopla a fim de esclarecer os preceitos.
Este segundo Concílio geral, em que participaram 186 bispos, concordou em colocar o Espírito Santo no mesmo nível que Deus e Jesus. Pela primeira vez na história, a Trindade passava a ser objecto de maior enfoque, e o imperador Teodósio ameaçou castigar todos os que não acreditassem nessa doutrina.
Todavia, mesmo depois disso, a crença na Trindade ainda não era aceite pela maioria; por outro lado, a doutrina dos Arianos também não tinha desaparecido por completo, pois sobreviveu e ainda é a base da crença de muitos cristãos unitaristas.

Um dos argumentos propagados por Arios foi: «Se Jesus era na realidade o "Filho de Deus", então significa que o Pai (Deus) deve ter existido antes dele

e, portanto, deve haver um tempo em que o Filho não existia. Por conseguinte, o Filho era uma criatura composta de uma essência ou um ser que nem sempre existiu; como Deus é eterno e sempre existente, Jesus não pode ser da mesma essência que Deus».
Houve uma grande oposição por parte dos Arianos, que foram implacavelmente perseguidos. Somente alguns séculos a seguir é que a Trindade foi especificamente formulada e aplicada. A Enciclopédia Americana menciona: «O pleno desenvolvimento da Trindade ocorreu no Ocidente, no decorrer da Idade Média, quando se adoptou para ela uma explicação do ponto de vista filosófico e psicológico».

A TRINDADE É UMA BLASFÉMIA E APOSTASIA

Levou séculos desde o tempo de Jesus para que a Trindade fosse plenamente aceite no Cristianismo, tal como se pôde constatar.
Fez-se uma espécie de acordo: Deus é "Um", para agradar os monoteístas, e "Três" para os politeístas. A conclusão foi formulada da seguinte maneira: "Três em Um" para agradar a ninguém e satisfazer a todos; um Deus vago: "Um" para quem quer um e "Três" para quem quer três; "Um" em três se assim quiser ou "Três" em um se assim preferir.

A Trindade se tornou na maior das blasfémias, nos seguintes termos:
- Uma tripla falsidade contra Deus, Jesus e Espírito Santo.
- Uma calúnia contra Deus, porque fez d'Ele um terço do Deus total.
- Uma mentira contra Jesus, porque o transformou em Deus ao invés de profeta.
- Uma infâmia contra o Espírito Santo, porque promoveu um Anjo ao nível de Deus.
- É a maior e a mais enganadora inovação herética que alguma vez foi fabricada.

É uma apostasia, desvio na crença real, perdição na fé e abandono da verdadeira adoração. Isso continuará assim até que Jesus regresse à Terra, altura em que a religião será restaurada antes do Dia da Ressurreição, tal como foi predito pelo sagrado Al-Qur'án, pelos profetas Muhammad ﷺ e Jesus e pelos Apóstolos.

Quando o sagrado Al-Qur'án fala, no seu capítulo de abertura, sobre o caminho recto e não o *«dos que se perderam»*, é precisamente uma alusão aos cristãos.
Paulo disse acerca do Dia em que Deus irá destruir tudo:
«Não virá (o Dia), a menos que venha primeiro a apostasia e seja revelado o Homem que é contra a lei.»

[II Tessalonicenses 2:3-7]

E disse ainda:
«Depois da minha partida, introduzir-se-ão entre vós lobos vorazes que não pouparão o rebanho; mesmo do meio de vós, surgirão alguns falando coisas pervertidas para arrastarem atrás de si os discípulos.»

[Actos 20:29-30]

«Pois virá um tempo em que alguns não suportarão a sã doutrina. Pelo contrário, seguindo os seus próprios desejos, como que sentindo comichão nos ouvidos, se rodearão de mestres; desviarão os seus ouvidos da verdade, orientando-os para as fábulas.»

[II Timóteo 4:3-4]

Os discípulos também escreveram a respeito dessa apostasia com a sua classe de clero "contra a lei", como por exemplo II Pedro 2:1, I S. João 4:1-3 e Judas 3:4. O próprio Jesus explicou o que estaria por detrás desse desvio na adoração. Ele disse que lançaria boas sementes, mas que o inimigo (Satanás) semearia por cima o joio: assim, junto com as primeiras lâminas de trigo, apareceu também o joio. Portanto, era de se esperar um desvio no Cristianismo puro até à colheita, quando então Jesus viria corrigir [S. Mateus 13:24-43].

A Enciclopédia Americana comenta: «A Trindade do século IV, de forma alguma reflectiu com exactidão o ensino cristão primitivo sobre a natureza de Deus; pelo contrário, foi um desvio deste ensinamento».
Assim, no século IV, a apostasia predita por Jesus e pelos discípulos floresceu plenamente. O desenvolvimento da Trindade era apenas uma das evidências disso, pois as Igrejas apóstatas também começaram a abraçar outras ideias pagãs, tal como o Natal, a idolatria, etc.

A Trindade é apenas uma modificação do paganismo, ajustado ao carácter das pessoas que tinham adoptado a crença em Cristo. O politeísmo estava enraizado na sua natureza e a Trindade era um compromisso entre os ensinamentos de Jesus e a adoração antiga de vários deuses. À medida que o tempo passava, este dogma foi absorvido pela doutrina cristã fundamental.
Por milhares de anos, nenhum dos profetas e enviados de Deus ensinou ao povo a respeito da Trindade, que é um mistério insondável que vai para além da compreensão e razão humanas. Assim como consta no livro “The Paganism in our Cristianity”, a origem da Trindade é inteiramente pagã; o dicionário do conhecimento religioso menciona que «A Trindade é a corrupção emprestada de religiões pagãs e enxertada na fé cristã».
Jesus não ensinou nem pregou estes conceitos baixos, que rebaixam Deus Todo-Poderoso ao considerar alguém semelhante a Ele ou chamar a Maria de “Sua Mãe”.

O facto é que os cristãos subscreveram simultaneamente a Unicidade e a Trindade de Deus. Se olharmos para as afirmações de Jesus nos Evangelhos, a doutrina recta e clara é de que Deus é Um e não existe outra divindade para além d’Ele. O sagrado Al-Qur’án também menciona que a “Dualidade”, “Trindade” ou mais devem ser todos rejeitados.
Os cristãos têm dificuldade em rejeitar que o monoteísmo seja a base da religião verdadeira. Mas a confusão original de que Jesus, a palavra de Deus, se tornou carne, e que o Espírito de Deus se incorporou nele, levou-os a acreditar na divindade de Jesus e do Espírito Santo, juntamente com o Deus (Pai); estas suposições sem fundamento criaram um mistério insolúvel.

O QUE INFLUENCIOU O CRISTIANISMO?

Por todo o Mundo Antigo, desde a Babilónia, era muito comum a adoração de deuses pagãos agrupados em três. Essa influência prevalecia também no Egipto, Grécia, Índia e Roma durante anos, quer antes como depois de Cristo. Após a morte dos Apóstolos, tais crenças passaram a invadir o Cristianismo, tendo sido corrompido pelo paganismo. Portanto, os cristãos não podem reivindicar que a Trindade seja uma crença exclusivamente sua, concebida e patenteada por Deus somente aos seguidores de Jesus.

Por exemplo, no Antigo Egipto, adorava-se a tripla de "deuses" Osíris, Ísis e Hórus, muito antes da vinda de Jesus. No livro "Egyptian Religion", Siegfried Morenz diz: «A trindade era uma das principais preocupações dos teólogos egípcios [...] Três deuses são combinados e tratados como se fossem um único ser, a quem se dirige no singular; deste modo, a força espiritual da religião egípcia mostra ter um vínculo directo com a teologia cristã».
Também não é segredo que na antiga religião persa, Mitra (Espírito da Luz Divina) era um dos membros duma trindade, que existia séculos antes de Cristo.
Algo similar pode-se encontrar ainda na religião Hindu, cuja trindade é conhecida por "Trimurti", na qual os três membros são Brahma, Vishnu e Shiva, cujos papéis são, respectivamente, de criação, preservação e destruição [James Hastings, in "Enciclopédia de Religião e Ética"].

A pessoa a quem o Cristianismo deve a origem da sua crença na Trindade e encarnação é S. Basílio de Capadócia (329-379). Contudo, foi Teófilo, o Bispo de Antioquia, que primeiro utilizou a palavra "Trindade" ou "Tríade".
Diz-se que foi Tertuliano quem introduziu o termo "Trindade", do Latim "Trinitas", e ensinou o conceito de um Deus em três pessoas distintas, mas não separadas: Pai, Filho e Espírito Santo. Como estas três pessoas não são separadas, então Deus é Um e não três!
Uma outra forma de Trindade que Tertuliano considerou heresia é conhecida por "Sabelianismo" ou "Modalismo", segunda a qual Deus é Um em três aspectos ou manifestações diferentes. Portanto, foi Deus quem sofreu na cruz, razão pela qual esta ideia é também conhecida por "Patripassionismo", derivado do Latim "Pai+Sofrimento". Assim como a versão de Tertuliano, esta outra forma de Trindade também reivindica promover a Unicidade de Deus.

Nos idiomas comuns, "Trindade" significa um grupo de três pessoas ou três coisas semelhantes. Mas na linguagem cristã quer dizer união de três pessoas na divindade: Pai, Filho e Espírito Santo, que constituem um só Deus. Segundo essa doutrina, os três são co-iguais, co-eternos e todo-poderosos. Não foram criados, são da mesma substância e existem eternamente como divindade [The Catholic Enciclopedia].

Na Trindade, a primeira pessoa devia ser Deus-Pai, já que o Cristianismo é originalmente uma religião celestial, divina e uma continuação do Judaísmo, cujo

livro sagrado – o Torah – prega o monoteísmo puro. Portanto, o Pai é totalmente Deus e a primeira parte da Trindade, o Filho é totalmente Deus e o segundo membro e o Espírito Santo é também Deus, a última parte dessa Tríade.
São três pessoas distintas e não são três deuses, mas apenas Um só, o que significa que depois de Deus-Pai ter "gerado" o filho, este não é o Filho; e o Filho também não é o Pai; o Espírito Santo também é independente, pois não é Pai nem Filho, mas é igual a ambos, ou seja, os três são iguais [What is Christianity].

Santo Agostinho, um Bispo Católico Romano, escreveu explicando o mistério da Trindade. Diz-se que ele estava perturbado pela falta de explicação sobre este conceito, então preparou um livro tentando esclarecer, mas o mesmo revelou-se ainda mais confuso do que elucidativo, pois não conseguiu explicar questões pertinentes tais como "como um filho pode ser igual ao pai?", "porque é que há o filho, enquanto se diz que o pai não veio à existência antes dele", etc.
Atanásio estabeleceu que «há a pessoa do Pai, a do Filho e a do Espírito Santo; porém, a divindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo é só uma, uma glória igual, uma majestade co-eterna [...] O Pai é Deus, o Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus; no entanto, não são três deuses mas um só [...] Porque assim como somos obrigados pela verdade cristã a reconhecer cada pessoa em si mesma como Deus e Senhor, também somos proibidos de dizer que existem três deuses ou três senhores».
Portanto, a Trindade cristã é um "baloiço" entre o monoteísmo e o politeísmo. Dizem que Deus é Um, mas em três, ou Três, mas em um, como se não conseguissem decidir se Deus é Um ou Três; portanto, tomaram um meio termo e o resultado foi "Três em Um". Só que o enigma ainda continua:

COMO É QUE 1+1+1=1?

A doutrina da Trindade defendida pelos cristãos, segundo a qual o Pai, o Filho e o Espírito Santo são equivalentes a um mesmo Deus, não possui qualquer base tanto no Antigo assim como no Novo Testamento.
Segundo a "New Catholic Encyclopaedia", de 1967, a formulação de um Deus em três representações não tinha sido solidamente estabelecida no Cristianismo ou na sua crença até finais do século IV, sendo precisamente esta formulação que reclamou primeiro o título de "Dogma da Trindade".

Ao se basear neste dogma, os cristãos não podem afirmar que a sua religião é uma crença monoteísta, pois consideram e defendem a adoração de três personagens diferentes; adoram o Pai, o Filho e o Espírito Santo, afirmando que tudo isso representa o mesmo Deus.

Se Ele é constituído por três partes, então significa que antes da existência do Filho, Deus estava incompleto, ou que antes de "alguém" ter criado o Espírito Santo, era imperfeito. Aqui refere-se o criador por "alguém" pois esse certamente que não poderia ser Deus, uma vez que Ele próprio ainda não estava completo e perfeito ao ponto de poder criar algo, e muito menos Ele poderia criar uma "parte" de si para se completar!
Será possível que uma máquina incompleta e inacabada possa produzir uma peça para si própria? Talvez nos filmes de ficção científica.

Como se pode ver, tudo isto é bastante contraditório; é o mesmo que dizer de que 1+1+1=3 e, simultaneamente, que 1+1+1=1. Se existem três pessoas divinas, distintas e separadas, e se cada uma delas é Deus, então há três deuses e não um só!
Este princípio é inaceitável, quer sob o ponto de vista lógico quer matemático, pois como é que "3" pode ser igual, o mesmo ou equivalente a "1"? Qual a diferença então com as crenças que defendem o politeísmo, tal como a religião Hindu por exemplo, em que os fiéis adoram várias personalidades e ídolos, afirmando que cada um tem o seu papel específico mas que todos representam uma mesma divindade?

Para defender esta posição, os cristãos apresentam exemplos filosóficos e dão voltas ao assunto como forma de salvaguardar a sua religião defendendo o monoteísmo. Porém, não possuem base ou fundamento algum em qualquer uma das suas escrituras sagradas, pois todas defendem clara e vigorosamente a Unicidade de Deus, repudiando a adoração de alguém mais para além d'Ele.
O Cristianismo defende a Trindade como sendo a base da sua crença mas, curiosamente, em parte alguma da Bíblia se menciona esta formulação. Então, como se justifica que a base da crença e doutrina duma determinada religião não conste em qualquer parte das suas escrituras sagradas?
Os cristãos também não compreendem, mas vão dizendo que se acreditarem na "Santíssima" Trindade, serão salvos.

Durante os seus seminários, os sacerdotes vão tentando aprender a Trindade com muito esforço, mas hesitam apresentar as suas dúvidas aos párocos do púlpito, pois acham que estariam a incomodar pessoas com algo que não entendem.
A Igreja reconhece a impossibilidade de harmonizar a crença em três pessoas divinas com a unicidade de Deus, por isso, declara que a Trindade constitui um mistério no qual se deve apenas "acreditar cegamente".

É uma doutrina tão confusa que, deixando de lado os leigos na matéria, nem mesmo os peritos, teólogos e professores podem explicá-la; todos reconhecem o fiasco total em compreender este misterioso dogma:

- Consta no "Dictionary of Religious Knowledge" de que «quanto ao que é essa doutrina precisamente ou como deve ser exactamente explicada, os adeptos da Trindade ainda não chegaram a algum consenso».
- O Papa João Paulo II fala do "Insondável Mistério de Deus: a Trindade".
- O Cardeal John O'Connor declarou que «sabemos que é um mistério muito profundo, que ainda nem começamos a entender».
- Os peritos católicos Karl Rehner e Herbert Vorgrimler, declaram no seu "Theological Dictionary": «De facto, a trindade é um mistério; é o mistério dos mistérios no verdadeiro sentido da palavra».
- O Reverendo J.F. de Groot escreveu o seguinte no seu livro "O Ensino Católico": «A santíssima Trindade constitui um mistério no sentido mais estrito da palavra, pois a lógica por si só não pode provar a existência de um Deus "tri-uno"; e até mesmo depois de nos ter sido revelada a existência do mistério, continua impossível para o intelecto humano compreender como é que as três pessoas têm apenas uma única natureza divina».

Portanto, tente como quiser e o máximo possível, pois ninguém conseguirá resolver este enigma. Toda a aritmética que aprendemos desde as classes iniciais revela-se inútil quando tentamos solucionar este problema. Em qualquer parte do Universo, temos que 3x1=3, mas só na aritmética cristã é que 3x1=1.
Jamais alguém conseguirá justificar esta operação, pois é contra a lógica e razão. E os padres vão dizendo às pessoas para não utilizarem o seu juízo e raciocínio que Deus lhes deu, ao tentar perceber os dogmas da Igreja, alegando que devem somente acreditar e não tentar compreender. Segundo eles, a crença nesses dogmas deve ser cega, absoluta e inquestionável, e quem se atrever,

embora de forma sincera, estará eternamente condenado. A palavra de ordem é "acredite e não pergunte" ou "ouça e obedeça".

O senso comum de qualquer pessoa diz que certamente há algo errado, ridículo e que não faz sentido nesta doutrina; até mesmo os que a professam e a propagam não conseguem compreendê-la, pois trata-se de uma teoria tão confusa que nunca foi revelada por Deus e que só poderia ser inventada pelo Homem. Quando a Bíblia fala do conceito de Deus, diz:
«Porque Deus não é Deus de confusão.»

[I Coríntios 14:33]

A Enciclopédia Americana diz: «A doutrina da Trindade é tida como estando para além da compreensão e razão humanas».
O mais sábio dos teólogos cristãos, o grande Atanásio, confessou francamente que cada vez que se esforça para perceber a questão da Trindade, os seus esforços penosos recuam acima dele próprio: «Quanto mais ele pensou, menos ele compreendeu; e quanto mais ele escreveu, menos capaz foi de explicar os seus pensamentos» [Edward Gibbon, "Decline and Fall of the Roman Empire").
Portanto, de certeza que esta teoria não poderia ter vindo por parte de Deus, mas sim do próprio Homem.

REFUTAÇÃO ÀS "ALUSÕES" DA TRINDADE NO NOVO TESTAMENTO

Os quatro Evangelhos canónicos escritos entre os anos 70 e 115 não fazem qualquer referência à Trindade; até mesmo Paulo, que introduziu muitas inovações no Cristianismo, nada sabia em relação ao Deus "Tri-Uno".
Nesses livros, uma das evidências que alegam referir à Trindade encontra-se apenas na fórmula baptismal mencionada no S. Mateus 28:19. Mas o facto de se alistar as três pessoas juntas, não significa que elas sejam uma; se se disser que três pessoas estão sentadas ou a comer juntas, será que isso significa que elas formam uma única pessoa?

Uma das referências mais próximas a este dogma é deduzida dalgumas traduções bíblicas mais antigas:

«Porque três são os que testificam no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um.»

[I S. João 5:7]

Alguns peritos reconhecem que estas palavras não constam nos manuscritos bíblicos originais da versão grega antes do século XVI, os quais terão sido adicionadas muito mais tarde, pois a Trindade não fazia parte dos ensinamentos originais da Igreja, razão pela qual a maioria das traduções modernas omitem, de forma correcta, a parte espúria desse versículo («o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um»).
A mesma parte do versículo foi omitida da "Versão Standard Revista" das versões bíblicas publicadas em 1881, 1952, 1997 e muitas outras, por ser considerada uma interpolação.
De facto, não menos que 32 teólogos cristãos da mais alta eminência, apoiados por um conselho de 50 representantes de várias congregações, prepararam em 1946 uma obra revista da "Versão Standard Revista" do Novo Testamento, e da Bíblia integral em 1952, onde excluíram essa parte duvidosa do versículo, ficando da seguinte forma na Nova Versão Internacional (NVI):
«E o espírito é quem dá testemunho, porque o espírito é a verdade. Há três que dão testemunho: o espírito, a água e o sangue; e os três são unânimes.»

[I S. João 5:7-8]

O mesmo trecho foi igualmente removido do "New World Translation of the Holly Scriptures", que é usado pelas Testemunhas de Jeová.
A "Nova Enciclopédia Católica" apresenta três textos para tentar provar a doutrina da santíssima Trindade, mas admite simultaneamente que a mesma não é ensinada no Antigo Testamento. No Novo Testamento, a mais antiga evidência se encontra nas Epístolas de Paulo, especialmente na Segunda aos Coríntios 13:13, em que se colocam os três juntos da seguinte maneira:
«A graça do senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo, estejam com todos vós.»

E na Primeira Epístola aos Coríntios 12:4-6 consta:
«Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo; diversos modos de acção, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos.»

Este tipo de referência, admite a "Encyclopedia of Biblical Theological and Eclesiastical Literature", de Mac Clintock e Strong, «apenas prova que as três personagens mencionadas existem [...] Mas não prova em si mesmo que todas as três, que pertencem necessariamente à natureza divina, possuam igual honra divina».
Embora seja a favor da Trindade, esta fonte afirma o seguinte em relação ao versículo II Coríntios 13:13: «Não podemos com justiça inferir que elas possuíam igual autoridade ou a mesma natureza».
E sobre S. Mateus 28:19 diz: «Este texto, contudo, tomado isoladamente, não prova decisivamente nem a personalidade das três personagens mencionadas, nem a sua igualdade divina».

Quando Jesus foi baptizado, Deus, Jesus e Espírito Santo também foram mencionados nesse contexto:
«Jesus viu o Espírito de Deus descendo sobre ele como uma pomba.»
[S. Mateus 3:16]

Porém, de modo algum isso prova que os três sejam um, pois cada um era uma entidade separada e distinta.
Por várias vezes, Abraão, Isaac e Jacob são mencionados em simultâneo, mas isso não os torna um. O mesmo acontece com Pedro, Tiago e João.
Além disso, segundo este versículo, o Espírito de Deus desceu sobre Jesus por ocasião do seu baptismo, indicando que Jesus não fora ungido com o Espírito até aquele momento. Sendo assim, como poderia ele ser parte de uma Trindade em que sempre fosse um com o Espírito Santo?
O Espírito Santo, isto é, o Anjo Gabriel existiu antes de Jesus, mas o Antigo Testamento nunca mencionou que ele é Deus. Como então foi promovido ao grau divino, tornando-se em Deus depois do nascimento de Jesus?

Para apoiar a Trindade, cita-se muitas vezes o versículo «Eu e o Pai somos um» [S. João 10:30], embora não se mencione aqui uma terceira pessoa. Contudo, o próprio Jesus mostrou o que quis dizer com "ser um com o Pai":
«Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste.
E eu dei-lhes a glória que a mim me deste, para que sejam um, como nós somos um. Eu neles, e tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade,

e para que o mundo conheça que tu me enviaste a mim, e que os tens amado a eles como me tens amado a mim.»

[S. João 17:21-23]

Isso mostra que Jesus estava a orar para que todos fossem unidos em pensamento e objectivo, assim como ele era com Deus; não estava a orar para que todos os seus discípulos se tornassem numa única pessoa [vide ainda I Coríntios 1:10].

Além disso, Jesus estava falando em parábolas nesse dia, e todos os que estavam à sua volta não o compreendiam, o que causou uma divisão entre os judeus; alguns disseram que ele estava possuído pelo demónio e que estava fora de si:

«Rodearam-no pois, os judeus, e disseram-lhe: Até quando terás a nossa alma suspensa? Se tu és o Cristo, diga-o abertamente.

Respondeu-lhes Jesus: Já vo-lo tenho dito, e não o credes; as obras que eu faço, em nome de meu Pai, essas testificam de mim. Mas vós não credes porque não sois das minhas ovelhas, como já vo-lo tenho dito. As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu conheço-as, e elas me seguem; e dou-lhes a vida eterna e nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará da minha mão. Meu Pai, que mas deu, é maior do que todos; e ninguém pode arrebatá-las da mão de meu Pai. Eu e o Pai somos um.

Os judeus pegaram então outra vez em pedras para o apedrejar.»

[S. João 10:24-31]

Jesus disse que as suas ovelhas (i.e. os crentes) estão na sua "mão" e por isso estão protegidas da influência dos descrentes, porque o Pai que lhas deu é maior do que todos, ou seja, elas estão sob protecção do seu Pai e ninguém poderá arrancá-las da sua mão. Está claro que Jesus não disse "Eu e o meu Pai somos um no reino dos céus", mas quis dizer "Eu e o meu Pai somos um (no objectivo) na protecção dos crentes".

Por outro lado, os judeus incriminaram Jesus quando proferiu tais palavras, acusando-o de estar a reivindicar a divindade, ao que Jesus respondeu: «Não está escrito na vossa lei que vós sois deuses»?

E há uma alusão no [Salmos 82:6] onde consta:

«Eu disse: Vós sois deuses e vós outros sois todos filhos do Altíssimo.»

Jesus esclareceu com um exemplo da Bíblia que os judeus bem conheciam, ao dizer-lhes que estava a utilizar a linguagem metafórica dos profetas, a qual não devia ser interpretada como uma atribuição de divindade a si próprio ou a outros humanos.
Mais provas podem ser encontradas nos seguintes versículos, onde consta que as pessoas pediram a Jesus para que lhes mostrasse o Pai, ao que respondeu:
«Não crês tu que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos dirijo não saem de mim mesmo mas sim do meu Pai, que está em mim, e é Ele que faz as obras. Crede em mim, que estou no Pai, e o Pai em mim; crede em mim, ao menos, por causa das mesmas obras.»

[S. João 14:10-11]

Estas frases implicariam a divindade de Jesus caso os versículos seguintes do mesmo capítulo forem ignorados, pois nove versículos adiante consta que Jesus disse aos discípulos: «Naquele dia conhecereis que estou em meu Pai, e vós em mim, e eu em vós».
Portanto, se as palavras de Jesus «Eu estou no Pai e o Pai está em mim» forem interpretadas como se ele fosse Deus porque está em Deus, então os seus discípulos também seriam, pois todos eles estão em Deus. Ou seja, se Deus, Jesus e Espírito Santo formam uma "unidade" da Trindade, então com mais doze discípulos também deveriam formar uma "unidade" divina composta por quinze membros.
Essas afirmações simbólicas significam unidade no objectivo e não na essência. A interpretação simbólica é ainda enfatizada mais adiante, onde Jesus disse:
«Eu não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão-de crer em mim, para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em Ti; que também sejam um em nós, para que o mundo creia que Tu me enviaste.» [S. João 17:20-21]

«E eu já não estou mais no mundo, mas eles estão no mundo; e eu vou para Ti, Pai Santo, guarda em Teu nome aqueles que me deste, para que sejam um, assim como nós.» [S. João 17:11]

Um outro texto que é apresentado como suporte à Trindade é [S. João 5:18], onde consta que os judeus queriam matar Jesus, tal como em [S. João 10:31-

36], porque «Também chamava a Deus de seu próprio pai, fazendo-se igual a Deus». Mas aqui também Jesus não estava a reivindicar ser igual a Deus, pois defendeu-se contra essa falsa acusação logo no versículo seguinte: «O filho, por si mesmo, nada pode fazer, mas só aquilo que vê o Pai fazer».
Com isso, Jesus mostrou claramente aos judeus que ele não era igual a Deus e que, por conseguinte, não podia agir por iniciativa própria. É possível imaginar alguém como Deus Todo-Poderoso dizer que "Por si mesmo nada pode fazer"? [vide ainda Daniel 4:34-35].
É curioso que o contexto de S. João 5:18 assim como de 10:30, mostra que Jesus se defendeu aberta e explicitamente contra as falsas acusações dos judeus, que interpretaram mal a respeito das suas afirmações.

Os seguidores da Trindade tentam ainda basear-se no versículo: «Quem me vê a mim, vê o Pai». Mas para compreender isto é necessário ler as passagens anterior e posterior:
«Disse-lhe Filipe: Senhor, mostra-nos o Pai, o que nos basta.
Disse-lhe Jesus: Estou há tanto tempo convosco, e não me tendes conhecido, Filipe? Quem me vê a mim, vê o Pai; e como dizes tu: Mostra-nos o Pai?

[S. João 14:9]

Portanto, Jesus interpelou Filipe sobre como poderia mostrar Deus aos discípulos, uma vez que isso não era possível, bastando apenas contemplá-Lo através dos Seus sinais e crer n'Ele admirando a Sua criação: os astros, as criaturas e o próprio Jesus, que foi criado por Deus. E Jesus disse:
«Deus é Espírito.»

[S. João 4:24]

«E o Pai que me enviou, Ele mesmo testemunhou a meu respeito; vocês nunca ouviram a Sua voz nem viram a Sua forma.»

[S. João 5:37]

Como então alguém pode ver o espírito? O que eles viram era Jesus e não Deus; Paulo também diz:
«O Único que é Imortal e habita em luz inacessível, a Quem ninguém viu nem pode ver.»

[I Timóteo 6:16]

Portanto, o que a pessoa vê nunca pode ser Deus. O sagrado Al-Qur’án também atesta isso:
«Os olhos (humanos) não O alcançam, mas Ele alcança todos os olhares. Ele é o Subtil, o Conhecedor.»

[Al-Qur’án 6:103]

Mais um versículo muito utilizado pelos promotores da Trindade é:
«No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.»

[S. João 1:1]

Alguém que está com uma pessoa não pode ser simultaneamente aquela outra pessoa; portanto, se “a outra parte” deste versículo for interpretado como significando “Deus”, então iria contradizer a expressão anterior, em que “a palavra (ou o verbo) estava com Deus”.
Assim, os adeptos da Trindade não podem deduzir a sua doutrina a partir deste versículo. Se o “verbo” era um Deus, no sentido literal, então significa que havia dois deuses e não um. Contudo, na linguagem bíblica o termo “Deus” é usado metaforicamente para indicar poder; por exemplo, Paulo refere-se a diabo por “deus”: «O deus desta era cegou o entendimento dos descrentes, para que não vejam a luz do Evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus.»

[II Coríntios 4:4]

E Moisés é referido por Deus:
«Então disse o Senhor a Moisés: Eis que te tenho posto por deus sobre o Faraó; e Aarão teu irmão, será o teu profeta.»

[Êxodo 7:1]

QUEM FOI ESSE S. JOÃO?

Tal como se pode constatar, quase todos os versículos que fazem alguma evidência aparente à Trindade encontram-se no Evangelho de S. João. Entretanto, é necessário apurar até que ponto esta personalidade ou o seu livro se mostra credível.
Diz-se que o autor do quarto Evangelho é tido como sendo João, um discípulo de Jesus. Portanto, os versículos nele contidos não comprovam que são

afirmações de Jesus e muito menos atestam a sua divindade, considerando especialmente as dúvidas que os teólogos cristãos têm acerca desse Evangelho e do tempo em que o mesmo foi compilado.
O termo grego que esse "autor anónimo" utilizou para "verbo" é *"logos"*. Fazendo isso, ele identifica Jesus com o *"logos"* pagão da filosofia grega, que era a implícita razão divina no cosmos, ordenando-o e dando-lhe forma e significado. O conceito definido para esse termo grego é também encontrado nos sistemas teológicos e filosóficos persa, egípcio e indiano [The New Encyclopaedia Britannica, Vol. 7].

Vamos agora investigar ao estilo dos Muhaddicin, peritos que averiguaram os ditos (Hadices) do profeta Muhammad ﷺ, para assim se poder concluir a autenticidade do Evangelho segundo S. João.
Será que ele era João, o filho de Zebedeu? Existe uma prova de que João filho de Zebedeu era um homem comum, iletrado e sem instrução [Actos 4:13], o que faz concluir que o autor do quarto Evangelho não era este João.

Entretanto, não existe uma passagem na Bíblia sugerindo que no tempo de Jesus havia um outro João entre os seus discípulos para além do filho de Zebedeu, o que indica que esse Evangelho não foi escrito por um discípulo de Jesus.
A autenticidade do quarto Evangelho foi desafiada pelos próprios cristãos já no início do século II; no ano 254, um grupo de cristãos se recusou a aceitar que João teria escrito o quarto Evangelho [What is Christianity?].

Quem foi então o autor do Evangelho de S. João?
Alguns observadores sugerem que foi escrito por João, conhecido por "o mais velho". Mas este também não era discípulo de Jesus, pois nesse tempo esse João era ainda um rapaz, mais novo.
O Professor Streeter é citado por ter escrito o seguinte:
«João, o mais velho, foi descrito por Papeas como "um discípulo do senhor" e por Polyscrarp por "aquele que viu o senhor". Não é necessário supor que ele tenha feito muito mais do que "vê-lo", trazido talvez pelo seu pai a Jerusalém como um rapaz de doze anos, na peregrinação da Páscoa hebraica. E talvez ele tenha estado na multidão que assistiu à crucificação, pois nessa altura as pessoas não tinham o cuidado de manter as crianças longe de cenas macabras. Nesse caso, por volta do ano 95 ele teria atingido a idade de 77 anos.

A Primeira Epístola de João foi obviamente escrita por um homem de idade avançada, que pode naturalmente passar por "irmão de confraria" para os meus filhos pequenos no mesmo parágrafo [S. João 1:13-18]; esta última frase dificilmente foi escrita por um homem com menos de 70 anos.»

Portanto, disto torna-se claro que João, o mais velho, foi o autor do quarto Evangelho, não foi discípulo de Jesus e quando o compilou tinha 77 anos de idade ou mais.
Surge então outra questão: Como ele poderia saber acerca das coisas que escreveu? Será que foi inspirado pelo Espírito Santo? Vejamos até onde o Espírito Santo lhe inspira.
João descreve como Jesus encontrou os irmãos Simão Pedro e André, que se tornaram seus discípulos:
«E os dois discípulos ouviram-no dizer isto, e seguiram a Jesus. E Jesus, voltando-se e vendo que eles o seguiam, disse-lhes: Que buscais?
E eles disseram: Rabi (Mestre)! Onde moras?
Ele lhes disse: Vinde e vede.
Foram e viram onde morava, e ficaram com ele aquele dia; e era já quase a hora décima (quatro da tarde numa outra Bíblia). Era André, irmão de Simão Pedro, um dos dois que ouviram aquilo de João, e o haviam seguido (a Jesus).
Este achou primeiro a seu irmão Simão e disse-lhe: Achamos o Messias.
E levou-o a Jesus. E, olhando Jesus para ele, disse: Tu és Simão, filho de Jonas; tu serás chamado Cefas (que significa Pedro).»

[S. João 1:37-42]

Contudo, Mateus descreve o mesmo incidente de forma diferente:
«E Jesus, andando junto ao mar da Galileia, viu a dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, os quais lançavam as redes ao mar, porque eram pescadores; e disse-lhes: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens.
Então eles, deixando logo as redes, seguiram-no.»

[S. Mateus 4:18-20]

Será que João foi inspirado a dizer que era André que foi à procura de seu irmão Simão e trouxe-o para ver o Messias? Qual destas duas passagens é a verdadeira, a de João ou a de Mateus, pois não é possível que ambas estejam simultaneamente correctas?

Como então se pode aceitar o que está registado no [S. João 1:1]: «No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.»?

Na versão revista do Novo Testamento não existe qualquer referência à Trindade, e a Igreja não tem autoridade alguma de reivindicar que Jesus é parte de Deus e que ambos, juntamente com o Espírito Santo, formam um Deus.
Os clérigos de hoje sabem muito bem disso e, apesar de não possuírem provas para justificar o ensino dessa doutrina, continuam a pregar as pessoas todos Domingos, fazendo-as pensar que têm autoridade divina para dizer isso. Não é à toa que cada vez mais as igrejas se têm tornado menos frequentadas.
De facto, para uma pessoa inteligente, esta doutrina sobre a qual está erguida o Cristianismo, representa um insulto e ofensa a Deus. É o tipo de blasfémia que Ele jamais perdoará. A Trindade é uma reminiscência do passado pagão que remonta desde os milhares de anos.
Jesus ensinou o monoteísmo puro e não adulterado. A religião simples e bela por ele ensinada foi, de forma desavergonhada, corrompida e profanada pelos seus seguidores, que incorporaram nela uma grande quantidade de mitologia pagã dos romanos, gregos, egípcios e outros.

Em muitos versículos bíblicos se pode encontrar a ênfase que Jesus dá à Unicidade de Deus. Sem dúvida que se tratava duma crença muito simples para os padres primitivos, mas que veio a ser mais tarde baralhada nos vários Concílios que se realizaram muito depois de Jesus, onde dividiram Deus em três partes, com diferentes identidades, imagens e funções; o Deus Pai tornou-se apenas o Criador, ao Filho Jesus foi-lhe atribuído o título de Salvador e o Espírito Santo (o Anjo Gabriel) passou a ser o Consolador. Assim, complicaram o assunto para todos e confundiram gerações e gerações de cristãos.

O Espírito Santo, que é o elo de ligação, é a terceira pessoa dessa Trindade; mas qual é exactamente a sua função?
Se Deus, Jesus e Espírito Santo são um, apesar de serem três, então onde é que termina a função de um e começa a dos restantes? Será que esses três dividiram tarefas diferentes para si? Ou as praticam colectivamente como sendo um ou separadamente como três, cada um no seu campo de acção?
Logicamente, a Trindade é um dogma insustentável, que não só está para além da razão como também constitui em si algo que repugna a inteligência.

Esta crença é incompatível com a Unicidade de Deus, pois se existem seres distintos então deve implicitamente haver três essências distintas e separadas, porque cada ser é inseparável da sua própria essência. Assim, se o Pai é Deus, o Filho é Deus e o Espírito Santo também o é, a menos que sejam três coisas distintas, têm que construir três substâncias distintas e, consequentemente, três deuses.

Além disso, questiona-se se os três seres "divinos" são infinitos ou finitos. Se for o primeiro caso, então existem três infinitos distintos, três omnipotentes distintos, três eternos distintos e, portanto, três deuses.
Se forem finitos, então somos levados ao absurdo de conceber um ser infinito que tem três formas finitas de subsistir ou três seres que são, isoladamente um do outro, finitos e conjuntamente formam um infinito. O facto é que se os três são finitos, então nem o Pai, nem o Filho e nem o Espírito Santo pode ser Deus.
São factos em que não se encontra resposta e continuam um mistério.

MAIS QUESTÕES ACERCA DA TRINDADE

a) Consta no [II Coríntios 12:4] que: «Jesus foi crucificado por fraqueza». Como um "deus fraco" era incapaz de suportar o fardo de todos os pecadores do mundo, foi amarrado juntamente com mais dois deuses a fim de o reforçarem; e três deuses são mais fortes do que um, princípio este que foi enunciado na Bíblia através das seguintes palavras [Eclesiastes 4:12]: «O cordão de três dobras não se quebra tão depressa».
Se esse não for o caso, será que haverá alguma outra explicação que sustente a existência desta unidade de deuses na Trindade?

b) Segundo a Bíblia, depois da crucificação Jesus morreu por três dias [S. Mateus 17:23]. Sendo assim, o que é que então aconteceu à dita Trindade?
Será que um membro (Jesus) estava morto por três dias, e que o Deus todo se tornou dois terços d'Ele mesmo? Será que Deus estava funcionando com dois terços da sua capacidade original?
O que é que aconteceu com Deus quando um dos seus componentes estava na cruz? Como é que eles podiam ser três em um, quando um estava no céu e outro na cruz?

c) Será que no Antigo Testamento Deus reivindicou alguma vez ser a primeira pessoa dessa Trindade? Será que Jesus alguma vez reivindicou no Novo Testamento ser a segunda pessoa dessa Tríade? Será que o Espírito Santo fez alguma afirmação a qualquer figura eclesiástica, segundo a qual seria a terceira pessoa dessa falsidade?

d) Segundo a teologia cristã, Deus, Jesus e Espírito Santo são um e da mesma substância. Pergunta-se: De que substância são compostos os três membros da Trindade?
Se é que podemos determinar a substância de um dos elementos, poderemos igualmente estabelecer a dos outros dois, pois todos são da mesma substância. Relativamente à substância de Jesus, a Bíblia diz que «era da descendência (semente) de David» [Romanos 1:3].
Portanto, não será que o Pai e o Espírito Santo são também da mesma substância de Jesus, isto é, da semente (descendência) de David?

e) Os cristãos alegam que o Filho é co-igual ao Pai. Nesse caso, como é que se explica a afirmação de Jesus quando diz: «O meu Pai é maior do que eu» [S. João 14:28]?
Jesus disse ainda:
«Quanto ao Dia e Hora, ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o filho, senão somente o meu Pai.»

[S. Mateus 24:36]

Isto indica que Jesus e o Espírito Santo são inferiores em conhecimento relativamente ao Pai, o que implica que Deus é somente o Pai. Nem Jesus nem o Espírito Santo são iguais a Ele, não estando portanto, qualificados para se unirem a Ele na tal Trindade. Isso significa que Jesus é Jesus, Espírito Santo é Espírito Santo e Deus é Deus, cada um diferente e separado.
Jesus estava com as pessoas na terra e disse:
«Nem todo aquele que me diz Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus.»

[S. Mateus 7:21]

Logo, Jesus estava na terra e Deus nos céus; cada um como entidade distinta e em locais diferentes. Como então poderiam ser um estando separados?

f) Os cristãos também acreditam que Jesus é co-igual ao Espírito Santo, mas por seu lado, ele tinha um conceito diferente:
«Todo aquele que disser uma palavra contra o filho do homem será perdoado, mas quem falar contra o Espírito Santo, não será perdoado, nem nesta era (Mundo) nem na era que há-de vir (Além).»

[S. Mateus 12:32]

Estas palavras de Jesus não nos estarão implicitamente a dizer que ele era inferior ao Espírito Santo?

g) Se a Trindade é uma crença que recebe tanta ênfase, então porque razão não apareceu antes da vinda de Jesus?

h) Segundo a crença atanasiana, «o Espírito Santo emana do Pai e do Filho: Não foi feito, nem criado, nem gerado, mas é procedente». A questão que surge é: Como e de onde ele procede, em que proporção e para que fim?

i) O Pai e o Espírito Santo não geraram nem foram gerados; cada um deles é distinto do outro, assim como o dia é distinto da noite. Como então se podem fundir num corpo sem perder as suas identidades?
Jesus é um Homem, o Espírito Santo é um anjo e Deus é Deus. Como então Deus poderia se unir com um Homem e com um anjo para formar a Trindade?
A união de três seres diferentes na sua natureza é impossível, quer em termos lógicos como práticos.

j) Se os três membros da Trindade são um e, segundo a crença atanasiana, «ninguém está antes ou depois de outro», então nenhum deles é maior ou menor que outro.
Porque razão é obrigatório seguir a ordem inalterável "Pai, Filho e Espírito Santo"? Porque será que não se permite que esta ordem seja alterada ou revertida, à semelhança duma bola, em que qualquer que seja a sua posição, em nada altera a vista que temos sobre a mesma?

k) Se Deus é "três em um", então o que acontecerá quando houver discordância entre eles? Será que irão à votação? E será que os seus votos são iguais ou haverá algum voto de carácter superior?

Será que o voto de Deus é igual ao do Filho ou do Espírito Santo? O que acontecerá se cada um insistir numa opinião diferente? Não é estranho que haja então um "Comité de Deus"!

l) Jesus veio «em semelhança da carne do pecado (do Homem pecador)» [Romanos 8:3].
Como então ele pode ser semelhante a Deus ou co-igual a Si?
Jesus é uma criatura de Deus, que passou pelo nascimento e foi colocado pela mãe numa manjedoura [S. Mateus 1:1, S. Lucas 2:7]. Como então Deus é três quando um membro Seu estava na manjedoura? E antes desse membro nascer, de quantos elementos Deus era formado?
Jesus foi circuncidado e retirado o seu prepúcio [S. Lucas 2:21], indicando que não estava na forma perfeita quando nasceu. Como então um Homem imperfeito pode ser igual a um Deus perfeito?
Jesus foi recebido no céu e assentou-se à direita de Deus [S. Marcos 16:19], o que comprova que ambos são seres distintos e separados. Como é que eles podem ser um, quando se sentam lado a lado?

Em suma, a história mostra que a religião pregada por Jesus era bem pura e livre de politeísmos. A alusão à Trindade só teve início a partir de 325, quando o Concílio de Niceia concordou em chamar Cristo "Deus de Deus", completando-se o processo no ano 383, quando o imperador Teodósio impôs o dogma.
Portanto, é com grande pesar que se vê tanta gente perdida a adorar alguém que nasceu duma mulher, ao invés de adorar pura e simplesmente o verdadeiro Deus, Criador dos Céus, da Terra e inclusive de todos os Homens.
Essa atitude poderá custar muito caro aos negligentes, pois pode provocar a ira de Deus, quando no Dia da Ressurreição Jesus testemunhar contra eles:
«Ó Jesus, filho de Maria! Foste tu que disseste aos Homens: Adorai a mim e à minha mãe, como dois deuses, ao invés de Deus?
E ele responderá: Glorificado sejas! Não me é admissível dizer o que não me é de direito. Não lhes disse senão o que me ordenastes: Adorai a Deus, meu Senhor e vosso Senhor. E eu era testemunha do que faziam enquanto permaneci entre eles. Quando me chamaste a Ti, eras Tu Quem os observava, pois és testemunha de tudo.»

[Al-Qur'án 5:116-117]

E consta na Bíblia:
«Pois eu lhes transmiti as palavras que me destes, e eles as aceitaram. Eles reconheceram de facto, que vim de Ti e creram que me enviastes. Enquanto estava com eles, os protegi e os guardei pelo nome que me destes. Nenhum deles se perdeu, a não ser aquele que estava destinado à perdição, para que se cumprisse a escritura.»

[S. João 17:8-12]

O truque sobre a Trindade é deixá-la sem especificação: Três o quê? Em um o quê? Preferem deixá-la de forma vaga, porque a especificação a tornaria evidentemente ilógica e imediatamente inaceitável: "como três em um Deus?"; se a especificarem, estariam a admitir o politeísmo.
Por exemplo, pode-se dizer "três dólares num bolso", mas não se pode dizer "três dólares num dólar"; pode-se dizer "três homens num carro", mas não se pode dizer "três homens num homem". O que querem realmente dizer é "três deuses num só Deus".
Será que isso faz de todos eles um Deus? Não, porque segundo a Trindade, Deus é um de entre os três. Portanto, três deuses em um de entre os três torna as coisas mais vagas e contrárias à razão.

A misteriosa Trindade é actualmente uma das causas principais do colapso do Cristianismo, onde os estados se declararam laicos e muita gente se orgulha em ser agnóstica.
Nesses países, muitos jovens já não crêem no Cristianismo; herdaram uma religião misteriosa e fora de compreensão. Estão agora a crescer numa era de raciocínio mais desenvolvida e já não conseguem "digerir" a divindade de Jesus, daí o declínio do Cristianismo principalmente no Ocidente.

UNICIDADE DE DEUS NAS ESCRITURAS SAGRADAS

Ao contrário da Trindade, que foi inventada pelo Homem, a Unicidade de Deus encontra-se claramente proclamada nas Escrituras sagradas das três grandes religiões monoteístas.
Todos os profetas, desde Abraão, incluindo Moisés e Jesus, até Muhammad, que a paz esteja com todos eles, ensinaram a Unicidade absoluta de Deus.

Contudo, aqueles que herdaram a religião de Jesus e estabeleceram a chamada "Igreja", retalharam Deus em três partes, adulterando assim a simples e bela religião que o seu profeta ensinou.
O Cristianismo de hoje não tem qualquer semelhança com a religião pura e monoteísta pregada por Jesus. O que hoje é pregado pelas igrejas actuais está muito aquém da essência e conteúdo do Cristianismo original, assim como está o giz do queijo.

S. Paulo, o judeu que se converteu ao Cristianismo, alterou esta religião de acordo com as suas declarações e opiniões pessoais, de tal forma que muito pouco ficou para distinguir entre Cristianismo e "Paulinismo". Portanto, a fé pregada pelos cristãos actuais é uma mistura estranha de paganismo e "Paulinismo". Ela não tem qualquer ligação com a religião trazida por Jesus, o nobre profeta de Deus.

Vamos agora ilustrar a Unicidade de Deus defendida originalmente no Antigo, no Novo e no Último Testamento:

1. No Antigo Testamento

Este conjunto de livros dá uma grande ênfase à Unicidade de Deus:
«Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egipto, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso.»
[Êxodo 20:2-5, Deuteronómio 5:6-9]

«Por isso hoje saberás, e reflectirás no teu coração, que só o Senhor é Deus, em cima no céu e em baixo na terra; nenhum outro há. E guardarás os Seus estatutos e os Seus mandamentos.» [Deuteronómio 4:39-40]

«Ouve Israel, o Senhor nosso Deus é o Único Senhor. Amarás pois, o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças. E estas palavras que hoje te ordeno, estarão no teu coração; e as ensinarás a teus filhos.» [Deuteronómio 6:4-7]

«Vós sois as minhas testemunhas, diz o Senhor, e meu servo, a quem escolhi; para que o saibais, e me creiais, e entendais que Eu sou o mesmo, e que antes de Mim deus nenhum se formou, e depois de Mim nenhum haverá. Eu, eu sou o Senhor e fora de mim não há Salvador.»

[Isaías 43:10-11]

«Assim diz o Senhor: Eu sou o Primeiro e Eu sou o Último, e fora de Mim não há deus.»

[Isaías 44:6]

«Todos os artífices de imagens de escultura são vaidade. Quem forma um deus e funde uma imagem de escultura, que é de nenhum préstimo?
Eis que todos os seus companheiros ficarão confundidos, pois os mesmos artífices não passam de homens; ajuntem-se todos e levantem-se; assombrar-se-ão e serão juntamente confundidos.»

[Isaías 44:9-11]

«Eu sou o Senhor, e não há outro; fora de Mim não há deus; Eu te cingirei, ainda que tu não me conheças. Para que se saiba desde o nascente do Sol e desde o poente, que fora de Mim não há outro; Eu sou o Senhor, e não há outro.»

[Isaías 45:5-6]

«Porventura não sou Eu, o Senhor? Pois não há outro deus senão Eu; Deus Justo e Salvador não há além de Mim. Olhai para Mim, e sereis salvos, vós, todos os termos da terra; porque Eu sou Deus, e não há outro [...] Diante de Mim se dobrará todo o joelho, e por Mim jurará toda a língua.»

[Isaías 45:21-23]

«Lembrai-vos das coisas passadas desde a antiguidade; que Eu sou Deus, e não há outro deus, não há outro semelhante a Mim.»

[Isaías 46:9]

Vide ainda Deuteronómio 4:35, Êxodo 8:10, II Samuel 7:22, I Reis 8:23, I Crónicas 17:20, Salmos 86:8, 89:6 e 113:5, Oséias 13:4 e Zacarias 14:9.
Portanto, estes versículos vão exactamente ao encontro daquilo que ainda é a crença isslâmica, segundo a qual "Não existe outra divindade digna de

adoração excepto Deus" – uma parte da declaração da fé muçulmana, e que a adoração a imagens ou culto a qualquer outro para além de Deus são rejeitados, incluindo Muhammad, Jesus, Espírito Santo, Shiva, etc. Não há manifestação de Deus em qualquer criatura.

2. No Novo Testamento

Em parte alguma dos Evangelhos Jesus afirmou ser Deus ou que as pessoas deveriam adorá-lo. Pelo contrário, ele propagava exactamente o repúdio a tais crenças, dando grande ênfase à indivisibilidade e Unicidade de Deus:
«Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a Ele servirás.»

[S. Mateus 4:10]

«Por que me chamas bom? Ninguém há bom senão Um, que é Deus.»

[S. Marcos 10:18]

«O primeiro de todos os mandamentos é: Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o Único Senhor.»

[S. Marcos 12:29]

«Disse-lhe Jesus: Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai, mas vai para meus irmãos e diz-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus.»

[S. João 20:17]

O próprio Jesus recusa que seja Deus e reafirma a sua mortalidade:
«Eu confesso (testemunho) perante os céus e tomo por testemunha todas as coisas que vivem na terra, que eu eximo-me de tudo aquilo que as pessoas dizem a meu respeito; de que eu não sou mais do que um mortal, porque eu sou um mortal nascido de uma mulher, sujeito ao julgamento de Deus. Vivo aqui como vivem outras pessoas, sujeito a misérias comuns.»

[S. Barnabé 94:1-2]

Jesus apercebeu-se que esta crença falsa iria se expandir, e de antemão declarou:
«Na verdade, digo-vos, falando do meu coração: Eu tremo porque o mundo vai-me chamar por Deus, e para isso, eu terei que prestar contas. Juro por

Deus, em cuja presença a minha alma está de pé, eu sou um mortal como qualquer outro, embora Deus tenha me designado um profeta para a casa de Israel, para a saúde dos fracos e para a correcção dos pecadores. Eu sou servo de Deus, e disso vós sois testemunhas.»

[S. Barnabé 52:10-14]

«Sabemos que o ídolo nada é no mundo, e que não há outro Deus, senão Um só. Porque, ainda que haja também alguns que se chamem deuses, quer no céu quer na terra (como há muitos deuses e muitos senhores), todavia, para nós há Um só Deus, o Pai, de Quem é tudo e para Quem nós vivemos.»

[I Coríntios 8:4-6]

«Porque há Um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens: Jesus Cristo homem.»

[I Timóteo 2:5]

Neste último versículo sublinha-se claramente a expressão "Jesus Cristo homem". Portanto, a ideia de mais do que um Deus é também refutada no Novo testamento, contrariando a Trindade que não se sabe de que escritura provém.
Todos estes versículos indicam claramente que Jesus sempre defendeu a Unicidade de Deus, contrariando a crenças actual defendida pelos cristãos, que se consideram seus seguidores.

Os cristãos argumentam que no seu vocabulário, um Deus significa três, e que os três são um. Mas esse argumento é refutado pelo próprio Jesus, quando disse no [S. João 17:3]: «E a vida eterna é esta: Que Te conheçam a Ti só, por Único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste».
Aqui, a expressão "Único Deus verdadeiro" foi usada distinta e separadamente de Jesus que é "Cristo, a quem enviaste»; portanto, está bem claro que Deus é Um e Jesus foi Seu profeta e enviado.

Jesus disse ainda no [S. Mateus 23:9]: «E a ninguém na terra chameis vosso pai, porque Um só é o vosso Pai, o Qual está nos céus». É interessante notar que ele não disse "porque três são o vosso Pai" e enfatizou o facto de que "a ninguém na terra chameis vosso pai".

A sua visão profética indicou-lhe que após a sua partida, os seguidores desafiá-lo-iam a chamar-lhe Deus. Portanto, sendo apenas humano e mortal, e estando ciente dessa sua natureza, proibiu antecipadamente que se chamasse a Homem algum de Pai, incluindo a si próprio, enfatizando o facto de que «Um só é o vosso Pai, o Qual está nos céus».

Mais ainda, será que quando Jesus orava a seu Pai, estava falando consigo próprio? Consta no [Romanos 15:3] de que: «Cristo não agradou a si próprio». Só que ele agradou a Deus. Mas se Cristo também é Deus, então também agradou a si próprio!
Ele disse ao diabo que só adoraria um Único Deus [Hebreus 5:7]. Será que ele adorou a si próprio?

Se Jesus fosse Deus e tivesse a convicção de fazer parte duma Trindade, então teria ordenado aos seguidores o seguinte: "Ao Senhor teu Deus adorarás, nas Suas três manifestações, e ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo servirás". O motivo de não ter dito isso é claro e óbvio.
Apesar de todas estas irrefutáveis e convincentes provas bíblicas sobre a Unicidade de Deus, os cristãos teimam em desmembrá-Lo em três personalidades distintas, e ainda se atrevem a chamar-Lhe de "Um" Deus, todos os três juntos em Um. Esta divisão de um Único e indivisível Deus é uma gritante blasfémia!

Os cristãos são exortados pela Bíblia a acreditarem num Único Deus, mas eles recusam os ensinamentos do seu Livro sagrado e preferem aderir àquilo que alguns dos seus padres e bispos dizem para crer. Portanto, deram aos seus clérigos a prioridade na palavra acima da honra da Bíblia. Por outras palavras, são fiéis a esses seus párocos mas não a Deus. E isso já foi enfatizado no Al-Qur'án:
«Eles tomaram seus rabinos e seus monges por senhores, além de Deus.»
[Al-Qur'án 9:31]

Portanto, a Bíblia foi posta de lado, como segundo plano, e tomaram as ordens de alguns padres como prioridade, acima dos mandamentos de Deus.
Actualmente, muitos dos clérigos cristãos desconsideraram as ordens de Deus ao acreditar em três deuses, quando Deus lhes ordena que creiam n'Ele apenas como Deus Uno. Portanto, se os próprios "pastores" estão perdidos, como se poderá culpar o "rebanho" de estar nessa confusão dogmática?

O que mais espanta é que muitos sábios e eruditos, na presença de tão absurda doutrina, não recorrem ao seu poder de raciocínio e intelecto concedidos por Deus, para contestar a Trindade que lhes foi imposta por alguns como doutrina "verdadeira". Não só tentam comprovar o dogma como ainda restringem qualquer tentativa de alguém pertencente à sua congregação, fazer uso do raciocínio no sentido de procurar explicações para princípios que ache incongruentes, incorrendo na condenação eterna apenas por investigar ou reflectir no assunto.

3. No Último Testamento

Vejamos agora o que diz sobre a Unicidade de Deus, o sagrado Al-Qur'án – a derradeira Escritura Divina enviada para toda a humanidade até o final dos dias:
«Diz (ó Muhammad): Ele, Deus, é Único (nos atributos e na Sua pessoa); Deus é Aquele de quem tudo depende eternamente (todos precisam d'Ele e Ele não precisa de ninguém). Não gerou nem foi gerado (não tem filhos e nem Ele é filho de alguém). E não há ninguém igual a Ele.»

[Al-Qur'án 112:1-4]

«Sem dúvida, são descrentes os que dizem: Deus é o terceiro (elemento) de uma Trindade, pois não há divindade senão o Deus Único. Se não desistirem de tudo quanto afirmam, certamente, aqueles de entre eles que não crêem sofrerão um castigo doloroso. Porquê não se voltam arrependidos para Deus e não Lhe pedem o Seu perdão, uma vez que Ele é Perdoador, Misericordioso?»

[Al-Qur'án 5:73-74]

«Ó adeptos do livro! Não exagereis em vossa religião e não digais acerca de Deus senão a verdade. O Messias Jesus, filho de Maria, nada mais era do que o mensageiro de Deus e Seu verbo ("seja", utilizado para o criar) que Ele lançou a Maria, e um espírito vindo d'Ele (criado por Deus).
Portanto, crede em Deus e em Seus mensageiros, e não digais "Trindade"; é melhor para vós desistirdes de tais crenças, pois Deus é um Único Deus.
Glorificado seja! Como teria Ele um filho? A Ele pertence tudo o que está nos Céus e na Terra. E Deus é mais do que suficiente Guardião.»

[Al-Qur'án 4:171]

A POSIÇÃO REAL DE DEUS

A Trindade confunde o entendimento das pessoas sobre a verdadeira posição de Deus, pois impede que se conheça com exactidão o Deus Soberano e Universal e que se adore a Ele segundo por Si estipulado.
Por exemplo, Deus diz no I Samuel 2:30: «Honrarei os que Me honrarem».
Será que honra a Deus chamar alguém de Seu semelhante ou parceiro? Honra-O chamar Maria por "Mãe de Deus" e "Mediadora entre o Criador e Suas criaturas" como diz a Nova Enciclopédia Católica?
Muitas ideias semelhantes representam um insulto a Deus, pois não existe alguém que Lhe seja igual, tão pouco Ele teve uma mãe [Al-Qur'án 42:11].
No Dia da Ressurreição, os adeptos da Trindade serão chamados a prestar contas e serão julgados adversamente devido às suas doutrinas que desonram Deus [Al-Qur'án 5:116].

Não pode haver transigência para com as verdades sobre Deus; deve-se adorá-Lo assim como Ele comanda e merece, e rejeitar qualquer outra doutrina que vá contra a Unicidade Divina, pois irão contradizer o que os profetas, seus apóstolos e seguidores como os cristãos primitivos, acreditavam e ensinavam.
A Trindade contradiz o que Deus diz sobre Si mesmo em Sua própria palavra inspirada. Não serve ao interesse de Deus fazê-Lo parecer confuso e misterioso. Pelo contrário, quanto mais confusas as pessoas ficam a respeito de Deus, mais favorecem Satanás, pois é este quem promove tais doutrinas falsas para ofuscar as mentes dos incrédulos. É daí donde também surge o Ateísmo.
A Trindade serve igualmente os interesses de alguns clérigos, que querem manter o domínio sobre o povo, pois fazem parecer que somente eles é que podem entendê-la.

O conhecimento exacto sobre Deus traz um grande alívio, pois liberta-nos de ensinamentos que se conflituam com a palavra de Deus, como disse Jesus:
«Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.» [S. João 8:32]

Jesus nunca afirmou ser Deus; tudo o que ele disse a respeito de si mesmo indica que ele não se considerava igual a Deus em qualquer sentido, seja em poder, conhecimento, etc. Era um servo voluntariamente submisso a Deus (o mesmo que "muçulmano") e adorava somente a Ele.

Em oração a Deus, Jesus disse:
«De ti, o Único Deus verdadeiro.»

[S. João 17:3]

E disse a Maria Madalena:
«Subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus.»

[S. João 20:17]

Ele mostrou adicionalmente que era um ser à parte de Deus:
«Por que me chamas bom? Ninguém há bom senão Um, que é Deus.»

[S. Mateus 19:16-17, S. Marcos 10:18]

Se o adjectivo "bom" não se aplica a Jesus, assim como ele próprio diz, aplicando-se somente a Deus, então Jesus não pode ser igual a Deus. Sendo assim, não pode ser um membro na Trindade, porque Jesus não tem a qualidade de Deus tal como consta [I Crónicas 16:34]: «Dai graças ao Senhor, porque Ele é bom, pois é eterno o Seu amor».
Portanto, Jesus dizia que ninguém é tão bom como Deus, nem ele próprio. Se ele rejeitou ser chamado de "bom", será que ele aceitaria ser intitulado de "Deus" ou "o Senhor"?

As palavras de Jesus em [S. João 8:17-18] também são significativas:
«Na vossa própria lei está escrito: O testemunho de dois homens é verdadeiro. Eu sou um que dá testemunho de mim mesmo, e o Pai que me enviou dá testemunho de mim».
Jesus mostra aqui que ele e o Pai, ou seja, o Deus Todo-Poderoso, são duas individualidades distintas, pois doutra forma como poderia haver realmente duas testemunhas? Os seguidores de Jesus sempre o encararam como servo submisso de Deus.

OS MILAGRES DE JESUS ERAM POR PARTE DE DEUS

Segundo a Bíblia, antes de realizar os milagres Jesus "erguia os olhos ao céu" orando a Deus, comprovando que nunca se vangloriou disso, atribuindo sempre os feitos a Deus.

Muitos outros profetas também praticaram milagres através de Deus. Proezas similares aconteceram com o profeta Muhammad ﷺ, mas os muçulmanos nunca vieram reivindicar que ele é deus ou filho de Deus, pois isso ficou muito claro quando se estabeleceu a religião, e ninguém veio deturpar mais tarde.

Será que a capacidade demonstrada por Jesus de realizar milagres fazia dele um Deus? Claro que não, pois de acordo com a Bíblia, outros profetas anteriores também praticaram milagres semelhantes:

- Eliseu deu de comer a 100 pessoas com vinte pães de cevada e algumas espigas de milho [II Reis 4:42-44], curou cegos [II Reis 6:17-20] e leprosos [II Reis 5:8-14], ressuscitou mortos [II Reis 4:32-37] e até os seus ossos podiam restaurar o morto [II Reis 13:20-21].
- Elias fez com que a farinha e o azeite não escasseassem até que a chuva chegasse [I Reis 17:12-16] e ressuscitou um menino [I Reis 17:17-24].
- Ezequiel também demonstrou o milagre de reavivar um exército [Ezequiel 31:1-10].
- Através de Moisés, Deus também o honrou ao fazer os Filhos de Israel atravessar o mar através duma passagem entre as águas [Êxodo 14:22] e a comer maná e codornizes provenientes da parte de Deus [Êxodo 16:4-31].

Portanto, Deus permitiu a vários profetas, incluindo Jesus, de realizarem milagres a fim de mostrar que Ele os apoiava e que é Todo-Poderoso [Êxodo 14:31, I Reis 17:24 e S. João 11:45]. Mas isso não tornou nenhum desses outros profetas, parte divina pluralizada ou mais do que humanos.
Todos esses profetas demonstraram milagres com a permissão e vontade de Deus e Jesus não era excepção, pois confirmou isso ao dizer:
«Por mim mesmo nada posso fazer.»

[S. João 5:30]

«Mas se é pelo Dedo de Deus que eu expulso demónios, então chegou a vocês o Reino de Deus.» [S. Lucas 11:20]

Paulo disse:
«Israelitas, ouçam estas palavras: Jesus de Nazaré foi aprovado por Deus diante de vocês por meio de milagres, maravilhas e sinais, que Deus fez entre vocês por intermédio dele, como vocês mesmos sabem.» [Actos 2:22]

Consta no S. Mateus 15:36 que quando Jesus tomou os pães e peixes, antes de os repartir deu graças. Agora pergunta-se: Deu graças a quem? A si mesmo? Noutros versículos consta ainda que Jesus olhava para o céu antes de realizar um milagre; porque razão fazia isso?
Praticar milagres ou coisas maravilhosas não estão limitadas a Jesus ou aos seus seguidores, pois há muita gente que consegue fazer coisas extraordinárias, alguns sendo piedosos e outros charlatães, que andam sobre o fogo, comem pedaços de vidro, esquartejam o corpo e espetam facas no mesmo, etc.
Entretanto são mentirosos, aliados de Satanás e têm muitos seguidores que os consideram deuses. Por isso, Jesus disse:
«Porque se levantarão falsos cristos e falsos profetas, e farão sinais e prodígios para enganar, se for possível até os escolhidos.»

[S. Marcos 13:22]

«E surgirão muitos falsos profetas e enganarão a muitos.»

[S. Mateus 24:11]

Será que todos esses são deuses?
Segundo a Bíblia, Jesus permaneceu morto e inconsciente no túmulo durante três dias. Se ele fosse Deus, então estaria errado dizer: «Não és Tu desde a eternidade, ó Senhor meu Deus, meu Santo?» [Habacuque 1:12].
E quem o ressuscitou? Se Jesus estivesse realmente morto, não poderia ressuscitar a si mesmo?

Quando Jesus falou acerca do Fim do Mundo, mostrou que o seu conhecimento era limitado:
«Quanto ao Dia e a Hora ninguém sabe, nem os anjos do céu nem o filho, mas somente o Pai.» [S. Marcos 12:32]

Caso fosse mesmo Deus, teria sabido quando será esse derradeiro Dia. Semelhantemente, consta que «Jesus aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu» [Hebreus 5:8]. Podemos imaginar Deus a precisar de aprender algo? Não! Mas Jesus precisava porque não sabia tudo, pois não era Deus.

Deus não pode ser tentado, mas Jesus foi tentado pelo diabo; depois de mostrar "todos os reinos do mundo e a glória deles, Satanás disse:

«Tudo isto te darei, se prostrado, me adorares.»

[S. Mateus 4:8-9]

Satanás estava a tentar induzir Jesus a ser infiel a Deus. Mas que teste de infidelidade seria este se Jesus fosse Deus? Poderia Deus rebelar-se contra Si próprio? Se Jesus fosse Deus não poderia ser tentado:
«Porque Deus não pode ser tentado pelo mal.»

[S. Tiago 1:13]

SOBRE O CRISTO "REDENTOR"

O sagrado Al-Qur'án apresenta Jesus como um profeta, e foi papel de cada profeta guiar as pessoas de modo a alcançarem Deus, mas sem o envolvimento de qualquer forma de redenção.
A doutrina da redenção dá-nos uma imagem da primeira pessoa de Deus como sendo um tirano e sedento de sangue, a fim de demonstrar o amor auto-sacrificial da segunda pessoa. O sacrifício desta última aparece tão deslocado e sem sentido assim como a exigência da primeira pessoa é cruel e sádica.

Uma das crenças básicas do Cristianismo é o "pecado original". Consta na Bíblia e no sagrado Al-Qur'án que quando Deus criou Adão e Eva, colocou-os no Paraíso e tornou-lhes lícito todas as coisas lá existentes, com excepção duma árvore, da qual foram proibidos de se aproximar:
«E tomou o Senhor Deus o Homem e o pôs no jardim de Éden para o lavrar e o guardar. E ordenou o Senhor Deus ao Homem dizendo: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comerás, porque no dia em que comeres, certamente morrerás.»

[Génesis 2:15-17]

E consta no sagrado Al-Qur'án:
«Ó Adão! Habita tu e tua mulher o Paraíso, e comei do que quiserdes, mas não vos aproximeis desta árvore, pois serieis dos injustos.»

[Al-Qur'án 7:19]

E diz sobre a sedução de Satanás a Adão e Eva:

«Então, seduziu-os com enganos, e quando ambos experimentaram da árvore, ficou exposta a parte vergonhosa da sua nudez; e apressaram-se a cobri-la com folhas do Jardim (Paraíso). E seu Senhor os chamou: Não vos proibi aquela árvore e não vos disse que o Satanás era vosso inimigo declarado?
Eles (Adão e Eva) responderam: Senhor nosso! Fomos injustos com nós mesmos (fomos pecadores), se não nos perdoares e não tiveres misericórdia de nós, estaremos entre os perdidos.»

[Al-Qur'án 7:22-23]

Adão e Eva desobedeceram a Deus ao comer da árvore ou do fruto proibido. Por isso, deviam sair do Paraíso e ir para a Terra, donde só voltarão para lá novamente os que praticarem boas acções.
O Cristianismo diz que esse primeiro pecado não está limitado a Adão e Eva, mas estende-se com a reprodução humana para toda a humanidade, geração após geração, e que isso trouxe a destruição para todos, pois Adão e toda sua descendência estariam condenados eternamente, por ele e a mulher terem comido da árvore proibida. Segundo esta crença, toda a pessoa nasce pecadora, porque herdou o tal pecado do seu pai:
«Portanto, da mesma forma como o pecado entrou no mundo por um homem, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os Homens, porque todos pecaram.»

[Romanos 5:12]

Portanto, o homem nasce saturado de pecados e completamente incapaz de ser recto, razão pela qual não pode salvar a si próprio. E para se livrar desse "pecado", a pessoa deve ser "baptizada em Cristo" por um padre, caso contrário se queimará e estará eternamente destinada ao Inferno. Algumas igrejas exigem também a confissão dos pecados perante um padre.
Mas segundo o sagrado Al-Qur'án, Adão e Eva reconheceram o seu erro e foram perdoados. E o assunto ficou encerrado, passando todos a nascer livre de pecados. O pecado praticado por cada um é que fará dele pecador, devendo este pedir perdão somente a Deus, pois Ele é Perdoador.
Para remover a nódoa do pecado nas nossas almas, não é necessário o sofrimento ou morte de qualquer outra pessoa, voluntária ou involuntariamente, mas sim pelo nosso próprio arrependimento sincero. Deus não precisa de sacrifício de pessoas nem de animais [Isaías 43:23-25].

Mesmo supondo que não tivessem sido perdoados, assim como diz o Cristianismo, não faz sentido, quer lógica como racionalmente, que o pecado seja herdado de pai para filho, pois Deus pode castigar uma pessoa por aquilo que fez mas não por aquilo que um familiar seu praticou fez, pois a Bíblia diz:
«A alma que pecar, essa morrerá; o filho não levará a maldade do pai, nem o pai levará a maldade do filho.»

[Ezequiel 18:20]

«Os pais não morrerão pelos filhos, nem os filhos pelos pais; cada qual morrerá pelo seu pecado.»

[Deuteronómio 24:16]

«Cada um será recompensado de acordo com o seu próprio trabalho.»

[I Coríntios 3:8]

E Deus diz no sagrado Al-Qur'án:
«Nenhuma alma carregará o fardo de outra alma, e que a cada um pertence somente o fruto do seu próprio esforço.»

[Al-Qur'án 53:38-40]

Como é que alguém pode ser castigado por uma coisa que não fez? Como é que um bebé pode ser pecador se ainda não fez nada, nem sabe distinguir o bem do mal?
Esta teoria cristã ou doutrina de "pecado original" não é aceite pelos muçulmanos. Nela existem muitas contradições, pois dizem que Deus já castigou a cobra pela sua sedução ao fazê-la rastejar de barriga, castigou a Eva pela gravidez e dor de parto das mulheres, castigou Adão ao expulsá-lo do Paraíso, etc. Se os três já foram castigados, porque é que o pecado ainda se mantém?

A expulsão do Paraíso, onde tinham tudo pronto bastando apenas desejar, não é um castigo suficiente, para ainda terem que ser amaldiçoados? A mulher deve sofrer as dores de parto e o homem deve suar para obter o pão, será que isso não basta?
Será que Adão e Eva nos consultaram antes de comer o fruto proibido? Porque todos temos que ser responsabilizados e ainda devemos pagar por esse "pecado original", e sermos destinados ao Inferno?

Esta é mais uma teoria sem lógica; depois, é o mesmo Deus que vem para Terra, fica nove meses no ventre duma mulher, nasce, cresce e passado 33 anos é crucificado pelos pecados dos outros, castigo esse que Ele próprio estipulou. Será que isso faz algum sentido?
Segundo a Bíblia, o pecador original foi a cobra; então, se o pecado deve ser herdado, que seja nas gerações da cobra e não na dos humanos.

Como Paulo disse:
«Não há perdão sem derramamento de sangue.»
[Hebreus 9:22]

Daí inventaram a crucificação de Jesus, pois dizem que o pecado de Adão só pode ser pago por um sangue puro e perfeito, de alguém sem pecado e incorruptível. Só que esse sangue não poderia ser duma pessoa normal, pois todo ser humano é poluto e de sangue "sujo"; nem poderia ser dalgum animal, pois não participou no pecado de Adão, o que contradiz a Bíblia, pois foi a cobra que instigou Eva a comer da árvore proibida; também não poderia ser sangue de anjo, pois estes não têm sangue e por isso não servem para o sacrifício.
Portanto, o sangue deveria ser de algo divino, puro e que representasse simultaneamente a humanidade, e não há ninguém puro para além de Deus. A questão que surge é: Será que Deus tem sangue? E como é que o sangue pode ser Divino e ao mesmo tempo representar a humanidade?

Esse problema se resolveu com a teoria da incarnação, em que Deus manda o Seu único filho para entrar no corpo da virgem Maria, que permanece no útero dela durante a "gestação" (pois ainda não estava pronto) e depois nasce fisicamente um homem, de carne, osso e sangue, mas ao mesmo tempo é "Deus". Então é derramado o sangue santo e puro de Deus, sofre uma agonia e morre para pagar o castigo pelos pecados do Homem:
«Mas quando chegou a plenitude do tempo, enviou Seu filho, nascido de uma mulher, nascido sob o domínio da lei, para resgatar os que se encontravam sob o domínio da lei.»
[Gálatas 4:4]

«Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro com que fostes resgatados (redimidos) da vossa vã maneira de viver, que por tradição

recebestes dos vossos pais, mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro sem mancha e sem defeito.»

[I S. Pedro 1:18-19]

Como Jesus é Deus infinito para os cristãos, somente ele poderia pagar o preço infinito do pecado, e ninguém pode ser salvo a menos que aceite Jesus como seu “redentor”; portanto, toda a gente está condenada a sofrer eternamente no Inferno devido à sua “natureza pecadora”, a menos que aceite a expiação feita pelos seus pecados por Jesus, através do sangue dele.

O PECADO ORIGINAL

A redenção é uma teoria sob a qual se baseia o Cristianismo. Os cristãos inventaram a crucificação de Jesus e precisaram de um motivo para justificá-la: Disseram que era para a redenção ou salvação.
Só que a seguir surgiu outra questão: Salvação de quê?
Então precisavam dum motivo para responder a essa questão, e criaram mais uma inovação, de modo a justificar a crucificação: A teoria do pecado original.

Será que faz sentido Deus ficar furioso com todos os seres humanos devido a um pecado que estes não cometeram, e a seguir ficar satisfeito com todos eles, duma só vez, depois de um deles ser castigado sacrificando a sua vida? Qual a relação entre o sofrimento e morte de um homem e a redenção dos pecados dos outros? Será que alguma criança pode ser castigada por um crime cometido pelo pai?
As crianças não nascem com pecados mas sim inocentes. Jesus considerava as crianças como criaturas inocentes e puras:
«Deixem vir a mim as crianças e não as impeçam; pois o reino dos céus pertence aos que são semelhantes a elas.»

[S. Mateus 19:14, S. Marcos 10:14-15]

Portanto, todos nascem sem pecado e todas as crianças pertencem ao reino dos céus. Se a desobediência de Adão devia ser expiada ao matar (crucificar) o filho de Deus, contra a vontade do próprio filho, então isso seria realmente um grande desastre, pois seria um pecado ainda maior.

Os ensinamentos de Jesus relacionados à salvação dizem:
«Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo algum entrareis no reino dos céus.»

[S. Mateus 5:20]

A teoria da redenção através da crucificação contradiz os ensinamentos de Jesus:
«Mas eu lhes digo que, no Dia do Juízo, os Homens haverão de dar conta de toda a palavra inútil que tiveram falado.»

[S. Mateus 12:36]

O sagrado Al-Qur'án rejeita a hipótese de que o pecado pode ser herdado, transferido ou expiado por qualquer outra pessoa para além do pecador. Este é o princípio isslâmico e o Antigo Testamento também defende o mesmo. Por exemplo, o profeta Ezequiel estende a seguinte passagem a Deus:
«Se alguém é justo, observa o direito e a justiça, não come nos lugares altos, não levanta os olhos para os ídolos da casa de Israel, não desonra a mulher do seu próximo, não se aproxima da mulher durante o tempo da sua impureza, não oprime ninguém, restitui o que recebeu em fiança, não comete furtos, distribui pão aos famintos, cobre o nu, não empresta com usura e não recebe juros, afasta a mão do mal e julga entre os homens segundo a verdade, se segue as minhas leis e observa os meus preceitos, tal homem é verdadeiramente justo e viverá.
Mas, se ele gera um filho violento e sanguinário e que faz alguma destas coisas que o pai não fazia, se come nos lugares altos, desonra a mulher do próximo, oprime o indigente e o pobre, comete furtos, não restitui a fiança, ergue os olhos para os ídolos, pratica coisas abomináveis, deverá morrer e o seu sangue cairá sobre ele.
Mas, se ele gera um filho que vê todos os pecados que cometeu seu pai, que os vê sem os imitar, que não come nos lugares altos, não ergue os olhos para os ídolos da casa de Israel, não desonra a mulher do próximo, não oprime ninguém, restitui o penhor, não comete furtos, dá o pão ao faminto, cobre o nu, afasta a mão da injustiça, não empresta com usura e não recebe juros, observa as minhas leis e segue os meus preceitos, este não deverá morrer por causa do pecado de seu pai, ele viverá certamente.
Mas se o seu pai cometeu actos de violência, praticou furtos e não fez o bem no meio do seu povo, pela minha vida, este deverá morrer por causa dos seus pecados.

E vós dizeis: Porque não carrega o filho com as faltas de seu pai?
Mas o filho praticou o direito e a justiça, observou todas as minhas leis e seguiu-as; ele deve viver. Aquele que pecou é que morrerá; o filho não carregará com a falta de seu pai, nem o pai com a falta de seu filho: ao justo será imputada a justiça e ao pecador a sua maldade.» [Ezequiel 18:5-20]

O dogma da redenção e a crença na teoria do pecado herdado não são apenas uma negação à misericórdia de Deus, mas também uma objecção à Sua justiça, contradizendo o princípio de castigo/recompensa. Exigir o preço de sangue a fim de perdoar os pecados dos Homens é demonstrar uma completa falta de misericórdia, e punir um Homem que não é culpado pelos pecados dos outros, quer este o queira ou não, é o cúmulo da injustiça.
Porque razão depois de tantos séculos, Deus iria conceber a ideia de ter o Seu "próprio e único filho" e depois permitir que fosse morto de forma horrível, a fim de o sangue dele purificar os Homens dos pecados?
Se Jesus morreu pelos nossos pecados e a salvação só pode ser adquirida através dele, então o que dizer dos Homens que viveram e morreram antes de Jesus ter vindo ao mundo?
Será que isto significa que os profetas, santos, piedosos e pessoas que existiram antes de Jesus (e que não o tinham para a salvação) também estão condenados eternamente?

Deve-se procurar compreender a natureza de Deus. Ele não é apenas Rei ou Juiz mas sim é o Senhor do Dia do Julgamento; não é apenas Justo mas também Misericordioso e Clemente.
Punir alguém pelos pecados passados, mesmo depois de se ter arrependido, é sinal de vingança e não de justiça:
«O Deus que nós adoramos é o Deus de Perdão, Amor e Misericórdia.»
[Al-Qur'án 85:14]

Se Deus prescreveu uma lei e exige que a cumprimos, não é para Seu próprio benefício mas para toda a humanidade. E se Ele castiga alguém pelos pecados, não é para Sua satisfação ou compensação, tal como proclama o dogma cristão, mas para vencer o mal e purificar o pecador. É como a criança que brinca na imundície, contra a ordem dos pais, e à noite quando retorna à casa, a mãe não a deixa entrar no quarto sem antes purificá-la.

Segundo a lei universal, ninguém é responsável pelas culpas alheias; e os Livros Divinos também confirmam isso:
«Nenhuma alma (pecadora) carregará o fardo de outra alma.»
[Al-Qur'án 35:18]

«Naqueles dias nunca mais dirão: Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotaram.
Mas cada um morrerá pela sua iniquidade (pecado); de todo o homem que comer as uvas verdes, os dentes se embotarão.» [Jeremias 31:29-30]

E Deus aceita o arrependimento sincero de quem pecou:
«Mas se o pecador se renunciar de todos os pecados que cometeu, e guardar todas as Minhas leis, e praticar o direito e a justiça, ele deverá viver; não morrerá. Não serão lembradas as faltas que cometeu, viverá por causa da justiça que praticou.»
[Ezequiel 18:21-22]

QUE PECADO LEVOU JESUS A SER CRUCIFICADO?

Adão comeu da árvore proibida e Deus o castigou, encerrando assim o assunto. Porque então o caso foi reactivado decorridos milhares de anos?
Quem comeu da árvore foi Adão e o crucificado vem a ser Jesus? Porque castigar um pelo pecado doutro, cometido passado tanto tempo?
Jesus não cometeu crime algum, nem sequer viu a tal árvore ou provou do seu fruto. Porque razão tinha que passar por isso tudo? Será que tal era condição para que as pessoas pudessem ir ao Paraíso?
Deus tem o poder e capacidade para salvar as pessoas sem ter que fazer Jesus passar por esse processo injusto, horrível e humilhante? Será que Ele necessitava do sangue dum inocente?
Não há qualquer ligação entre o pecado de Adão e a crucificação de Jesus, nem entre esta última e a salvação da humanidade. Porque é que se insiste em dar uma volta tão grande?

Consta na Bíblia que:
«Pela graça sois salvos.»
[Efésios 2:5]

Se é pela graça que as pessoas são salvas, então qual a razão do inocente Jesus ter sido crucificado?
A salvação vem através da graça e obediência a Deus, seguindo os Seus mandamentos:
«(Deus) recompensará cada um segundo as suas obras.»
[Romanos 2:6, S. Mateus 16:27]

«Porque os que ouvem a lei não são justos diante de Deus, mas os que praticam a lei hão de ser justos.»
[Romanos 2:13]

«Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.»
[Romanos 10:13]

Estas afirmações negam a teoria do pecado original bem como a da redenção por crucificação, pois a salvação é dependente das acções de cada um e não da crucificação de outros.
Quem deseja ser salvo, seja neste Mundo como no Além, que se esforce para tal obedecendo as ordens de Deus e não esperar que algum inocente morra por si.

De acordo com a Bíblia, Deus ofereceu o seu único filho para ser crucificado, pois amou mais a humanidade: «Pois, Deus tanto amou o mundo, que deu o seu filho unigénito.» [S. João 3:16]

Se de facto Deus amasse tanto este mundo, teria igualmente amado o "Seu único filho", ou ainda mais. Isso de sacrificar filhos ou qualquer outra criatura humana é cultura dos pagãos e não faz parte da natureza de Deus.
Se Ele realmente amasse o Seu filho, não o teria entregue injustamente e sem piedade para ser crucificado. Será que Deus não tem poder para realizar o que deseja e depende de trocas condicionais, ao estilo de "para ter isto, tenho que oferecer aquilo"?
Porque é que Deus não se mexeu para salvar o "Seu único filho"? É possível alguém com poder deixar o seu filho ser morto e ficar a assistir sem fazer nada?

A teoria da redenção por crucificação encoraja a humanidade a pecar, pois a crucificação de Jesus salvou os pecadores e abriu o caminho deles para o

Paraíso. É como ir a um restaurante e comer o que desejar, sabendo que a factura já está paga de antemão.
Portanto, quer queiramos como não, sejamos bons ou maus, temos o Paraíso garantido devido ao "sangue" que Jesus derramou por todos nós. Já não é necessário fazer mais nada, bastando apenas acreditar na crucificação e ir pecando quando desejar, pois já fomos salvos há muito.
Esta teoria faz com que o Dia de Julgamento, citado em vários livros Divinos, seja uma perca de tempo.

Para além disso, a Igreja não esclarece quem foi salvo pela crucificação de Jesus; é comum repetir-se que foi para a expiação dos pecados da humanidade, sendo suficiente ter uma noção disso. Só que Paulo clarifica um pouco mais:
«Pela remissão dos pecados anteriormente cometidos.»

[Romanos 3:25]

Se segundo Paulo, Jesus limpou os pecados cometidos antes da sua crucificação, então significa que a salvação se aplica apenas às pessoas que viveram antes de Jesus, e não aos milhares de cristãos que nasceram e viveram depois do seu tempo. Mas mais tarde, ele sozinho muda a sua opinião e torna a sua frase mais abrangente, dizendo:
«Cristo morreu pelos nossos pecados.»

[I Coríntios 15:3]

O versículo anterior envolvia apenas os pecados do passado, mas este último já engloba os pecados dos outros sem restrição temporal. A dúvida persiste, pois será que só os pecadores do passado estão salvos ou os do futuro também? E como uma simples mudança na opinião pessoal de Paulo possa afectar o destino de milhões de crentes?

Consta no Novo Testamento:
«Quem cometer injustiça receberá de volta injustiça.»

[Colossenses 3:25]

Isto também é equivalente ao princípio de que "cada um colherá o que semeou". Se o que praticou o mal será castigado, então porque razão Jesus foi crucificado, sem ter semeado qualquer mal?

E Paulo diz ainda:
«Em quem temos a relação pelo seu sangue, a saber o perdão dos pecados.»
[Colossenses 1:14]

Como se pode constatar de acordo com a ideologia cristã, Jesus foi crucificado e não assassinado. E segundo S. Mateus, S. Marcos e S. Lucas, nenhum sangue escorreu.
Se isso é condição essencial para a redenção, já que Paulo disse: «Não há perdão sem derramamento de sangue», então a mesma não teve lugar pois nenhum sangue chegou de escorrer, segundo os três Evangelhos principais. É por essa razão que na Nova Versão Internacional da Bíblia e na versão da Difusora Bíblica, as palavras "pelo seu sangue" já foram retiradas.
Além disso, o perdão pelo sangue de Jesus contradiz o princípio de que "cada um colherá o que semeou", adoptado pelo próprio Paulo.

Pode-se ainda notar que a salvação por crucificação não foi mencionada no Antigo Testamento e nem por algum outro profeta, quer antes como depois de Jesus. Isso é mais uma das inovações sem fundamento iniciada por Paulo, que muitas vezes se contradiz nesse assunto.
Esta teoria fabricada não convence às mentes sãs. Como é que se pode conciliar a divindade de Jesus e a sua própria crucificação? Como é que Deus pode ser crucificado?
Se Jesus morreu pelos pecados das pessoas, então quem morreu pelos pecados daqueles que viveram antes do seu tempo, pois sabe-se que ele foi "crucificado" há pouco mais de dois mil anos, mas neste nosso mundo vivem pessoas há muito mais tempo!

SERÁ QUE JESUS FOI MESMO CRUCIFICADO?

Jesus não se casou nem tinha uma casa própria para viver. Ele andava de cidade em cidade, de vila em vila, a transmitir a mensagem Divina, e pernoitava onde calhasse.
A criatura de Deus encontrava sossego e tranquilidade física e espiritual na Sua companhia, razão pela qual por onde passava atraía muita gente, que se concentrava à sua volta, o amava e estava pronta para dar a vida por ele.

Os judeus odiavam e detestavam a missão de Jesus. Sentindo-se ameaçados por ele, começaram a olhá-lo com inveja, passando a constituir perigo para ele.
E quando os seus corações maldosos não conseguiram suportar tanto ódio, os seus líderes, os fariseus, os sumo-sacerdotes, começaram a conspirar contra ele e decidiram que para ter êxito seria necessário instigar o rei de então contra Jesus, dizendo que este homem não só representava perigo para eles como também para o governo. Caso não se tratasse da sua eliminação, não só acabaria com a religião deles como também poderia depor o governo, pois através das suas obras, atraía o povo todo para o seu lado, e estava a tentar colocar-se como rei dos israelitas.
Jesus não só desviou as pessoas das coisas mundanas como também fez alterações na religião, pelo que os seus detractores achavam que era necessário eliminá-lo o mais cedo possível, antes que ele chegasse muito longe.

Depois de ouvir tudo isso, o governador Pilatos ordenou que Jesus fosse preso e trazido para o palácio real como criminoso. Quando os tais líderes, fariseus e sumo-sacerdotes conseguiram convencer o rei, ficaram muito satisfeitos com a ordem que o rei emitiu e se parabenizaram uns aos outros ao saber que tiveram êxito nos seus planos.
Consta na Bíblia:
«Então, os chefes dos sacerdotes e os fariseus convocaram o conselho (reunião) e diziam: Que havemos nós de fazer, dado que este homem realiza muitos sinais miraculosos?
Se o deixarmos assim, todos crerão nele, e então virão os romanos e destruirão o nosso lugar santo e a nossa nação. Então um deles, de nome Caifaz, que naquele ano era o sumo-sacerdote, tomou a palavra e disse: Vós não entendeis nada! Não percebeis que vos é melhor que morra um pelo povo e que não pereça a nação inteira.»

[S. João 11:47-51]

Nos capítulos 3 e 37, o sagrado Al-Qur'án narra a conversa havida entre Jesus e seus Apóstolos. Quando Jesus se tornou consciente da descrença e conspiração por parte dos seus detractores, reuniu os Apóstolos para lhes mostrar as actividades maldosas dos chefes sacerdotes dos israelitas e, na base disso, perguntou-lhes: Quem são os meus aliados pela causa de Deus?
E os Apóstolos responderam prontamente, com todo o fervor e alegria:

«Nós somos os aliados de Deus, cremos n'Ele e testemunha tu que somos submissos (muçulmanos) a Ele. Senhor nosso! Cremos no que revelaste e seguimos o mensageiro; portanto, inscreve-nos entre as testemunhas.»

[Al-Qur'án 3:52-53]

Até aqui há uma convergência básica entre o sagrado Al-Qur'án e a Bíblia em relação aos episódios relacionados a Jesus e a oposição dos judeus contra a sua missão e chamamento. Contudo, depois disso ambas as escrituras divergem completamente na narração do que se passou; a contradição é tão grande que não é possível criar-se qualquer aproximação.

Porém, ao chegar este ponto, os judeus e cristãos se unem e demonstram a mesma crença (posição) na apresentação das passagens. A única diferença é que os judeus consideram essa passagem como sua obra e um motivo de orgulho, enquanto que os cristãos julgam tratar-se de um crime e acto maldoso por parte dos judeus.

Segundo a Bíblia, os sumo-sacerdotes e os líderes judeus receberam a informação de que nesse momento Jesus estava reunido com os Apóstolos numa certa casa. Então, acharam que esse era um momento oportuno que não devia ser desperdiçado; imediatamente chegaram ao local, cercaram a casa e prenderam Jesus.

De forma humilhante, levaram-no perante o governador Pilatos para ser crucificado. Embora este achasse que Jesus era inocente e quisesse libertá-lo, mas devido à pressão e insistência dos judeus, teve que entregá-lo aos soldados.

Segundo a Bíblia, os soldados fizeram uma coroa de espinhos e a colocaram na cabeça de Jesus, cuspiram nele, bateram-lhe na cabeça, açoitaram, zombaram, humilharam de todas as formas e a seguir o crucificaram.

Consta na Bíblia:

«Então o sumo-sacerdote rasgou as suas vestes, dizendo: Blasfemou; para que precisamos ainda de testemunhas? Eis que bem ouvistes agora a sua blasfémia. Que vos parece?

E eles, respondendo, disseram: É réu de morte.

Então cuspiram-lhe no rosto e lhe davam punhadas, e outros o esbofeteavam.»

[S. Mateus 26:65-67]

«E, chegando a manhã, todos os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo, formavam juntamente conselho contra Jesus, para o matarem; e maniatando-o, o levaram e entregaram ao presidente Pôncio Pilatos.»

[S. Mateus 27:1-2]

«Ora, por ocasião da festa, costumava o presidente soltar um preso, escolhendo o povo aquele que quisesse. E tinham então um preso bem conhecido, chamado Barrabás. Portanto, estando eles reunidos, disse-lhes Pilatos: Qual quereis que vos solte? Barrabás, ou Jesus, chamado Cristo?
Porque sabia que por inveja o haviam entregado.»

[S. Mateus 27:15-18]

«E eles disseram: Barrabás.
Disse-lhes Pilatos: Que farei então de Jesus, chamado Cristo?
Disseram-lhe todos: Seja crucificado.
O presidente, porém, disse: Mas que mal fez ele?
E eles mais clamavam, dizendo: Seja crucificado.
Então Pilatos, vendo que nada aproveitava, antes o tumulto crescia, tomando água, lavou as mãos diante da multidão, dizendo: Estou inocente do sangue deste justo. Considerai isso.
E, respondendo todo o povo, disse: O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos.
Então soltou-lhes Barrabás e, tendo mandado açoitar a Jesus, entregou-o para ser crucificado.
E logo os soldados do presidente, conduzindo Jesus à audiência, reuniram junto dele toda a corte. E, despindo-o, o cobriram com uma capa de escarlate; e, tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça, e em sua mão direita uma cana; e, ajoelhando diante dele, o escarneciam, dizendo: Salve, Rei dos judeus.
E, cuspindo nele, tiraram-lhe a cana, e batiam-lhe com ela na cabeça. E, depois de o haverem escarnecido, tiraram-lhe a capa, vestiram-lhe as suas vestes e o levaram para ser crucificado.»

[S. Mateus 27:21-31]

«E os que passavam blasfemavam dele, meneando as cabeças, e dizendo: Tu, que destróis o templo, e em três dias o reedificas, salva-te a ti mesmo. Se és Filho de Deus, desce da cruz.

E da mesma maneira também os príncipes dos sacerdotes, com os escribas, e anciãos, e fariseus, escarnecendo, diziam: Salvou os outros, e a si mesmo não pode salvar-se. Se é o Rei de Israel, desça agora da cruz, e crê-lo-emos.
Confiou em Deus; livre-o agora, se o ama; porque disse: Sou Filho de Deus.»
[S. Mateus 27:39-43]

«E perto da hora nona exclamou Jesus em alta voz, dizendo: Eli! Eli! Lamá Sabactáni?; isto é, Deus meu! Deus meu! Por que me desamparaste?
E alguns dos que ali estavam, ouvindo isto, diziam: Este chama por Elias.
E logo um deles, correndo, tomou uma esponja e embebeu-a em vinagre e, pondo-a numa cana, dava-lhe de beber. Os outros, porém, diziam: Deixa, vejamos se Elias vem livrá-lo.
E Jesus, clamando outra vez com grande voz, rendeu o espírito.»
[S. Mateus 27:46-50]

Com alguma diferenças nos pormenores, a mesma passagem encontra-se igualmente descrita nos outros três Evangelhos.
O efeito natural que se sente ao ler esta narração, unânime nos quatro Evangelhos, mas engendrada, é de que a morte de Jesus ocorreu num estado muito doloroso e de desamparo. Embora este tipo de sofrimento não seja estranho para os servos piedosos e santos de Deus, para os que são próximos a Ele, testes duros desta natureza são uma manifestação comum.
Contudo, uma parte da passagem indica claramente de que se trata duma invenção, pois nota-se da mesma que Jesus, sendo um grande profeta e homem justo, não aceitou todo aquele sofrimento com paciência como sendo a vontade de Deus, mas queixou-se perante Deus como alguém muito desesperado.
Certamente que o crucificado ficou a gritar e pedir socorro a fim de ser salvo. Isso não foi apenas um simples grito mas sim um grito de aflição, pois o crucificado estava desesperado da salvação e sentiu que Deus o havia abandonado, deixando-o às mãos de criminosos num momento difícil como aquele.

O crucificado grita dizendo: «Eli, Eli! Lamá sabactáni?; isto é, Deus meu, Deus meu! Porque me desamparaste?». De certeza que este grito não veio da parte de Jesus, pois ele jamais perderia esperança na misericórdia de Deus e, como profeta que era, aceitaria indiscutivelmente tudo que viesse da parte de Deus e que isso não significava que Ele o havia abandonado.

Portanto, deve-se rejeitar a hipótese de que a confiança de Jesus em Deus tenha enfraquecido em algum instante da sua vida, mesmo nos momentos mais difíceis, pois Jesus não é mais fraco do que os mártires, que em diferentes épocas receberam a morte com toda a coragem e dignidade, sem enfraquecer, gritar ou desanimar por aquilo que lhes ocorreu pela causa de Deus. Esse grito e desespero do crucificado é mais uma prova de entre várias que confirmam de que o crucificado não foi Jesus e que este não é Deus.

Além disso, uma outra parte da passagem também é estranha, segundo a qual antes desse evento, Jesus se prostrou (fez Sajdah) e orou três vezes dizendo: «Meu Pai! Se for possível, afasta de mim este cálice (a morte).»

[S. Mateus 26:39]

Mas quando o seu pedido não foi aceite, então em desespero teve que dizer: «Meu Pai! Se não for possível afastar de mim este cálice (a morte) sem que eu o beba, faça-se a Sua vontade.»

[S. Mateus 26:40]

É de estranhar que se segundo a crença da "expiação", esse acontecimento já tinha sido combinado e concertado entre Deus e "Seu filho", então o que significa este pedido e oração de Jesus?
Se é que isso foi na base do instinto e natureza humanos, então depois de se conhecer a vontade de Deus e o ter aceite, qual o motivo de entregar a sua vida impaciente e desesperadamente?

Isto tudo indica que Jesus não deu a sua vida de forma livre. Estas passagens inventadas pelos judeus foram aceites pelos cristãos, sendo por isso que aqueles ficaram muito satisfeitos e orgulhosos, dizendo: Se Cristo fosse o Messias prometido, então Deus não o teria entregue a nós nesse estado de desespero, ao ponto de ele lamentar e chorar no momento da sua morte, pedindo socorro, que não foi aceite por Deus e nem foi socorrido.

A realidade é que quando os cristãos não tiveram respostas para isto e, depois de aceitarem os pormenores desta passagem, não restou nenhum valor à crença na "expiação".
E depois dos pormenores, acrescentaram ainda mais alguns pontos:

«Mas, vindo a Jesus, e vendo-o já morto, não lhe quebraram as pernas. Contudo, um dos soldados lhe furou o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água.»
[S. João 19:33-34]

«Depois disto, José de Arimateia rogou a Pilatos que lhe permitisse tirar o corpo de Jesus; e Pilatos lho permitiu. Então foi e tirou o corpo de Jesus; e foi também Nicodemos, levando quase cem arráteis de um composto de mirra e aloés. Tomaram, pois, o corpo de Jesus e o envolveram em lençóis com as especiarias, como os judeus costumam fazer, na preparação para o sepulcro.
E havia um jardim naquele lugar onde fora crucificado, e no jardim um sepulcro novo, em que ainda ninguém havia sido posto. Ali, pois (por causa da preparação dos judeus, e por estar perto aquele sepulcro), puseram a Jesus.»
[S. João 19:38-42]

«E no primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, sendo ainda escuro, e viu a pedra tirada do sepulcro. Correu, pois, e foi a Simão Pedro, e ao outro discípulo a quem Jesus amava, e disse-lhes: Levaram o Senhor do sepulcro, e não sabemos onde o puseram.»
[S. João 20:1-2]

«E Maria estava chorando fora, junto ao sepulcro. Estando ela, pois, chorando, abaixou-se para o sepulcro; e viu dois anjos vestidos de branco, assentados onde jazera o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés, e disseram-lhe eles: Mulher, por que choras?
Ela lhes disse: Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram.
E, tendo dito isto, voltou-se para trás, e viu Jesus em pé, mas não sabia que era Jesus. Disse-lhe Jesus: Mulher, por que choras? Quem buscas? Ela, cuidando que era o jardineiro, disse-lhe: Senhor, se tu o levaste, diga-me onde o puseste, e eu o levarei.
Disse-lhe Jesus: Maria!
Ela, voltando-se, disse-lhe: Raboni (que quer dizer, Mestre).
Disse-lhe Jesus: Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai, mas vai para meus irmãos, e diga-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus.
Maria Madalena foi e anunciou aos discípulos que vira o Senhor, e que ele lhe dissera isto.

Chegada pois, a tarde daquele dia, o primeiro da semana, e cerradas as portas onde os discípulos, com medo dos judeus, se tinham ajuntado, chegou Jesus e pós-se no meio, e disse-lhes: Paz seja convosco (Assalámu Alaikum).
E dizendo isto, mostrou-lhes as suas mãos e o lado. De sorte que os discípulos se alegraram, vendo o Senhor. Disse-lhes pois, Jesus outra vez: Paz seja convosco; assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós.
E havendo dito isto, assoprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo.
[S. João 20:11-22]

Depois de ponderar nestes versículos, qualquer pessoa chega facilmente à conclusão de que os mesmos não têm qualquer ligação com os primeiros. Aliás, é difícil concluir que todos esses pormenores estejam relacionados a uma única personalidade, pois a primeira parte fala de alguém que está completamente impotente, desesperada, incapaz e queixosa, lamentando perante Deus. Já a segunda parte fala duma pessoa próxima a Deus, que possui qualidades divinas e que está tranquila e satisfeita com os eventos que estão por acontecer; está até ansiosa em vê-los acontecer, pois julga-os parte importante da sua missão.

SEM CRUCIFICAÇÃO NÃO HÁ CRISTIANISMO!

Os muçulmanos não crêem na crucificação de Jesus e se baseiam no sagrado Al-Qur'án, segundo o qual Jesus não foi morto nem crucificado para a expiação dos pecados. Mesmo meditando profundamente nos versículos da Bíblia, pode-se chegar à conclusão de que Jesus não foi crucificado.
O professor Jurgen Moltmann declara no seu livro "The Crucified God": «A morte de Jesus na cruz é a base de toda a teologia cristã [...] Todas as afirmações cristãs acerca de Deus, da criação, do pecado e da morte têm o seu ponto focal no Cristo crucificado [...] Todas as afirmações cristãs acerca da fé, da santificação, do futuro e da esperança derivam do Cristo crucificado». Ou seja, se não há crucificação então não há Cristianismo.
E Paulo ainda disse:
«Se não há ressurreição de mortos, também Cristo não ressuscitou; e se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação e também é vã a nossa fé.»
[I Coríntios 15:13-14]

Segundo o Cristianismo, quem recusar a crucificação de Jesus é considerado descrente. Para os cristãos, a salvação vem somente através do sangue de Jesus e não das acções das pessoas. Então a oração, a caridade, a bondade com os demais e outros actos virtuosos não têm qualquer valor ou incentivo.
Dizem que o Homem nasceu com uma mancha (de pecado) hereditária (que pessoalmente não tem responsabilidade alguma da mesma), a qual tinha que ser expiada, e que o Criador de tudo e de todos teria que sacrificar o Seu único filho para neutralizar essa misteriosa maldição. Dizem ainda que pela misericórdia que Deus teve com as pessoas, consentiu derramar o sangue do Seu único filho na madeira.

A questão que se coloca é: Porque Deus não teve misericórdia sobre a humanidade ao perdoar Adão, o pai dela, e assim não teria que percorrer este longo processo?
Será que perdoar o pecado logo de início não seria mais fácil do que incriminar inocentes, só porque estes são filhos de Adão?
O exemplo disso é o mesmo que um escravo que cometeu um erro contra o seu patrão, e este permanece zangado com o transgressor e tem intenção de castigá-lo bem como a outros escravos que nada tiveram haver com a falha do primeiro. Depois nasce um filho do patrão e este pega nele e mata-o por causa do pecado que o tal escravo tinha cometido, perdoando assim a todos os seus servos.
E ainda não estando satisfeito, bate, censura e humilha a si próprio por causa do erro que o seu antigo escravo havia cometido, embora tivesse a capacidade de perdoá-lo logo no início e não ter de fazer tudo isso contra o seu filho e contra si próprio. O que é que este senhor ganharia procedendo dessa forma?
E se nesta nossa era alguém decidir seguir este exemplo "divino", em que bastando um empregado qualquer cometer um erro grave, o patrão põe-se a matar um filho seu? Obviamente que seria preso!
Mas porquê, se Deus procedeu assim, segundo os cristãos? Será que Deus merecia ser preso?
Então, Deus só perdoou Adão depois de Jesus ter sido crucificado, o que implica também que os profetas Noé, Abraão, Moisés e outros eram todos culpados devido ao pecado de Adão, até que Jesus foi crucificado e só então é que todos eles foram perdoados. Será que isto faz sentido e serve para ser crença duma religião que se diz ser monoteísta?

Para provar que Jesus foi crucificado, os cristãos apresentam os Evangelhos atribuídos a Mateus, Marcos, Lucas e João, razão pela qual dizem Evangelho "segundo" S. Mateus, "segundo" S. Marcos, etc.
Quando se pergunta aos teólogos cristãos a razão da palavra "segundo" quando se pretende citar um dos quatro evangelhos, a implicação óbvia é de que os mesmos não são autografados, apenas se presume que são da autoria dos nomes dos Evangelhos que hoje ostentam. Contudo, os tradutores da Nova Versão Internacional da Bíblia tiraram sem cerimónias a palavra "segundo" dos quatro Evangelhos.

Por outro lado, o testemunho dos Evangelhos não serve para comprovar a crucificação, pois Marcos e Mateus afirmam que nesse momento mais crítico da vida de Jesus, «todos os discípulos, deixando-o, fugiram» [S. Marcos 14:50, S. Mateus 26:56].
Em qualquer idioma, a palavra "todos" significa "sem excepção". Então, se os discípulos não estavam presentes, como poderiam relatar sobre algo que não testemunharam?
Se os discípulos de Jesus não presenciaram o seu julgamento ou a dita crucificação, então aquilo que Mateus e João escreveram sobre isso nos seus Evangelhos não reflecte uma observação de primeira mão, razão pela qual tal não é uma informação fiável. Quanto a Lucas e Marcos, nem sequer eram discípulos de Jesus, portanto, a sua informação era de segunda ou terceira mão.

Mateus foi um dos discípulos de Jesus, mas compilou o seu Evangelho quase trinta anos depois do desaparecimento de Jesus; escreveu em aramaico, cujo original se perdeu para sempre, o que torna impossível certificar se a tradução existente hoje é autêntica. S. Marcos nunca viu Jesus, pois ele foi discípulo de Pedro, este último que foi discípulo de Jesus; portanto, Marcos foi discípulo de discípulo. Lucas foi um discípulo de Paulo, este que nunca foi discípulo de Jesus.
João, cujo nome foi dado ao quarto Evangelho, não é o seu verdadeiro escritor; foi atribuído a João para dar algum peso e importância. Na realidade, não é de João, pois só leva o nome como "capa"; portanto, o tradutor do quarto Evangelho é desconhecido, tendo os originais desaparecido. Para mais detalhes e esclarecimentos sobre os Evangelhos e seus respectivos autores, vide "História do Al-Qur'án, do Hadice e da Bíblia", da autoria do Sheikh Aminuddin Muhammad.

PAPA CONTRADIZ A BÍBLIA

O relato bíblico tradicional sobre a crucificação de Jesus é de que ele foi preso e crucificado por ordem e plano do rabino-chefe e dos anciãos judeus [S. João 19]. Pedro disse:
«Homens israelitas, escutai estas palavras: A Jesus de Nazaré, homem aprovado por Deus entre vós com maravilhas, prodígios e sinais, que Deus por ele fez no meio de vós, como vós mesmos bem sabeis. A este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, prendestes, crucificastes e matastes pelas mãos de injustos.»

[Actos 2:22-23]

Entretanto, em 1965 este relato foi repudiado pelo Papa de então, a autoridade católica mais elevada; ele emitiu uma declaração segundo a qual os judeus nada tiveram haver com a crucificação de Jesus. Recentemente, também o Papa Bento XVI veio confirmar isso num livro seu.
O Cristianismo se baseia na crença da crucificação e redenção. Mas segundo o Vaticano, se não foram os judeus que o prenderam, julgaram e o crucificaram, então quem matou Jesus?
Será que depois disso continuam ainda cristãos ou desmentem a Bíblia, que diz que foram os judeus que prenderam e crucificaram Jesus por ódio e inveja?
Isso foi um decreto político e vai de acordo com o que os muçulmanos têm dito: Desde os tempos que a Igreja vem introduzindo inovações no Cristianismo, sendo influenciada por muitos factores que fizeram com que o seu ponto de vista não só variasse, como também contradissesse as formas primitivas de Cristianismo.

ENTRADA EM JERUSALÉM

Segundo a Bíblia, Jesus fez a sua entrada real "triunfante" em Jerusalém, encabeçando os seguidores entusiasmados com a esperança de estabelecer o "reino de Deus":
«Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém; eis que o teu rei virá a ti, justo e salvo, pobre, e montado sobre um jumento, e sobre um jumentinho, filho de jumenta.»

[Zacarias 9:9]

«Dizei à filha de Sião: Eis que o teu Rei aí te vem, manso e assentado sobre uma jumenta [...] E muitíssima gente estendia as suas vestes pelo caminho, e outros cortavam ramos de árvores, e os espalhavam pelo caminho. E a multidão que ia adiante e a que seguia, clamava dizendo: Hossana ao filho de David; bendito o que vem em nome do Senhor. Hossana nas alturas!»

[S. Mateus 21:5-9]

Lucas clarifica ainda mais:
«Porque o filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido. E ouvindo eles estas coisas, ele prosseguiu e contou uma parábola; porquanto estava perto de Jerusalém, e cuidavam que logo se havia de manifestar o reino de Deus.»

[S. Lucas 19:10-11]

«E quanto àqueles meus inimigos que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trazei-os aqui e matai-os diante de mim.»

[S. Lucas 19:27]

Deste versículo surgem algumas questões:

- Porque é que Jesus ordenou que se matassem os descrentes, se ele veio para salvá-los através da crucificação?
- Será que Jesus veio salvar apenas os crentes? Estes não precisavam da crucificação para serem salvos, pois a sua crença já lhes era suficiente. Será que ele veio para salvar os que não precisam da sua salvação?
- Se a crucificação deve funcionar, então que se salve os que não têm outra alternativa senão essa, pois Jesus disse: «Nem todos que me chamam senhor, senhor, entrarão no reino do céu, mas aquele que faz a vontade do meu Pai». Aqui, Jesus estipula a obediência a Deus como condição para entrar no Paraíso, portanto o crente terá sucesso através das suas boas acções e não devido à crucificação de Jesus.
- O versículo declara abertamente o repúdio à liberdade religiosa, mas quem é acusado de intolerância religiosa são os muçulmanos, enquanto o seu Livro sagrado advoga o contrário [Al-Qur'án 2:256]!

João acrescenta que o povo gritou dizendo:
«Disseram pois, os fariseus entre si: Vedes que nada aproveitais? Eis que toda a gente vai após ele.» [S. João 12:19]

«Agora é o juízo deste mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo.»
[S. João 12:31]

Ninguém resistia a esta grande pompa e glória. Por isso, caindo na tentação física, Jesus fez um chicote de cordas a expulsou a todos do templo, bem como às ovelhas e bois; espalhou as moedas dos cambistas e virou as suas mesas [S. João 2:15]. Estava iminente o derrube da autoridade do templo e o vaticínio à expulsão dos romanos, proclamando o "reino de Deus".
Contudo, essas grandes esperanças não se realizaram, apesar das claques feitas pelos discípulos e hossanas ao "filho de David" e "rei de Israel".

Jesus não deu ouvidos a alguns dos fariseus de entre a multidão, que lhe disseram: «Mestre, repreende os teus discípulos e mande-os calar» [S. Lucas 19:39]. O seu povo não estava pronto para sacrificar pela sua causa, apesar de todo esse clamor infantil; por isso, Jesus teve que enfrentar as consequências.
Os líderes judeus julgaram que ele quase trazia a destruição para a nação, por isso acharam melhor que morresse um homem pelo povo [S. João 11:50]. Mas com toda aquela multidão à volta de Jesus, não era conveniente capturá-lo em público; esperaram pela oportunidade de prendê-lo clandestinamente.
E conseguiram uma oportunidade assim desejada através da traição de um dos discípulos de Jesus, chamado Judas Iscariotes, que o denunciou em troca de ganância.

JESUS PREPARA SEUS DISCÍPULOS

Segundo os cristãos, a Sexta-feira Santa é o dia em que Jesus foi morto, e ressuscitou no Domingo. Para contar as passagens destes dias, comecemos na Quinta-feira, um dia antes.
Jesus não podia ficar impávido e sereno para ser preso clandestinamente. Depois do jantar, a conhecida "Última Ceia", quando nessa noite pressentiu a proximidade da conspiração para a sua captura, discretamente preparou os seus discípulos para se defenderem:
«E disse-lhes: Quando vos mandei sem bolsa, alforge ou alparcas, faltou-vos porventura alguma coisa?
Eles responderam: Nada.

Disse-lhes pois: Mas agora, aquele que tiver bolsa, tome-a, como também o alforge; e, o que não tem espada, venda a sua capa e compre-a.»

[S. Lucas 22:35-36]

Porque razão Jesus aconselhou aos discípulos a se equiparem com alforges e espadas? Se era para resistir à sua prisão, então isso prova que a captura e crucificação foram contra a sua vontade, o que implica que toda a teoria de salvação através da crucificação é falsa.
Jesus aconselhou-os ainda:
«Envio-vos como ovelhas para o meio dos lobos; sede pois, prudentes como as serpentes, e simples como as pombas.»

[S. Mateus 10:16]

E os discípulos disseram:
«Senhor, eis aqui duas espadas. E ele lhes disse: Basta.»

[S. Lucas 22:38]

Como apenas duas espadas seriam suficientes? Porque os inimigos de Jesus eram os sacerdotes, contando que estes, juntamente com alguns ajudantes, viriam capturá-lo. Jesus não tinha problemas com os romanos e sabia que os seus discípulos o defenderiam com êxito contra um grupo de sacerdotes mal armados; portanto, duas espadas e pedras eram suficientes para isso.

Se alguém refuta que Jesus queria que os seus discípulos o defendessem, então que explique porque razão queria ele que se armassem. E consta ainda:
«E eis que um dos que estavam com Jesus, estendendo a mão, puxou da espada e, ferindo o servo do sumo sacerdote, cortou-lhe uma orelha.»

[S. Mateus 26:51]

Jesus foi com os seus onze discípulos (sem Judas, o traidor) para um lugar chamado Getsêmani, e disse a oito deles:
«Assentai-vos aqui, enquanto vou além orar.
E, levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se muito. Então lhes disse: A minha alma está cheia de tristeza até a morte; ficai aqui, e velai comigo.»

[S. Mateus 26:36-38]

Porque razão Jesus ordenou que oito dos seus discípulos ficassem no portão? Não será que era para defenderem a entrada e impedir o acesso ao inimigo? E porquê levou ainda outros três consigo? Não será que era para “velarem” por ele, tal como consta no versículo, e enfrentarem algum inimigo caso este conseguisse transpor o portão?

E indo um pouco mais adiante, Jesus se prostrou sobre o seu rosto, ou seja, fez Sajdah, assim como ainda fazem os muçulmanos, e orou dizendo:
«Meu Pai! Se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como Tu queres.»

[S. Mateus 26:39]

«E, posto em agonia, orava mais intensamente; e o seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue, que corriam até ao chão.»

[S. Lucas 22:44]

Se a missão de Jesus fosse para morrer a fim de redimir os pecados das pessoas, não teria pedido a Deus para lhe salvar (dos inimigos). Porque razão então estava ele tão assustado?
Se essa passagem ocorreu de noite, quem poderia ver o suor sob forma de sangue? Só três dos seus discípulos estavam com ele quando orava, e também estes estavam a dormir, tendo sido acordados por Jesus.
Porquê toda essa agonia e lamentação? Será que Jesus chorava porque queria salvar a sua vida? Ou mudou da ideia para ser voluntariamente crucificado?

De facto, ele pediu a Deus para lhe salvar e Deus escutou a sua prece, salvando-o dos seus inimigos e não permitindo que fosse crucificado. Mas os cristãos dão a entender que Deus não aceitou a oração de Jesus e este ficou desesperado, parou de orar e encontrava os seus discípulos a dormir:
«Então nem uma hora pudeste velar comigo?»

[S. Mateus 26:40]

«E foi outra vez e orou, dizendo as mesmas palavras. E voltando, achou-os outra vez dormindo, porque os seus olhos estavam pesados, e não sabiam o que responder-lhe.»

[S. Marcos 14:39-40]

Jesus estava em tamanha aflição e os seus discípulos encontravam-se a dormir; que mensagem a Bíblia pretende transmitir sobre a qualidade destes discípulos? Certamente que não eram tão desleixados e desinteressados assim como quer parecer. E consta ainda no S. Lucas 22:45 que: «Depois de orar, levantou-se e foi ter com os discípulos, encontrando-os a dormir devido à tristeza». Será que a tristeza é um factor que leva a pessoa ao sono? Ou será que é o inverso?

A CAPTURA

Depois desses episódios, Jesus foi preso:
«Tendo Jesus dito isto, saiu com os seus discípulos para além do ribeiro de Cedrom, onde havia um jardim, no qual ele entrou e seus discípulos. E Judas, que o traía, também conhecia aquele lugar, porque Jesus muitas vezes se ajuntava ali com os seus discípulos. Tendo pois, Judas recebido a corte e oficiais dos principais sacerdotes e fariseus, veio para ali com lanternas, archotes e armas.»

[S. João 18:1-3]

O Cristianismo defende que Jesus foi predestinado a morrer pelos pecados da humanidade e que estava sendo "preparado para este sacrifício por substituição antes da criação do Mundo"; mesmo antes do aparecimento do Universo material, havia um "contrato" entre Pai e Filho para a crucificação deste. O próprio Deus, na forma de Jesus e como segundo elemento da Trindade enigmática, já estava destinado a ser crucificado para redimir a humanidade do "pecado original" e dos seus pecados actuais.
Contudo, depois de reflectir sobre os versículos citados, quer parecer que Jesus não tinha qualquer conhecimento ou noção desse contrato; se a expiação por substituição já era plano de Deus para redimir a humanidade, então parece que a escolha não foi acertada, pois o candidato a esse sacrifício não estava preparado para isso.

Vendo os discípulos a dormir, Jesus disse-lhes:
«Dormi agora e repousai? Eis que é chegada a hora, e o filho do Homem será entregue nas mãos dos pecadores! Levantai-vos, partamos; eis que é chegado o que me trai.

E estando ele ainda a falar, eis que chegou Judas, um dos doze, e com ele grande multidão com espadas e varapaus, enviada pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos do povo [...] Então, aproximando-se eles, lançaram mão de Jesus, e o prenderam.»

[S. Mateus 26:45-50]

Vendo o que ia suceder, os discípulos de Jesus lhe perguntaram:
«Senhor, feriremos à espada?»

[S. Lucas 22:49]

Mas antes mesmo dele poder responder:
«Eis que um dos que estavam com Jesus, estendendo a mão, puxou da espada e, ferindo o servo do sumo sacerdote, cortou-lhe uma orelha. Então, Jesus disse-lhe: Embainha a tua espada; porque todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão.»

[S. Mateus 26:51-52]

Jesus aconselhou aos seus discípulos a recuarem, pois viu que as coisas estavam malparadas e contrárias à estratégia que ele havia imaginado. Será que quando ele os ordenou a venderem as suas capas para comprar espadas, não conhecia a verdade acerca da afirmação segundo a qual os que se servem da espada morrerão à espada? Certamente que sabia; mas então porquê essa contradição?

Na realidade não há contradição alguma; simplesmente quando a situação muda, a estratégia também se altera. Quando Jesus disse para comprarem espadas, esperava enfrentar apenas um grupo de sacerdotes juntamente com alguns apoiantes seus, e não contava que iria aparecer uma grande multidão para capturá-lo. Por isso, depois de ver que teria que defrontar soldados romanos bem equipados e treinados, seria suicídio para os seus sonolentos combatentes tentarem resistir.

Esse foi um mérito de Jesus mas os argumentadores cristãos não falam disso, na tentativa de dar a impressão de que ele é o “príncipe da paz” e que nem a uma mosca podia fazer mal. De salientar que quando surge a necessidade, qualquer um tem o direito de se defender e isso é natural, não significando que a vítima seja a favor da guerra.

Os cristãos tentam fechar os olhos à outra parte da natureza de Jesus, que exige sangue e fogo. Esquecem-se que ele instruiu os seus discípulos a respeito dos inimigos que não queriam que ele reinasse, e que os trouxessem à sua presença para serem mortos [S. Lucas 19:27]. Ele disse ainda que:
«Vim lançar fogo na terra; e que mais quero, se já está aceso? [...] E como me angustio até que venha a cumprir-se! Cuidais vós que vim trazer paz à terra? Não, vos digo, mas antes dissensão.»

[S. Lucas 12:49-51]

«Não cuideis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer paz, mas espada.»

[S. Mateus 10:34]

À luz destes pronunciamentos, se a espada de Pedro tivesse prevalecido, teríamos visto um massacre sem comparação, semelhante ao de Josué, antecessor de Jesus, que destruiu tudo:
«E tudo quanto na cidade havia, destruíram totalmente ao fio da espada, desde o homem até o velho, até o boi e gado miúdo e o jumento.»

[Josué 6:21]

INSUCESSO E JULGAMENTO

A marcha para Jerusalém foi um fiasco e teve o seu preço, que foi o julgamento, atribulação, agitação e sangue. Os soldados romanos arrastaram Jesus, de mãos amarradas, desde Getsêmani para os sumo-sacerdotes Anás e Caifás, seguindo depois para a assembleia, assim como haviam sido orientados pelos judeus para julgamento e execução.
Enquanto Jesus estava sendo maltratado e arrastado para ser condenado à morte, onde é que estavam os seus discípulos, que batiam nos seus peitos e gritavam: Senhor, nós estamos prontos para morrer por ti; senhor, nós estamos prontos para ir à prisão por ti?
Onde estavam as inúmeras pessoas que foram curadas por Jesus e que presenciaram os seus milagres? Para onde foi toda aquela multidão que o recebeu à entrada de Jerusalém e que gritava hossanas ao "filho de David" e "rei de Israel"?
Como todo aquele amor desapareceu tão rapidamente e se transformou em repulsão e indiferença em relação ao que estava a acontecer com a pessoa amada?

Marcos diz sem qualquer cerimónia que: «Todos o abandonaram e fugiram» [S. Marcos 14:50]. Como então podiam eles narrar concretamente o que se passou? A Bíblia não menciona se algum dos discípulos presenciou a crucificação.
Até mesmo Pedro, que tinha jurado estar pronto para ser preso e morto pela causa de Jesus, também fugiu [S. Lucas 22:33], demonstrando uma qualidade hipócrita e cobarde.
Portanto, no momento em que Jesus foi levado ao calvário, nenhum dos seus discípulos estava com ele; estavam apenas alguns seguidores comuns como José de Arimateia, Nicodemos e Maria Madalena.

De facto, Jesus foi sempre mal entendido pelos seus discípulos e pelo seu povo (os judeus), que sempre representou mal as suas afirmações. E até hoje os seus supostos seguidores continuam interpretando mal os seus ensinamentos, para além de introduzirem inovações na mensagem trazida por ele.
Tanto que o seu fim já estava decidido, pois Caifás, o sumo sacerdote que liderava o sinédrio (conselho dos principais líderes judeus), mesmo antes de auscultar Jesus já o tinha condenado à morte, pois havia recomendado ao conselho antes do caso ser apresentado:
«Vos é melhor que morra um homem pelo povo e que não pereça toda a nação.»
[S. João 11:50]

Portanto, não se tratava duma questão de justiça ou não, pois Jesus tinha que ser aniquilado de qualquer forma e o julgamento era apenas uma farsa. Então, a meio da noite os judeus fabricaram um falso testemunho contra Jesus.
E Jesus nada podia fazer senão protestar. Em sua própria defesa, apresentou o seguinte argumento em resposta ao sumo sacerdote:
«Eu falei abertamente ao mundo; sempre ensinei nas sinagogas e no templo, onde todos os judeus se reúnem. Nada disse em segredo.»
[S. João 18:20]

Na essência, ele declarou não ter exposto qualquer doutrina esotérica ou secreta, e que nada ensinava em privado que não estivesse pronto a proclamar publicamente. Os judeus ficaram então incapazes de apresentar duas pessoas que servissem de testemunhas e que pudessem prestar depoimentos concordantes contra ele:
«E nem assim o seu testemunho era conforme.»
[S. Marcos 14:59]

Os argumentos de Jesus eram bastante fortes ao ponto de um dos guardas que estava perto e que lhe batera no rosto, recebeu a seguinte resposta de Jesus:
«Se falei mal, dá testemunho do mal; e se bem, por que me feres?»

[S. João 18:23]

CULPADO OU NÃO, JESUS DEVE MORRER

Em termos legais, os judeus nada tinham para o incriminar, fazendo com que tivessem que intervir directamente:
«E levantando-se o sumo sacerdote no Sinédrio, perguntou a Jesus dizendo: Nada respondes? Que testificam estes contra ti?
Mas ele calou-se e nada respondeu. O sumo sacerdote lhe tornou a perguntar, e disse-lhe: És tu o Cristo, Filho do Deus Bendito?»

[S. Marcos 14:60-62]

Jesus se assumiu solenemente como Cristo (i.e. Messias) e não há nada de blasfemo ou que se possa considerar traição ao se assumir com esse título, pois "Cristo" é a tradução grega da palavra hebraica "Messiah", que significa "ungido". Portanto, em parte alguma essa palavra corresponde a Deus.
Devemos divorciar-nos dessa noção da doutrina cristã paganizada da incarnação, em que Deus se tornou um Homem. A expectativa judaica de um Messias não o identifica com Deus; aliás, a natureza monoteísta do Judaísmo exclui completamente tal conotação pagã.

A expressão "Filho de Deus" também é comum na teologia judaica, pois segundo a Bíblia, Deus tem muitos filhos.
Consta no S. Lucas 22:70 que, durante o interrogatório, os sacerdotes perguntaram a Jesus: «E disseram todos: Logo, és tu o Filho de Deus? E ele lhes disse: Vós dizeis que eu sou». Nota-se claramente que Jesus não disse "sim, eu sou", mas quis dizer "vocês é que o dizem".
Depois, o sumo sacerdote rasgou então as suas vestes e disse:
«Para que necessitamos de mais testemunhas? Vós ouvistes a blasfémia; que vos parece?
E todos o consideraram culpado de morte.»

[S. Marcos 14:63-64]

Os judeus acusaram falsamente a Jesus de blasfémia, o que no campo espiritual é como traição. Todos desejavam que ele morresse e o veredicto foi rápido e unânime. Contudo, não o podiam enforcar sem o consentimento dos romanos.
Então, pela manhã levaram o seu preso perante Pilatos, governador da Judeia, e disseram:
«Mas a nós (judeus) não é lícito matar pessoa alguma.»
[S. João 18:31]

Ao descobrir que Jesus era galileu, Pilatos achou melhor enviá-lo a Herodes, pois Galileia pertencia à jurisdição deste. Lá, Herodes fez várias perguntas a Jesus, mas este nada respondeu.
Então, Herodes o tratou com desprezo e por troça, mandou-o cobrir com uma capa vistosa, enviando-o de novo a Pilatos [S. Lucas 23:11-12].

SEGUNDA ACUSAÇÃO FALSA

A acusação contra Jesus de que ele reivindicou ser Deus, tratando-se dum Homem, não era tão grave assim para Pilatos, pois sendo romano, este tinha muitos deuses inventados, tais como Júpiter (o pai dos deuses), Plutão (deus da riqueza), Marte (da guerra), Neptuno (do mar), Vulcano (do fogo e metal), Heros (do amor) e muitos outros do seu panteão.
Portanto, mais um deus ou menos um não faria qualquer diferença para Pilatos. Os judeus sabiam muito bem disso, e por isso mudaram a sua acusação de blasfémia para traição, começando a incriminar Jesus dizendo:
«Encontramos este homem subvertendo a nossa nação; ele proíbe o pagamento de imposto a César, dizendo que ele mesmo é Cristo, o rei.»
[S. Lucas 23:2]

Esta segunda acusação também era absolutamente falsa, pois Jesus estabeleceu claramente que:
«Dai pois a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.»
[S. Mateus 22:21]

Pelos vistos, não havia nada de subversivo nisso. Porém, os cristãos equiparam a palavra “Cristo” com “Deus”; só que antes, tinham inventado um novo

significado para esse termo, que é "Rei", para assim apresentarem facilmente aos governantes romanos como sendo um desafio ou ameaça para estes.
Mas quando Pilatos recebeu a mensagem, deparou que Jesus não representava qualquer ameaça para o estado, pois não aparecia como um agitador político nem terrorista. Ele perguntou a Jesus:
«Tu és o Rei dos Judeus?
Respondeu-lhe Jesus: Tu dizes isso de ti mesmo, ou disseram-to outros de mim?
Pilatos respondeu: Porventura sou eu judeu? A tua nação e os principais dos sacerdotes entregaram-te a mim. Que fizeste?
Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, pelejariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui.»

[S. João 18:33-36]

E Jesus se argumentou muito bem, pois o seu reino era espiritual e vinha como um "dirigente" para salvar o seu povo do pecado. Então, Pilatos dirigiu-se aos judeus, que aguardavam o seu veredicto, e diz abertamente:
«Não vejo nele nenhum crime.»

[S. João 18:38]

Os judeus odiavam tanto Jesus ao ponto de, quando Pilatos lhes deu a opção entre perdoar Jesus ou Barrabás, este que havia sido preso devido a uma insurreição na cidade e por homicídio, todos gritaram dizendo: «Acaba com ele, e solta Barrabás».
Desejando soltar Jesus, Pilatos dirigiu-se novamente aos judeus, mas estes continuavam a clamar: «Crucifica-o, crucifica-o!». Pela terceira vez, Pilatos lhes falou: «Mas que mal fez este? Não acho nele culpa alguma de morte; castigá-lo-ei pois, e soltá-lo-ei».
Porém, os judeus instavam com grandes gritos, pedindo que Jesus fosse crucificado; e a gritaria prevaleceu. Então Pilatos julgou que devia fazer o que eles pediam, e soltou-lhes o que fora lançado na prisão por insurreição e homicídio, e entregou Jesus à vontade deles [S. Lucas 23:18-25].

Os judeus ainda clamavam:
«Se soltas este, não és amigo de César; qualquer que se faz rei é contra César.»

[S. João 19:12]

De salientar que Pilatos estava hesitante em condenar um inocente, e ainda, a sua esposa intercedia a favor de Jesus, pois havia tido visões sobre ele [S. Mateus 27:19]. Contudo, Pilatos teve que ceder à pressão dos judeus, que não paravam de gritar: Crucifica-o, crucifica-o!
Então, ele mandou trazer água, lavou as mãos diante da multidão e disse: «Estou inocente do sangue deste homem; a responsabilidade é de vocês» [S. Mateus 27:23-24]. E assim entregou Jesus para ser crucificado.

Os Evangelhos relatam que alguns lhe cuspiram, deram bofetadas, tiravam-lhe as vestes, humilharam-no, etc. [S. Mateus 26:67 e 27:28-31, S. Lucas 22:63-65]. Será que essas atitudes são dignas para um profeta como Jesus? Ou será que é mais digno para alguém da sua posição ser salvo, tal como diz o Al-Qur'án, segundo o qual Jesus não foi crucificado nem morto, mas sim salvo por Deus!

CRUCIFIXÃO OU CRUCIFICÇÃO?

A Bíblia relata o seguinte sobre a alegada crucificação de Jesus:
«E desde a hora sexta houve trevas sobre toda a terra, até à hora nona. E perto da hora nona exclamou Jesus em alta voz, dizendo: Eli, Eli! Lamá sabactáni; isto é, Deus meu, Deus meu! Por que me desamparaste?
E alguns dos que ali estavam, ouvindo isto, diziam: Este chama por Elias.
E logo um deles, correndo, tomou uma esponja, e embebeu-a em vinagre, e pondo-a numa cana, dava-lhe de beber. Os outros, porém, diziam: Deixa, vejamos se Elias vem livrá-lo.
E Jesus, clamando outra vez com grande voz, rendeu o espírito.»
[S. Mateus 27:45-50]

Porque será que Jesus gritou angustiado na cruz, se ele havia vindo ao mundo para esse objectivo, ou seja, de morrer por outros, segundo a crença cristã. Então, esse momento deveria merecer regozijo e não tristeza!
Os judeus estavam apressados em aniquilar Jesus. Recorde-se o julgamento da meia-noite, depois arrastaram-no para junto de Pilatos logo pela manhã; de seguida, de Pilatos para Herodes e deste novamente para Pilatos. De acordo com um cristão americano, Jesus foi submetido a seis julgamentos num período de seis horas, numa época muito agitada em Jerusalém, pois era a Páscoa judaica.

Segundo os escritores dos Evangelhos, os judeus e romanos conseguiram colocar Jesus na cruz na sexta hora, isto é, até ao meio-dia, e quase à nona hora, ou seja, por volta das três da tarde, ele já estava morto.
Tinham pressa em crucificá-lo e também em tirá-lo da cruz:
«Seu cadáver (do crucificado) não permanecerá no madeiro, mas certamente o enterrarás no mesmo dia, porquanto o pendurado é maldito de Deus; assim não contaminarás a tua terra, que o Senhor teu Deus, te dá em herança.»
[Deuteronómio 21:23]

Deus é quem aceita a oração do aflito e de quem O implora. Certamente que Deus aceitou as orações e invocações de Jesus, e uma delas foi de não morrer na cruz:
«Estando angustiado, ele orou ainda mais intensamente. E o seu suor era como gotas de sangue que caíam sobre o chão.»
[S. Lucas 22:44]

Paulo confirma que as súplicas de Jesus foram aceites:
«O qual, nos dias da sua carne, oferecendo com grande clamor e lágrimas, orações e suplicas as que o podia livrar da morte, foi ouvido ao que temia.»
[Hebreus 5:7]

Jesus chorou pedindo ajuda e Deus escutou (aceitou) a sua oração:
«Apareceu-lhe então um anjo do céu que fortalecia.»
[S. Lucas 22:43]

Isto significa que um anjo apareceu pela vontade de Deus e garantiu que o Senhor não lhe deixaria desamparado. O próprio Jesus disse:
«Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á. Porque, aquele que pede, recebe; e o que busca, encontra; e ao que bate, abrir-se-lhe-á. E qual de entre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra? E pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente?
Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lhe pedirem?»
[S. Mateus 7:7-11]

Se todas as orações de Jesus foram aceites por Deus, incluindo a de não morrer na cruz, como então, mesmo assim ele alegadamente foi morto na cruz?

Para os romanos, a crucificação era um castigo para criminosos de alto nível, e era aplicado segundo dois métodos: a de morte lenta e de morte rápida. No primeiro método, usava-se correias de cabedal para amarrar os braços à travessa, com um suporte para os pés, enquanto que no segundo se usava pregos para cravar os braços e os pés à cruz.
Em todas as gravuras cristãs que se referem ao cenário, os dois ladrões que foram crucificados juntamente com Jesus são apresentados como tendo sido submetidos ao método de correias de cabedal, enquanto que Jesus é apresentado como tendo sido submetido à cravação de pregos.
Entretanto, não se encontra qualquer motivo para que Jesus tenha sido submetido a um método diferente do usado para os ladrões, pois os executores romanos apenas cumpriam as ordens de crucificar os que haviam sido condenados à morte, e não tinham porquê diferenciar a pena aos criminosos. Caso Jesus tivesse sido crucificado pelos judeus, aí a diferenciação teria algum sentido cabimento, pois odiavam-no bastante e queriam torturá-lo.

Portanto, os judeus eram apenas os acusadores e instigadores contra Jesus, razão pela qual levaram-no a Pilados e Herodes. Mas na altura de aplicar a pena, os executores eram romanos e não tinham motivos para aplicar métodos diferentes de execução.
Por isso, está claro que se Jesus tivesse mesmo sido crucificado, assim como alegam os cristãos, as suas mãos e pés estariam amarrados com correias de cabedal, à semelhança dos dois ladrões que estavam juntamente com ele.

Os muçulmanos discordam que Jesus tenha sido crucificado e morto, pois o sagrado Al-Qur'án refuta claramente isso:
«E por terem dito (com jactância): Matamos o Messias, Jesus, filho de Maria, mensageiro de Deus; quando na realidade não o mataram, nem o crucificaram.»
[Al-Qur'án 4:157]

A Bíblia também mostra que Jesus não queria ser crucificado, pois ele chorou e clamou em voz alta dizendo: «Deus meu, Deus meu! Porque me desamparaste?».
Portanto, a alegação dos cristãos de que ele deu livremente a sua vida para ser crucificado a fim de salvar a humanidade, é pura falsidade.
Até mesmo antes dos soldados o prenderem, rogou a Deus [S. João 12:27]:
«Pai! Salva-me desta hora.»

E disse ainda:
«Você acha que eu não posso pedir (orar) a meu Pai, e Ele não colocaria imediatamente à minha disposição mais de doze legiões de anjos?»

[S. Mateus 26:54]

A seguir, quando o deram vinagre para tomar, disse: «Está consumado». E inclinando a cabeça, entregou o espírito [S. João 19:30].
Para todos os que presenciaram a cena, parecia que ele estava a morrer, sendo por isso que os soldados não lhe quebrarem os ossos das pernas, mas o fizeram aos outros dois companheiros da crucificação:
«Mas quando chegaram a Jesus, percebendo que já estava morto, não lhe quebraram as pernas.»

[S. João 19:33]

Quando muitos presenciam um acontecimento, é comum cada um tentar relatar a ocorrência à sua maneira, mas a história continua sendo a mesma, apesar de narrada por observadores distintos em estilos diferentes.
No que concerne à crucificação, só S. Mateus registou a ocorrência de terramotos, pois em nenhum outro Evangelho se encontra descrito esse incidente marcante:
«E eis que o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo; e tremeu a terra, e fenderam-se as pedras. E abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos que dormiam foram ressuscitados.»

[S. Mateus 27:51-52]

Como é que os outros três Evangelhos deixaram passar um acontecimento desta envergadura? Onde está a realidade e qual a verdadeira história do acontecimento?
Referindo-se a Judas Iscariotes, seu discípulo que o entregou aos judeus e romanos, Jesus disse:
«Ai daquele que trai o filho do Homem.»

[S. Mateus 26:24]

Se a suposta crucificação era para salvar toda a humanidade, e se de facto a mesma ocorreu pela vontade de Jesus, tal como alegam os cristãos, então porquê a maldição para o traidor?

Pelo contrário, esse até devia ser agradecido, pois facilitou a realização da missão de Jesus e, segundo o raciocínio cristão, foi através dele que toda a humanidade foi salva.
De facto, os alertas e declarações de Jesus comprovam que a crucificação foi uma conspiração contra ele, e que de modo algum a mesma fazia parte dos seus objectivos, pois ele jamais quis ser crucificado, nem para salvação e nem para qualquer outro motivo.

JESUS NÃO MORREU!

Se os ossos duma vítima devem ser protegidos contra algum mal, isso só tem benefício caso a criatura ainda esteja viva, pois de contrário, pouca diferença faz se os mesmos estão inteiros ou quebrados; para o morto, é indiferente que os ossos estejam fracturados ou não.
Os romanos pagãos nada tinham haver com o cumprimento de qualquer profecia, semelhante à que consta no Salmos 34:20: «Ele lhe guarda todos os seus ossos, nem um só será quebrado».
No Novo Testamento consta o seguinte:
«Vieram então os soldados e quebraram as pernas do primeiro homem que fora crucificado com Jesus, e em seguida as do outro. Mas quando chegaram a Jesus, e vendo-o já morto, não lhe quebraram as pernas.»

[S. João 19:32-33]

Os dois ladrões que foram crucificados juntamente com Jesus tinham que ser mortos, e lhes foram quebrados os pés para acelerar a sua morte. Então, como é que Jesus morreu sem ter as pernas quebradas?
Concluir que ele morreu apenas "vendo-o" é muito vago e incerto. Muitas ocorrências são reportadas em vários meios de comunicação, sobre homens e mulheres que foram dados como mortos enquanto ainda estavam vivos, e tudo isso nesta era actual de grandes avanços no campo medicinal e tecnológico em relação a dois milénios atrás.
Então, o que será que eles viram? Poderá isso ser o cumprimento das palavras de Jesus:
«E vendo, vereis mas não percebereis.»

[S. Mateus 13:14]

Quando S. João relata que os soldados "viram", quis dizer que eles "conjecturaram", pois não havia métodos modernos nem ferramentas como estetoscópio para verificar a morte de alguém; além disso, ninguém tocou no corpo de Jesus ou sentiu as suas palpitações antes de concluir que "já estava morto".
Portanto, concluir que Jesus morreu apenas porque os soldados "viram" isso é mais um passo de Deus para salvar Jesus. Além de mais, apenas S. João mencionou esta passagem, pois nenhum outro Evangelho faz referência à mesma, o que levanta fortes dúvidas acerca da crucificação e suposta morte de Jesus.

Se Jesus ficou pendurado na cruz por apenas três horas, como poderia morrer num espaço de tempo tão curto? Até mesmo Pilatos ficou surpreendido ao ouvir que Jesus já estava morto, quando José de Arimateia juntamente com um centurião romano, que havia declarado que "realmente este homem era filho de Deus", foram pedir permissão para enterrar o corpo de Jesus:
«Pilatos ficou surpreso ao ouvir que ele já havia morrido. Chamando o centurião, perguntou-lhe se Jesus já havia morrido. Sendo informado pelo centurião, entregou o corpo a José.»

[S. Marcos 15:44-45]

Pilatos tinha pleno conhecimento sobre o tempo que uma pessoa crucificada leva a morrer, razão pela qual ficou admirado pela morte rápida de Jesus. Quando alguém é fuzilado ou enforcado e morre de imediato, é algo completamente normal e não há razões para admiração.
Contudo, se não morre de imediato ou decorrido alguns instantes, tal se torna anormal e motivo de espanto. É por isso mesmo que Pilatos ficou surpreendido quando o informaram de que Jesus morreu, em tão pouco tempo.

Dos discípulos directos de Jesus, nenhum estava presente quando ele mais precisou. Dos que se acercaram ao seu corpo, constam apenas José de Arimateia, Nicodemos e Maria Madalena.
De acordo com S. João, o flanco de Jesus havia sido perfurado com uma lança por um soldado romano. Este incidente foi tão significante e marcante assim como o da esponja embebida em vinagre dada a Jesus, testemunhada por todos e relatada pelos Evangelistas nas suas passagens sobre a crucificação.

Consta que os judeus estavam com pressa de verem crucificados os corpos dos três criminosos; para tal, pediram a Pilatos para lhes autorizar a quebrar as pernas deles, a fim de acelerar a suas mortes. Então, foram quebradas as pernas dos dois ladrões, mas quando chegou a vez de Jesus, os soldados acharam que ele já estava morto e não procederam com esse castigo.
Entretanto, segundo S. João 19:34, um dos soldados perfurou o flanco de Jesus com uma lança, brotando de imediato sangue e água. Certamente que todos os que tivessem presenciado este incidente não se absteriam de mencioná-lo.

De salientar que os quatro Evangelhos mencionam o incidente sobre a esponja embebida em vinagre, mas apenas S. João relata acerca da lança que perfurou Jesus. Será que S. Mateus e S. Lucas se esqueceram dum incidente tão relevante como este?
O próprio S. João declara o significado do incidente no parágrafo seguinte:
«E aquele que o viu testemunhou e o seu testemunho é verdadeiro; e sabe que é verdade o que diz, para que também vós o creiais. Porque isto aconteceu para que se cumprisse a Escritura, que diz: Nenhum dos seus ossos será quebrado.»

[S. João 19:35-36]

Mesmo assim, S. Mateus, S. Marcos e S. Lucas não viram qualquer significado nisso, suscitando fortes dúvidas se tal realmente aconteceu. Consta na Enciclopédia Bíblica, sob o título “Cross”, de que: «Jesus estava vivo quando foi perfurado com a lança». Isto confirma a afirmação de S. João, segundo a qual «logo saiu sangue e água», o que mostra que o crucificado ainda estava vivo.

S. Mateus regista alguns detalhes sobre o incidente da morte do crucificado:
«Clamando outra vez com grande voz, rendeu o espírito. E eis que o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo; e tremeu a terra, e fenderam-se as pedras; e abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos que dormiam foram ressuscitados.»

[S. Mateus 27:50-52]

As pessoas que estavam assistindo à crucificação deixaram imediatamente o local devido ao cenário sombrio que acontecia à sua volta e começaram a procurar refúgio, pois isso é natureza do ser humano quando surge algum perigo iminente.

Contudo, os seguidores de Jesus como José de Arimateia, Nicodemos, Maria Madalena, Maria mãe de Jesus e a mãe dos filhos de Zebedeu não se afastaram do local, pois não queriam abandonar o seu mestre; os filhos de Zebedeu fugiram juntamente com outros discípulos.
Os que se mantiveram lá, notaram uma ligeira luz de vida quando tiraram Jesus da cruz, mas fingiram que estavam a enterrar um morto a fim de enganar os judeus; quando tudo se acalmou, removeram-no para um lugar mais seguro.
Como nem todos estavam lá para o remover, Maria Madalena dirigiu-se à campa na manhã de Domingo para tentar levá-lo à casa, a fim de abrigá-lo e cuidar dele. Então, deparou-se com dois anjos junto ao sepulcro, que a perguntaram:
«Mulher, por que choras?
Ela lhes disse: Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram.
E, tendo dito isto, voltou-se para trás, e viu Jesus em pé, mas não sabia que era Jesus. Disse-lhe Jesus: Mulher, por que choras? Quem buscas?
Ela, cuidando que era o hortelão, disse-lhe: Senhor, se tu o levaste, diga-me onde o puseste, e eu o levarei.»

[S. João 20:13-15]

Surgem aqui algumas questões: Porque é que Jesus apareceu disfarçado? Será que os que ressuscitam têm aparência de jardineiro? Se Jesus se levantou em majestade e glória, porque razão teve que se camuflar?
Estava disfarçado porque temia os judeus e, como ainda não tinha morrido, esses continuavam à sua procura:
«Chegada pois, a tarde daquele dia, o primeiro da semana, e cerradas as portas onde os discípulos, com medo dos judeus, se tinham ajuntado...»

[S. João 20:19]

O "espírito" não tem porque temer algo, só o corpo. Se tivesse sido morto e ressuscitado, Jesus não teria razões para temer, pois um corpo não morre duas vezes, assim como consta na Bíblia:
«E, como aos Homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo.» [Hebreus 9:27]

«E não podem mais morrer, pois como anjos, são filhos de Deus, visto que são filhos da Ressurreição.»

[S. Lucas 20:36]

Portanto, caso já estivesse morto não teria porque temer, uma vez que a alma não pode estar sujeita à morte pela segunda vez, pois o corpo ressuscitado será espiritualizado. Esses, cujos pecados só podem ser lavados com “sangue de cordeiro”, podem inventar argumentos que lhes convier, mas a verdade é que Jesus não morreu, a sua “morte” foi simulada para acabar com a perseguição dos judeus e, mais tarde, apareceu disfarçado para não chamar a atenção dos inimigos.
Maria Madalena disse a Jesus, sem saber que era ele: «Se tu o levaste, diga-me onde o puseste, e eu o levarei». Porquê e para onde é que ela desejaria levar o cadáver? E será que ela conseguiria carregar sozinha o corpo de Jesus?

Também não consta que ela tivesse preparado uma outra campa, vindo portanto com alguém para a ajudar a carregar o cadáver. Será que ela conseguiria enterrá-lo sozinha?
No entanto, ela diz: «Eu o levarei»; como é que ela pretendia fazer isso? De facto, Maria Madalena estava presente quando Jesus foi retirado da cruz e sabia que ele não estava morto nessa altura, por isso ela estava à procura de um Jesus vivo para levá-lo, e não morto.

Continuando com a passagem de Maria Madalena junto ao sepulcro, consta que quando Jesus notou que ela não o reconheceu, chamou-a directamente pelo seu nome; então, ela reconheceu a voz do Mestre e em alegria exclamou: «Raboni (que quer dizer Mestre)»!
Ela correu para Jesus com imensa alegria por vê-lo, mas ele disse:
«Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai.»

[S. João 20:17]

Maria Madalena não era cega e podia muito bem ver um homem parado à sua frente. Quando Jesus disse que ainda não tinha “subido” para o Pai, significa que estava parado e com os pés bem firmes na terra, comprovando que não tinha ressuscitado, pois quando alguém morre não fica neste Mundo.

PORQUE RAZÃO OS DISCÍPULOS NÃO CRERAM?

«E, ouvindo eles que vivia, e que tinha sido visto por ela, não o creram.»

[S. Marcos 16:11]

No mesmo dia, enquanto dois dos discípulos iam conversando no caminho acerca do sucedido, Jesus aparece junto deles e continua a caminhada por cerca de cinco milhas, sem que o reconhecessem. Quando chegaram ao destino, Jesus deu a entender que ia para mais longe. Então:
«Eles o constrangeram, dizendo: Fica connosco porque já é tarde, e já declinou o dia.
E entrou para ficar com eles. E aconteceu que, estando com eles à mesa tomando o pão, o abençoou e partiu-o, e lho deu. Abriram-se-lhes então os olhos e o conheceram, e ele desapareceu-lhes.»

[S. Lucas 24:29-31]

Porque é que "abriram os olhos" só depois de Jesus ter abençoado o pão? Será que toda aquela caminhada de cinco milhas foi percorrida de "olhos fechados"? No mesmo versículo, consta que quando o reconheceram ele desapareceu. Será que Jesus estava a brincar à "cabra-cega" com os discípulos? Porque se retirou ele?
Consta ainda no S. Marcos 16:12-13:
«E depois, manifestou-se noutra forma a dois deles, que iam de caminho para o campo. E indo estes, anunciaram-no aos outros, mas nem ainda estes creram.»

O que fez com que os restantes discípulos não cressem nos dois, estando relutantes em acreditar no que estes diziam? A resposta é uma só: Eles sabiam que Jesus estava vivo e que não tinha ressuscitado, continuando na sua forma humana, em carne e osso [S. Lucas 24:39], andando e comendo disfarçado.
Se alguma dessas pessoas tivesse visto Jesus na forma dum fantasma ou espírito, então os discípulos certamente que teriam acreditado, pois foram estes mesmos discípulos que presenciaram demónios entrando num grupo de cerca de dois mil porcos, que se precipitou por um despenhadeiro [S. Marcos 5:13]; presenciaram ainda os "sete demónios" a sair do corpo de Maria Madalena [S. Marcos 16:9].
Portanto, essa coisa de demónios e espíritos era normal para eles e já estavam familiarizados; sabiam o que poderia ser aceitável e o que se deveria rejeitar acerca desse assunto. Logo, era mais difícil para os discípulos aceitarem na sua fraca fé, de que Jesus ainda estivesse vivo e na forma humana [S. Mateus 8:26].

Em suma, Maria Madalena viu Jesus vivo, os dois discípulos que caminhavam também testemunharam que o viram vivo, os anjos disseram igualmente que

ele estava vivo [S. Lucas 24:23-24], os dois homens que pararam junto das mulheres (Maria Madalena e as que a acompanhavam), disseram-nas: «Por que buscais o vivente entre os mortos?» [S. Lucas 24:4-5].

Os discípulos de Jesus, que tinham abandonado o seu mestre e fugiram quando este foi capturado, ao ouvir que ele tinha morrido, acreditaram que assim tivesse acontecido, e ficaram assustados quando o viram novamente, pois pensavam que estavam perante um espírito.
Então, Jesus lhes disse:
«Por que estais perturbados, e por que sobem tais pensamentos aos vossos corações? Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho.
E dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e os pés.

[S. Lucas 24:38-40]

Era um Jesus vivo em carne e osso, que estava a provar aos seus discípulos que não era espírito algum, pois a demonstração das mãos e dos pés nada tem haver com a ressurreição. E o próprio Jesus afirma que após a ressurreição as pessoas tornam-se espiritualizadas, assemelhando-se aos anjos, ou seja, não possuem carne nem osso:
«E respondendo Jesus, disse-lhes: Os filhos deste mundo casam-se, e dão-se em casamento; mas os que forem havidos por dignos de alcançar o mundo vindouro, e a ressurreição dentre os mortos, nem hão de casar, nem ser dados em casamento; porque já não podem mais morrer, pois são iguais aos anjos, e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição.»

[S. Lucas 20:34-36]

Como pensavam que o seu mestre tinha morrido e que já estivesse saído desta vida para outra, os discípulos se alegraram e ficaram maravilhados quando foram surpreendidos com a presença de Jesus, em carne, osso e todas outras características humanas.
Para garantir ainda mais a sua vitalidade e acalmar a inquietação dos discípulos, Jesus demonstrou uma das suas necessidades humanas e pediu algo para comer, mostrando que estava bem vivo e não tinha sido ressuscitado:
«E não o crendo eles ainda por causa da alegria, e estando maravilhados, disse-lhes: Tendes aqui alguma coisa que comer?

Então eles apresentaram-lhe parte de um peixe assado e um favo de mel; o que ele tomou, e comeu diante deles.»

[S. Lucas 24:41-43]

Tudo isso mostra que Jesus estava vivo, em carne e osso, e nunca passou pela morte. Mas mesmo com todas estas provas, muitos teimam em não acreditar.

OS ERROS DOS JUDEUS

Pode surgir uma dúvida sobre como Jesus foi removido da campa pelos seus seguidores, uma vez que os sumo-sacerdotes tinham advertido de que a mesma deveria ser guarnecida.
De facto, a mentalidades desses sacerdotes era confusa e de difícil compreensão, pois se pretendiam mesmo que o corpo de Jesus fosse guarnecido, que se preocupassem com isso desde a noite de Sexta-feira, deixando lá seguranças logo depois do corpo ser colocado no sepulcro. Portanto, isso não faz sentido e levanta a questão da veracidade destas afirmações.

No dia seguinte (Sábado), os chefes dos sacerdotes e os fariseus se reuniram com Pilatos e disseram:
«Senhor, lembramo-nos de que aquele enganador, vivendo ainda, disse: Depois de três dias ressuscitarei.
Manda, pois, que o sepulcro seja guardado com segurança até ao terceiro dia, não se dê o caso que os seus discípulos vão de noite e o furtem, e digam ao povo: Ressuscitou de entre os mortos; e assim o último erro será pior do que o primeiro.»

[S. Mateus 27:63-64]

No entanto, estas afirmações não são encontradas nos outros três Evangelhos. Será que Marcos, Lucas e João menosprezaram este importante detalhe? Obviamente que não, pois na realidade esse incidente não veio a acontecer, caso contrário, estes autores tê-lo-iam mencionado nos seus Evangelhos.

Além disso, os chefes dos sacerdotes e os fariseus não eram estúpidos. Nesses versículos, os judeus falam acerca do "primeiro" e do "último" erro (engano):

Por terem permitido que Jesus fosse tirado da cruz sem lhe quebrarem as pernas, sob suposição de que já estava morto, e por permitirem que os seus seguidores o prestassem apoio, ao não selarem o sepulcro.
Só que devido ao nervosismo, não se apercebendo que acabaram por cometer mais um erro: Eles foram ter com Pilatos no Sábado, dia seguinte, o que já era bastante tarde. E Pilatos como já estava farto dessas conspirações infantis, não tinha mais tempo nem paciência para os aturar:
«Tendes guardas; ide e guardai-o como entenderdes.»

[S. Mateus 27:65]

De facto, a forma como Deus faz funcionar as coisas, bem como os Seus métodos, são diferentes dos nossos:
«E eles (os descrentes) conspiraram; e Deus conspirou; Deus é o mais hábil dos conspiradores.»

[Al-Qur'án 3:54]

MARIA MADALENA E AS VISITANTES DO SEPULCRO

Analisemos com mais detalhes a acção de Maria Madalena no suposto "dia de ressurreição". Ela foi a figura mais importante nesse episódio, pois supostamente foi a primeira pessoa a descobrir que Jesus já não estava na campa na madrugada de Domingo, o primeiro dia da semana segundo os cálculos judeus, tendo em conta que Sábado é o sétimo dia:
«Quando Jesus ressuscitou na madrugada do primeiro dia da semana, apareceu primeiramente a Maria Madalena.»

[S. Marcos 16:9]

Segundo S. João, Maria Madalena foi ao sepulcro na madrugada de Domingo e descobriu que a pedra tinha sido retirada do sepulcro. Ela estava sozinha e não consta se levava algo consigo, ou qual era o objectivo dessa visita àquela hora, "sendo ainda escuro":
«E no primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, sendo ainda escuro, e viu a pedra tirada do sepulcro. Correu pois, e foi a Simão Pedro, e ao outro discípulo a quem Jesus amava, e disse-lhes: Levaram o Senhor do sepulcro, e não sabemos onde o puseram.

Então Pedro saiu com o outro discípulo, e foram ao sepulcro. E os dois corriam juntos, mas o outro discípulo correu mais apressadamente do que Pedro, e chegou primeiro ao sepulcro. E abaixando-se, viu no chão os lençóis; todavia não entrou.
Chegou pois, Simão Pedro, que o seguia, e entrou no sepulcro, e viu no chão os lençóis; e que o lenço que tinha estado sobre a sua cabeça, não estava com os lençóis, mas enrolado num lugar à parte.
Então entrou também o outro discípulo, que chegara primeiro ao sepulcro, e viu, e creu. Porque ainda não sabiam a Escritura, que era necessário que ressuscitasse de entre os mortos. Tornaram pois, os discípulos para casa.
E Maria estava chorando fora, junto ao sepulcro; estando ela, pois, chorando, abaixou-se para o sepulcro, e viu dois anjos vestidos de branco, assentados onde jazera o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés. E disseram-lhe eles: Mulher, por que choras?
Ela lhes disse: Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram.»

[S. João 20:1-13]

Nestes versículos, constata-se que o lenço que estava sobre a cabeça de Jesus já não constava entre os lençóis no chão, pois tinha sido enrolado e colocado num lugar à parte. Isto comprova que Jesus não tinha morrido e que saiu fisicamente do sepulcro, pois caso estivesse morto, seria espiritualizado; além disso, para um espírito sair não é necessário tirar lençóis, afastar pedras ou acções do género.
Pergunta-se ainda porque é que foi necessário remover a pedra para Jesus sair? Se a entrada do sepulcro devia ser aberta para Jesus sair, então como é que ele conseguiu entrar no quarto onde os discípulos estavam reunidos, estando a porta trancada?
«Chegada pois, a tarde daquele dia, o primeiro da semana, e cerradas as portas onde os discípulos, com medo dos judeus, se tinham ajuntado, chegou Jesus, e pós-se no meio e disse-lhes: Paz seja convosco (Assalámu Alaikum).»

[S. João 20:19]

O acontecimento sobre a ressurreição está narrado com tal detalhe no Evangelho de S. João, que até consta que Pedro e outro discípulo fizeram corrida para chegar ao sepulcro, e que esse outro "a quem Jesus amava" chegou antes de Pedro.

Contudo, com detalhes até esse nível, não há qualquer registo sobre trovoadas e terramoto que podemos encontrar no Evangelho de S. Mateus:
«E no fim do Sábado, quando já despontava o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro. E eis que houvera um grande terramoto, porque um anjo do Senhor, descendo do céu, chegou, removendo a pedra da porta, e sentou-se sobre ela.» [S. Mateus 28:1-2]

É difícil defender estas discrepâncias evidentes, pois S. João diz que Maria Madalena foi sozinha ao sepulcro e descobriu que a pedra tinha sido removida, enquanto S. Mateus menciona que ela estava acompanhada por uma outra mulher. Além disso, se houve um forte terramoto, certamente que esse detalhe não podia passar despercebido por outros narradores.
Vejamos o que os outros Evangelhos relatam acerca desse importante incidente:
«E passado o Sábado, Maria Madalena, e Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram aromas para irem ungi-lo. E no primeiro dia da semana, foram ao sepulcro, de manhã cedo, ao nascer do Sol. E diziam umas às outras: Quem nos revolverá a pedra da porta do sepulcro?
E olhando, viram que já a pedra estava revolvida; e era ela muito grande.
E entrando no sepulcro, viram um jovem assentado à direita, vestido de uma roupa comprida, branca; e ficaram espantadas. Ele, porém, disse-lhes: Não vos assusteis; buscais a Jesus Nazareno, que foi crucificado; já ressuscitou, não está aqui; eis aqui o lugar onde o puseram.»
[S. Marcos 16:1-6]

Há aqui um outro aspecto importante: Porque razão nenhum dos Evangelhos menciona especificamente a "mãe de Jesus" como umas das visitantes do túmulo ou como testemunha da crucificação? Porque é que ela foi referida como "a outra Maria" ou a "mãe de Tiago e Salomé"?
Não seria estranho que Maria Madalena tivesse ido para lá, mas a mãe de Jesus não, segundo S. Lucas? Dois Evangelhos não mencionam a mãe de Jesus como visitante da campa, enquanto que os restantes dizem "a outra Maria" e ainda "a mãe de Tiago".
É possível que a mãe de Jesus não tenha visitado a campa por saber que o filho não havia morrido e que já tinha sido salvo da captura e crucificação, e que o homem enterrado não era Jesus, razão pela qual estava ausente nessa manhã de Domingo.

S. Mateus menciona que Maria Madalena se dirigiu àquele local apenas como uma mera visita, "para ver o sepulcro". Por seu turno, S. Marcos relata que ela mais outras mulheres "compraram especiarias aromáticas para ungir o corpo de Jesus".
A palavra hebraica para "ungir" é "Mass'ha", assim como em árabe, que significa fazer massagem ou esfregar. É dessa ramificação que se obtém a palavra árabe "Massih" e hebraica "Messiah", ambas com o mesmo significado, que foram traduzidas para o grego por "Cristo".

Será que os judeus, cristãos ou mesmo muçulmanos esfregam o corpo dum defunto três dias depois de morto? Pelo que se sabe, nenhuma destas religiões assim procede, pois cerca de três horas após a ocorrência da morte, tem início a rigidez do corpo, em que os tecidos começam a ficar "quebradiços".
No terceiro dia, o corpo já se encontra num estado avançado de decomposição interna, e caso a pele seja tocada, ungida ou esfregada, pode-se "rasgar" e desintegrar ainda mais. Certamente que Jesus não estava em nenhuma "casa mortuária" moderna, onde os corpos podem ser conservados por mais tempo. Portanto, mais uma vez algo não bate certo neste Evangelho!

Voltando ao assunto do terramoto, que é um incidente difícil de se esquecer e não mencionar, especialmente quando se trata de mostrar a importância e gravidade dos acontecimentos. Será que S. Marcos se esqueceu de relatar? Talvez o Evangelho de S. Lucas nos ajude a confirmar:
«E no primeiro dia da semana, muito de madrugada, foram elas ao sepulcro, levando as especiarias que tinham preparado, e algumas outras com elas. E acharam a pedra revolvida do sepulcro.
E entrando, não acharam o corpo do senhor Jesus. E aconteceu que, estando elas muito perplexas a esse respeito, eis que pararam junto delas dois homens, com vestes resplandecentes. E, estando elas muito atemorizadas, e abaixando o rosto para o chão, eles lhes disseram: Por que buscais o vivente entre os mortos?»

[S. Lucas 24:1-5]

Aqui também não se fala de qualquer terramoto, só de especiarias. Mais ainda, será que S. Lucas não conhece o nome de Maria Madalena ou das outras mulheres a quem se refere?

Aceitemos que uma delas seja Maria Madalena, tal como indicam os outros três Evangelhos. Mas a referência é feita a "mulheres", não uma ou duas mas a um número delas:
«E as mulheres, que tinham vindo com ele da Galileia, seguiram também e viram o sepulcro, e como foi posto o seu corpo. E voltando elas, prepararam especiarias e unguentos.»

[S. Lucas 23:55-56]

Portanto, como conclusão no que se refere a Maria Madalena, pode-se dizer o seguinte:

- Foi uma das pessoas que atendeu e presenciou à simulada inumação e sabia que Jesus não tinha morrido. Consta que o sepulcro onde Jesus fora colocado era um lugar privado, bem largo e espaçoso, aspectos estes que devem ser observados somente quando se trata de hospedar uma pessoa viva no local, pois para o morto, um túmulo pequeno e estreito é suficiente, o que mostra que Jesus não estava morto.
- Ela dirigiu-se ao sepulcro na madrugada de Domingo; não podia ir no Sábado pois os judeus celebravam a sua Páscoa.
- Maria Madalena estava à procura de um Jesus que estivesse "apto para caminhar" juntamente com ela, a fim de levá-lo para ministrar alguns cuidados; se estivesse à procura dum corpo sem vida, teria trazido alguns homens para a ajudarem a carregar o defunto.
- Ela ficou satisfeita ao ver Jesus e correu para junto dele para o abraçar.

JESUS FOI SALVO POR DEUS

O Isslam rejeita a teoria de que Jesus tenha sido crucificado e, para sustentar esse incidente, baseia-se tanto no sagrado Al-Qur'án como na própria Bíblia, pois este Livro também refuta essa crença:
«Quando também em alguém houver pecado, digno do juízo de morte, e for morto, e o pendurares num madeiro, o seu cadáver não permanecerá no madeiro, mas certamente o enterrarás no mesmo dia; porquanto o pendurado é maldito de Deus; assim não contaminarás a tua terra, que o Senhor teu Deus te dá em herança.»

[Deuteronómio 21:22-23]

«Cristo nos redimiu (resgatou) da maldição da lei quando se tornou maldição em nosso lugar, pois está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro.»

[Gálatas 3:13]

Sendo assim, como é que Jesus pode ser amaldiçoado pela própria Bíblia, já que quem é pendurado no madeiro assim o é? Nesse caso, ele próprio necessita de salvação! E como é que ele é amaldiçoado e salvador ao mesmo tempo?
Consta no Evangelho de S. Lucas que Deus salvou e protegeu Jesus para a decepção dos judeus e das suas conspirações, para não conseguirem castigá-lo:
«E levantando-se, o expulsaram da cidade, e o levaram até ao cume do monte em que a cidade deles estava edificada, para dali o precipitarem. Ele, porém, passando pelo meio deles, retirou-se.»

[S. Lucas 4:29-30]

«Então pegaram em pedras para lhe atirarem; mas Jesus ocultou-se, e saiu do templo, passando pelo meio deles, e assim se retirou.»

[S. João 8:59]

«Procuravam, pois, prendê-lo outra vez, mas ele escapou-se de suas mãos.»

[S. João 10:39]

Portanto, Deus protegeu Jesus contra a conspiração dos judeus e sempre que ele estivesse sob perigo iminente, Deus o ajudou a se livrar do mesmo.
Existem ainda textos confirmando que os judeus nem sequer conheciam perfeitamente a identidade de Jesus, ao ponto de terem de contratar alguém para os indicar quem era Jesus. Consta que quando Judas entregou Jesus e este foi condenado, ficou com remorsos, devolveu as moedas que tinha ganho pela traição e disse aos chefes dos sacerdotes:
«Pequei, traindo o sangue inocente.
Eles porém, disseram: Que nos importa? Isso é contigo.
E ele, atirando para o templo as moedas de prata, retirou-se e foi-se enforcar.»

[S. Mateus 27:4-5]

«Ora, este adquiriu um campo com o galardão da iniquidade; e precipitando-se, rebentou pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram. E foi notório

a todos os que habitam em Jerusalém; de maneira que na sua própria língua esse campo se chama Aceldama, isto é, Campo de Sangue.»

[Actos 1:18-19]

De salientar que, apesar de contraditórias, estas são as únicas passagens que narram o fim de Judas, o traidor, pois os restantes Evangelhos nada mencionaram sobre isso. De facto, é muito estranho que se ignore o fim deste discípulo, pois foi a figura principal na história da crucificação de Jesus.
O facto dos Evangelhos omitirem o seu suicídio, seja por enforcamento ou por queda dum precipício, suscita muitas dúvidas sobre esta passagem e reforça uma outra versão segundo a qual Judas é quem foi sacrificado ao invés de Jesus.
Jesus declarou que os discípulos seriam postos em dúvida na noite em que ele seria traído:
«Todos vós esta noite vos escandalizareis em mim; porque está escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas se dispersarão.»

[S. Marcos 14:27]

Quando Jesus foi capturado, onde estava a multidão que acreditava nele, e cujos filhos ele tinha curado? Por que razão ninguém saiu em sua defesa ou para exigir a sua soltura?
Segundo a Bíblia, nenhum homem ou mulher disse ou fez algo para defender Jesus quando este foi preso; nem mesmo quando ele foi julgado, algum discípulo reagiu de modo a ajudar o mestre no momento de aflição. Todos o abandonaram e seguiram o ditado “cada um por si e Deus por todos”.
A história testemunha-nos que quando a vida dum líder esteve em perigo, os seus homens se sacrificavam para o defenderem, seguindo o provérbio “juntos até à morte”.

Portanto, foi um mau término da missão dum nobre profeta. Mas qual foi então o fim de Jesus aqui na terra?
De acordo com o sagrado Al-Qur’án, Deus elevou Jesus vivo aos céus, e isto consta igualmente na Bíblia:
«E quando dizia isto, vendo-o eles, foi elevado às alturas, e uma nuvem o recebeu, ocultando-o a seus olhos. E estando com os olhos fitos no céu, enquanto ele subia, eis que junto deles se puseram dois homens vestidos de

branco; os quais lhes disseram: Homens galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que de entre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir.»

[Actos 1:9-11]

«Porque está escrito: Que aos seus anjos dará ordens a teu respeito; e tomar-te-ão nas mãos, para que nunca tropeces em alguma pedra.»

[S. Mateus 4:6, S. Lucas 4:10-11]

E Jesus disse:
«Ainda um pouco de tempo estou convosco, e depois vou para Aquele que me enviou. Vós me buscareis, e não me achareis; e onde eu estou, vós não podeis vir.»

[S. João 7:33-34]

E ele estava tranquilo com o apoio de Deus:
«E Aquele que me enviou está comigo; o Pai não me tem deixado só, porque eu faço sempre o que Lhe agrada.»

[S. João 8:29]

«Eis que chega a hora, e já se aproxima, em que vós sereis dispersos cada um para sua parte, e me deixareis só; mas não estou só, porque o Pai está comigo.»

[S. João 16:32]

Portanto, tudo isso leva a crer que não era Jesus que estava na cruz, pois o que lá estava disse: «Deus meu, Deus meu! Porque me desamparaste?».
Por outro lado, pergunta-se aos cristãos porque razão a cruz é considerada um objecto sagrado, enquanto faz lembrar a tortura do seu amado Cristo?
Antes da vinda de Jesus e durante a sua vida, será que a mesma já representava algo sagrado? Como, quando e quem estipulou que a cruz passaria a ser símbolo de Cristianismo, pois Jesus é que não foi?

Hoje, passou a ser um objecto "na moda", pois muitos ostentam cruzes feitas de diversos materiais e cores, colocando-as como ornamentação, colar, etc. Não será isso uma forma de recordar a ofensa ou o instrumento do crime?

É como se o pai de alguém fosse assassinado por meio duma faca, e o filho passasse a deambular por aí com a mesma ao pescoço, como se estivesse a mostrar o amor que nutria pelo progenitor.

A crucificação de Jesus não tem qualquer fundamento religioso ou história à qual se pode atribuir uma veracidade; não se sabe até que ponto é autêntica mas dá-se tanta importância à essa crença.
Pergunta-se aos que continuam a insistir na crucificação:

- Quem controlou o Universo e todo este Mundo quando o "Deus Jesus" estava pendurado na cruz?
- Será possível que por um período de três dias, tudo isso ficasse sem um "Deus" para controlar, governar e manter a sua estabilidade?
- Qual era o estado do Universo quando "Deus" estava no sepulcro?
- Quem causou a sua morte e quem lhe restabeleceu a vida?

De facto, são perguntas atrás de perguntas, cujas respostas não aparecem nem convencem. Deve-se ter em mente que Deus sempre é Deus e Jesus sempre foi e será Jesus, homem e profeta enviado por Deus.
Na realidade, Ele protegeu e salvou Jesus da crucificação, e o elevou vivo aos céus, sem nunca ter passado pela morte ou ressurreição.

Para finalizar esta temática sobre a crucificação, eis o resumo das provas bíblicas indicando que Jesus estava vivo e não chegou de morrer na cruz:

1. Ele permaneceu na cruz por apenas três horas, o que é um tempo muito curto para alguém morrer, mesmo depois de passar por maus tratos.
2. Os seus pés não foram quebrados, o que se costuma fazer para se acelerar a morte.
3. Ele estava vivo quando foi retirado da cruz.
4. Os lençóis foram enrolados e a pedra do sepulcro foi afastada, indicando que Jesus saiu fisicamente, em carne e osso, pois os espíritos não necessitam duma passagem livre tal como os humanos.
5. O sepulcro onde havia permanecido era grande e espaçoso; sabe-se que quem precisa dum lugar nessas condições é uma pessoa viva e não morta.
6. Depois de sair do sepulcro andava disfarçado, pois continuava a fugir dos judeus, de modo a não ser apanhado por estes.

7. Maria Madalena não teve medo em reconhecer Jesus e quando quis lhe tocar, ele impediu-a por ter o corpo todo dorido.
8. Jesus disse que ainda não tinha "subido para o Pai", significando que não tinha morrido.
9. Mais tarde, ele mostrou as mãos e os pés aos discípulos, para indicá-los que não era nenhum espírito.
10. Os discípulos ficaram muito alegres ao verem-no, pois achavam que ele tinha morrido e havia se espiritualizado.
11. Jesus comeu peixe e tomou mel, demonstrando as suas necessidades naturais como qualquer humano.

Portanto, se Jesus estava vivo é porque não foi morto pela crucificação e, por conseguinte, descarta-se qualquer hipótese dele ter ressuscitado, pois a ressurreição só é possível depois de alguém morrer.

Havia um missionário que sempre que encontrava um certo muçulmano, dizia: Vocês os muçulmanos estão a perder o vosso tempo e esforço ao orar, jejuar, pagar a caridade, deixar de consumir porco e bebidas alcoólicas para adquirirem a salvação, pois esta vem somente na crença da crucificação e no facto de que Jesus morreu pelos nossos pecados.
Sempre que o missionário encontrava esse muçulmano, provocava-o dessa forma. Este, já cansado de ouvir sempre a mesma conversa, pensou numa estratégia para o fazer calar; então, combinou com alguém para que viesse murmurar nos seus ouvidos quando visse o missionário chegar.

Quando o missionário apareceu, começou novamente a atacar o muçulmano com a mesma conversa. Este manteve-se calado e de seguida, recebeu o tal homem que veio murmurar no seu ouvido. Depois disso, o muçulmano começou a chorar e o missionário, preocupado, perguntou-lhe o motivo dessa tristeza, ao que respondeu: Choro porque este homem veio me informar de que o Anjo Gabriel faleceu.

Ridicularizado com isso, o missionário disse: Mas isso não é possível, os anjos não morrem!
Então, o muçulmano respondeu: Se os anjos não morrem, como é que dizes que Deus morreu?

CONTRADIÇÕES A RESPEITO DA CRUCIFICAÇÃO E RESSURREIÇÃO

Supondo-se que Jesus tenha mesmo sido crucificado e posteriormente ressuscitado, ainda assim surgem fortes dificuldades em entender essas questões, pois existem inúmeras contradições entre os Evangelhos no que concerne à narração dos acontecimentos. Deixemos os pormenores e mencionemos apenas algumas dessas contradições:

a) O Julgamento do Crucificado

S. Mateus fala no seu Evangelho acerca da forma como Jesus se apresentou perante Pilatos:

«E foi Jesus apresentado ao presidente, e o presidente o interrogou dizendo: És tu o Rei dos Judeus?

E disse-lhe Jesus: Tu o dizes.

E sendo acusado pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos, nada respondeu. Disse-lhe então Pilatos: Não ouves quanto testemunham contra ti?

E nem uma palavra lhe respondeu, de sorte que o presidente estava muito maravilhado.»

[S. Mateus 27:11-14]

S. Marcos narra este panorama com um texto semelhante. Já S. João menciona a mesma passagem duma forma completamente diferente:

«Tornou pois, a entrar Pilatos na audiência, e chamou a Jesus, e disse-lhe: Tu és o Rei dos Judeus?

Respondeu-lhe Jesus: Tu dizes isso de ti mesmo ou disseram-to outros de mim?

Pilatos respondeu: Porventura sou eu judeu? A tua nação e os principais dos sacerdotes entregaram-te a mim. Que fizeste?

Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, pelejariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui.

Disse-lhe pois, Pilatos: Logo tu és rei?

Jesus respondeu: Tu dizes que eu sou rei; eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz.

[S. João 18:33-37]

Na passagem sobre o julgamento de Jesus, vemos que S. Mateus e S. Marcos dizem que Jesus apenas respondeu a Pilatos afirmando "Tu o dizes", e a seguir Pilatos tentou conversar ou discutir com Jesus, mas este "nem uma palavra lhe respondeu". Mas S. João relata que ocorreu um longo diálogo entre os dois, em que Jesus falou ainda do seu reino celestial e da verdade.

b) Quando Foi Julgado?

O julgamento atrás referido ocorreu de noite ou pela manhã? S. Marcos [14:30-53] e S. Mateus [26:31-57] narram que Jesus foi preso e julgado pelos judeus à noite.

No Evangelho de S. João também se subentende o mesmo, pois ele menciona que depois da captura e interrogação, Jesus foi levado ao governador romano "de manhã cedo" [S. João 18-28].

Já S. Lucas concorda que Jesus foi preso à noite, mas reivindica que o julgamento ocorreu pela manhã [S. Lucas 22.66].

c) Quem Carregou a Cruz?

Outra contradição é em relação à pessoa que carregou a cruz atribuída a Jesus. S. Mateus e S. Lucas dizem que não foi Jesus mas sim um senhor chamado Simão que a carregou:

«Ao saírem, encontraram um homem de Cirene, chamado Simão e o forçaram a carregar a cruz.» [S. Mateus 27:32]

«Enquanto o levavam, agarraram Simão de Cirene, que estava chegando do campo, e lhe colocaram a cruz às costas, fazendo-o carregá-la atrás de Jesus.»

[S. Lucas 23:26, S. Marcos 15:21]

Mas S. João afirma que foi Jesus próprio quem carregou a cruz até o local da crucificação:

«E tomaram a Jesus, e o levaram. E levando ele às costas a sua cruz, saiu para o lugar chamado Caveira, que em hebraico se chama Gólgota.»

[S. João 19:16-17]

d) A Que Horas Foi Crucificado?

«E era a hora terceira, e o crucificaram.»

[S. Marcos 15:25]

«E perto da hora nona, exclamou Jesus em alta voz, dizendo: Eli, Eli! Lamá sabactáni?; isto é, Deus meu, Deus meu! Porque me desamparaste?».

[S. Mateus 27:46]

«E era a preparação da Páscoa, e quase à hora sexta; e disse aos judeus: Eis aqui o vosso Rei. Mas eles bradaram: Tira, tira, crucifica-o.»

[S. João 19:14-15]

e) O Comportamento dos Dois Ladrões

«Também os que com ele foram crucificados o injuriavam.»

[S. Marcos 15:32, S. Mateus 27:44]

Como é possível que alguém que está a ser submetido a um horror e tortura inimagináveis, tal como o é a crucificação, possa estar apto para abusar e insultar uma outra pessoa que esteja na mesma situação?

«E um dos malfeitores que estava pendurado, blasfemava dele dizendo: Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo, e a nós.

Respondendo porém, o outro repreendia-o, dizendo: Tu nem ainda temes a Deus, estando na mesma condenação?»

[S. Lucas 23:39-40]

f) A Situação de Jesus na Cruz

Segundo S. Mateus e S. Marcos, quando Jesus estava na cruz apresentava-se triste, chorando, com medo e desespero gritando «Deus meu, Deus meu! Porque me desamparaste?»; a seguir, ele grita em voz alta e entrega o espírito.

Por seu lado, S. Lucas apresenta uma imagem de Jesus tranquilo, satisfeito, submisso, sem gritos, dores nem tristeza, encarando toda aquela situação de forma prudente, e ainda, acalmava os outros e rogava a Deus para que perdoasse e tivesse misericórdia dos que o crucificavam:

«Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que estão fazendo.»

[S. Lucas 23:33]

Quanto a S. João, nada menciona a respeito da situação de Jesus na cruz, não fala de agonia nem de satisfação. Ele apresenta um Jesus firme, caminhando em direcção à morte como se estivesse a aceitar tudo aquilo como algo pré-

destinado, parecendo que estivesse a cumprir uma promessa e a caminhar para o Pai, pronunciando apenas uma palavra: «Está consumado!»; depois inclina a cabeça e entrega o espírito, como se fosse um testemunho de que os seus opressores cumpriram a profecia.
Além disso, S. João menciona no seu Evangelho que quando Jesus informou aos seus discípulos sobre a sua morte, pediu-lhes que ficassem satisfeitos com essa noticia e não tristes:
«Vou, mas volto para vocês. Se vocês me amassem, ficariam contentes.»

[S. João 14:28]

g) Que Bebida Ele Rejeitou?
«Deram-lhe a beber vinagre misturado com fel; mas ele, provando-o, não quis beber.»

[S. Mateus 27:34]

«E deram-lhe a beber vinho com mirra, mas ele não o tomou.»

[S. Marcos 15:23]

h) Houve ou Não Terramoto?
«E eis que o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo; e tremeu a terra, e fenderam-se as pedras; e abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos que dormiam foram ressuscitados.»

[S. Mateus 27:51-52]

Para além de S. Mateus, ninguém mais menciona este acontecimento importante. Se de facto isso fosse real, ninguém mais teria motivos para descrer e todo o povo judeu teria acreditado em Jesus, até mesmo os que o crucificaram. Este ponto já foi mais pormenorizado anteriormente.

i) Quem Enterrou Jesus?
Os quatro Evangelhos mencionam que foi um homem rico e respeitável chamado José de Arimateia; S. João acrescenta ainda Nicodemos.
S. Lucas descreve "Arimateia" por "cidade dos judeus", indicando que José não era de Jerusalém [S. Lucas 23:51]. Mas no Actos [13:27-29] consta que foram os habitantes de Jerusalém que enterraram Jesus, acusados de o terem morto.

j) Três Dias e Três Noites?

Este é o aspecto contraditório a que os evangelistas mais se apegam, apesar de estar claro de que as lendas sobre a crucificação foram inventadas para instalar um certo medo e simpatia nas mentes das pessoas. Medo, para aquele que não acreditasse na morte e ressurreição de Jesus estar eternamente condenado, e simpatia, para retratar a personagem de Jesus como sendo um herói inocente, que morreu na cruz pelos pecados humanos.

De facto, como já se provou que Jesus não morreu nem foi morto, a questão da ressurreição não encontra espaço. Cita-se a seguir ainda mais uma prova disso. Certa vez, com o intuito de incomodar Jesus, assim como o tinham feito com Moisés, alguns dos fariseus e mestres da lei (judaica) foram ao seu encontro e disseram:
«Mestre, queríamos ver da tua parte algum sinal.»

[S. Mateus 12:38]

Eles pretendiam que Jesus lhes mostrasse os seus "credenciais" e demonstrasse capacidades extra-humanas, tal como voar, caminhar pela água, etc. Jesus respondeu:
«Uma geração má e adúltera pede um sinal, porém, não se lhe dará outro sinal senão o do profeta Jonas; pois, como Jonas esteve três dias e três noites no ventre dum grande peixe, assim estará o filho do homem três dias e três noites no seio da terra.»

[S. Mateus 12:39-40]

É de salientar que este versículo contradiz um outro:
«E suspirando profundamente em seu espírito, disse: Por que pede esta geração um sinal? Em verdade vos digo que a esta geração não se dará sinal algum.»

[S. Marcos 8:12]

Jonas (Yunuss عليه السلام) foi um profeta que tinha sido enviado por Deus para pregar ao povo de Nínive, mas desviou-se desse destino e embarcou para um outro local. Para uma história mais detalhada sobre Jonas, vide o capítulo dedicado a ele no presente livro.
Entretanto, a embarcação começou a ser sacudida por fortes tempestades e ondas gigantes que surgiram repentinamente, causando temor nos que lá

estavam. Jonas se apercebeu logo de que era a causa desse tormento, por não ter obedecido a Deus, e disse aos marinheiros que o lançassem ao mar a fim de mitigar a calamidade; assim foi feito e de imediato o mar se acalmou.

Agora vejamos:

- Jonas estava vivo quando foi lançado ao mar, pois ele próprio tinha pedido aos marinheiros que o fizessem.
- Quando foi engolido por um grande peixe, pela ordem de Deus, também estava vivo.
- Durante três dias e três noites permaneceu vivo no ventre do peixe, e passou esse período a reconhecer o seu erro e a implorar a Deus pelo socorro, pois só os vivos é que se sentem aflitos e invocam Deus.
- Quando foi expelido para terra seca depois desses dias, também continuava vivo.

Portanto, em momento algum Jonas chegou de morrer ou ser ressuscitado; pelo período de três dias e três noites ele não afogou nem morreu, quer dentro como fora do peixe. Caso fosse uma pessoa vulgar, teria morrido passado alguns instantes.
Isto é que foi um verdadeiro milagre e o sinal escolhido por Jesus quando se referiu a Jonas, pois este permaneceu vivo três dias e três noites no ventre do peixe; assim, também «estará o filho do homem três dias e três noites no seio da terra».

Isto significa que se de facto Jesus tivesse sido mesmo enterrado e passado esses dias e noites no seio da terra, então ele estaria vivo esse tempo todo, tal como Jonas. E se alguém aceitar que Jesus foi enterrado mas recusar que não morreu, então a sua profecia estava errada ou não foi cumprida; para tal, ele tinha que estar necessariamente vivo, caso contrário terá mentido!

Para além deste aspecto bastante esclarecedor, vejamos se Jesus realmente veio a permanecer três dias e três noites no seio da terra, ou seja, no sepulcro.
Segundo os cristãos, Jesus foi crucificado numa Sexta-feira, à qual se chama "Santa". Para os muçulmanos, todas as Sextas-feiras são santas, pois é o dia de maior congregação, em que se juntam um número maior de crentes para adorar o Único Criador de tudo e de todos.

Os cristãos, com excepção das Testemunhas de Jeová, consagraram esse dia pois defendem que foi nessa data que Jesus morreu para pagar os pecados das pessoas, razão pela qual é feriado nos países cristianizados.

Segundo a Bíblia, Jesus morreu às três horas numa Sexta-feira. Agora vejamos se fazendo as contas, até ao momento de ele sair do sepulcro, dá três dias e três noites no seio da terra:

- Jesus foi enterrado três horas depois, passando assim a primeira noite na campa;
- Sábado foi o seu primeiro dia no sepulcro;
- A noite de Sábado foi a sua segunda na campa;
- No primeiro dia da semana, ou seja, no Domingo, ele já não estava no sepulcro, pois quando as mulheres o foram visitar, encontraram-no vazio.

Assim sendo, Jesus ficou apenas duas noites e um dia na campa. Pode-se fazer grandes exercícios aritméticos, mas de forma alguma será possível completar os três dias e três noites que Jesus referiu como sendo o sinal de Jonas. A não ser que se altere o dia da suposta morte para Quinta-feira, passando esta a ser "Quinta-feira Santa", e que se mude a hora da ressurreição para o final de Domingo; ou então, que se altere a suposta ressurreição para o final de Segunda-feira!

Tudo isto é tão transparente e simples de compreender, mas os que teimam em crer que alguém tinha que derramar o sangue para limpar os pecados original e adquiridos, não concordam, e continuarão a argumentar contra qualquer facto que coloque em risco a sua salvação, pois acham que se Jesus não morreu na cruz e não ressuscitou no terceiro dia, então os pecados não terão sido perdoados.

Deus é justo e não faz parte do Seu critério e majestade crucificar um inocente para redimir os pecados dalgum criminoso; nem os Estados cá na terra procedem dessa forma.

Portanto, crucificar Jesus devido aos pecados dos outros e atribuir isso a Deus, é uma injustiça contra Jesus e um insulto a Deus.

k) Quantas Mulheres Visitaram o Sepulcro?

«E no primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, sendo ainda escuro, e viu a pedra tirada do sepulcro.»

[S. João 20:1]

«E no fim do Sábado, quando já despontava o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro.»

[S. Mateus 28:1]

«E eram Maria Madalena, e Joana, e Maria, mãe de Tiago, e as outras que com elas estavam.»

[S. Lucas 24:10]

«E passado o Sábado, Maria Madalena, e Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram aromas para irem ungi-lo.»

[S. Marcos 16:1]

Ao mencionar apenas mulheres, S. Mateus e S. Marcos pretendem indicar que nenhum dos discípulos directos de Jesus presenciou a dita crucificação e a sua posterior colocação no sepulcro. Isto vai de acordo com a predição de Deus em S. Marcos 14:27, segundo a qual todos os discípulos iriam abandonar Jesus nesses momentos.

Entretanto, S. Lucas parece contradizer isso quando sugere que "todos os seus conhecidos", que obviamente inclui os discípulos, estavam a observar, embora à distância [S. Lucas 23:49].
S. João apresenta uma terceira versão, onde consta que um discípulo que Jesus amava, estava tão perto deste que até chegou de falar com ele [S. João 19:26].

l) Estava ou Não Escuro ao Chegarem no Sepulcro?

«E no primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, sendo ainda escuro.»

[S. João 20:1]

«E no fim do Sábado, quando já despontava (nascia) o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro.»

[S. Mateus 28:1]

«E no primeiro dia da semana, foram ao sepulcro, de manhã cedo, ao nascer do Sol.»

[S. Marcos 16:2]

m) Quem Viram Lá?

Maria Madalena viu dois anjos vestidos de branco [S. João 20:12].
Maria Madalena e a outra Maria viram um anjo descendo do céu [S. Mateus 28:2].
Dois homens com vestes resplandecentes pararam junto de Maria Madalena, Joana, Maria mãe de Tiago e as outras que com elas estavam [S. Lucas 24:4-10].
Maria Madalena, Maria mãe de Tiago e Salomé viram um jovem vestindo uma roupa comprida e branca [S. Marcos 16:1-5].

n) Após Saírem do Sepulcro

«E saindo elas apressadamente, fugiram do sepulcro, porque estavam possuídas de temor e assombro; e nada diziam a ninguém porque temiam.»

[S. Marcos 16:8]

«E voltando do sepulcro, anunciaram todas estas coisas aos onze e a todos os demais.» [S. Lucas 24:9]

A POSIÇÃO ISSLÂMICA

Antes de abordar a posição isslâmica sobre a crucificação, seria relevante recuar ao conceito de "salvador" que era esperado pelos israelitas, quer na época do nascimento de Jesus como durante um longo período antes disso, quando a sua terra era uma pequena colónia romana e os colonizadores infligiam-lhes os piores castigos.
Nessa altura, o povo colonizado estava ansioso em ver surgir um herói, para os guiar rumo à liberdade e reavivar a honra da era de David e Salomão. Os profetas anteriores haviam predito acerca desse grande herói:
«Nos seus dias, Judá será salvo e Israel habitará seguro.»

[Jeremias 23:6]

«E tu, Belém Efrata, posto que pequena entre os milhares de Judá, de ti me sairá o que governará em Israel.»

[Miqueias 5:2]

Os israelitas ficaram satisfeitos com a vinda de Jesus, para libertá-los da escravatura e subjugar e dominar os outros povos sob sua liderança. Para tal,

começaram a fazer os preparativos para o proclamarem como seu líder e rei, a fim de ele organizar as fileiras e a liderança na luta pela libertação.
Eles constantemente o chamavam de "rei dos judeus", o que se tornou claro na recepção a que Jesus foi alvo aquando da sua entrada em Jerusalém. Aliás, os judeus pretendiam proclamar Jesus como seu rei, mas ele recusou a proposta e fugiu:
«Jesus, sabendo que pretendiam vir e proclamá-lo rei à força, retirou-se novamente sozinho para o monte.»

[S. João 6:15]

Certa vez, vieram perguntar-lhe acerca dos altos impostos que os romanos cobravam. Achando que Jesus iria proibi-los de pagar impostos, como forma de desobediência e rebelião contra os colonos romanos, ele respondeu:
«Dêem a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.»

[S. Marcos 12:17]

As esperanças dos judeus concernente a Jesus ficaram desfeitas e apagou-se o sonho de libertação e de recuperação da honra perdida através dele. O grande desgosto que tiveram era suficiente para mudar o seu amor por ódio.

O CRUCIFICADO FOI O TRAIDOR

Os israelitas começaram a odiar, perseguir e combater Jesus e até tentaram assassiná-lo, mas Deus não quis que Seu servo justo fosse morto; no momento da crucificação, colocou à sua semelhança uma outra pessoa, tendo sido esta que foi crucificada ao invés de Jesus. Portanto, a morte que queriam aplicar a Jesus, Deus fez com que aplicassem ao seu traidor, sem contudo se aperceberem disso.
Este facto confirma que Deus não desamparou o Seu nobre mensageiro e este não foi degolado pelos descrentes, tendo-o honrado e afastado da conspiração e da maldade dos inimigos. Assim, Jesus conseguiu escapar deles e Deus o elevou vivo para junto de Si.

O sagrado Al-Qur'án conta como Deus não abandonou Jesus, aceitou a súplica do Seu servo, salvou-o dos descrentes e o elevou aos céus:

«E (recorda) quando Deus disse: Ó Jesus! Eu vou te levar (deste mundo) e elevar até Mim (aos Céus), e purificar-te (salvar-te) dos que não crêem; e colocarei os que te seguem (os monoteístas) acima dos descrentes, até ao Dia da Ressurreição. Em seguida, a Mim será o vosso retorno; e julgarei entre vós naquilo que tiverdes divergido.»

[Al-Qur'án 3:55]

O Isslam rejeita categoricamente a alegação dos judeus segundo a qual Maria, a mãe de Jesus, era adúltera, bem como a sua reivindicação de o terem crucificado, pois defende que Jesus é filho da Virgem Maria e que não foi crucificado nem morto.
Judas, o seu discípulo e traidor, é que foi crucificado juntamente com os dois ladrões, pagando assim o preço pela traição. Deus alterou a fisionomia de Judas, tornou-a parecida com Jesus e os judeus se convenceram de ter crucificado Jesus. Consta no sagrado Al-Qur'án:
«E devido à sua descrença (dos judeus), e por proferirem graves calúnias acerca de Maria, e por dizerem (em forma de orgulho): "Nós matamos o Messias, Jesus, filho de Maria, o mensageiro de Deus"; quando na realidade, eles não o mataram nem o crucificaram, mas foram enganados pela semelhança (duma outra pessoa no lugar de Jesus).
E aqueles que discordam disso, estão cheios de dúvida acerca disso, porque não possuem conhecimento algum e não fazem mais do que seguir a conjectura. Certamente, eles não o mataram, mas Deus o elevou até Ele, porque Deus é Todo Poderoso, Sábio.»

[Al-Qur'án 4:157-158]

O sagrado Al-Qur'án só narra que eles foram lançados na dúvida, i.e. uma outra pessoa foi crucificada no lugar de Jesus, à qual confundiram com ele, mas não menciona a sua identidade. Pode evidentemente ter havido um erro no reconhecimento dessa pessoa, pois há mais de dois mil anos, a verificação da identidade era muito elementar e dependia apenas das pessoas que conhecessem o indivíduo. No geral, pressupõe-se que o substituto tenha sido um dos discípulos de Jesus.

Segundo os Evangelhos, a captura e crucificação de Jesus não ocorreu no lugar onde ele passou a maior parte da sua vida; ocorreu em Jerusalém, uma cidade onde ele efectuava visitas breves e era pouco conhecido.

Além disso, Jesus não tinha muitos seguidores; o número de pessoas que o conhecia era muito inferior e os residentes de Jerusalém que o poderiam reconhecer perfeitamente era mais inferior ainda.
Os Evangelhos também comprovam que os que foram capturar Jesus não sabiam na realidade como ele era; Judas Iscariotes não só levou os guardas ao local onde Jesus estava como ainda teve que indicar quem ele era, ao beijar-lhe [S. Mateus 26:47-50, S. Lucas 22:47-48]. Já que Jesus não era conhecido perante as autoridades, poderia perfeitamente ocorrer uma falha na sua identificação.

O facto da crucificação ter sido realizada às pressas, em menos de 24 horas depois de Jesus ter sido capturado, tal como já foi dito anteriormente, pode também ter contribuído para que as autoridades não descobrissem que quem tinham consigo não era Jesus. Por outro lado, pode-se ainda considerar em termos normais a hipótese de Jesus ter escapado, mas não exclui a possibilidade da ocorrência de mais um milagre, pois Deus menciona no sagrado Al-Qur'án que iria protegê-lo dos inimigos, incluindo o atentado falhado de crucificá-lo.

O facto anunciado claramente pelo sagrado Al-Qur'án de que Deus elevou a posição de Jesus, não é algo estranho nem novo para os dotados de consciência, pois encontramos o mesmo mencionado na Bíblia:
«Agora sei que o Senhor salva o seu ungido, Ele ouvirá desde o Seu santo céu com a força salvadora da Sua destra.»

[Salmos 20:6]

O que David disse neste versículo está em conformidade com o que aconteceu no momento em que os judeus apareceram para prender Jesus.
Ora, no momento em que Jesus estava sendo preso, havia uma escuridão intensa e pouco se via, razão pela qual os inimigos se dirigiram para lá já preparados com lanternas:
«Tendo pois, Judas recebido a corte e oficiais dos principais sacerdotes e fariseus, veio para ali com lanternas, e archotes e armas.»

[S. João 18:3]

Depois, quando os judeus apareceram e Jesus se apresentou, eles recuaram e caíram por terra:
Jesus adiantou-se e disse-lhes: A quem buscais?

Responderam-lhe: A Jesus Nazareno.
Disse-lhes Jesus: “Sou eu”. E Judas, que o traía, estava com eles.
Quando pois, lhes disse: “Sou eu”, recuaram e caíram por terra.»

[S. João 18:4-6]

E consta ainda:
«Ora, o que o ia entregar, tinha lhes dado este sinal: Aquele que eu beijar é esse mesmo.»

[S. Marcos 14:44]

«Jesus disse-lhe: Judas, é com um beijo que entregas o filho do homem?»

[S. Lucas 22:48]

Tudo isto prova que Judas era muito próximo a Jesus e que os inimigos não conheciam o Messias; quando o conheceram pela primeira vez, recuaram e caíram por terra. A questão que se coloca é porquê caíram? Por que razão muitos soldados fortemente armados caíram quando Jesus lhes disse que era a pessoa a quem procuravam?
Os inimigos estavam em posição de vantagem, quer em número como em armamento, comparativamente a Jesus e seus discípulos, mas caíram sem que ninguém os tocasse. Caso alguém queira compreender perfeitamente esta passagem sobre a captura de Jesus, obviamente que ficaria em dúvida.

E a seguir consta que Jesus voltou a perguntar-lhes: «A quem buscais?». Será que Jesus estava à espera que recuperassem os sentidos para falar com eles? Então porque rogou a Deus para o salvar desse “cálice”?
Será que eles caíram para pouco tempo? Se sim, porque os discípulos não se aproveitaram da oportunidade para os derrubar, já que empunhavam algumas espadas? Se foi por um tempo considerável, então porque Jesus e outros não se aproveitaram disso para fugir, tal como fez em várias outras ocasiões?

O que na realidade aconteceu foi que Deus quis que surgisse uma confusão entre os soldados para salvar Jesus por um lado, e induzi-los a prender o traidor Judas, por outro. Foi nesse momento de queda dos inimigos que Deus salvou Jesus e, com Seu poder ilimitado, fez com que a fisionomia de Judas se assemelhasse à de Jesus.

Quando os judeus e os soldados recuperaram a consciência, não encontraram mais ninguém à sua frente senão Judas, e ficaram irritados com o que lhes tinha acontecido; então, levaram Judas por engano e o crucificaram. Judas recusou ser a pessoa que procuravam, mas os judeus não estavam dispostos a ouvir ou acreditar nele, pois no momento se parecia com Jesus, depois de já conhecerem a aparência real deste.

Esta é a realidade que também se encontra na Bíblia, pois consta que Jesus tinha a habilidade de se esconder e camuflar milagrosamente, com ajuda de Deus, por forma a que muitos dos seus amigos e até mesmo os discípulos não o conseguissem reconhecer.
S. Lucas fala-nos duma ocasião em que duas pessoas próximas a Jesus, apesar de o encontrarem num atalho, não o puderam reconhecer:
«E eis que no mesmo dia iam dois deles para uma aldeia [...] E iam falando entre si de tudo aquilo que havia sucedido. E aconteceu que, indo eles falando entre si, e fazendo perguntas um ao outro, o mesmo Jesus se aproximou, e ia com eles. Mas os olhos deles estavam como que fechados, para que o não conhecessem.»
[S. Lucas 24:13-16]

Para além disso, os Evangelhos mencionam vários relatos em que os judeus tentaram prender Jesus, mas apesar de chegarem muito próximo ele sempre conseguiu se escapar, camuflando-se e até mesmo fugindo de forma fenomenal. Esta habilidade de Jesus em escapar do seu aprisionamento talvez seja mais uma forma de milagre que Deus lhe facultou, a fim de se proteger dos seus rudes e insistentes inimigos.
Aliás, Jesus até lhes desafiou por várias vezes, dizendo que haviam de vir para o prender mas que não conseguiriam lograr os seus intentos:
«Eu retiro-me, e buscar-me-eis, e morrereis no vosso pecado. Para onde eu vou, não podeis vós vir [...] Vós sois de baixo, eu sou de cima; vós sois deste mundo, eu não sou deste mundo.»
[S. João 8:21-23]

Quando Jesus estava a falar com alguns judeus:
«E quando dizia isto, vendo-o eles, foi elevado às alturas, e uma nuvem o recebeu, ocultando-o a seus olhos.»
[Actos 1:9]

S. João fala-nos dalgumas ocasiões em que os judeus tentaram prender Jesus, mas sem sucesso. Numa delas, Jesus estava a pregar no templo e a falar sobre Deus:
«Então alguns dos de Jerusalém diziam: Não é este o que procuram matar?
E ei-lo aí está falando abertamente, e nada lhe dizem. Porventura sabem verdadeiramente os príncipes que de facto este é o Cristo?
Todavia bem sabemos de onde este é; mas quando vier o Cristo, ninguém saberá de onde ele é.
Clamava pois, Jesus no templo, ensinando e dizendo: Vós conheceis-me e sabeis de onde sou; e eu não vim de mim mesmo, mas Aquele que me enviou é verdadeiro, o Qual vós não conheceis. Mas eu conheço-O, porque d'Ele sou e Ele me enviou.
Procuravam pois, prendê-lo, mas ninguém lançou mão dele, porque ainda não era chegada a sua hora.»

[S. João 7:25-30]

Noutras ocasiões, houve fortes discussões entre Jesus e os judeus, em que as ideias divergiram, então estes tentaram matá-lo:
«Então, eles apanharam pedras para apedrejá-lo, mas Jesus escondeu-se e saiu do templo.» [S. João 8:59]

«Procuravam pois, prendê-lo outra vez, mas ele escapou-se das suas mãos.»

[S. João 10:39]

De facto, Deus protegeu Jesus e afastou dele as conspirações e o mal, assim como consta no sagrado Al-Qur'án:
«E quando detive os filhos de Israel, afastando-os de ti quando lhes chegaste com provas claras, então os descrentes de entre eles disseram: Tudo isso não passa de clara magia.»

[Al-Qur'án 5:110]

É importante salientar que S. Barnabé, que foi um dos discípulos próximos de Jesus, também chegou de compilar um Evangelho que leva o seu nome, mas que foi excluído do cânon do Novo Testamento muitos séculos depois de Jesus, cuja cópia original se encontra preservada na "Imperial Library", em Viena. Este livro foi traduzido para várias línguas, de entre as quais o Inglês, por Londsdale e Laura Ragg, publicado pela Oxford Press em 1907.

Na página 481 desta tradução, S. Barnabé conta que: «Nesse momento, Judas parecia-se tanto com Jesus que foi crucificado no lugar dele». Portanto, este é o testemunho de um dos discípulos e Apóstolos de Jesus, que refuta e desaprova a hipótese de que ele tenha sido crucificado.

S. Barnabé menciona o que realmente aconteceu e como Deus informou a Jesus sobre a traição por parte de um discípulo seu:
«Certamente vos digo, que um de vós vai-me trair, de maneira que eu vou ser vendido como uma ovelha; mas ai dele, pois ele confirmará aquilo que o nosso pai David disse acerca desse tipo de gente: Ele próprio cairá na cova que preparou para os outros.»

[S. Barnabé 213:24-26]

«Saiba, ó Barnabé, por causa disto eu vou ter uma grande perseguição, e serei vendido por um dos meus discípulos em troca de trinta moedas de dinheiro. E eu tenho certeza que esse que me vai vender, será morto em meu nome, porque Deus me afastará para longe da terra e mudará a aparência do traidor, de maneira que todos pensarão que sou eu.»

[S. Barnabé 112:14]

S. Barnabé detalha ainda sobre como ocorreu a ascensão de Jesus para o céu, quando Judas veio com os soldados para o prender:
«E Deus salvou o Seu mensageiro das mãos dos seus perseguidores, e o discípulo traidor bebeu o copo que tinha preparado para o seu mestre.»

Quando os soldados, juntamente com Judas, se aproximaram do local onde estava Jesus, este ouviu a aproximação da grande multidão e, com medo, se retirou para dentro da casa; e os onze discípulos estavam a dormir. Então, Deus, vendo o perigo que ameaçava o Seu servo, ordenou a Gabriel, Rafael e Uriel, Seus ministros, para tirarem Jesus para fora deste mundo. Os anjos santos vieram e tiraram Jesus da janela que está virada para o Sul; carregaram-no e colocaram-no no terceiro céu, na companhia dos anjos que glorificam a Deus.
Judas entrou abruptamente no quarto de onde Jesus fora elevado, antes de todos. Então, o maravilhoso Deus actuou fantasticamente, de tal forma que o rosto de Judas se alterou profundamente, ao ponto de ter ficado semelhante a Jesus, até que nós acreditamos que ele era Jesus.

Quanto a ele, quando nos acordou, começou a procurar para ver onde estava o mestre. Por isso, nós admiramos e respondemos: Tu, ó nosso senhor, és o nosso mestre, será que agora te esquecestes de nós?
E ele sorrindo disse: Vós estais loucos agora, ao não saberdes que eu sou Judas Iscariotes!
E enquanto ele estava dizendo isso, entraram os soldados e o prenderam, porque ele era muito semelhante a Jesus [S. Barnabé 215, 216].

E foi assim que Deus salvou o Seu mensageiro, elevou-o vivo aos céus e fez o traidor saborear o castigo da traição, fazendo-o morrer pelas mãos dos seus amigos.
Quanto a Jesus, ao ascender aos céus, foi colocado junto a outros piedosos e bondosos, tal como aconteceu com os profetas Elias e Enoque:
«E sucedeu que, indo eles andando e falando, eis que um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro; e Elias subiu ao céu num redemoinho. O que vendo Eliseu, clamou: Meu pai, meu pai, carros de Israel, e seus cavaleiros! E nunca mais o viu.»

[II Reis 2:11-12]

«E andou Enoque com Deus; e não apareceu mais, porquanto Deus para si o tomou.»

[Génesis 5:24]

E isto foi repetido no Hebreus 11:5:
«Pela fé, Enoque foi trasladado para não ver a morte, e não foi achado, porque Deus o trasladara; visto como antes da sua trasladação alcançou testemunho de que agradara a Deus.»
Deus não só salvou estes e outros profetas, como também livrou Jesus e Muhammad ﷺ das mãos dos seus inimigos, quando estes tinham conspirado para matá-los, pois Deus diz:
«E era Nosso dever socorrer os crentes.»

[Al-Qur'án 30:47]

J.C. Fenton, ante-vigário de Wenth Worth, Yorkshire, e posteriormente de Lich Field Theological College, afirma no seu livro intitulado "São Mateus" e publicado em 1963 pela Penguin Books: «Isto mostra que depois da tentação

da crucificação até os Evangelhos terem sido escritos, havia alguns cristãos primitivos que acreditavam que Jesus não tinha sido crucificado, mas que outra pessoa qualquer fora crucificada no seu lugar. Havia uma outra seita que acreditava que Jesus não havia morrido na cruz, mas ele veio da cruz (desceu) vivo. Foi reservado para o racionalista Venturia, no início do século XIX, avançar com a curiosa teoria segundo a qual Jesus apenas havia desmaiado na cruz, tendo mais tarde recobrado os sentidos no sepulcro, separado da rocha.»

Portanto, não houve crucifixão de Jesus mas sim "crucificção". Eventualmente a verdade emergirá, pois os antigos "Pergaminhos do Mar Morto" descobertos numa cave por um pastor árabe, também foram escondidos do público por mais de quarenta anos; alguns estudiosos e investigadores desafiaram os guardiães dos pergaminhos a mostrar os seus conteúdos originais.
Diz-se que esses pergaminhos foram escritos por judeus palestinos dois séculos antes e durante a vida do profeta Jesus, sendo os mais antigos manuscritos conhecidos da Bíblia. Os rolos, que descrevem as normas e crenças da seita de Qumran, tornam bem claro que não havia apenas uma forma de judaísmo no tempo de Jesus.

O REGRESSO DE JESUS E O FIM DO MUNDO

Jesus, filho de Maria, ascendeu vivo aos céus, não tendo passado pela morte nem crucificação. A ameaça dos judeus à sua vida provavelmente tornou a sua missão pública muito curta, pois era muito jovem quando saiu deste mundo. Segundo S. Lucas, tinha 30 anos quando isso aconteceu.
Antes do Fim deste Mundo, Jesus virá novamente à Terra, irá contrair matrimónio, ter filhos e morrerá de forma natural, sendo posteriormente sepultado na cidade santa de Madina, na Arábia Saudita, junto ao túmulo do profeta Muhammad ﷺ.

É interessante notar que até mesmo os judeus, que disseram *«nós matamos Jesus»*, nunca disputaram com o profeta Muhammad ﷺ a respeito da vinda de Jesus. Vários Hadices autênticos mencionam acerca da segunda vinda de Jesus, na véspera do Fim do Mundo, altura em que ele destruirá todas as falsas doutrinas e implantará a paz e justiça.

ALLAH diz no sagrado Al-Qur'án:
«E ele (Jesus) será um sinal (do advento) da Hora; não duvideis pois dela e segui-me, porque esta é a senda recta.»

[Al-Qur'án 43:61]

Consta que o profeta Muhammad ﷺ afirmou que o Dia da Ressurreição (Fim do Mundo) não chegará sem que antes apareçam dez sinais, de entre os quais a vinda do Anticristo (Dajjál), e de Jesus filho de Maria [Musslim]. Portanto, a sua vinda representa um dos grandes sinais da aproximação da Hora.
E consta na Bíblia:
«E estando assentado no Monte das Oliveiras, chegaram-se a ele os seus discípulos em particular, dizendo: Diga-nos, quando serão essas coisas, e que sinal haverá da tua vinda e do Fim do Mundo?
E Jesus, respondendo, disse-lhes: Acautelai-vos, que ninguém vos engane; porque muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo; e enganarão a muitos. E ouvireis de guerras e de rumores de guerras; olhai, não vos assusteis, porque é mister que isso tudo aconteça, mas ainda não é o fim. Porquanto se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá fomes, e pestes, e terramotos, em vários lugares. Mas todas estas coisas são o princípio de dores.»

[S. Mateus 24:3-8]

«Então, se alguém vos disser: Eis que o Cristo está aqui ou ali, não lhe deis crédito; porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos. Eis que eu vo-lo tenho predito. Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto, não saiais. Eis que ele está no interior da casa, não acrediteis.
Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até ao ocidente, assim será também a vinda do Filho do homem. Pois onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão as águias.
E logo depois da aflição daqueles dias, o Sol escurecerá, e a Lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; e todas as tribos da terra se lamentarão, e verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória.
E Ele enviará os Seus anjos com rijo clamor de trombeta, os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus.

Aprendei, pois, esta parábola da figueira: Quando já os seus ramos se tornam tenros e brotam folhas, sabeis que está próximo o Verão. Igualmente, quando virdes todas estas coisas, sabei que ele (o Dia) está próximo, às portas.»

[S. Mateus 24:23-33]

«E quando dizia isto, vendo-o eles, foi elevado às alturas, e uma nuvem o recebeu, ocultando-o a seus olhos. E estando com os olhos fitos no céu, enquanto ele subia, eis que junto deles se puseram dois homens vestidos de branco, os quais lhes disseram: Homens galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir.»

[Actos 1:9-11]

Consta ainda no sagrado Al-Qur'án:
«Mas Deus o elevou até Ele.»

«E todas as pessoas dos adeptos do livro, deverão crer nele (em Jesus) antes da sua morte. E no Dia da Ressurreição, será uma testemunha contra eles.»

[Al-Qur'án 4:159]

Resume-se através de várias colecções de Hadices como Bukhari, Musslim, Abu Dawud, Ahmad e outros, em que o profeta Muhammad ﷺ disse:
«Juro por Aquele em cujas Mãos está a minha alma, que o Dia estará próximo quando o filho de Maria descer entre vós; ele (Jesus) virá como um governante justo, destruirá as cruzes (crucifixo), aniquilará os porcos, acabará com as guerras e abolirá o Jiziya (imposto cobrado aos judeus e cristãos que vivem sob o governo isslâmico, pago no lugar de Zakát e serviço militar), pois todos ficarão muçulmanos e o Isslam (crença de submissão a Deus) será a única religião.
Se Jesus parar diante do meu túmulo e me chamar, certamente que eu irei responder-lhe; quem de entre vós (muçulmanos) encontrar Jesus, filho de Maria, que lhe transmita os meus cumprimentos sem falta.
Ele não morreu e está destinado a voltar para este mundo e junto de vós. Vós (audiência cristã) não reconheceis que Deus é Eterno e não conhece a morte, enquanto que Jesus está destinado a passar pela morte natural? Eles aceitaram que sim.

O Dia do Julgamento será precedido pelo regresso de Jesus. Eu sou o mais próximo a Jesus, não existiu profeta algum entre nós. Lembrai que certamente ele descerá (voltará) e quando vier, vós logo o reconhecereis ao verdes, pois terá uma estatura média, a sua cor será avermelhada e de cara esbranquiçada, os seus cabelos serão direitos e parecerá estarem molhados, embora nenhuma água (humidade) os tenha atingido. Descerá usando duas peças de vestuário cinzentas ou da cor de açafrão (amarelo alaranjado), apoiando as suas mãos sobre os braços de dois anjos.

Durante o seu reino, Deus destruirá o Anticristo (Dajjál), a paz e o conforto prevalecerão na Terra de tal forma que camelos pastarão com leões, tigres com bois e lobos com cabritos; as crianças brincarão com cobras, sem que uma ou outra cause o mais ligeiro ferimento. O rancor, ódio e inveja entre as pessoas irão desaparecer. A riqueza abundará de tal forma que não haverá quem receba a caridade, até que um simples acto de prostração perante Deus será mais valioso do que este mundo e tudo quanto nele existe.
Quando Deus desejar, Jesus irá morrer (após cerca de 40 anos), os muçulmanos (submissos a Deus) farão a oração fúnebre para ele e o sepultarão junto de mim (em Madina).»

Jesus virá numa altura em que combatentes muçulmanos estarão a se alinhar para o Salátul-Fajr (oração da aurora), enquanto um Imám (líder religioso) estará avançando para dirigir essa oração; então este recuará e dará lugar a Jesus para liderá-la, ao que recusará. Os muçulmanos estarão a se preparar para combater o Dajjál (Anticristo), e a primeira acção de Jesus será enfrentá-lo; para tal, dirigir-se-á para Jerusalém onde o Dajjál estará cercando um grupo de muçulmanos, e ordenará para que se abram os portões; quando Dajjál o avistar, começará a derreter como sal na água e tentará fugir, mas Jesus irá capturá-lo no portão oriental de Ludd, onde o matará [Jámius-Saghir].

O profeta Muhammad ﷺ predisse ainda que nenhum descrente poderá escapar da morte após ter cheirado a fragrância do sopro de Jesus, e esta atingirá até onde a sua visão alcançar. Ele perseguirá o Dajjál até prendê-lo junto à saída de Ludd, onde será morto. Depois, Jesus dirigir-se-á para algumas pessoas a quem Deus protegera do Dajjál, limpará os seus rostos e anunciar-lhes-á dos seus graus no Paraíso.

Enquanto isso estiver a acontecer, Deus revelará a Jesus: Eu libertei alguns servos Meus e ninguém conseguirá lutar contra eles; levai os Meus servos (piedosos) para segurança no Tur (montanha).
Seguidamente, Deus libertará os Ya'juj e Ma'juj (Gog e Magog), que afluirão de todas as colinas; Jesus e seus companheiros estarão cercados no Tur e rogarão a Deus, e Ele enviará vermes sobre os pescoços dos Ya'juj e Ma'juj, fazendo com que todos estes estejam mortos na manhã seguinte.
Então, Jesus e seus companheiros descerão do Monte e não encontrarão uma porção de terra sem que esteja ocupada com putrefacção e fedor deles; implorarão novamente a Deus e Ele enviará pássaros com pescoços longos, que os irão carregar e atirar para onde forem ordenados. A seguir, Deus enviará chuva de modo que nenhuma casa ou tenda se escape dela, limpando a terra e deixando-a como espelho, i.e. limpa [Musslim].

Jesus preencherá a Terra com paz, assim como o vaso é enchido com água; haverá união e ninguém adorará outros para além de ALLAH. Não haverá mais guerras e a terra se parecerá como uma travessa de prata; desta brotarão frutos como na época de Adão. As pessoas se juntarão à volta dum cacho de uvas, e isso será suficiente, ou então à volta duma romã, e esta será suficiente. Quão boa será a vida após a vinda do Messias, quando o céu for ordenado a fazer cair chuva e a terra para produzir e, mesmo que as sementes sejam plantadas em rochas maciças, estas produzirão [Daylami].

Após a verdadeira morte de Jesus, eventualmente todos os crentes morrerão e restarão apenas os piores infiéis, que fornicarão abertamente à beira da estrada, tal como fazem os burros. Serão estes descrentes que confrontarão o evento do Último Dia.

ALGUMAS QUESTÕES RELACIONADAS À ASCENSÃO E REGRESSO DE JESUS

É verdade que os eventos de ascensão e regresso de Jesus aparecem como algo fora de comum e extraordinário, mas não se deve esquecer que cada evento relacionado ao seu nascimento também foi sobrenatural, um milagre Divino relatado tanto no sagrado Al-Qur'án como na Bíblia.

A promessa do seu regresso à terra não está relacionada à questões intermédias da existência do Universo, mas sim está claramente ligada à corrente dos acontecimentos precedentes à dissolução do mesmo. E todos esses acontecimentos confrontam com aquilo que chamamos de “curso da natureza”.

Não se afigura correcto tentar resolver a disputa relacionada à morte de Jesus, comparando-a com a de qualquer ser humano, pois a vida e morte de uma determinada criatura nada tem haver com a crença religiosa; a morte de pessoas comuns é encarada com base no raciocínio e conjectura naturais. Porém, no caso de Jesus, a sua vida e morte estão ligadas à crença religiosa e a história sagrada atesta a sua vida ininterrupta.

Por este mundo já passaram vários profetas; alguns até foram assassinados, mas ninguém divergiu a respeito da sua morte. Contudo, a vida e morte de Jesus têm sido sujeitas a graves controvérsias, mesmo no seio dos seus seguidores. Com isso conclui-se que a questão da sua morte tem um significado que não é partilhado pelos eventos da morte de outros profetas.

Se de facto Jesus tivesse morrido na terra, assim como falsamente se alega, da mesma maneira que o local do seu nascimento está definido, a sua campa seria igualmente conhecida, pois durante o tempo em que ele permaneceu na terra sempre teve apoiantes assim como detractores.
A história desses seguidores viu numerosos santos que morreram há vários séculos atrás, mas os seus túmulos ainda existem sob forma de monumentos sagrados. É impossível acreditar que os cristãos, que demonstraram tamanho fervor religioso, tivessem permitido que a campa de Jesus fosse obliterada, enquanto mantiveram o local do seu nascimento, que obviamente ocorreu cerca de 30 anos antes da sua morte.

Não há dúvida que é fora de comum e não está em conformidade com a ordem da natureza, alguém viajar fisicamente da terra para os céus e regressar mais tarde da mesma forma que saiu, mantendo-se vivo durante esse tempo todo. Mas se tivermos em conta que esses incidentes constituem factos antecedentes à dissolução do Universo e estão relacionados a uma personalidade cuja vida é profundamente incomum, então se cada um for um observador imparcial não sentirá muita dificuldade em aceitar isso.

O sagrado Al-Qur'án deixa claro que não se deve comparar a pessoa de Jesus com as coisas gerais do mundo. Se procurarmos um paralelo, então devemos orientar as nossas mentes para os eventos do início da criação, e assim todas as dúvidas irão desaparecer.
É de admirar que existem pessoas que sentem dificuldade em acreditar em tais episódios numa era em que os satélites e vaivéns espaciais se tornaram uma experiência vulgar; hoje em dia já existem também naves tripuladas que viajam para o Espaço e voltam passados muitos meses ou anos. Os anjos são criaturas de Deus que viajam frequentemente entre a Terra e os Céus. Portanto, se um profeta com as características de "espírito emanado de Deus", tiver ascendido aos céus, o que há de estranho nisso?

Quando os judeus reivindicaram que *«nós matamos o Messias»*, o sagrado Al-Qur'án repudia isso dizendo *«eles não o mataram nem o crucificaram»*. Contudo, quando os cristãos dizem que Jesus foi elevado aos céus, o sagrado Al-Qur'án não rejeita esta revindicação, indicando que tal crença está correcta.
A diferença entre as posições cristã e isslâmica reside no facto de que, os primeiros afirmam que Jesus foi crucificado e morto e, decorridos alguns dias, foi elevado ao céu, enquanto que os muçulmanos defendem que Jesus não foi morto nem crucificado, pois Deus o salvou dos inimigos e elevou vivo ao céu.
Actualmente, existem muitas seitas cristãs reivindicando que cada uma delas é verdadeira e seguidora de Cristo. A questão que surge é: Quando Jesus regressar, facto que é confirmado também pela Bíblia [Actos 1:9-11], para que seita ele irá? Para a Católica, Protestante, Anglicana, Baptista ou qual?

TODAS AS ALMAS DEVEM PROVAR A MORTE

A crença no reaparecimento de Jesus não atenta contra o princípio de *"Khatmun-Nubuwwah"*, segundo o qual o profeta Muhammad ﷺ foi o último dos mensageiros e enviados de Deus que selou a corrente da profecia, indicando que depois dele não virá nenhum novo profeta.
Quanto a Jesus, ele já tinha sido escolhido, enviado e proclamado profeta de Deus antes de Muhammad ﷺ. Portanto, não virá como um novo profeta, mas sim regressará para completar a sua missão já iniciada anteriormente, conforme foi definido por Deus, e julgará de acordo com as leis do Isslam.

Quem analisa a história das religiões, pode chegar à conclusão de que houveram duas fases distintas no que concerne ao tratamento dado à missão dos profetas e aos inimigos da verdade.
A primeira fase iniciou no tempo do profeta Noé e terminou com o profeta Lot, em que o sistema de Deus se baseava em aniquilar e destruir os povos que rejeitavam e zombavam da mensagem trazida pelos respectivos profetas, fazendo disso uma lição para as gerações vindouras.
A segunda fase teve início desde Abraão até o profeta Muhammad ﷺ; a particularidade desta fase reside no facto de que quando os inimigos insistiam em rejeitar a verdade e maltratavam os respectivos profetas, então ao invés de Deus os aniquilar, ordenava os Seus mensageiros a migrarem deixando essas terras.

Portanto, Abraão foi o primeiro a anunciar perante o seu povo que iria emigrar, e assim o fez de Iraque para Palestina. O mesmo aconteceu com Moisés, que saiu com o seu povo de Egipto para Palestina.
Quando os quraishitas (tribo de Makkah) começaram a rejeitar, importunar e tentar matar o profeta Muhammad ﷺ, Deus ordenou-lhe que emigrasse para Madina, onde o fez chegar são e salvo, apesar de todo o cerco e perseguição que fora alvo.
Foi também nesta segunda fase em que Jesus foi enviado como mensageiro de Deus, e quando o seu povo o rejeitou, perseguiu e quis matá-lo (alguns profetas já tinham sido mortos antes dele), ao invés de migrar para uma outra terra, saiu desta para os céus.
Mas como o céu não é um local de morte mas de vida eterna, e porque toda a alma deve provar a morte, pois isso é uma regra inalterável traçada por Deus, Jesus terá que regressar à terra e passar por uma morte natural como qualquer humano. De salientar ainda que ele não foi morto, pois assim teria que morrer pela segunda vez, o que vai contra a Lei Divina:
«Lá (no Além), eles não saborearão (mais) a morte, além da primeira morte (mundana).»

[Al-Qur'án 44:56]

E todos os que foram criados a partir da terra, sem excepção, terão que regressar à ela, pois é dela mesmo que serão ressuscitados. Consta no sagrado Al-Qur'án:

«Da terra Nós vos criamos, e para ela vos devolveremos, e dela vos tiraremos novamente.»

[Al-Qur'án 20:55]

No Dia do Julgamento, Deus irá reunir todos os mensageiros e perguntar-lhes-á a respeito da resposta que receberam por parte daqueles que advertiram; nesse contexto, também perguntará a Jesus:
«E lembra-lhes quando Deus dirá: Ó Jesus, filho de Maria! Foste tu que disseste aos homens: Tomai a mim e à minha mãe por duas divindades ao invés de Deus?
Ele (Jesus) dirá: Glorificado sejas! Não me é admissível dizer o que não me é de direito! Se o tivesse dito, com efeito, Tu o haverias sabido, porque Tu sabes o que está em minha alma; por certo, somente Tu és o Conhecedor supremo das coisas invisíveis. Não lhes disse senão o que me ordenaste: Adorai a Deus, meu Senhor e vosso Senhor.
E eu era testemunha do que faziam enquanto permaneci entre eles; mas quando Tu me recolheste (aos céus), foste Tu o único Observador sobre eles, porque Tu és testemunha de todas as coisas. Se Tu os castigas (podes fazê-lo) pois são Teus servos, e se os perdoas é porque Tu és o Poderoso, o Sábio.
Deus dirá: Este é um Dia em que beneficiará aos verídicos a sua veracidade.»

[Al-Qur'án 5:116-119]

AS DOUTRINAS E LEIS DO CRISTIANISMO ACTUAL NÃO PROVÊM APENAS DE JESUS!

A revista "Time Magazine", de 15 de Agosto de 1988, menciona o seguinte num dos seus artigos: «Quando comparamos a história de Jesus e a religião cristã, chegamos à conclusão de que existem "dois Jesus": o histórico, que era defensor do monoteísmo (Unicidade de Deus), e outro mítico, uma criação de Paulo e outros que corromperam e estragaram os ensinamentos originais de Cristo com paganismo, assim como foi confirmado por N. Ostling».

De salientar que Paulo não foi discípulo de Jesus e nem chegou a se encontrar com ele, mas mesmo assim a influência que ele teve na (de)formação do Cristianismo é maior do que a de próprio Jesus.

O que Paulo ensinou nada tem haver com o que Jesus pregou, e isso já foi visto anteriormente. Só que ele não foi o único a deturpar os ensinamentos originais deixados por Jesus, pois Pedro também é igualmente responsável por essa corrupção.

Por exemplo, quando Pedro estava com fome, teve a "visão" de alterar a lei concernente à dieta alimentar dos primeiros cristãos, tornando permissível aos cristãos de hoje, aquilo que era proibido nas Escrituras anteriores:
«E no dia seguinte, indo eles seu caminho, e estando já perto da cidade, subiu Pedro ao terraço para orar, quase à hora sexta. E tendo fome, quis comer; e enquanto lho preparavam, sobreveio-lhe um arrebatamento de sentidos, e viu o céu aberto, e que descia um vaso, como se fosse um grande lençol atado pelas quatro pontas, e vindo para a terra; no qual havia de todos os animais quadrúpedes e répteis da terra, e aves do céu. E foi-lhe dirigida uma voz: Levanta-te, Pedro, mata e come.
Mas Pedro disse: De modo nenhum, Senhor, porque nunca comi coisa alguma impura e imunda.
E segunda vez lhe disse a voz: Não faças tu impuro ao que Deus purificou.
E aconteceu isto por três vezes; e o vaso tornou a recolher-se ao céu.»
[Actos 10:9-16, Actos 11:5-10]

Esta inovação é contra o estilo de vida de Jesus e de qualquer profeta. Para além disso, tais relatos nem podem servir de código de vida, pois Deus só revela as Leis aos Seus Mensageiros e enviados directos.
De notar que para uma revelação, inspiração ou sonho se tornar Lei, é condição essencial que a pessoa sobre a qual isso recai seja um enviado de Deus. Caso contrário, por mais piedoso ou santo que seja, não serve como parte do Shari'ah (código de vida estipulado por Deus).

Existem ainda depoimentos contraditórios sobre Pedro; consta que Jesus o elogiou como tendo sido abençoado por Deus:
«Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. E eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus.»
[S. Mateus 16:18-19]

Mas alguns versículos adiante, Jesus condena Pedro dizendo:
«Para trás de mim, Satanás, que me serves de escândalo (uma pedra pela qual me tropeço); porque não compreendes as coisas que são de Deus, mas só as que são dos homens.»

Portanto, depois disto tudo, pode-se concluir que as leis do actual Cristianismo bem como as doutrinas da Trindade, da filiação e deificação de Jesus, do pecado original e da redenção, alteradas e difundidas por Paulo, Pedro e outros, incluindo os diferentes Concílios que foram realizados ao longo dos tempos, não são lógicas e nem estão em conformidade com os ensinamentos originais de Jesus.
Todos esses dogmas foram surgindo depois de Jesus ter saído deste mundo, sem o seu consentimento, como resultado da influência pagã e dos deformadores da Mensagem Divina.
Tais dogmas mostram que o Cristianismo se desviou consideravelmente da religião pregada por Jesus, e o Isslam, como a primeira, a última e a única religião de Deus, constitui a restauração e a reposição da fé num Único Deus, pregada por Jesus e também por todos outros profetas.

PORQUÊ TANTA RIVALIDADE ENTRE ISSLAM E CRISTIANISMO?

Desde o ressurgimento do Isslam, sempre existiu uma ligação de respeito, amizade e tolerância entre judeus, cristãos e muçulmanos.
Contudo, havia países cristãos que faziam fronteira com a Arábia e que nutriam maus sentimentos para com os muçulmanos, o que resultou em conflitos, principalmente devido à desconfiança, má compreensão e pelo não estabelecimento de formas correctas de contacto. Fora isso, muçulmanos e cristãos sempre viveram em estreita harmonia e cooperação.
Por exemplo, a Abissínia foi um país cristão que concedeu refúgio aos primeiros muçulmanos, que fugiam das perseguições dos idólatras de Makkah. Negus, o rei cristão de então, acolheu os muçulmanos mesmo pondo em causa as suas boas relações com os governantes árabes pagãos.

Mas hoje, o Isslam é considerado uma ameaça à paz mundial e os muçulmanos são tratados como perigosos terroristas pelas potências cristãs.

O que é que causou uma brecha naquela amizade? Porque é que chegamos a este ponto?
Certamente que a componente política das grandes potências é parte da resposta. As potências mundiais são conhecidas pela sua política de "dividir para reinar", colocando as comunidades umas contra as outras e a religião é tomada como um forte instrumento nessa estratégia.

A divindade e filiação atribuídas a Jesus são os factores fundamentais que diferem o Cristianismo do Isslam.
Não obstante as similaridades existentes entre estas duas religiões, o que deveria contribuir sobremaneira para se encontrar uma solução acessível e pacífica para o problema, nota-se que por debaixo dessas semelhanças há uma campanha insidiosa, através da qual vem-se tornando impossível construir uma ponte de amizade entre estes dois grupos "adeptos do Livro".

Erich W. Bethmann, afirma no seu livro "Bridge to Isslam": «O Isslam é a grande religião não cristã que conhece Cristo, reconhece-o e venera-o; é esse conhecimento e reverência que trazem o muçulmano mais próximo ao cristão do que os seguidores de qualquer outra religião, mas ao mesmo tempo os separa. Os muçulmanos acreditam que Jesus é um verdadeiro profeta e mensageiro de Deus, pois recebeu a revelação vinda de Deus, confirmou o Torah e seguiu a lei de Moisés. Ele pregou o monoteísmo puro, assim como fizeram os outros profetas, mas a reivindicação dos cristãos sobre a divindade de Jesus está a causar um fosso imenso entre cristãos e muçulmanos [pág. 80]».
Mais adiante, Bethmann comenta ainda que: «Em trazer Cristo aos muçulmanos, nós encaramos uma dificuldade que não encontramos em nenhuma parte; é que os muçulmanos reivindicam conhecer Cristo e de que o seu conhecimento é mais correcto do que o nosso. Não estamos nós a tentar impor ideias erradas acerca de Cristo, sobre a melhor compreensão deles [pág. 209]».

O que não é aceite pelos muçulmanos são as "ideias erradas"; fora isso, o Isslam não tem nada contra a pessoa de Jesus, filho de Maria, a respeito do qual o sagrado Al-Qur'án fala com muito respeito e consideração; aliás, até existe neste Livro um capítulo inteiro dedicado a Maria, mãe de Jesus, facto que não se encontra mesmo na própria Bíblia. A única crítica que o sagrado Al-Qur'án faz é concernente a algumas doutrinas como a Trindade e a filiação e deificação de Jesus.

Os escritores cristãos contemporâneos tiveram uma grande influência na atitude da Igreja perante o Isslam e tentaram ultrapassar essa dificuldade, dando pouco ênfase à Trindade e filiação de Jesus. Kenneth Cragg escreve no seu livro "The Call of the Minaret": «A reflexão torna clara que a ideia da Unicidade Divina não pode ser imposta num sentido matemático e que a imposição em tal sentido é a principal base da antipatia muçulmana para com os cristãos».
Estas duas questões e diferenças são utilizadas pelos chamados "isslamófobos" como meio para causar inimizade entre muçulmanos e cristãos.

Estas nações podem perfeitamente viver em paz e harmonia, sem grandes problemas, pois existem muitos aspectos comuns entre ambos. Por exemplo, quantos cristãos sabem que o sagrado Al-Qur'án fala da concepção imaculada de Jesus? Que ele foi elevado vivo aos céus? Que o amor e respeito para com Jesus é uma condição de fé para os muçulmanos? Que estes acreditam que Jesus é o "Cristo" (Messias)? Que ele ressuscitou mortos com permissão de Deus? Que regressará à terra?

É do conhecimento geral que Isslam é a religião que mais se está a expandir pelo mundo, mas de modo algum isso pode representar alguma ameaça à paz mundial. O próprio "Isslam" é sinónimo de "Paz".
Os cristãos que se revertem ao Isslam não o fazem porque alguém os obrigou ou ameaçou, mas porque acham que é a verdadeira e mais pura religião. O sagrado Al-Qur'án diz:
«Não há compulsão na religião (i.e. para aceitá-la).»

[Al-Qur'án 2:256]

As diferenças entre as crenças devem ser discutidas de forma amigável e, fazendo isso, os muçulmanos e cristãos podem viver constantemente em paz e harmonia.
Os judeus, que rejeitaram Jesus como profeta desde o início da sua missão até aos dias de hoje, atribuindo-lhe nomes feios, torturando, perseguindo e conspirando para o matar, e que ainda hoje continuam a não crer que era um enviado de Deus, é de estranhar que têm boas relações com os cristãos.

E o sagrado Al-Qur'án aconselha à toda a humanidade, incluindo judeus, cristãos e muçulmanos:

«Esse é Jesus, filho de Maria, é a pura verdade da qual duvidam. Não é admissível que Deus tome para Si um filho. Glorificado seja! Quando decreta algo, basta-Lhe dizer "seja", e é.
E Deus é meu Senhor e o vosso; adorai-O pois. Este é o caminho recto.»
[Al-Qur'án 19:34-35]

De salientar que Jerusalém ou *"Al-Qudss"*, é uma cidade considerada sagrada e importante não só para judeus e muçulmanos, como também para os cristãos, uma prova de que todas estas religiões monoteístas e provenientes do mesmo Deus têm aí a sua história.
Foi de entre os locais onde Jesus pregou durante a sua missão na Palestina. Foi também o seu último destino missionário, pois é aí onde, segundo o Cristianismo, foi capturado e executado pelo governador romano, sob insistência dos líderes judeus que conspiraram contra ele.
Para os cristãos, Jerusalém testemunhou a ressurreição de Jesus e o seu último encontro com os discípulos. Mais tarde, foi denominada uma das suas mais sagradas igrejas, a de Santo Sepulcro, construída por Helena, mãe do imperador romano Constantino.

ALGUNS CONSELHOS DEIXADOS POR JESUS

Menciona-se de seguida alguns ditos e conselhos extraídos da Bíblia, deixados pelo profeta Jesus (que a paz esteja com ele):

«Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, de modo que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem o vosso Pai que está no Céu.
Não penseis que vim revogar a Lei ou os profetas; não vim revogá-los, mas levá-los à perfeição [...] Portanto, se alguém violar um destes preceitos mais pequenos, e ensinar assim aos homens, será o menor no Reino do Céu; mas aquele que os praticar e ensinar, esse será grande no Reino do Céu.»
[S. Mateus 5:16-19]

«Quem se irritar contra o seu irmão será réu perante o tribunal; quem lhe chamar "imbecil" será réu diante do Conselho; e quem lhe chamar "louco" será réu no fogo do Inferno.» [S. Mateus 5:22]

«Deixa lá a tua oferta diante do altar, e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão; depois, volta para apresentar a tua oferta.»

[S. Mateus 5:24]

«Todo aquele que olhar para uma mulher, desejando-a, já cometeu adultério com ela no seu coração. Portanto, se a tua vista direita for para ti origem de pecado, arranca-a e lança-a fora, pois é melhor perder-se um dos teus órgãos do que todo o teu corpo ser lançado ao Inferno.
E se a tua mão direita for para ti origem de pecado, corta-a e lança-a fora, porque é melhor perder-se um só dos teus membros do que todo o teu corpo ser lançado ao Inferno.»

[S. Mateus 5:28-30]

«Não jureis de maneira nenhuma: nem pelo Céu, que é o trono de Deus; nem pela Terra, que é o estrado dos seus pés; nem por Jerusalém, que é a cidade do grande Rei.» [S. Mateus 5:34-35]

«Não oponhais resistência ao mau. Mas se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a outra. Se alguém quiser litigar contigo para te tirar a túnica, dá-lhe também a capa. E se alguém te obrigar a acompanhá-lo durante uma milha, caminha com ele duas.»

[S. Mateus 5:39-41]

«Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem. Fazendo assim, tornar-vos-eis filhos do vosso Pai que está no Céu.»

[S. Mateus 5:44-45]

«Guardai-vos de fazer as vossas boas obras diante dos homens, para vos tornardes notados por eles; de outro modo, não tereis nenhuma recompensa do vosso Pai que está no Céu.
Quando, pois, deres esmola, não permitas que toquem trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, a fim de serem louvados pelos homens; em verdade vos digo: já receberam a sua recompensa.
Quando deres esmola, que a tua mão esquerda não saiba o que faz a tua direita, a fim de que a tua esmola permaneça em segredo; e teu Pai, que vê o oculto, há-de premiar-te.» [S. Mateus 6:1-4]

«Quando orardes, não sejais como os hipócritas, que gostam de rezar de pé nas sinagogas e nos cantos das ruas, para serem vistos pelos homens; em verdade vos digo: já receberam a sua recompensa.
Tu, porém, quando orares, entra no quarto mais secreto e, fechada a porta, reza em segredo a teu Pai, pois Ele, que vê o oculto, há-de recompensar-te.»

[S. Mateus 6:5-6]

«E, quando jejuardes, não mostreis um ar sombrio, como os hipócritas, que desfiguram o rosto para que os outros vejam que eles jejuam; em verdade vos digo: já receberam a sua recompensa.
Tu, porém, quando jejuares, perfuma a cabeça e lava o rosto, para que o teu jejum não seja conhecido dos homens, mas apenas do teu Pai que está presente no oculto; e o teu Pai, que vê no oculto, há-de recompensar-te.»

[S. Mateus 6:16-18]

«Não acumuleis tesouros na Terra, onde a traça e a ferrugem os corroem e os ladrões arrombam os muros, a fim de os roubar. Acumulai tesouros no Céu, onde a traça e a ferrugem não corroem e onde os ladrões não arrombam nem furtam.
Pois, onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração [...] Ninguém pode servir a dois senhores: ou não gostará de um deles e estimará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro; não podeis servir a Deus e ao dinheiro.»

[S. Mateus 6:19-24]

«Pedi, e ser-vos-á dado; procurai, e encontrareis; batei, e hão-de abrir-vos. Pois, quem pede, recebe; e quem procura, encontra; e ao que bate, hão-de abrir [...] Se vós, sendo maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o vosso Pai que está no Céu dará coisas boas àqueles que lhas pedirem.»

[S. Mateus 7:7-11]

«O que quiserdes que vos façam os homens, fazei-o também a eles, porque isto é a Lei e os Profetas.»

[S. Mateus 7:12]

«Nem todo o que me diz “Senhor, Senhor”, entrará no Reino do Céu, mas sim aquele que faz a vontade de meu Pai que está no Céu.

Muitos me dirão naquele Dia: Senhor, Senhor! Não foi em teu nome que profetizámos, em teu nome que expulsámos os demónios e em teu nome que fizemos muitos milagres?
E então, dir-lhes-ei: Nunca vos conheci! Afastai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade.» [S. Mateus 7:21-23]

«Ao entrardes numa casa, saudai-a.»
[S. Mateus 10:12]

«Quem recebe um profeta por ele ser profeta, receberá recompensa de profeta; e quem recebe um justo, por ele ser justo, receberá recompensa de justo.»
[S. Mateus 10:41]

«De toda a palavra ociosa que os homens disserem, prestarão contas no Dia do Juízo. Porque pelas tuas palavras serás justificado e pelas tuas palavras serás condenado.» [S. Mateus 12:36-37]

«Então, Pedro aproximou-se e perguntou-lhe: Senhor, se o meu irmão me ofender, quantas vezes lhe deverei perdoar? Até sete vezes?
Jesus respondeu: Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete.»
[S. Mateus 18:21-22]

«Não matarás, não cometerás adultério, não roubarás, não levantarás falso testemunho, honra teu pai e tua mãe, e ainda, amarás o teu próximo como a ti mesmo.» [S. Mateus 19:18-19]

«Em verdade vos digo: Se tiverdes fé e não duvidardes, não só fareis o que eu fiz a esta figueira, mas se disserdes a este monte: "Tira-te daí e lança-te ao mar", assim acontecerá.
Tudo quanto pedirdes com fé, na oração, haveis de recebê-lo.»
[S. Mateus 21:21-22]

SIMBOLOGIA UTILIZADA

﴿ﷺ﴾ : *Sallalláhu Alaihi Wassallam*
Paz e bênção de ALLAH que estejam com ele.

﴿عليه السلام﴾ : *Alaihis-Salám*
Que a paz esteja com ele.

﴿رضي الله عنه﴾ : *Radhialláhu An-hu*
Que ALLAH esteja satisfeito com ele.

﴿رضي الله عنهم﴾ : *Radhialláhu An-hum*
Que ALLAH esteja satisfeito com eles.

